



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO – UNICAP
Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação – Propespi
Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica – PPGPSI
Doutorado em Psicologia Clínica
Laboratório de Psicologia Clínica Fenomenológica
Existencial e Psicossocial – Laclifep

Pedro Pereira Cavalcante Filho

A Experiência de Filho(a) Enlutado(a) de Pais
que Deram Fim à Própria Vida

Recife

2024

Pedro Pereira Cavalcante Filho

A Experiência de Filho(a) Enlutado(a) de Pais
que Deram Fim à Própria Vida

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco – Unicap como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Psicologia Clínica, na linha de pesquisa Práticas Psicológicas Clínicas e Demandas Sociais Contemporâneas.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Carmem Lúcia Brito Tavares Barreto.

Recife

2024

C376e

Cavalcante Filho, Pedro Pereira.

A experiência de filho(a) enlutado(a) de pais que deram fim à própria vida / Pedro Pereira Cavalcante Filho, 2024. 247 f.: il.

Orientadora: Carmem Lúcia Brito Tavares Barreto.
Tese (Doutorado) – Universidade Católica de Pernambuco. Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica. Doutorado em Psicologia Clínica, 2024.

1. Luto - Aspectos psicológicos.
2. Suicídio - Aspectos psicológicos.
3. Pais - Comportamento suicida.
4. Hermenêutica - Aspectos psicológicos.
5. Fenomenologia - Pesquisa. I. Título.

CDU 159.9:128

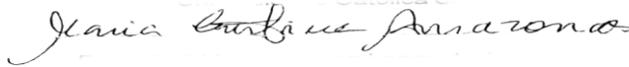
Luciana Vidal - CRB-4/1338

Tese intitulada **A Experiência de Filho(a) Enlutado(a) de Pais que Deram Fim à Própria Vida**, de autoria do doutorando Pedro Pereira Cavalcante Filho, apresentada à coordenação do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco – Unicap como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Psicologia Clínica, na linha de pesquisa Práticas Psicológicas Clínicas e Demandas Sociais Contemporâneas.

Banca Examinadora



Prof.^a Dr.^a Carmem Lúcia Brito Tavares Barreto (Orientadora)
Universidade Católica de Pernambuco (Unicap)



Prof.^a Dr.^a Maria Cristina Lopes de Almeida Amazonas (Examinadora Interna)
Universidade Católica de Pernambuco (Unicap)



Prof.^a Dr.^a Danielle de Fátima da Cunha C. de Siqueira Leite (Examinadora Interna)
Universidade Católica de Pernambuco (Unicap)

Documento assinado digitalmente



ELZA MARIA DO SOCORRO DUTRA

Data: 18/11/2024 06:54:46-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dr.^a Elza Maria do Socorro Dutra (Examinadora Externa)
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Documento assinado digitalmente



LAIZ MARIA SILVA CHOHI

Data: 11/11/2024 15:15:40-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dr.^a Laiz Maria Silva Chohfi (Examinadora Externa)
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP)

Recife, novembro de 2024

A João e Izabel, meus avós (*in memoriam*), e a Pedro e Madalena, meus pais (*in memoriam*), pelos exemplos de amor, carinho, caráter e dignidade.

Agradecimentos

A Deus e aos(às) amiguinhos(as) espirituais, minhas companhias desde sempre em todas as jornadas do meu existir.

À Rute, esposa, e aos(às) filhos(as), Julliana, Ricardo e Brunno, pela paciência e compreensão nos momentos em que não lhes pude dedicar a minha atenção.

Aos(às) meus(inhas) irmãos(ãs), João, Fabiano, Fátima, Vilma, Lina e Antônio (*in memoriam*), pelo convívio fraterno e amoroso.

Aos(às) netos(as), Ricardinho, Ana Beatriz, Maria Daniella, Maria Catarina, Ana Luiza, Ana Clara e Rominho, por despertarem em mim a criança que ilumina a minha vida.

À minha orientadora, professora doutora Carmem Barreto, pela forma carinhosa, acolhedora e disponível de ser. Os ensinamentos e o seu olhar cuidadoso se fizeram presentes durante toda a trajetória de desenvolvimento desta tese.

À professora doutora Irene Borges-Duarte, cujo gesto de possibilitar o estágio doutoral na Universidade de Évora (Portugal) abriu passagem para o meu encontro com a temática desta tese.

Às professoras doutoras Elza Dutra, Cristina Amazonas, Danielle Siqueira e Laiz Chohfi, avaliadoras da banca, pela disponibilidade e as relevantes contribuições.

Ao filósofo professor Jesus Vasquez, cujos ensinamentos no Grupo de Leitura sobre Heidegger iluminaram este trabalho.

À Professora doutora Ana Lúcia Francisco pelo acolhimento afetuoso em meu retorno aos bancos acadêmicos.

Aos(às) colaboradores(as) da pesquisa, Nádia, Anelí, Dálva, Flóra e Atári, pela confiança em narrar suas experiências. Gratidão pela coautoria!

À doutora Andréa Oliveira, pela amizade e parceria na trajetória de elaboração desta tese.

Às colegas do Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica da Unicap Ana Cláudia, Gláucia Fernanda, Ana Patrícia, Alessandra Sawada e Deborah Capazzolli, pelo convívio fraterno e os ensinamentos.

Resumo

O pôr fim à vida surge como possibilidade do ser humano da Antiguidade à contemporaneidade. Ante tal acontecimento, o luto, como resposta do existir humano à perda de um ente querido, também se faz presente, enquanto fenômeno, no mesmo lapso de tempo ao qual se aludiu. Este trabalho tem como objetivo geral compreender a experiência de filho(a) enlutado(a) de pais que deram fim à própria vida, e como objetivos específicos: a) problematizar brevemente o fenômeno do pôr fim à vida e do luto no Ocidente; b) descrever o modo “como” está sendo experienciado o enlutamento de filhos(as) cujo pai/mãe deu fim à própria vida; e c) explicitar as possibilidades compreensivas do modo como a “situação hermenêutica” vai se apresentando na narrativa dos(as) colaboradores(as), em atenção à circularidade hermenêutica, que aponta para a dimensão do sentido. A pesquisa é de natureza qualitativa fenomenológica, iluminada pelos pressupostos da Fenomenologia Hermenêutica de Martin Heidegger, sobretudo os que tratam da situação hermenêutica e suas coordenadas – ponto de vista, perspectiva e horizonte. Entrevistamos cinco filhos(as), quatro do gênero feminino e um do masculino. O caminho metódico foi trilhado a partir das narrativas dos(as) colaboradores(as) e do diário de afetações deste pesquisador, para compreender como cada um(a) experienciou a perda de seu ente querido. Em diálogo com os(as) colaboradores(as), apresentou-se como ponto de partida a busca de explicações para justificar a dor e o sofrimento pela perda do pai/mãe. As narrativas chamaram atenção por revelarem a luta enfrentada pelos(as) colaboradores(as) da pesquisa para reencaminharem as suas vidas. Em suas singularidades, vivenciaram medo, desespero, tristeza, ansiedade, desorientação, desamparo, raiva, culpa, perda da memória, abandono,

juílgamentos e preconceitos. Professar uma crença espiritual possibilitou a elaboração da experiência do luto com menos pesar pela perda. A rede de apoio, quando presente junto aos(às) colaboradores(as), foi fundamental para o acolhimento do sofrimento. Percebemos que o estigma e o tabu que envolvem o pôr fim à vida reforçam, na sociedade, conceitos prévios, que podem vincular o ato à profissão de psicólogo(a), como se esse(a) profissional tivesse o poder de impedir a morte da pessoa que decidiu desistir da vida. Observamos também que a mídia pode amplificar o acontecimento e gerar, na sociedade, comoção popular, dificultando a realização dos atos fúnebres, como ocorreu com uma das colaboradoras.

Palavras-chave: luto por suicídio, suicídio, filhos(as) enlutados(as) por suicídio, pesquisa fenomenológica, situação hermenêutica.

Abstract

The end of life emerges as a possibility of the human being from Antiquity to contemporaneity. In the face of such an event, mourning, as a response of human existence to the loss of a loved one, is also present, as a phenomenon, in the same period of time to which it was alluded to. The general objective of this work is to understand the experience of the bereaved child of parents who have ended their own life, and the specific objectives are: a) to briefly problematize the phenomenon of ending life and mourning in the West; b) describe the way "how" the grief of children whose father or mother ended their own life is being experienced; and c) to explain the comprehensive possibilities of the way in which the "hermeneutic situation" is presented in the narrative of the collaborators, in attention to the hermeneutic circularity, which points to the dimension of meaning. The research is of a phenomenological qualitative nature, illuminated by the assumptions of Martin Heidegger's Hermeneutic Phenomenology, especially those that deal with the hermeneutic situation and its coordinates – point of view, perspective and horizon. We interviewed five children, four females and one male. The methodical path was followed from the narratives of the collaborators and the diary of affectations of this researcher, to understand how each one experienced the loss of their loved one. In dialogue with the collaborators, the starting point was the search for explanations to justify the pain and suffering for the loss of the father/mother. The narratives draw attention for revealing the struggle faced by collaborators of the research to redirect their lives. In their singularities, they experienced fear, despair, sadness, anxiety, disorientation, helplessness, anger, guilt, memory loss, abandonment, judgments and prejudices. Professing a spiritual belief made it possible to elaborate the experience

of grief with less grief for the loss. The support network, when present with the collaborators, was fundamental for the reception of suffering. We noticed that the stigma and taboo surrounding the end of life reinforce, in society, previous concepts, which can link the act to the profession of psychologist, as if this professional had the power to prevent the death of the person who decided to give up on life. We also observed that the media can amplify the event and generate, in society, popular commotion, making it difficult to carry out funeral acts, as occurred with one of the collaborators.

Keywords: mourning for suicide, suicide, children bereaved by suicide, phenomenological research, hermeneutic situation.

Resumen

El fin de la vida emerge como posibilidad del ser humano desde la Antigüedad hasta la contemporaneidad. Ante semejante acontecimiento, el dolor, como respuesta de la existencia humana a la pérdida de un ser querido, también está presente, como fenómeno, en el mismo período de tiempo al que se aludía. El objetivo general de este trabajo es comprender la experiencia del hijo en dolor de padres que han terminado con su propia vida, y los objetivos específicos son: a) problematizar brevemente el fenómeno del final de la vida y el dolor en Occidente; b) describir la forma en que se experimenta "cómo" se experimenta el dolor de los niños cuyo padre o madre acabaron con su propia vida; y c) explicar las posibilidades comprensivas del modo en que se presenta la "situación hermenéutica" en la narrativa de los colaboradores, en atención a la circularidad hermenéutica, que apunta a la dimensión del sentido. La investigación es de naturaleza cualitativa fenomenológica, iluminada por los supuestos de la Fenomenología Hermenéutica de Martin Heidegger, especialmente aquellos que se ocupan de la situación hermenéutica y sus coordenadas: punto de vista, perspectiva y horizonte. Entrevistamos a cinco niños, cuatro mujeres y un hombre. El camino metódico se siguió a partir de las narrativas de los colaboradores y el diario de afectaciones de este investigador, para comprender cómo cada uno vivió la pérdida de su ser querido. En diálogo con los colaboradores, el punto de partida fue la búsqueda de explicaciones para justificar el dolor y el sufrimiento por la pérdida del padre/madre. Las narraciones llaman la atención por revelar la lucha que enfrentan los colaboradores para reconducir sus vidas. En sus singularidades, experimentaron miedo, desesperación, tristeza, ansiedad, desorientación, impotencia, ira, culpa, pérdida de memoria, abandono,

juicios y prejuicios. Profesar una creencia espiritual permitió elaborar la experiencia del dolor con menos dolor por la pérdida. La red de apoyo, cuando estaba presente con los supervivientes, era fundamental para la recepción del sufrimiento. Notamos que el estigma y el tabú que rodea al final de la vida refuerzan, en la sociedad, conceptos previos, que pueden vincular el acto con la profesión de psicólogo, como si este profesional tuviera el poder de evitar la muerte de la persona que decidió renunciar a la vida. También observamos que los medios de comunicación pueden amplificar el evento y generar, en la sociedad, conmoción popular, dificultando la realización de actos fúnebres, como ocurrió con uno de los colaboradores.

Palabras clave: dolor por suicidio, suicidio, hijos afligidos por el suicidio, investigación fenomenológica, situación hermenéutica.

Sumário

Apresentação: O meu Caminhar da Engenharia à Psicologia.....	14
Introdução.....	24
1 O Jogo de Luzes Sobre o pôr fim à Vida no Ocidente.....	41
1.1 O pôr fim à Vida na Contemporaneidade: Indicadores Estatísticos.....	58
2 O Jogo de Luzes Sobre o Luto no Ocidente.....	63
2.1 Filho(a) Enlutado(a) por Suicídio de um dos Pais: Revisão Sistemática da Literatura.....	70
3 Caminho Metódico: Lentes de um Caminhar Fenomenológico.....	88
3.1 Local da Pesquisa.....	94
3.2 Os(as) Participantes da Pesquisa.....	95
3.3 Recursos Utilizados para a Produção de Dados.....	97
3.4 Aspectos Éticos.....	101
3.5 Análise das Narrativas: Lentes para a Compreensão.....	102
4 O Tecer Polifônico: Diálogo com os(as) Colaboradores(as) da Pesquisa....	106
4.1 Dialogando com Nádia.....	106
4.2 Dialogando com Anelí.....	135
4.3 Dialogando com Dálva.....	153
4.4 Dialogando com Flóra.....	175
4.5 Dialogando com Atári.....	196
5 Desvelamentos Possíveis de um Caminhar Fenomenológico.....	214
Referências.....	231
Apêndice A — Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).....	244

Da Engenharia à Psicologia

Para a Engenharia soluções técnicas apresentei,
Cartografei curvas, morros, planícies, serras e rios,
Desenhei espaços pelos muitos caminhos que andei
Projetei estradas, ferrovias, viadutos, pontes e praças.

No arquivo do coração, um desejo adormecido acenou
Pedia passagem, entre o certo e o errado, o sim e o não,
Namoro antigo, tempos da juventude acendeu, se iluminou
Dei ouvidos ao chamado do gesto, da Engenharia me distanciei.

Engenheiro de formação, nos braços da Psicologia me joguei
A Engenharia me deu o suporte, a Psicologia a leveza de fluir
Com a alma enamorada, fiz a transição, tecida pela emoção.
E a vida tomou novo sentido, novo caminho na beleza de existir.

–O Autor, *Da Engenharia à Psicologia*

Apresentação: O meu Caminhar da Engenharia à Psicologia

Ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs a caminhar. (Freire, 1996, p. 155)

Foi caindo e levantando nos primeiros passos da vida que me pus de pé e cheguei até aqui. Aprendi a fazer o caminho caminhando, debaixo de sol e chuva, regando no coração o que nutria a experiência do existir. Nesse caminhar, novas rotas se abriram e possibilitaram um encontro comigo mesmo e o tema da tese, que dormia no leito do silêncio: compreender a experiência de filho(a) enlutado(a) de pais que deram fim à própria vida.

É preciso que eu diga que o caminho trilhado não foi linear, ainda bem! Ensinou-me Manoel de Barros (1996, p. 55) que “uma linha reta é uma curva que não sonha. Não use o traço acostumado”. O traçado da minha existência foi se fazendo e refazendo pelos acontecimentos, desacontecimentos e sonhos acalentados nas curvas do existir. Convido você, leitor(a), a me acompanhar pelos passos que as lembranças expressam em gestos de escrita.

Iniciei cedo no ofício dos adultos. A minha primeira atividade laboral foi ajudar o meu pai na mercearia, estava com 5, 6 anos de idade. Não sabia vender, minha função era gritar “pai, chegou gente”, ele vinha e atendia ao(à) cliente. Quando mais tarde aprendi o ofício, lembro que, em um dia qualquer na mercearia, um freguês fez várias compras e perguntou, ao final: “quanto custa tudo?” Rápido, fiz a “conta de cabeça”. Ele, espantado, falou: “garoto, você é muito bom de Matemática, vou presentear você com dois cruzeiros”. Fiquei muito feliz!

Aos 18 anos, quando concluí o curso científico, hoje ensino médio, uma questão estava presente: que caminho seguir... o da Engenharia ou o da Psicologia? Gostava muito de Matemática e me deliciava em ler sobre as questões do comportamento humano. Talvez o ofício na mercearia tenha me levado a optar pela Engenharia Civil e a arquivar no coração o desejo de cursar Psicologia.

Engenheiro Civil desde 1972, à medida que assumia funções de gestão, vi-me buscando novos conhecimentos. Desejava melhorar a minha prática – transitava então pelo mundo do controle, da busca de resultado, da necessidade de ter resposta para tudo, do pensamento linear, determinista – isto ou aquilo, certo ou errado.

Enquanto progredia na carreira profissional e assumia novos cargos de gestão, fui me distanciando das equações das ciências ditas exatas para me aproximar dos conceitos das ciências que cuidam de compreender os dramas da existência humana.

Nesse trilhar, participei de vários cursos, a exemplo de Pedagogia Social – a arte de cuidar de quem cuida do outro, a arte de fazer perguntas, e de Prática Social Reflexiva – a capacidade de reconhecer como a minha prática influencia e é influenciada. Os aprendizados me levaram a compreender que as relações humanas não se pautam pelas certezas, pelas exclusões – isto ou aquilo –, e sim por adições – isto e aquilo e o que está por vir. Foi uma virada de chave transformadora! Vi-me mais atento às questões próprias das relações humanas.

Em 1994, desarquivei o desejo de cursar Psicologia e iniciei a graduação. Nesse mesmo ano, meu incômodo com o local onde trabalhava cresceu e o impulso de sair tomava conta de mim, então pedi demissão e fundei uma empresa de Engenharia. Em função dos novos afazeres, o curso de Psicologia retornou para o arquivo coronário.

Como empresário, consegui colocar em prática o que aprendi e o que defendia em relação à importância das pessoas em qualquer empreendimento. Priorizei a prática de uma gestão compartilhada, com a participação dos(as) colaboradores(as) não só nas decisões como também nos resultados financeiros.

Além disso, em 2002, criei o Instituto Maria Madalena Oliveira Cavalcante – IMMOC, com o objetivo de promover a emancipação de jovens desassistidos(as) das comunidades do entorno da empresa por meio da educação e da inserção no mundo do trabalho. Com esse projeto pude realizar um compromisso assumido aos 11 anos de idade, ao me deslocar para o colégio estadual de minha terra natal com farda, livros e cadernos doados em função da falta de condições dos meus pais de arcar com despesas dessa natureza, de retribuir, um dia, se pudesse, o apoio que recebi para os estudos.

Em 2017, compreendi que era a hora de promover a minha sucessão na presidência da empresa, abrindo espaço para sua perpetuação e, ao mesmo tempo, para concretizar o meu sonho: cuidar mais de perto do IMMOC e estudar Psicologia. Nesse novo caminho cursei, como aluno especial, uma das disciplinas do mestrado em Psicologia Clínica na Universidade Católica de Pernambuco (Unicap), num primeiro momento para voltar a me familiarizar com a dinâmica da academia e também para desenvolver o meu pré-projeto de dissertação.

Lembro que registrei em meu diário: primeiro dia de aula, momento singular para mim, sentado nos bancos acadêmicos para realizar um sonho acalentado há vários anos. Vi-me com a energia daquele jovem de 18 anos de idade quando iniciou o curso de Engenharia. Uma emoção muito grande tomou conta de mim, os olhos se encheram d'água e o frio na barriga também me acompanhou: que desafios terei que

enfrentar? Como serei recebido – um engenheiro entre psicólogos(as) e psicanalistas?

A experiência foi marcante, acolhimento caloroso de todos(as). A disciplina abriu novos horizontes de aprendizados. Estimulado e com energia vibrante decidi pelo mestrado, iniciado em 2019 e concluído em 2020, com a defesa pública do tema: *Inovação e tradição são passos de uma mesma dança? O convívio multigeracional no ambiente corporativo.*

No ano seguinte, submeti o pré-projeto de tese à seleção do doutorado na Unicap, com a temática: *Como os modos de subjetivação pautados pela lógica do desempenho, da excelência e da sociedade ativa afetam o contexto laboral?*

Em paralelo ao doutorado, iniciei o curso de graduação em Psicologia, descontinuado por compreender que, ao final, não iria desenvolver bem a minha formação como psicólogo, tampouco uma tese à altura do rigor acadêmico.

Ao cursar as disciplinas do doutorado, dei-me conta de que não estava conseguindo produzir: por mais que tentasse, nada se expressava em escrita o tema de estudo escolhido. Fiquei angustiado: o que está acontecendo comigo? O que me trava a escrita?

Nesse desassossego da página em branco, que me acompanhou até o início do segundo ano do doutorado, espelhou-se uma oportunidade, desejada desde o mestrado: ter uma experiência em uma universidade internacional. A partir de um convênio de intercâmbio científico e pedagógico, assinado entre a Unicap e a Universidade de Évora (UÉ), em Portugal, viabilizou-se um estágio doutoral de 30 horas no mês de maio de 2022.

Durante o estágio, os temas das aulas, seminários e eventos provocaram em mim profundas reflexões, principalmente o seminário conduzido pela professora

doutora Irene Borges-Duarte sobre a Fenomenologia do Gesto. Ressoou em mim a compreensão do gesto como um movimento do corpo, o qual mostra uma postura de si mesmo em determinado momento de vida.

O seminário remeteu à minha dificuldade para desenvolver o projeto de tese, cujo conteúdo não se expressava em gestos de escrita. Aprendi que o gesto vem de um movimento corporal originário de recolher o que vem ao nosso encontro. Nesse momento, um sinal de alerta acendeu sobre a minha resistência em avançar com o tema escolhido na seleção do doutorado: não havia motivação necessária para desenvolver o trabalho.

No estágio, compreendi que o gesto é também linguagem e que o meu gesto de não desenvolver o tema proposto até então tinha a ver com o fato de que ele não era mais parte do meu mundo de interesse, o qual, de certo modo, parece que me manteria preso ao meu modo de ser engenheiro. Nesse ruminar, distante dos afazeres cotidianos, numa perspectiva de tempo outro, favorecido pelo estágio, desvelou-se em mim que existia uma experiência pronta para se expressar, que tivera como gatilho a campanha *Setembro Amarelo*.

Assim, no caminho da possibilidade de poder-ser mais próprio, abriu-se uma brecha para que a experiência que pedia passagem se mostrasse, ela teimava em querer contar sua história na página em branco. Chegou potente! Foi aí que entendi ser necessária uma mudança de perspectiva, a temática escolhida não se expressava em escrita nem dialogava com o meu corpo no sentido do que Flusser (2014) nos ensina: o gesto é corpo e linguagem, ele não diz, faz.

E me veio uma luz: eureka! O pôr fim à vida e o enlutamento podem ser compreendidos como gestos que me tocam particularmente – sou enlutado de um pai que deu fim à própria vida. Dizia ele: “Qualquer dia faço uma viagem para um lugar

que ninguém vai me encontrar”. A voz dele ressoava o que a mente articulava. Seria o anúncio de um gesto que estava por vir? Aquela voz ainda ressoa aos meus ouvidos, em meio à tristeza, vergonha, saudade e ao silêncio de mais de 30 anos sem falar sobre o assunto.

Nos momentos em que meu pai falava sobre a sua viagem sem volta, o seu olhar se desviava do meu e fitava algo que a sua vista não alcançava no horizonte. Eu ouvia e tomava aquela fala como um desabafo, um momento de maior atribulação dele. Depois do ato, foi que me veio a reflexão: seria dessa viagem que ele me falava? Eu nunca imaginei meu pai dando fim à vida.

Ele tirou a própria vida em 1991, estava então com 79 anos. Lá se vão 32 anos do tempo cronológico. A minha chave de abertura para dialogar sobre o pôr fim à vida de meu pai, como disse antes, foi ter participado, em 2019, da campanha *Setembro Amarelo*, na Unicap. Dei-me conta, naquela oportunidade, que sobre o suicídio dele, se muito, havia conversado rapidamente apenas duas ou três vezes. Era como se tivesse vergonha de falar que o meu pai tinha posto fim à vida.

Um silêncio oceânico tomou conta de mim e de meus(inhas) irmãos(ãs). O tema era revestido de tanto tabu para mim, que mesmo aos(às) amigos(as) mais próximos(as) não contei que meu pai dera fim à vida. E nas sessões de psicoterapia, recordo que apenas falei uma vez, muito mais a título de informação do que para refletir sobre como fui afetado pelo acontecimento.

Com a campanha *Setembro Amarelo*, tomei consciência da importância de falar sobre o tema, e hoje, quanto mais falo, mais me liberto do silêncio ensurdecido, gesto que por anos a fio, de certo modo, nublou e inibiu a expressão do luto. Somos uma família de sete irmãos e irmãs, e nunca falamos sobre o suicídio do nosso pai. O silêncio foi o nosso companheiro, tolhendo a elaboração do luto. A abertura para o

diálogo me possibilitou elaborar a experiência e compreender o fenômeno com menos sofrimento.

Depois de atuar ativamente na campanha, um portal se abriu. Participei de vários congressos e de aulas em universidades, com a apresentação de trabalhos sobre a temática do pôr fim à vida e suas interfaces, nos quais compartilhei a minha experiência de enlutado.

Hoje, mais aliviado, acolho o ato com menos pesar. Escrever sobre a minha experiência de enlutado como faço agora favorece a abertura de um espaço para acalantar a necessidade de saber a razão do ato, que só ele poderia dizer, de honrar o meu pai e reconhecer o quanto o amei e o amo.

As lembranças desse pai exigente e ao mesmo tempo carinhoso me levaram a reviver os seus gestos de amor de quando cheguei ao mundo. Nasci em uma tarde de véspera de São João, em meio aos festejos juninos. Meu pai fez a maior fogueira da rua onde morava e soltou muitos fogos de artifício para anunciar o meu nascimento.

Como não ter mais esse pai que construiu uma cadeira de balanço, para embalar o meu sono e onde embalei o sono de meus(inhas) filhos(as) e hoje o dos(as) netos(as)? Como não ter mais a bênção desse pai? Um pai que reservou e preservou duas garrafinhas do licor servido aos(às) seus(uas) amigos(as) na comemoração do meu nascimento? E que, no dia de minha formatura, abriu as garrafinhas e celebramos com os(as) meus(inhas) amigos(as) o nascimento do engenheiro?

No balanço da vida, aquela cadeira que ele construiu para embalar o meu sono quando nasci não está mais vazia, ela metaforiza o seu cuidado, carinho e amor que transbordou para as nossas vidas. Quanto tempo dura o luto? Quem pode precisar? Se a experiência do tempo depende de como eu lido e do que faço com o meu tempo,

ao mesmo tempo que sou o tempo, como expresso no poema de minha autoria que transcrevo a seguir?

Tempo, tempo, tempo

És amigo do destino

Senhor da abertura e da cura

Quem és tu? Senão eu,

O tempo da existência.

Oh! templo nublado,

Se abre para o sol da vida. (O Autor, 2024)

Os gestos do luto diante da morte de uma pessoa querida dizem de uma experiência que não se mede pelo tempo de Kronos, pela métrica dos ponteiros do relógio, mas sim pelo tempo da existência, sem a métrica dos fluxos contínuos dos agoras – tempo de Kairós para os gregos. O peso do passado no presente e no futuro permeava/permeia a minha vida.

O silêncio é muito presente ainda em nossa família. A saudade, a tristeza, a vergonha foram tonalidades que marcaram muito todos os(as) irmãos(ãs). Ainda hoje é um tabu falarmos sobre o assunto. A vergonha de dizer que o meu pai tinha posto fim à vida. Como as pessoas vão receber a notícia? Com julgamentos? Você não notou os sinais? O que aconteceu? E como responder a perguntas que só ele poderia responder? O nome do meu pai já não era mais pronunciado e sim: “Você sabia que aquele senhor da mercearia se suicidou?”.

Para você, leitor(a), como ressoa essa trajetória? Como lhe toca todo esse percurso da Engenharia à Psicologia?

Para mim, toca-me a importância do diálogo, o abrir-se para o que vem ao encontro, dar passagem às respostas. As respostas podem paralisar, como ensina

Gaarder (1997): “A resposta é sempre um trecho do caminho que está atrás de você. Só uma pergunta pode apontar o caminho para a frente” (p. 18). Refletir sobre o que vem ao encontro, dar passagem ao que desperta – dor, quem sabe um dia, no intervalo do sol e da lua, ela possa ser vivida com amor.

Assim, nessa afinação com os aprendizados, decidi pesquisar/compreender como os pais experienciam o enlutamento de filho(a) que deu fim à própria vida. A decisão inicial de pesquisar sobre o luto de pais (projeto submetido à banca de avaliação) ao invés de filhos(as) diante do pôr fim à vida, teve por objetivo me distanciar da condição de filho enlutado e, assim, evitar que inserisse no diálogo com esses(as) filhos(as) possíveis atravessamentos, concepções prévias sobre o processo de luto.

Eis os meus gestos! No passo, antepasso da trajetória trilhada entre a Engenharia, a Psicologia e o encontro com o tema do Projeto de Tese, à véspera do dia da banca de qualificação do projeto, releio a apresentação aqui compartilhada e, ao final, registro em meu diário uma pergunta: Como assim, distanciar-se da condição de filho enlutado? O que você ainda esconde da experiência de filho enlutado e contorna para estudar pais enlutados, ao invés de filhos?

No dia seguinte, sigo para a banca de qualificação. A provocação das professoras avaliadoras veio com força: será que ao estudar pais enlutados você vai conseguir se desviar da sua experiência de filho enlutado? Dei um largo sorriso, e contei de minha leitura da apresentação na véspera do nosso encontro.

Desse diálogo, compreendi que a minha posição prévia de filho enlutado atravessava o modo de abertura para acolher a narrativa, quer estudasse pais ou filhos(as). Tal condição implica uma atenção por parte do(a) pesquisador(a) no sentido de apropriar-se de sua situação hermenêutica. Assim, em concordância com

a orientadora e os demais membros da banca, resolvi, naquele momento, assumir o desafio: ter como ponto de partida no desenvolvimento da tese a minha experiência de filho enlutado de pai que deu fim à própria vida para compreender a experiência de enlutamento dos(as) colaboradores(as) da pesquisa, filhos(as) de pai ou mãe que deram fim à própria vida.

Eis os meus novos gestos para outro início. Desenvolvi a tese como um bailarino, em busca dos movimentos que o corpo pode oferecer e a linguagem compartilhar em gestos de escrita, o que expressa a coreografia da cocriação entre pesquisador/colaboradores(as) da pesquisa sobre afetos, afinações, contornos, tempos e contratempos que lhes tocam a música da dança polifônica dos diálogos. O palco da dança está aberto, sigamos juntos...

Introdução

Finalizada a apresentação do meu caminhar da Engenharia à Psicologia, vejo-me desafiado a pensar como é para os(as) filhos(as) a experiência do processo de luto de pais que deram fim à própria vida. Qual o sentido de pesquisar essa temática? Inicialmente, a presente questão é de meu interesse pessoal, pelas motivações que apontei na apresentação.

Por outro lado, a motivação para estudar essa temática se deu também pela possibilidade de ampliar a compreensão de um modo de morte considerada na contemporaneidade como um transtorno mental e, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), um grave problema de saúde pública mundial, pelos assustadores números de mortes por ano, apresentados mais adiante, que afeta toda a sociedade. Por conseguinte, diante de tal acontecimento, o luto, como uma resposta do existir humano pela perda de um ente querido, também se faz presente e causa verdadeiro impacto em todas as dimensões da vida dos(as) sobreviventes¹.

Finalmente, fui ainda motivado pela escassez de estudos, apontada em nossa pesquisa, junto aos 5 bancos de dados comumente utilizados para publicação de estudos acadêmicos. Neles encontramos 89 trabalhos, dos quais apenas 7 tratam da temática de nosso interesse. E mesmo assim, o fenômeno do luto não foi estudado com um olhar fenomenológico-hermenêutico, como o desenvolvido na presente tese para nos aproximarmos da experiência dos(as) colaboradores(as) da pesquisa e acolhermos o fenômeno, tal como ele se manifestou em cada um(a) – a experiência pura da perda a partir das narrativas, livre de julgamentos sociais e expectativas

¹ Sobrevivente do suicídio é um termo amplamente usado na suicidologia para nomear familiares, colegas de trabalho, amigos(as) ou qualquer pessoa que tenha sido afetada pelo pôr fim à vida de alguém. Em nosso estudo, ao nos referirmos a filhos(as) enlutados(as) pelo pôr fim à vida de um dos pais, usamos os termos sobreviventes ou colaboradores(as) da pesquisa.

culturais. Mais adiante apresentaremos com mais detalhes os indicadores estatísticos das mortes pelo pôr fim à vida e a revisão sistemática da literatura.

Nesse contexto, o nosso trabalho é original pela escassez de estudos na área da Psicologia, pelo modo como o caminho foi se traçando, e pela forma como acolhemos e analisamos as entrevistas dos(as) colaboradores(as) da pesquisa. Para tal, as minhas reflexões neste trabalho foram iluminadas pelos pressupostos do pensamento de Martin Heidegger para a compreensão das narrativas dos(as) colaboradores(as) da pesquisa e pelo caminho metódico trilhado, a partir de indicativos formais.

Apresento então para você, que me lê, as luzes do “marco teórico” assumido nesta tese como modo de explicitar a “lente” que se apresentará ao longo do trabalho, alguns indicativos formais da Ontologia fundamental do filósofo alemão Martin Heidegger, de reconhecimento notório pela sua obra *Ser e Tempo*, publicada em 1927. Sem a pretensão de indicar antecipadamente os existenciais que se mostrarão nas narrativas, passo a apresentar um breve resumo do modo como Heidegger compreende a existência humana.

Em *Ser e Tempo*, o filósofo pensa uma Ontologia Fundamental – ciência “extracientífica”, ao utilizar indicativos formais no sentido de o(a) existente se apropriar de uma compreensão afetiva de si mesmo(a). Nesse sentido, o autor formula uma crítica ao pensamento metafísico e propõe um outro modo de compreensão do existir humano, distanciando-se dos conceitos, das premissas e da busca de explicações próprias das Ciências da Natureza.

O pensador alemão, em seus estudos, descreve existenciais importantes para a compreensão do ser humano e de sua decisão de como fazer ou não fazer com o que vem ao seu encontro. No caso da nossa pesquisa, os indicativos formais, como

pressupostos, possibilitam uma aproximação do modo como o luto do filho(a) que perde o pai ou a mãe que deu fim à própria vida será compreendido, quais sejam: *Dasein*; ser-em; ser-para-a-morte; afetividade e cuidado. Além dos existenciais, farei uma visada sobre a Era da Técnica, destinamento epocal que atravessa todo o existir humano na contemporaneidade.

Heidegger (2015a) chama de existenciais os modos de ser do homem para se contrapor às categorias próprias dos modos de ser não humanos: os minerais, os animais, as plantas, os objetos. Na Ontologia heideggeriana, as “estruturas” ontológicas da existência não têm propriedades, não são subsistentes em si mesmas, nem podem ser categorizadas. São consideradas como indicativos formais que orientam a direção da visada.

Em *Ser e Tempo*, esse pensador nomeia *Dasein*, ser-aí, originalmente ser-no-mundo para aproximar-se do modo de ser do homem – o ente que nós mesmos(as) somos entre outros entes. Neste trabalho, adotei o termo do idioma alemão para me aproximar do sentido mais próprio que o autor utilizou para designar o ente para o qual o ser se des-vela. *Dasein* é existir/existência – indeterminação.

Dasein possui em seu ser a possibilidade de questionar o sentido do ser e o privilégio de ser o único ente que compreende o seu próprio ser, sendo em abertura para poder-ser. Lançados no mundo originariamente, somos seres de possibilidades o tempo todo e em abertura para o que vem ao encontro, podendo assumir diversos modos de poder-ser. Homem e mundo são copertinentes, não existe separação, o homem acontece com-os-outros no mundo enquanto seres históricos, e não como seres naturais.

Mundo como palco de todas as possibilidades de sua existência para além dos entes não humanos. Mundo como revelação “de tudo que é e pode ser, está sempre

para além do conjunto maximizante extenso dos entes presentes à vista” (Casanova, 2017, p. 155).

Nesse sentido, o ser-no-mundo não pode ser entendido em sentido físico-espacial. Dito de outro modo, não se pode anunciar que uma coisa dada está espacialmente “dentro de outra”, uma vez que o “em” origina-se de *innan*, morar, habitar, deter-se e “an” significa familiarizado, acostumado, algo cultivado, com significado de colo.

Desse modo, o ser-no-mundo não se constitui pelo existir espacial do homem no mundo – como um espaço dado específico –, mas encontra no mundo a sua própria morada, e habita o mundo no cuidado familiar de si, dos(as) outros(as) e das coisas (Casanova, 2021).

Heidegger (2015a) compreende *Dasein* como existência lançada no mundo, ser-o-aí do ser, não simplesmente como um ente que ocorre entre outros entes, mas “se distingue onticamente pelo privilégio de, em seu ser, isto é, sendo, estar em jogo seu próprio ser” (p. 48). Nessa direção, estando sempre em jogo no seu existir, a essência do homem está em sua existência – em ter que ser –, em outras palavras, seu próprio ser se encontra em jogo.

Dasein não tem origem, não tem fundamento. Lançado no mundo, deve ser “visto como-ser-no-mundo, como a ocupação com as coisas e com o cuidado com os próximos, como o ser-com os seres-humanos que vêm ao encontro, nunca como um sujeito subsistente por si” (p. 643). *Dasein* é de tal modo que habita na clareira em abertura no sentido existencial de sempre poder-ser-no-mundo como seres históricos que somos.

Dasein é cada vez meu neste ou naquele modo-de-ser-no-mundo (Heidegger, 2012b), e, sendo, está sempre em jogo como seu próprio ser. Nesse sentido, somos

instados(as) a decidir sempre sobre o que fazemos com o que vem ao nosso encontro. Existir nos convoca forçosamente a sermos absorvidos(as) no mundo e jogados(as) em um campo de possibilidades. Nas palavras de Casanova (2017), mostramo-nos, inicialmente, como seres de maneira imprópria. Assim, “sem a mediação da impropriedade, ou seja, sem a experiência do horizonte histórico de possibilidades que o mundo é, o ser-aí jamais teria como escapar do nada que é e se veria radicalmente condenado a si” (p. 43).

Ao estarmos em jogo, constantemente absorvidos(as) pelo mundo circundante, somos abertura para decidir sobre os nossos modos de poder-ser – próprio ou impróprio –, os quais são modos de o ser-aí ser sempre a cada instante meu, na medida em que decide ser um ou outro modo de possibilidade.

Lançado no mundo, *Dasein* está em jogo na forma de projeto para finitude no sentido de “ser a possibilidade de ser-livre para o poder-ser mais próprio”. Assim, a compreensão é o modo próprio do ser de tal modo, que abre a possibilidade de como está sendo “que, em si mesmo, esse ser abre e mostra a quantas andas seu próprio ser” (Heidegger, 2015a, pp. 204-205).

Os escritos de Vattimo (1996) acompanham Heidegger: *Dasein* está no mundo, fundamentalmente, como compreensão e afetividade. O mundo é uma totalidade de relações e referências. Lançados(as) no mundo diante de sua totalidade, somos afinados(as) como abertura ao que vem ao nosso encontro.

Assim, compreender a experiência dos(as) colaboradores(as) da pesquisa é apreender o caminho que trilharam em seu poder-ser, projetando-se em suas possibilidades de ainda não. Como define Nunes (2010), “*Dasein* é o ente que compreende o ser, o que significa compreendê-lo em sua existência como

possibilidade sua, de ser ou de não ser si mesmo, com o qual está concernido” (p. 12).

Por sua vez, o ser-em consiste em um existencial que se relaciona intimamente com o estar-no-mundo, não exatamente se pertencendo, no sentido de conter e ser contido, mas habitando junto-a-um-mundo que lhe é familiar. Desse modo, o ser-no-mundo é condição de possibilidades do ser como *Dasein* e “tem com ele uma relação essencial não accidental: O ser-em é a expressão Existencial formal, que designa o ser *Dasein*, enquanto possui como constituição essencial ser-no-mundo” (Pasqua, 1993, p. 42).

O ser-em em seu habitar o mundo encontra-se atravessado por tradição cultural-histórica, somos seres hermenêuticos, dotados de significados singulares ao nosso existir. Existir, na direção do que pontua Casanova (2017), “é uma palavra composta pelo prefixo *ek* (para fora) e pelo radical – *stemi* (mover-se). Em sentido literal . . . mover-se para fora” (p. 37). Nesse sentido, mover-se para além da realidade que lhe vem ao encontro e decidir sobre as possibilidades dos seus modos de poder-ser, sem o determinismo que categoriza o ser das coisas da metafísica.

O ser-para-a-morte é outro existencial relevante para a compreensão de nossa temática de estudo, o enlutamento de filhos(as) pela perda de pais que deram fim à vida. *Dasein*, na tarefa de poder-ser em uma perspectiva de finitude concreta, precisa assumir a morte como própria do seu ser-no-mundo mais específico de poder-ser. Nessa direção, o que está em jogo é o ser-no-mundo, *Dasein*.

A morte é a possibilidade única para *Dasein*. Não é possível compreendê-la a partir da morte de outro *Dasein*. Ser-para-a-morte é singular para cada *Dasein*, a morte do(a) outro(a) tem como direção lembrar a nossa finitude. Desse modo, “se, enquanto essa possibilidade, *Dasein* é, para si mesmo, impendente, é porque

depende de seu poder-ser mais próprio. Sendo impendente para si, nele se desfazem todas as remissões para outro *Dasein*" (Heidegger, 2015a, p. 326).

Nessa perspectiva, o ser-para-a-morte abre a possibilidade do *Dasein* de antecipar a morte, não no sentido de querer dispor dessa morte, mas como possibilidade de compreender seu poder-ser mais próprio, de existir, irremissível, insuperável e certa, na condição de seres mortais. "O ser para a possibilidade enquanto ser-para-a-morte, no entanto, deve relacionar-se para com a morte de tal modo que ela se desvele nesse ser e para com ele como possibilidade" (Heidegger, 2015a, p. 339).

Importa lembrar ao(à) leitor(a), que o autor de *Ser e Tempo* retoma, em seu Livro *Os Conceitos Fundamentais da Metafísica: mundo-finitude-solidão* (Heidegger, 2011), a questão do ser-para-a-morte, e reconhece que desenvolveu o problema da morte em um contexto totalmente determinado e que tal contexto deve ser deixado de lado. O filósofo afirma que o ser-aí do homem é um ser-para-a-morte, e argumenta que se o caminhar antecipadamente em direção à morte preenche, legítima a existência humana, o homem, para existir autenticamente, precisa pensar constantemente na morte.

Contudo, o autor faz uma ressalva ao afirmar que se o(a) homem/mulher arrisca fazer isto, não vai sustentar a existência, "e a única via deste existir autêntico é o suicídio... A questão é que buscar a essência da existência humana do homem no suicídio, na aniquilação da existência, é uma consequência tão insana quanto absurda". O filósofo complementa que a citada interpretação da existência humana autêntica é ato puramente descabido diante "de uma concepção da vida em si já impossível" (Heidegger, 2015b, pp. 376-377).

Vattimo (1996), por sua vez, pontua que a morte deve ser assumida pelo *Dasein* de maneira autêntica, como possibilidade que lhe é mais apropriada. Ao se reconhecer a morte como possibilidade autêntica, antecipa-se a morte não no sentido de que deveremos morrer, mas como aceitação de todas as outras possibilidades na sua condição de serem puras possibilidades.

A morte é a possibilidade mais singular do ser do *Dasein*, nesse sentido, ao reconhecermos o modo singular de cada *Dasein* experienciar os acontecimentos, uma questão se mostra e demanda o nosso estudo para encaminhar possibilidades compreensivas sobre como é para o(a) filho(a) a experiência de enlutado(a) de um dos pais que deu fim à própria vida.

O ser-para-a-morte nos convoca a decidir sempre sobre o que fazer com o que vem ao nosso encontro, impondo um limite para o vir-a-ser *Dasein*, apontando para a ideia de que planos e projetos propostos de maneira indefinida podem jamais ser realizados (Cerbone, 2014). A abertura do *Dasein* como ser-no-mundo já tem certa compreensão de uma totalidade de significados, como também a compreensão está afinada enquanto modo de abertura ao fenômeno.

A afetividade, outro existencial dos pressupostos heideggerianos, é ela mesma uma pré-compreensão bem mais originária do que a própria compreensão. O que está em jogo na vida fática é uma afinação da co-pertinência *Dasein* e mundo, que revela como o ser-aí se encontra afetado com o que vem ao seu encontro. Nessa direção, “tonalidade afetiva é o modo originário de se encontrar e de se sentir no mundo, é uma espécie de primeira ‘preensão’ global do mundo que, de alguma maneira, funda a própria compreensão” (Vattimo, 1996, p. 39).

Importa realçar que a afetividade abre a compreensão via tonalidade afetiva – os afetos. Desse modo, afetividade e afeto não têm o mesmo significado: "embora se

relacione com os afetos, a afetividade (*Befindlichkeit*) não é sinônimo desses, mas é a estrutura que configura o modo como o mundo será captado por cada um a cada vez" (Chohfi, 2021, p. 35). Nessa direção, na medida em que a afetividade abre o mundo, a compreensão do que vem ao nosso encontro tem seu ponto de partida nessa afetividade.

Por sua vez, Borges-Duarte (2021) compreende a afetividade como encontrar-se afetuosamente afetado na correlação com o mundo, no sentido de apreender a realidade mundana e de como nos sentimos em relação ao que vem ao nosso encontro no mundo:

Somos afetados pelo que é intramundano e, desse modo, somos já de sempre no mundo (do que nos afeta) e em relação ao que desenvolvemos, tácita e inevitavelmente, afeição, a qual se manifesta facticamente nos mais diversos afetos especiais, sentimentos de adesão ou rejeição, de plenitude ou de falta, ou até, simplesmente, meros matizes de humor. Todos esses sentimentos e modulações de humor constituem o que me permite apreender, em uníssono, a realidade mundana e a em cada caso minha forma de a encontrar, acolhendo-a ou recusando-a, apercebendo-me de como me encontro nela. (p. 108)

A afetividade é um existencial fundamental, um modo de ser *Dasein* que diz de nossa existência, que vai além de puro estado de ânimo. Nesse sentido, a afetividade pode ser compreendida como expressão de três coisas: a primeira diz do deixar-se afetar como uma intencionalidade implícita, e não tanto como mero ser afetado como passividade instrumental; a segunda diz do estar/sentir-se afetado em repercussão ou reverberação ao que veio, que retém e guarda no sentimento o que percebe; finalmente, a terceira coisa diz da afeição como vínculo de quem se deixou afetar com

o que veio ao encontro. “A disposição afetiva ou afetividade (*Befindlichkeit*), não é, pois, um mero estado de ânimo ou sentimento particular” (Borges-Duarte, 2021, p. 111).

A afetividade é o modo de abertura do *Dasein* ao que lhe vem ao encontro, e também o modo como recolhe e compreende hermeneuticamente tal disposição, abrindo para a possibilidade de existir autenticamente ou inautenticamente num dado momento. Nessa direção, a afetividade “fornece para o ser o tom, ou seja, afina e determina o modo e o como de seu ser” (Heidegger, 2015a, p. 88). A afetividade abre sempre *Dasein* ao mundo fático na sua totalidade, possibilitando um caminhar para.

Para esse autor, as disposições afetivas fundamentais que lançam a existência em um espaço de possibilidades no caminho de ter-que-ser são: angústia e tédio. Nesse caminhar, a angústia desperta o como nos encontramos no mundo, “consiste em uma atmosfera do ser-no-mundo como tal, ao mesmo tempo em que remete o homem para o seu poder-ser, abrindo-lhe o mundo como campo de possibilidades” (Feijoo, 2011, p. 48).

A angústia como a disposição afetiva mais originária coloca o homem diante de seu estar-lançado no mundo mais próprio, mostrando assim a estranheza do ser-no-mundo, à medida que diz respeito a “um ânimo que abrange todas as possibilidades de ser do ser-o-aí em sua raiz: a tensão entre ser si próprio e perder-se, desgarrar-se, a possibilidade sempre presente de faltar a si” (Giacchia, 2013, pp. 75-76).

Diferentemente da angústia, que revela o ser enquanto nada e experiencia uma insignificância total pelo que lhe vem ao encontro, o tédio, por sua vez, desvela o ser em sua totalidade inesgotável e experiencia uma indiferença total em sua possibilidade de poder-ser com o que vem em sua direção.

O tédio mostra o nosso modo de ser em nossa existência, numa relação temporal, em que o vazio está por todos os lugares. Somos tempo e, em sendo, no tédio, “não temos mais como seguir o seu ritmo cotidiano, uma vez que não conseguimos mais simplesmente preencher a sequência infinita de agoras com o que cada um deles requisita em termos de ocupação” (Casanova, 2021, p. 40).

O cuidado, outro existencial constitutivo do *Dasein*, oferece possibilidades para refletirmos sobre o modo como acolhemos os acontecimentos que vêm ao nosso encontro, inclusive o do luto pelo pôr fim à própria vida de um ente querido, e decidirmos como lidar com o acontecimento. O cuidado enquanto ser do *Dasein*, enquanto possibilidade, pode mostrar-se como ocupação e preocupação (Heidegger 2012a).

No modo da ocupação (*Besorgen*), o ser-aí relaciona-se com os entes mundanos na manualidade e, ao relacionar-se com os outros *Dasein*, pode atuar no modo preocupação (*Fursorge*). Desse modo, o ser-aí cuida de si, na medida em que é. “Exatamente por isso, todos os seus modos de relação são determinados pela presença da intencionalidade do cuidado” (Casanova, 2017, p. 258). Nesse sentido, ocupando-se com um utensílio, preocupando-se com o outro ou cuidando de si nos muitos modos de lidar com a sua existência, o ser-aí revela-se como sendo ontologicamente – cuidado.

Borges-Duarte (2021) pontua de modo didático que o ser-o-aí (do ser) é cuidar de três planos: primeiro, cuidar de mim; segundo, cuidar dos(as) outros(as); e terceiro, cuidar do ser em geral. O que nos diz a autora sobre cada um deles? Vejamos.

No primeiro plano, cuidar de mim reporta-se a ocupar-me de mim mesmo(a), do viver cotidiano, ocupado em fazer o que tenho a fazer, preocupado com o que desejo conseguir ou com o que temo que me perturbe. No segundo plano, cuidar

dos(as) outros(as) refere-se a cuidar do convívio com os(as) outros(as), *ek-sistentes* à maneira do *Dasein*. No terceiro plano, cuidar do ser em geral, do que se dá ao meu modo de ser e do que se dá ao modo do que não é como sou, ou seja, aguardar para que o fenômeno se revele ele mesmo no mundo humano.

Importa ainda indicar que não podemos deixar de reconhecer *Dasein* atravessado pela técnica, destinamento epocal inevitável e implacável como um polvo de tentáculos sem fim, que busca aprisionar todos os nossos modos de ser. Como nos relacionarmos com a magia tecnológica dessa era sem nos perdermos de nós mesmos(as)? Como ela pode se tornar um modo hegemônico de desvelamento dos fenômenos? Quais as ressonâncias dessa dominação do modo técnico calculante na existência humana?

O mundo está cada vez mais tomado pelos avanços tecnológicos, que têm projetado profundas transformações nas coisas, na forma como se vive, nas relações interpessoais. Impera na contemporaneidade a dominação da técnica em todas as dimensões da vida, “o homem hoje jogado na impessoalidade, ele é jogado no ‘todo mundo’. Ele é absorvido pela vontade autônoma da técnica. Neste habitar, não temos controle sobre o que nos reserva este destinamento epocal” (Pompeia & Sapienza, 2011, p. 125).

Com a pandemia da covid-19, a tecnologia, que já assumia um espaço singular em nossas vidas, convocou-nos a lidar com ela de modo mais intenso. De repente, o isolamento social imposto nos jogou no espaço *on-line*: aulas, atendimento médico e psicoterapêutico, trabalho em *Home-office*, e até os rituais fúnebres. O vírus ainda campeia no mundo, só daqui a alguns anos teremos uma visão mais aproximada do impacto desse fenômeno na vida das pessoas.

São preocupantes os “sintomas” de adoecimento mental que se apresentam nos consultórios de psicólogos(as) e psiquiatras, a ponto de apontar para a possibilidade de uma “síndrome pós-pandêmica”, com realce para os modos de ser que se impuseram, vinculados à luta pela sobrevivência, sem uma atenção singular para o modo próprio de ser homem no mundo com-os-outros.

Sem dúvidas, a tecnologia foi fundamental para o atravessamento do estágio mais agudo do isolamento social provocado pela covid-19, no entanto, vale destacar, nenhuma tecnologia é imparcial e todas elas, de algum modo, sempre nos afetam – podem auxiliar ou prejudicar. Assim, “o que realmente importa em uma revolução tecnológica não é a tecnologia em si, mas como ela pode transformar e afetar as nossas vidas” (Gabriel, 2018, p. 9).

Diante da técnica, Heidegger (2012b) nos convoca a assumir um pensamento reflexivo, a dizer “sim” ao uso inevitável dos objetos técnicos e, simultaneamente, “não” ao modo de uso que domine de modo hegemônico o desvelamento do ser, sem outra possibilidade que indique caminhos próprios que aguardem o mostrar do ser. A técnica não é demonizada por Heidegger, ela por si mesma não é um perigo soberano. Para o autor, o perigo está em não pensarmos sobre a essência da técnica.

Quanto mais estivermos próximos do perigo, qual seja, de abraçar a técnica como sendo a única solução e perder o contato com o que nos é mais próprio em nosso poder-ser, o esquecimento do ser, mais questionamentos precisamos fazer sobre o que nos vem ao encontro para decidirmos seguir ou não caminhos que se distanciem do perigo supremo de não-poder-ser mais próprio, no sentido de “quanto mais nos avizinharmos do perigo, com maior clareza começarão a brilhar os caminhos para o que salva, tanto mais questões haveremos de questionar. Pois questionar é a piedade do pensamento” (Heidegger, 2018, p. 38).

Quais são os rastros que a era da técnica imprime em nosso habitar o mundo? Quais são os efeitos da técnica sobre o nosso existir? Como a técnica tem adentrado nos processos dos rituais fúnebres, impondo modos de lidar com o sofrimento da perda sem considerar o sentido e o tempo existencial necessário para elaborar a experiência do luto?

A crença de que a técnica é capaz de tudo sequestra o homem de si mesmo e praticamente o incita a ser extensão de seus tentáculos positivistas. Tudo pode ser produzido de modo infalível e rápido. O homem, próprio da sociedade do desempenho, acelera o seu fazer cotidiano na busca de alcançar alta performance, de ser melhor em tudo, e sofre as consequências desse modo de ser. “A crescente positividade da sociedade enfraquece também sentimentos como angústia e luto, que radicam numa negatividade, ou seja, são sentimentos negativos” (Han, 2017, p. 55).

Na sociedade do desempenho, a dor é eliminada pela positividade dos analgésicos, não restando espaço para o sofrimento. Assim, fechado em si mesmo, solitário, o homem contém suas lágrimas para não se mostrar fraco nos ambientes públicos.

A demonstração de vulnerabilidade não é bem-vista na sociedade positiva, a dor do existir, aqui compreendida como angústia, não pode ser verbalizada em busca de colo, “o sujeito de desempenho explora a si mesmo, até consumir-se completamente (*burnout*). Ele desenvolve nesse processo uma autoagressividade, que não raro se agudiza e desemboca num suicídio” (Han, 2017, p. 101). Como podemos cuidar da dor do existir?

Depois de expor: a relevância deste estudo, especialmente para a sociedade e as “luzes do marco teórico” assumido nesta tese, apresentamos agora para você leitor(a), os objetivos da pesquisa e o que versa cada capítulo.

Estabelecemos como objetivo geral compreender a experiência de filho(a) enlutado(a) de pais que deram fim à própria vida. Como objetivos específicos, buscamos: a) problematizar brevemente o fenômeno do pôr fim à vida e do luto no Ocidente; b) descrever o modo “como” está sendo experienciado o enlutamento de filhos(as) cujos pai/mãe deram fim à própria vida; e c) explicitar as possibilidades compreensivas do modo como a “situação hermenêutica” vai se apresentando na narrativa dos(as) colaboradores(as), com atenção à circularidade hermenêutica, que aponta para a dimensão do sentido.

A tese se desenvolve por seis capítulos, assim distribuídos: No Capítulo 1, “O jogo de luzes sobre o pôr fim à vida no Ocidente”, registro inicialmente uma breve visada histórica sobre a morte voluntária, desde a época dos gregos até os dias atuais, em seguida teço um olhar sobre os indicadores estatísticos do pôr fim à vida na contemporaneidade. No Capítulo 2, “O jogo de luzes sobre o luto no Ocidente”, ponho o(a) leitor(a) em contato com as compreensões do fenômeno do luto em cada época, e concluo com uma revisão sistemática da literatura sobre o enlutamento de filho(a) de pais que deram fim à própria vida para conhecer os estudos publicados no Brasil em língua portuguesa nos últimos 15 anos. No Capítulo 3, “Caminho metódico: lentes de um caminhar fenomenológico”, descrevo o fundamento da pesquisa fenomenológica hermenêutica, o local e os(as) colaboradores(as) da pesquisa, bem como os recursos utilizados, os aspectos éticos adotados e como foram tecidas as análises das narrativas. No Capítulo 4, “O tecer polifônico: diálogo com os(as) colaboradores(as) da pesquisa”, discorro sobre as narrativas e as compreensões do diálogo colaboradores(as)/pesquisador. Finalmente no Capítulo 5, “Desvelamentos possíveis de um caminhar fenomenológico”, apresento uma síntese das narrativas, os sentidos sobre o fenômeno do luto como possibilidades desveladas pelos(as)

colaboradores(as) da pesquisa/coautores(as) desta tese, e proponho algumas ações que, se implantadas, possam criar condições de possibilidades para maior cuidado com os(as) sobreviventes e pessoas com ideações e/ou tentativas de pôr fim à vida no sentido de possibilitar a redução do número de mortes.

Vamos juntos, leitor(a), desbravar as trilhas desse caminhar.

A viagem

“Qualquer dia faço uma viagem”

Apenas o vento, o vento, a me levar

Sem despedidas, sem adeus, condor

Nesse voo,” Ninguém vai me encontrar”.

Partirei dessa jornada, rumo incerto

Uma dor imensa, tensa, me envolve

Já não consigo suportar, sigo, sigo,

Sigo sem rancor, perdoem-me a dor

Vou em busca de mim, outros espaços

Na imensidão do cosmos, fundo d'alma

Um recomeço, passagem. Nessa viagem

Talvez encontre a resposta - minha calma.

–O Autor, *A viagem*

1 O Jogo de Luzes Sobre o pôr fim à Vida no Ocidente

O suicídio

Nenhuma estrela permanecerá na noite

Não haverá noite.

Eu vou morrer e comigo a soma

Do universo intolerável.

Apagarei as pirâmides, as medalhas,

Continentes e rostos.

Vou apagar o acúmulo do passado.

Vou tirar o pó do pó da história.

Estou olhando para a última configuração.

Eu ouço o último pássaro.

Lego nada a ninguém. (Borges, 1975, p. 14)

Neste tópico, faremos uma breve visada sobre a história da morte voluntária no Ocidente, desde a época dos gregos até os dias atuais. A nossa escolha foi demarcada para que pudéssemos compreender as concepções que permearam o fenômeno do pôr fim à vida em cada época.

No percurso desse caminhar, procuramos apreender o passado nos moldes de como nos convoca Gadamer (2009), com atitude reflexiva sobre o que a tradição transmite, superando os julgamentos para colocá-la no contexto de sua origem, com o objetivo de observar o significado e o valor relativo que são próprios de cada tempo. Em outras palavras, a partir do contexto do qual emerge o fenômeno da morte voluntária.

Importa desde já esclarecer também ao(à) leitor(a) que, ao longo do texto, utilizamos os termos sobre o fenômeno da pessoa que deu fim à vida como definido em cada época – morte voluntária, suicídio, pôr fim à vida, dar fim à vida, morte autoinfligida, morte de si, entre outros.

Nesse passo, o nosso caminho pelos idos do passado tem como ponto de partida a Grécia Antiga (800 d.C. – 476 d.C.). Para os(as) gregos(as), a denominada morte voluntária era aceita quando o gesto era motivado por patriotismo, receio da desonra ou mesmo pesar. Por outro lado, não era tolerada se houvesse desrespeito aos deuses (Alvarez, 1999).

Naquela época, o pensamento filosófico sobre a morte voluntária, formulado pelos cirenaicos, cínicos, epicuristas e estoicos, reconhecia que o indivíduo tinha plena liberdade para decidir sobre o viver e o morrer. Para esses filósofos e suas correntes, a vida só merecia ser preservada se fosse um bem e se gerasse mais prazer que sofrimento, ao contrário, seria loucura mantê-la (Minois, 2018).

Diógenes (412 – 323 a.C.), da escola cínica, por exemplo, defendia que não se devia ter dúvidas: se não fosse possível viver de modo racional, que se desse a morte voluntária. Contrariando esse entendimento, os pitagóricos compreendiam que a alma se tornara presa ao corpo depois do pecado original, e por isso o indivíduo teria que realizar a expiação das faltas ou crimes cometidos até o fim; a associação alma e corpo era regida por relações numéricas, e a antecipação da morte romperia essa conjunção harmônica.

O pensamento ocidental foi influenciado pelas ideias de Platão (428 – 384 a.C.) e Aristóteles (384 – 322 a.C.), que defendiam outra visão em relação às escolas precedentes. Segundo esses filósofos, o homem é um ser social, que vive em uma comunidade. Daí, o indivíduo não deve ter sua vida moldada por interesse pessoal,

mas respeitar a divindade que lhe concedeu um lugar (Platão) e a pólis onde tem um papel a cumprir (Aristóteles). Influenciada pelo pensamento dos dois, a Igreja Católica estruturou toda a sua conduta moralizante para recriminar duramente a morte voluntária.

A morte de Sócrates (469 – 399 a.C.) é um evento que chama atenção pelo modo como se deu. Convido você, leitor(a), para refletirmos um pouco sobre essa morte pela singularidade que a envolve. Segundo Minois (2018), a morte de Sócrates é discutível, “mas, apesar de tudo, pode ser comparada a um suicídio, em razão das respostas provocadoras que ele dá durante seu processo e da recusa de fugir” (p. 53).

Antes de beber o veneno, Sócrates dialoga com os seus amigos sobre a morte voluntária para mostrar que não era desejável na cidade, mas, para o filósofo, era tão almejada que não podia deixar de tê-la em suas reflexões. O criador da Maiêutica foi condenado pelos juízes a tomar cicuta, por não honrar os deuses da cidade e ensinar uma doutrina que corrompia a juventude (Rocha, 2001). Em sua defesa, o filósofo não usou da prerrogativa que era direito dos réus para atenuar a sua pena: pagar uma multa, ser exilado ou concordar em ter extintos os seus direitos de ensinar Filosofia.

Segundo os escritos de Platão (2015), Críton propôs a Sócrates uma fuga da prisão para livrá-lo da morte: “Sócrates, não considero ser justo o que estás fazendo, desistindo de tua vida quando podes preservá-la. . . . Temos diante de nós um único plano e uma única oportunidade, e isso tem que ser realizado na próxima noite” (pp. 174-175).

Sócrates refutou a ideia de Críton, decidiu honrar os seus princípios e declarar o seu preparo frente à morte: “O verdadeiro filósofo é aquele que está sempre

preparado para o encontro definitivo com a sua morte, pois ela aguarda-nos em qualquer lugar, espreita-nos em cada esquina e se esconde por trás de cada um de nossos sorrisos” (Rocha, 2001, p. 26).

Resoluto em sua decisão, Sócrates tomou em suas próprias mãos o seu destino. Teria o filósofo praticado a morte voluntária? Se ele atendesse ao desejo dos amigos de salvá-lo, estaria exercendo o seu poder-ser-mais-próprio? O que tem a ver a atitude de Sócrates com o dar fim à própria vida? Onde se tangenciam a morte de Sócrates e a morte de quem, sendo-ser-para-a-morte, antecipa a sua própria morte? Os responsáveis pela morte de Sócrates foram os juízes ou o próprio filósofo?

Em algumas cidades da Grécia Antiga (800 a.C. – 476 d.C.), como Atenas, Tebas e Esparta, o corpo do(a) suicida sofria severas punições: era profanado, amarrado a um cavalo, arrastado pelas ruas e praças; às vezes, amarrado pelos pés ou o pescoço e exposto publicamente. Em Atenas, amputava-se a mão direita do(a) suicida para que não cometesse mais crimes (Minois, 2018).

Das civilizações ocidentais, a romana se destacava por ser a mais favorável à morte voluntária. Na Roma Antiga (753 a.C. – 476 d.C.), a morte de si denotava uma concepção e um valor bem diferentes. Os homens livres podiam dar cabo à própria vida por vários motivos, como doença, dor física, medo, desejo de vingança, perda de entes queridos, entre outros (Barbagli, 2019).

Por outro lado, entre a elite culta, a exemplo dos estoicos gregos, a morte voluntária ia além de ser apenas tolerada, “era considerada a mais alta forma de expressão da liberdade, a única que permitia aos seres humanos alcançarem e até superarem os deuses, destinados a ser imortais” (Barbagli, 2019, p. 60).

Nessa época, a morte voluntária era tolerada, desde que não fosse cometida por soldados ou indivíduos escravizados. Nesses casos, devido a interesses

econômicos e patrióticos, a morte voluntária dos escravizados era considerada um ato contra a propriedade privada – os escravizados eram propriedades de seus donos; em relação aos soldados, o exército punia aqueles que sobreviviam às tentativas de pôr fim à vida.

Mudança relevante ocorreu no Direito romano durante o período republicano (509 a.C. – 27 d.C.). Algumas pessoas acusadas de crime, para se livrarem da pena capital e do confisco de bens, antes de proferida a sentença praticavam a morte voluntária, fraudando o Estado. O Estado reagiu e, para evitar danos ao fisco, criou uma norma que previa confisco dos bens daqueles(as) que se matavam durante o processo de julgamento (Barbagli, 2019).

Já no Império Romano (27 a.C. – 476 d.C.), ocorreu uma mudança importante no clima cultural quanto ao pensamento até então vigente. Alguns filósofos neoplatônicos condenaram moralmente a morte voluntária, dizendo: “quem pratica a expulsão da alma do corpo com violência não lhe permite ser livre” (Barbagli, 2019, p. 60).

Sêneca (4 a.C. – 65 d.C.), em oposição aos neoplatônicos, defendia que a vida não deveria ser preservada a qualquer preço. Abreviar a vida quando não fosse digna de ser vivida com qualidade, seria uma atitude bem mais valorosa que a preservar. Em sua “Carta a Lucílio LXX”, da morte desejável, o filósofo registra que “a vida nem sempre deve ser retida, pois o bom não é viver, mas sim viver bem. Por isso, o sábio viverá o quanto for necessário e não o quanto puder” (Sêneca, 2017, p. 63).

O missivista continua o seu raciocínio, esclarecendo que muitos(as) partidários(as) da sabedoria vão aconselhá-lo a não antecipar a própria morte, porquanto consideram o suicídio maléfico, e a esperar a natureza se encarregar da saída, mas quem afirma isso se fecha para o caminho da liberdade, já que a lei eterna

ofereceu uma entrada para a vida e muitas para a saída. Assim, se “te agrada, vive! Não te agrada? És livre de regressar ao lugar donde vieste. Para aliviares da dor de cabeça, recorrestes frequentemente à sangria; para extenuar o corpo, se abre uma veia” (Sêneca, 2017, pp. 66-67).

Sêneca, no ano 65, recebeu ordem do imperador Nero para suicidar-se. Acusado de ter participado de um movimento planejado pelo senador Pisão para assassinar Nero, o filósofo não titubeou, cortou os pulsos na presença dos(as) amigos(as), sendo seguido pela sua esposa, que também deu fim à própria vida (Frazão, 2023; Rebello, 2017).

Na Idade Média (476 – 1453 d.C.), assume-se uma visão dúbia em relação à condenação da morte voluntária. Muito mais que o ato, importava a personalidade e a origem social da pessoa que o praticava. Segundo Minois (2018), “A condenação de princípio do suicídio na civilização cristã não é nem evidente nem original. As fontes religiosas do cristianismo são, na verdade, omissas, ou melhor, ambíguas, a esse respeito” (p. 21).

A Igreja Católica, até então, não tinha emitido qualquer pronunciamento ou manifesto sobre o juízo que fazia do fenômeno da morte voluntária, mantendo-se hesitante: embora a considerasse um ato negativo, admitia várias exceções (Minois, 2018). Nas palavras de Minayo (2005),

Nos quatro primeiros séculos do cristianismo, pode-se dizer que houve um longo período de ambigüidade interpretativa. A partir de então, o discurso da Igreja Católica se tornou totalmente contrário a esse ato, e os suicidas passaram a sofrer um processo de interdição absoluta. (p. 17)

Essa lacuna da Igreja foi preenchida por Santo Agostinho (354 – 430 d.C.) e, com fundamento no quinto mandamento, “não matarás”, o bispo de Hipona endureceu

as concepções que a instituição tinha sobre a morte voluntária, ao defender que a vida é um dom sagrado de Deus e só Ele tem o direito de dispor dela. A morte voluntária passa então a ser um ato condenável e criminoso (Barbagli, 2019).

São Tomás de Aquino (1225 – 1274 d.C.), em sua *Suma Teológica*, segue os passos de Agostinho, considerando a morte voluntária um pecado mortal perante Deus, que nos deu a vida, e contra a justiça, por possibilitar que o criminoso se esquive do cumprimento de suas responsabilidades sociais (Alvarez, 1999). Segundo Alvarez, Tomás de Aquino centra os seus argumentos em fontes não cristãs – quanto ao pecado contra Deus, também defendido por Santo Agostinho, inspira-se na tese de Platão, e no tocante ao pecado contra a justiça, enquanto responsabilidade de todo homem para consigo mesmo e para com a cidade, em Aristóteles.

Nesse horizonte de sentidos, os(as) suicidas passaram a ser submetidos(as) a punições severas pelo imperativo do julgamento moral que reinava nas hostes da Igreja, condenados(as) pelo seu caráter pecaminoso e injusto. Embora a morte voluntária seja um ato puramente humano, parece inumano, somente explicável pela tentação diabólica ou por um estado de loucura (Minois, 2018).

Ao homem, quando vítima de um desespero diabólico, a Igreja oferece o socorro da confissão: aquele que a despeito dessa ajuda sucumbe é condenado ao inferno. No caso da loucura, o(a) suicida podia ser salvo(a), uma vez que não tinha responsabilidade pelos seus atos. Por sua vez, a morte voluntária, que durante a civilização ocidental foi tolerada, admirada e mais tarde buscada “como prova suprema de devoção, transformou-se por fim em objeto de extrema repulsa moral” (Alvarez, 1999, p. 83), horizonte de compreensão que parece sinalizar para os preconceitos, o tabu e o estigma que ainda subsistem sobre o ato na contemporaneidade.

Na Idade Moderna (1453 – 1789), com o surgimento do Renascimento (1.350 – 1.700), a morte voluntária começa a ser objeto de nova compreensão: o clima da moral até então vigente dos ventos que apontavam o ato como maldição, volta-se para dar ênfase ao individualismo. Nesse sentido, o que diferenciou a atitude da Renascença em relação à morte voluntária da atitude da Idade Média não foi o esclarecimento mais aprofundado acerca da prática, mas a nova ênfase sobre o individualismo, que tendia a fazer com que os grandes “problemas morais da vida, da morte e da responsabilidade parecessem mais fluidos e complexos do que antes, e muito mais abertos a questionamentos. O clima moral tinha se deslocado de seu próprio eixo e o clima inteiro tinha mudado” (Alvarez, 1999, p. 159).

A nova ética da morte voluntária experimenta importantes mudanças culturais na sociedade europeia, impulsionadas por fatores sociais, políticos e econômicos que provocaram a emergência de “uma nova concepção da vida e do mundo, da família e do indivíduo, do Estado e da justiça” (Barbagli 2019, p. 108).

Essa concepção aponta para um deslocamento da visão sobre os seres humanos como propriedade dos senhores feudais, do Estado e da Igreja, para abarcar a compreensão da singularidade de cada ser humano e de que “cada um deles dispunha do direito inalienável à vida, à liberdade e à propriedade para poder alcançar com plena autonomia a realização pessoal e a felicidade” (Barbagli, 2019, p. 108).

Nesse contexto, a morte voluntária passa pela primeira vez a ser o tema central de reflexão ao se desafiarem as proibições morais impostas, com o objetivo de analisar e problematizar os motivos do gesto diante da “luz da razão e dos exemplos antigos” (Minois, 2018, p. 107).

Entre os anos 1580 e 1620, o teatro inglês encenou, nos palcos, mais de duzentos suicídios em uma centena de peças, provocando curiosidade e inquietação no público, números que revelam a existência, de acordo com Minois (2018), de “um fenômeno social”. O público dessa época aceita com menor peso a morte voluntária, que, antes associada a um ato diabólico, passou a ser concebida como um dilema humano (Botega, 2015).

O pensamento inglês e europeu, em 1600, é marcado pela expressão “Ser ou não ser, eis a questão [de Hamlet]. Será mais nobre sofrer na alma pedradas e flechadas do destino feroz ou pegar em armas contra o mar de angústia – e combatendo-o, dar-lhe fim? Morrer, dormir só isso” (Shakespeare, 2019, p. 81). A morte voluntária toma conta dos palcos e expõe o dilema humano, com as suas polaridades e paradoxos, em meio às exigências do mundo.

Por sua vez, o padre Robert Burton (1577 – 1640), no livro *Anatomia da Melancolia*, publicado em 1621, sustenta que o(a) suicida não é um assassino(a) e sim uma vítima de melancolia – um mal associado ao excesso de bile negra no corpo de algumas pessoas que, a depender do contexto social, poderia se agravar e provocar nesses(as) pacientes a melancolia mórbida, sintoma de loucura, de desequilíbrio mental, que poderia levá-los(as) à morte voluntária (Botega, 2015).

O padre Burton discorda dos estoicos, defensores da morte voluntária como um ato de dignidade e autoafirmação, apregoando não se tratar de ato “nem racional, nem digno, nem ponderado; as pessoas se matam porque suas vidas se tornaram intoleráveis” (Alvarez, 1999, p. 171).

Desse modo, o padre afasta a concepção da morte voluntária vinculada ao pecado satânico para situá-la no rol de discussões sobre o fenômeno como doença patológica, e afirma, sobre as pessoas que a praticam, que “esses homens infelizes

nasceram com a desdita, estão além de toda esperança de recuperação, pois padecem de uma doença incurável; quanto mais tempo vivem, pior se sentem, . . . e só a morte pode aliviá-los” (Alvarez, 1999, p. 172).

Novas mudanças são vinculadas ao Renascimento, a lei canônica perde força e os decretos passam a ser julgados pela lei civil, que se distancia dos julgamentos canônicos expressados como “*felo de se*” – criminoso de si mesmo –, para considerar o ato como “*non compos mentis*” – praticado por alguém que não é dono de si –, decorrente de insanidade (Minois 2018).

Com a mudança de atitude frente à morte voluntária, surge a necessidade de se eleger um nome para distinguir a morte de si, condenada fortemente pela Igreja, da morte como ato heroico dos gregos e romanos, a exemplo da morte de Catão. Nesse passo, o médico inglês Thomas Browne (1605 – 1682) lança, em 1642, o seu livro *Religio Medici*, no qual aparece pela primeira vez a palavra suicídio, construída a partir dos termos em latim *sui* (de si mesmo) e *caedes* (morte), que foi difundida em várias obras e discussões por diversos países (Botega, 2015; Minois, 2018).

No livro, Browne contesta as abordagens das correntes tradicionais defendidas pela Igreja e os filósofos. Justifica, com argumentos religiosos e racionais, que o suicídio até então ancorava-se em falsas evidências e que estava distante do pecado supremo, por não ferir a lei natural, racional e divina, pressupostos defendidos pelos teólogos da era medieval e moderna (Alvarez, 1999; Botega 2015; Minois 2018).

Com o avanço das ciências médicas na modernidade, a prática do suicídio deixou de ser atribuída a causas sobrenaturais e demoníacas, passando a ser considerada como decorrente de uma doença emocional. Os médicos associavam o ato a situações de depressão e humor melancólico. Nesse contexto, “as explicações da medicina e as sensações somáticas das tendências suicidas avançam no sentido

de irresponsabilidade dos suicidas, os quais se tornavam mais vítimas que criminosos” (Kurcgant & Wang, 2004, p. 45).

As causas sobrenaturais e demoníacas provocadoras de loucura e suicídio já não faziam parte dos discursos à época. As pessoas que tentavam o suicídio não eram mais condenadas, passando a ser internadas como meio de punição e, ao mesmo tempo, para impedir novas tentativas. Eram fechadas em “jaula de vime”, com um buraco feito na parte superior para a cabeça e as mãos amarradas, ou no “armário”, “que fecha o indivíduo em pé, até o pescoço, deixando apenas a cabeça de fora” (Foucault, 1978, pp. 107-108).

Em resposta ao movimento de descriminalização do suicídio, a Ordenança de 1670, na França, deliberou sobre os casos em que era permitida a instauração de processo contra o cadáver e a memória do(a) morto(a). A aplicação de penalidade ocorria a partir de um processo de investigação, uma vez que o suicídio era tipificado como crime (Minois 2018). No entanto, a esperada resposta da Ordenança contra o abrandamento das condenações em nada acrescentou ao que já era praticado há séculos em vários países, ela tão somente regulamentou os costumes vigentes (Silva, 2009).

Com o jogo de luzes das teorias iluministas (1715 – 1789), inicia-se um abrandamento das condenações do suicídio. Uma nova atitude contribuiu para distanciar a morte de si da moral cristã com a criação de associações de auxílio à reintegração dos(as) sobreviventes, passando o ato a ser compreendido como racional e explicável, o que provocou também perda de força das normas de posse (Silva, 2009).

Finalmente, em 1770, as condenações deixaram de vigorar na França, ao passo que as leis do confisco de bens, carregando as suas antigas compreensões –

mal que deveria ser controlado, morte bárbara, entre outras –, perduraram até a Revolução Francesa (1789). Ao mesmo tempo, a Igreja Católica seguia firme em suas posições em favor dessas leis, embora os párocos fizessem esforço para não as aplicar (Barbagli, 2019; Lessa, 2018).

O suicídio romântico do jovem Werther e o filosófico de Fausto foram reconhecidos como próprios das polaridades e paradoxos do dilema da existência humana. Os escritos de Goethe (1749 – 1832) sobre *Os sofrimentos do jovem Werther*, em 1774, provocaram forte impacto na sociedade, e se creditou à publicação o suicídio romântico de vários jovens por contaminação ou contágio – o efeito Werther, como ficou conhecido.

A partir daí, evitou-se divulgar informações e falar sobre o suicídio para não provocar, segundo o entendimento corrente na época, novos suicídios. Percebe-se atualmente que o suicídio ainda é pouco vocalizado, pelo tabu e o estigma que envolvem o fenômeno.

Nesse período, o debate, os estudos e os tratados sobre o suicídio, favoráveis e contrários, multiplicaram as discussões filosóficas, literárias, teológicas, jurídicas, éticas e da Medicina em torno da temática. Pela primeira vez, a ênfase das pesquisas sobre o suicídio se volta para os dados estatísticos, que, mesmo incipientes, ofereciam uma visão do aumento crescente dessa prática no período, provocando grande preocupação. Vários outros aspectos foram discutidos como sendo provocadores de suicídio, tais como clima, raça, contágio, perturbações mentais, hereditariedade, alcoolismo, só para mencionar os mais expressivos (Durkheim, 2011; Minois, 2018).

Em relação ao suicídio por perturbações mentais, o médico Philippe Pinel (1745 – 1826) relata em seus estudos que a religião provocava nos homens a loucura

e poderia levá-los ao suicídio. Ele encontrou no hospital de alienados de Bicêtre, localizado em Le Kremlin-Bicêtre, nos arredores de Paris, o registro de muitos monges, camponeses(as) e pessoas comuns da sociedade que enlouqueceram, temerosos(as) com o futuro que lhes era reservado pelo além-mundo (Minois, 2018).

Apesar de todo o esforço no sentido de descriminalizar o suicídio e se desvencilhar da tradição moral imposta pela Igreja, ainda se observam na contemporaneidade um tabu e um estigma que imprimem traços da moral cristã nas concepções sobre a morte de si.

Na Inglaterra, o último registro de profanação do corpo de um(a) suicida é de 1823. E os cadáveres dos(as) suicidas pobres, quando não ficavam sob os cuidados das famílias, eram usados em estudos anatômicos. Por outro lado, o confisco dos bens do(a) suicida durou até 1870. E até 1961, as tentativas de suicídio ainda eram consideradas crimes, e quem fracassava era preso(a) (Berenchtein, 2007; Lessa, 2018).

Os(as) estudiosos(as) das Ciências Sociais, das Ciências Humanas, da Filosofia e da Psicologia, entre outras disciplinas, a exemplo de Durkheim, investigaram o suicídio para encontrar as causas determinantes. Como compreender as motivações do suicídio? Como compreender um fenômeno que envolve singularidades que só o(a) praticante poderia descrever?

O sociólogo francês Émile Durkheim (1858 – 1917) foi o primeiro a estudar o fenômeno do suicídio pela perspectiva sociológica. Em seu livro intitulado *O Suicídio: estudo de sociologia*, publicado em 1897, definiu o suicídio como sendo “todo caso de morte que resulta direta ou indiretamente de um ato, positivo ou negativo, realizado pela própria vítima e que ela sabia que produziria esse resultado” (Durkheim, 2011, p. 14).

Para o sociólogo, o suicídio se configura como consequência de duas grandes causas: a integração e a regulamentação social. Quando a integração social entre o indivíduo e os vários grupos de seu convívio se rompe, ele se sente tentado a pôr fim à própria vida. No caso da regulamentação social, o ato pode ocorrer quando as normas vigentes na sociedade são exageradas ou demasiado insuficientes – causam sofrimentos e podem levar o indivíduo ao suicídio.

Na visão de Durkheim (2011), o suicídio não era um acontecimento particular, isolado dos outros e que precisa ser enxergado como exigindo atenção à parte. O autor acrescenta que se se considerasse a totalidade de suicídios ocorridos em determinada sociedade durante certo tempo, não se obteria uma simples soma dos acontecimentos independentes, “uma coleção, mas . . . um fato novo e *sui generis*, que tem sua unidade e sua individualidade, sua própria natureza portanto, e que, além do mais, essa natureza é eminentemente social” (p. 17).

Nessa direção, Durkheim identificou e definiu três tipos de suicídio: egoísta, altruísta e anômico, cada um com motivações diferentes, conforme observaremos a seguir.

O **suicídio egoísta** acontece quando os laços sociais são rompidos e o indivíduo, tomado por apatia e tristeza, não vê mais sentido em sua vida.

O **suicídio altruísta** ocorre quando a integração do indivíduo com o grupo é exagerada – ele é tomado por uma pressão do grupo para honrar os seus valores e se sente na obrigação de sacrificar sua própria vida, a exemplo dos soldados japoneses – os camikases –, na Segunda Guerra Mundial.

No **suicídio anômico**, o indivíduo tem a sua vida tomada por um acontecimento abrupto, que provoca grande sofrimento pelo desregramento de suas atividades, a exemplo do caso do jovem Werther, por amor não correspondido, ou

ainda pelo “tsunami” provocado pela covid-19, que levou várias pessoas a anteciparem a morte.

Por sua vez, Camus (1913 – 1960) defendeu que o suicídio é um fenômeno individual, um gesto articulado no coração do homem em um momento de paz ou de adversidades existenciais, em contraponto a Durkheim, que trata o fenômeno como fruto das relações sociais. Para Camus (2021), “só existe um problema filosófico realmente sério: o suicídio. Julgar se a vida vale ou não vale ser vivida é responder à pergunta fundamental da filosofia” (p. 19).

Em suas reflexões sobre as polaridades da vida, Camus evidencia que as mesmas ideias ou ilusões que dão razão a alguém para viver são também razão para dar fim à vida, assim, julga que a pergunta mais premente deve ser sobre o sentido da vida. Nessa toada, em *O mito de Sísifo*, publicado em 1942, o autor nos convoca a pensar sobre a tensão que nos acompanha entre a hostilidade do mundo e o apego à vida.

Sísifo foi condenado pelos deuses a empurrar um bloco de pedra até o alto de uma montanha. Ao atingir o cume, o peso faz a pedra rolar para baixo e o leva incessantemente a reiniciar o trabalho. Para Camus, o que interessa são as pausas de Sísifo enquanto retorna à superfície para reiniciar o trabalho. Esses instantes de pausas abrem-lhe a possibilidade de refletir sobre “toda a extensão de sua miserável condição”, quando então toma consciência do absurdo da vida e do que deveria ser o seu tormento – peso e repetição juntos – e “consuma, ao mesmo tempo, sua vitória”, sentindo-se feliz (pp. 122-123).

Camus (2021) conclui: “Extraio do absurdo três consequências que são: minha revolta, minha liberdade e minha paixão. Com puro jogo da consciência, transformo em regra da vida o que era convite à morte e rejeito o suicídio” (p. 77).

Importa realçar de nossa visada histórica que a morte voluntária foi alvo de uma diversidade de crenças, abrangendo visões que a consideravam desde covardia e fuga, impingindo ao ato um rigor condenatório como suplício do cadáver, certeza da condenação eterna, recusa de sepultamento em solo sagrado e confisco de bens, até ato corajoso, heroico, honroso, para o qual se atribuía lugar de destaque na comunidade.

Percebe-se que as várias concepções para o suicídio foram motivadas, em cada contexto epocal, por razões religiosas, políticas, econômicas, culturais, sociais e morais, provocadoras de tabus, estigmas, ideias moralizantes e buscas de explicações, sem que nenhuma delas pudesse ser considerada como conclusiva para tal fenômeno de múltipla dimensionalidade.

Como pensar o ato de pôr fim à própria vida distanciando-se das categorias, ou seja, das causas? Como refletir sobre o pôr fim à vida para além das sedimentações reforçadoras do estigma que recai sobre quem pensa em antecipar a própria morte? Como acolher sem julgamentos o sofrimento dos(as) sobreviventes do pôr fim à vida?

Segundo Feijoo (2020), os(as) estudiosos(as), por mais que tenham buscado encontrar a causa do fenômeno do suicídio, deparam sempre com uma barreira que os(as) impede de compreendê-lo em definitivo. O pôr fim à vida na contemporaneidade é permeado por interpretações dominantes, presentes em nosso horizonte histórico, que marcam o ato como doença, sintoma de desespero e expressão de sofrimento, características que, ao nos envolverem, assumimos como próprias do(a) suicida.

Ao mesmo tempo, somos tomados(as) pela crença de que tudo pode ser explicado, desvelado, mas, ao contrário, o fenômeno se encontra na atmosfera do

mistério. “Mistério que a ciência quer desvendar, mas quanto mais lhe dá contornos, mais o fenômeno se retrai, com isso perdemos de vista o que está em questão quando alguém quer acabar com a sua própria vida” (Feijoo, 2020, p. 104).

Por sua vez, Dutra (2012) reconhece que afastar-se dos mitos e das atitudes moralizantes que envolveram o suicídio ao longo da história e ainda hoje estão presentes na sociedade ocidental, mediante o desenvolvimento de um pensamento filosófico sobre o fenômeno, que rompe “com um saber constituído na tradição científica, significa, sempre, uma tarefa árdua e complexa” (p. 954).

Atualmente, observa-se a existência de uma moral subjacente que ganhou força e transformou o suicídio em uma doença que deve ser tratada e evitada para que a vida seja preservada de qualquer modo, a qualquer custo (Lessa, 2018). Como se aproximar do fenômeno sem as ideias moralizantes que pretendem controlar e prevenir o pôr fim à vida? Como compreender, a partir da situação hermenêutica, a decisão da pessoa que antecipa a sua morte? Como acolher a antecipação da morte como um gesto de liberdade do ente humano? Como compreender que morrer e viver são condições inseparáveis da existência?

Vale informar a você, leitor(a), que nesta tese fiz opção pelas expressões “pôr fim à vida” e “dar fim à vida” ao invés de suicídio para me distanciar dos pré-conceitos de ordem moral e psíquica envolvidos no fenômeno, para marcar um descolamento de concepções prévias acerca do suicídio e dissociar o ato do sofrimento, afastando assim a possibilidade de estabelecimento de relação de causa e efeito, em alinhamento com Sant’anna (2018). Além disso, a escolha das duas expressões para mim diz de um movimento que vem de si mesmo, de um gesto que diz e faz algo.

A seguir vamos dar uma visada sobre o panorama dos indicadores estatísticos do pôr fim à vida na contemporaneidade.

1.1 O pôr fim à Vida na Contemporaneidade: Indicadores Estatísticos

O pôr fim à vida na contemporaneidade é considerado um transtorno mental e, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), um grave problema de saúde pública mundial, que afeta toda a sociedade. O dar fim à própria vida ocorre em números alarmantes, sendo atualmente uma das 10 principais causas de mortalidade no mundo, de acordo com o Relatório da *World Health Organization* (WHO, 2021), *Suicide Worldwide in 2019*, publicado em junho de 2021.

O relatório também aponta que as mortes provocadas por suicídio no mundo são em número maior do que as decorrentes de HIV, malária ou câncer de mama, guerra ou homicídio. Em 2019, ocorreram mais de 700 mil mortes por suicídio, representando mais de uma em cada 100 mortes no mundo (1,3%), que resulta em uma média global de 9,0 mortes para cada 100 mil habitantes, ou seja, aproximadamente uma morte a cada 45 segundos e uma tentativa de dar cabo à vida a cada 3 segundos no mundo.

Outro destaque do relatório é que mais homens (média de 12,6 por 100 mil homens) morrem por suicídio do que mulheres (média de 5,4 por cada 100 mil mulheres). Nos países de mais alta renda, as taxas de suicídio entre os homens chegam a 16,5 por 100 mil e, no caso das mulheres, as taxas mais altas ocorrem nos países de baixa e média renda – 7,1 por 100 mil.

O relatório destaca ainda que o suicídio em países de baixa e média renda resultou em 77,0% das mortes no mundo, e que 58% dos casos ocorreram em pessoas com menos de 50 anos de idade. Entre jovens de 15 a 29 anos, o suicídio foi a quarta maior causa de morte, perdendo apenas para acidentes de trânsito, tuberculose e violência interpessoal.

No Brasil, os estudos desenvolvidos por Silva e Marcolan (2022) apontam que em 2019, a taxa de mortalidade por suicídio foi de 6,4 por 100 mil habitantes, enquanto no ano de 1996 a taxa foi de 4,3 por 100 mil habitantes. Em relação às faixas etárias, os autores registraram que a maior taxa de mortalidade por suicídio foi de pessoas com idade entre 70 e 79 anos (8,9 por 100 mil habitantes); entre 50 e 59 anos (8,6 por 100 mil habitantes); e entre 20 e 29 anos (8,4 por 100 mil habitantes).

Segundo a OMS, para cada morte por suicídio, mais de seis pessoas próximas são impactadas, entre familiares, amigos(as) ou quem presenciou o ato. Esses(as) sobreviventes são afetados(as) em diversos âmbitos da vida, quais sejam: emocional, afetivo, social, econômico, entre outros (WHO, 2014).

A OMS confirma que o suicídio necessita de maior atenção dos governantes mundiais e de toda a sociedade. Nesse sentido, promove uma campanha para que todos os países assumam como prioridade em suas agendas alcançar como meta global, indicada nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas (ODS), reduzir em um terço a taxa de suicídio no mundo até 2030. Atualmente, apenas 38 países, entre eles o Brasil, contam com uma estratégia nacional de prevenção da morte autoinfligida (WHO, 2021).

A *Lei nº 13.819, de 26 de abril de 2019*, institui em nosso país a *Política Nacional de Prevenção da Automutilação e do Suicídio*, obrigando, em seu art. 6º, a notificação compulsória de casos suspeitos ou confirmados de violência autoprovocada:

Art. 6º Os casos suspeitos ou confirmados de violência autoprovocada são de notificação compulsória pelos:

- I – Estabelecimentos de saúde públicos e privados às autoridades sanitárias;
- II – estabelecimentos de ensino públicos e privados ao conselho tutelar.

§ 1º Para os efeitos desta Lei, entende-se por violência autoprovocada:

I – o suicídio consumado;

II – a tentativa de suicídio;

III – o ato de automutilação, com ou sem ideação suicida.

O Decreto nº 10.225, de 5 de fevereiro de 2020, instituiu o *Comitê Gestor da Política Nacional de Prevenção da Automutilação e do Suicídio*, regulamentou a Lei referida e também estabeleceu normas disciplinando a notificação compulsória de violência autoprovocada. No entanto, a subnotificação de casos de suicídio no Brasil ainda é elevada, o que indica a necessidade de investimento em políticas públicas que resultem em métodos mais adequados para reduzir efetivamente as taxas do pôr fim à vida.

O fenômeno do pôr fim à vida ainda se ressentem da existência do tabu e do estigma que o acompanham desde a Idade Antiga: o silêncio sobre o ato parece que tem sido o seu companheiro mais presente. Apenas no mês de setembro de cada ano ressoa a campanha *Setembro Amarelo*, dedicada à prevenção do pôr fim à vida, iniciativa surgida nos Estados Unidos em 1994 e implementada no Brasil apenas em 2014.

A campanha é dedicada à prevenção e conscientização da sociedade sobre esse grave problema de saúde pública. Durante todo o mês de setembro, a imprensa, as mídias sociais e várias entidades do setor público e privado divulgam informações sobre os fatores de risco, como ajudar, os sinais de alerta, entre outras, no sentido de controlar e prevenir o fenômeno.

Importante ressaltar que os(as) enlutados(as) por pessoas que deram fim à própria vida, na maioria das campanhas, não são contemplados(as). Os(as) sobreviventes – familiares e amigos(as) do convívio social da pessoa que deu fim à

própria vida – têm sido cuidados(as), são ouvidos(as) e acolhidos(as)? Como os(as) enlutados(as) têm experienciado o luto durante a campanha *Setembro Amarelo*? Quais são as ressonâncias da campanha sobre os(as) enlutados(as)? Qual o impacto da divulgação das campanhas *Setembro Amarelo* pelas mídias?

Os indicadores estatísticos do suicídio confirmam o fenômeno como um grave problema de saúde pública. Os números chamam nossa atenção! Merecem reflexão, análise e cuidado da sociedade em geral, da academia, e principalmente dos(as) gestores(as) de políticas públicas.

Pode-se observar que no Brasil, de 1996 para 2019, os estudos apontam que houve um acréscimo de 48,8% no número de pessoas que deram fim à própria vida. O que fazer? Como compreender o tabu e o estigma que envolvem o fenômeno do suicídio e do luto? Como falar sobre o pôr fim à vida para livrá-lo do silêncio, do estigma e do tabu que subjazem o fenômeno? Como acolher o ato com amor e respeito à decisão do(a) outro(a) que decidiu não mais viver?

A seguir, jogarei luzes sobre o luto no Ocidente, desde a Idade Antiga até os dias atuais, para compreender como a sociedade reverenciava/reverencia os(as) seus(uas) mortos(as). Convido o(a) leitor(a) a me acompanhar.

Silêncio

Um silêncio oceânico lavou as minhas lágrimas,
Inundou o meu ser e, por muitos anos, fui metade
Um pai, um porto seguro deu fim à própria vida,
E deixou em meu peito um grito mudo de saudade.

Na cadeira de balanço, no embalo do meu sono
Recebi as primeiras lições de afeto, carinho, amor
Cresci menino, me fiz homem no outono da vida
Como cidadão, os seus modos de ser me inspiraram.

No passado as lembranças dos abraços que doou
E no saudoso coração, os seus gestos em oração.

–O Autor, *Silêncio*

2 O Jogo de Luzes Sobre o Luto no Ocidente

Oh, pedaço de mim

Oh, metade arrancada de mim

Leva o vulto teu

Que a saudade é o revés de um parto

A saudade é arrumar o quarto

Do filho que já morreu. (Holanda, 1978)

Cada período da História é marcado pela ocorrência de processos de diversas dimensões, políticos, econômicos, geográficos, sociais, culturais, entre outros, os quais produzem significados e compreensões que atravessam o ser humano ao longo de sua existência. No caso específico do fenômeno do suicídio, como narrado no Capítulo 1, “O Jogo de Luzes sobre o pôr fim à Vida no Ocidente”, a influência desses marcadores possibilitou a produção de interpretações próprias de cada época e, por óbvio, conseqüentemente, o luto também esteve/está sob forte influência desse contexto.

No dicionário etimológico da língua portuguesa, elaborado por Cunha (2007, p. 483), o termo luto vem do latim *lutus* e se traduz como um sentimento de pesar ou dor pela morte de alguém. No livro *Luto e Melancolia*, Freud (1996) define o luto como consistindo em uma reação à perda de uma pessoa querida, que provoca doloroso abatimento, perda de interesse pelos acontecimentos do mundo externo, incapacidade de eleger um novo amor, bem como desejo de afastar-se de tudo que lembra o(a) falecido(a).

Ampliando tal possibilidade compreensiva, Kovács (1992) e Botega (2015) definem o luto como a reação esperada diante do rompimento de um vínculo causado pela morte, que provoca sentimentos e reações de tristeza, angústia, preocupação, raiva, medo, irritação, entre outros.

O processo de luto desaloja a vida dos(as) sobreviventes de sua dinâmica cotidiana. Quando uma pessoa querida dá fim à própria vida, o luto é vivenciado de modo singular por cada ser humano, particularizado pelo tabu e o estigma que ainda imperam na contemporaneidade.

O pôr fim à vida de uma pessoa querida não apenas devasta a vida da pessoa que comete o ato, mas impacta igualmente várias outras vidas, que fazem parte de seu vínculo. Nesse sentido, “o suicídio parece abarcar o sofrimento individual e coletivo, pois desvela uma obrigação para que a família olhe para a sua disfuncionalidade” (Fukumitsu, 2013, p. 33).

Segundo Feijoo (2021), os estudos sobre o luto são importantes para a compreensão das especificidades do luto por suicídio, pelo tabu que envolve essa forma de morte na modernidade. O luto deixou de ser um gesto de dor pela perda e passou à categoria de patológico nos manuais. À medida que a morte passa a ser um tabu e vai progressivamente se deslocando do contexto familiar e se dirige para o “hospital como um lugar onde a vida deveria terminar, com a experiência do luto acontece a mesma coisa. Cada vez mais, o luto passa a ser um tabu e como tal deve pertencer ao íntimo” (p. 190).

Assim, voltar o olhar para o passado com um jogo de luzes compreensivo lançado sobre o modo como os(as) sobreviventes – entre familiares, amigos(as) e pessoas do entorno social daquele indivíduo que deu fim à própria vida – experienciavam o luto, favorece a compreensão das singularidades do fenômeno ao

longo da história e de como elas apontaram/apontam para as interpretações no nosso horizonte atual.

Para viajarmos numa visada de como o luto era compreendido na Antiguidade, recorreremos ao historiador francês Ariès (2012), estudioso da morte e do processo de luto, a partir da Grécia até a contemporaneidade.

O autor registra em seus estudos que até o ano 1200, o luto era espontâneo, aberto e vivenciado com enorme intensidade; mal a morte era constatada, eclodiam em seu redor as cenas mais violentas de desespero. Os mais aguerridos guerreiros e os mais nobres soberanos curvavam-se diante de seus(uas) amigos(as) ou parentes de modo histérico. O rei Artur, por exemplo, diz o estudioso, desmaiava várias vezes seguidas, batia no peito e esfolava o rosto de um jeito que o sangue escorria em jatos intensos.

Entre os anos 1201 e 1700, as manifestações do luto começaram a ser ritualizadas, já não eram espontâneas. A ritualização do luto impôs à família um período de reclusão. Afastou-a dos rituais fúnebres. As exéquias passaram a ser acompanhadas por padres, carpideiras, religiosos(as), membros das confrarias ou simples figurantes atraídos pela distribuição de esmolas.

A reclusão tinha por objetivos resguardar do mundo a dor dos(as) enlutados(as) e servir como repouso para amenizar os sofrimentos e impedir que os(as) sobreviventes, ao serem excluídos(as) da vida cotidiana, esquecessem tão rápido o(a) falecido(a).

Entre os anos 1700 e 1800, com o sentimento familiar mais presente, o luto passa a se manifestar menos como uma quarentena imposta e mais como um direito dos(as) sobreviventes. Desse modo, a espontaneidade observada na alta Idade Média volta a ser adotada. Já se permitia a participação de amigos(as) e familiares

nas honrarias fúnebres, na peregrinação aos túmulos e na exaltação à lembrança do(a) morto(a), característica do Romantismo.

Os costumes tradicionais de reclusão foram conciliados com os sentimentos de exaltação aos(às) mortos(as) e de veneração das sepulturas, no entanto, a presença das mulheres nos funerais em nada alterou a reclusão do luto. Elas se apresentavam totalmente cobertas com vestes negras, como símbolo da dor e do sofrimento.

Na Inglaterra, importava desaparecer com o corpo rapidamente, por meio da cremação. Na América, os cuidados funerários apontavam para o início de novos ritos: embalsamento do corpo para restituir-lhe as aparências da vida; exposição em um salão funerário, onde o(a) morto(a) recebia a última visita de parentes e amigos(as); enterros em cemitérios com características de parques e monumentos embelezados, visitados por familiares e amigos(as), que mais se comportam como turistas do que peregrinos(as).

A partir do ano 1900, a necessidade milenar do luto cede lugar à vergonha e à interdição, em outras palavras, o que era comandado pela consciência individual passa a ser proibido, a morte se torna o principal interdito.

Ariès (2012) comenta que a repulsa em admitir a doença ou a morte de si mesmo(a) e do(a) outro(a), o isolamento moral imposto ao(à) moribundo(a) e os avanços tecnológicos, provocaram mudanças contundentes nos processos de vida e morte; a morte torna-se um tabu e vai aos poucos se distanciando do ambiente familiar e se dirigindo ao hospital, como lugar de acolhimento do último suspiro. Por sua vez, os parentes dos(as) mortos(as) são coagidos(as) a fingir indiferença, deles(as) se exige autocontrole – era importante controlar as emoções.

Pode-se observar, nesse percurso da história, que o luto foi sendo desvalorizado à medida que a sociedade passa a cultuar a alta performance a qualquer preço. O(a) enlutado(a) esconde o sofrimento da dor para si mesmo(a), para não demonstrar fraqueza ante o imperativo da eficiência e da alta performance esperadas pela sociedade da positividade. Todos os rituais e cerimônias têm sido desprezados, assim, os gestos temporais que não pertençam à lógica da eficiência são excluídos (Han, 2021).

O veto à morte, na atualidade, estende-se também ao processo de luto. Uma lei não explícita parece recomendar que a vivência do luto deve ser discreta e insignificante perante a sociedade. Assim, na busca de “esconder a dor da perda, ocorre uma tendência a medicar esse afeto” (Feijoo, 2021, p. 194).

Gadamer (2011) chama nossa atenção para que não percamos de vista a transformação provocada pelo advento da Revolução Industrial, dos avanços tecnológicos e, por conseguinte, da ciência na experiência da morte dos seres humanos. No entendimento do autor, o imperativo da Medicina e da medicalização que se configura na contemporaneidade, visando à manutenção artificial da vida a todo custo, “transforma os seres humanos numa peça de um processo mecânico” (p. 69).

A sociedade ocidental se transformou em uma sociedade cujo sofrimento, provocado pela falta, a dor, a angústia, sentimentos próprios à vida humana é tamponado. Na sociedade paliativa em que vivemos, a fraqueza da dor passou a ser ocultada ou eliminada por meio de analgésicos (Han, 2021).

A patologização do luto se faz presente em uma sociedade que não tolera sentimentos desagradáveis e não pode desacelerar para que as pessoas processem o seu sofrimento na singularidade do seu tempo. O importante é acompanhar o

processo de luto, acolher os familiares e amigos(as) que perdem um ente querido, avaliar os riscos, os fatores de proteção e indicar as redes de apoio para que possam fazer a travessia do processo de luto com menos pesar.

No início de 2022, a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2022) incluiu os transtornos do suicídio na *Classificação Internacional de Doenças* (CID), que serve de base para a formulação das estatísticas de saúde no mundo. Em março, passou também a integrar o *Manual de Diagnóstico Estatístico de Transtornos Mentais* (DMS) da *American Psychiatric Association* (APA, 2022).

Nos dois documentos, a diferença entre luto normal e patológico segue um critério para a definição do prazo que não leva em conta a singularidade do luto experienciado por cada enlutado(a). No DSM-5, o transtorno do luto complexo é considerado luto patológico quando o(a) sobrevivente apresenta reações graves de luto persistente passados 12 meses da morte, como anseio intenso pela pessoa que morreu de modo agudo e crônico – a ponto de impedir o desempenho das suas atividades normais. Para a CID-11 o prazo é de 6 meses. Qual a finalidade de se determinar um tempo de luto, sem se respeitar a singularidade de cada um(a)? Determinar o tempo de luto atende a que propósito?

Considero importante ressaltar a dimensão do tempo no processo de luto. O modo de compreensão da experiência do luto vai além do tempo contado pelos calendários para se alinhar com o modo singular do existir humano. O luto enquanto fenômeno multidimensional se distancia do tempo cronológico. Os(as) estudiosos(as) consideram impossível precisar um período para o desenrolar do processo do luto, tendo em vista que ele é vivenciado de modo singular por cada pessoa, podendo assim durar meses, anos ou durar para sempre (Kovács, 2013; Melo, 2004). Nesse

contexto, como precisar o tempo de luto se ele é vivenciado de modo singular por cada ser humano?

Nesse caminho, Heidegger (2015a) ensina que o tempo da existência não se dá pela métrica do relógio, em fluxos contínuos de agoras. Desse modo, tudo que vem ao encontro do ser-aí no mundo se mantém no agora, o tempo também se dá no agora do encontro, como nos aponta Heidegger (2008), em sua conferência proferida em 25 de julho de 1924 para a Sociedade de teólogos de Marburgo.

Disse o conferencista: o ser-aí, ele é mesmo o tempo. E se questionou: “o que é o agora? O agora está a minha disposição? O agora sou eu? São os outros, cada um?” Para complementar, afirma em seguida: “O tempo, então seria eu mesmo, e cada qual seria o tempo. E nós, no nosso estar uns com os outros, seríamos o tempo... nenhum de nós e cada um” (p. 31).

Na direção do que aponta Heidegger, nós somos o tempo, e, em sendo tempo, importa para o ser humano o modo como cada pessoa lida e o que faz com o seu tempo. Para Barreto (2019), “o tempo, em cada momento, é a totalidade do tempo, eu sou o tempo. . . . a experiência do tempo depende do modo como eu, que sou o tempo, lido e faço o meu tempo” (p. 127). Como é para os(as) sobreviventes a experiência do processo de luto pelo pôr fim à própria vida da pessoa amada, em relação ao tempo?

No âmbito dessa visada histórica acerca de como o processo do luto foi vivenciado ao longo do tempo, importa ressaltar que o fenômeno do luto foi perdendo o seu espaço público – o uso da roupa preta que sinalizava a expressão livre da perda de um ente querido vai sendo reprimido até chegar à interdição da fala do(a) enlutado(a) sobre a sua dor. Nesse sentido, não há espaço para as expressões do sofrimento, os(as) enlutados(as) são instados(as) a vivenciar o momento de perda em

gestos solitários, assim, fechados(as) em si mesmos(as), choram as lágrimas contidas dos lugares públicos. A dor da perda não é mais compartilhada no meio social – seria vista como fraqueza da pessoa – e o isolamento passa a ser o seu companheiro mais fiel.

A experiência da dor em uma sociedade que cultua a positividade, a produtividade, o alto desempenho tampona a expressão do sofrimento e, com isso, a tendência é medicar o afeto e sobrelevar a solidão do(a) sobrevivente. O luto deixa o seu lugar de expressão singular da pessoa que perde um ente querido para tornar-se código nos manuais de doenças mentais. A quem interessa a patologização do luto? Como o(a) enlutado(a) pode ser acolhido(a) e compreendido(a) em sua dor pela perda? Como aceitar que o luto não é uma doença? Como retirar o luto da categoria da patologia e sustentar um espaço de escuta que possa acolher o fenômeno como expressão da multiplicidade de sentidos?

Apresento em seguida a revisão sistemática da literatura, realizada com o propósito de conhecer o que foi pesquisado e publicado em língua portuguesa no Brasil nos últimos 15 anos sobre o nosso tema de estudo.

2.1 Filho(a) Enlutado(a) por Suicídio de um dos Pais: Revisão Sistemática da Literatura

O luto é uma resposta natural diante do rompimento de um vínculo com um ente amado, o qual pode provocar nos familiares uma onda de impotência acentuada e causar impactos nas várias dimensões da vida humana: emocional, cognitiva, física, religiosa, familiar, social e cultural. Ao vivenciar o luto de modo singular, o(a) enlutado(a) se vê envolto(a) por variados sentimentos em seus modos de expressão,

a exemplo de raiva, culpa, silêncio, tristeza, vergonha, só para mencionar os mais frequentes.

Para sistematizar e problematizar o fenômeno do enlutamento de filho(a) de pais que deram fim à própria vida, realizei uma Revisão Sistemática da Literatura. A minha opção por esse método ancora-se em Sampaio e Mancini (2007), ao afirmarem que essa abordagem metodológica permite integrar conhecimentos já produzidos e publicados sobre determinado tema, apontando seus pontos divergentes e/ou convergentes em relação às informações apresentadas e possíveis lacunas que necessitam de maiores esclarecimentos, bem como orientar novas pesquisas.

Nesse toar, a coleta de dados foi orientada pela pergunta: o que foi publicado no Brasil nos últimos 15 anos sobre a experiência de filho(a) enlutado(a) de pais que deram fim à própria vida?

Para a busca dos estudos consultei as seguintes bases de dados: Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes); Biblioteca Virtual em Saúde (BVS Brasil); *Scientific Electronic Library Online* (SciELO); Literatura Latino-americana e do Caribe e Ciências da Saúde (Lilacs); e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), utilizando os descritores luto, suicídio, filhos, relações familiares e sobreviventes, todos indexados no Vocabulário de Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) da BVS Saúde.

As equações de busca nas bases de dados citadas foram compostas com a interseção do Boleano AND em todos os descritores: 1º descritor “luto AND suicídio AND filhos”, 2º descritor “luto AND suicídio AND relações familiares”, 3º descritor “luto AND suicídio AND sobreviventes”.

Estabeleci como critérios de inclusão nesta pesquisa os artigos, dissertações e teses publicados em língua portuguesa no Brasil no período de maio de 2010 a

maio de 2024, com resumos e textos disponibilizados na íntegra. Excluí do *corpus* da investigação documentos em língua estrangeira e que não discutissem os temas de interesse deste estudo, bem como achados publicados em domínios de acesso pago.

Defini a busca e a análise crítica dos estudos em duas etapas. A primeira consistiu na leitura dos documentos por título e resumo, e a segunda, na leitura na íntegra dos achados selecionados. Realizei a seleção dos trabalhos, enquanto dois juízes avaliaram e validaram os resultados da busca, bem como a qualidade dos documentos para a inclusão no banco de dados desta pesquisa.

Identifiquei por título e resumo 89 publicações científicas, das quais excluí 64 pela leitura dos resumos por não atenderem aos critérios de inclusão, e 15 por serem repetidas. A BDTD apresentou o maior número de achados (37), dos quais excluí, pela leitura dos resumos, 22 dissertações e 7 teses, e por serem repetidas, 2 dissertações e 1 tese. Para a leitura na íntegra, selecionei 2 dissertações e 3 teses.

O Portal de Periódico da Capes apresentou 27 achados, dos quais excluí 18 pela leitura dos resumos e 7 por repetição. Selecionei 2 artigos para leitura na íntegra.

Em Literatura Latino-americana e do Caribe e Ciências da Saúde (Lilacs) encontrei 16 estudos, e excluí 10 pela leitura dos resumos e 5 por serem repetidos. Selecionei 1 artigo para leitura na íntegra.

O SciELO apresentou 5 achados, dos quais excluí 4 artigos pela leitura dos resumos. Selecionei 1 artigo para leitura na íntegra.

Na BVS Brasil encontrei 4 estudos e excluí 2 teses e 1 artigo pela leitura dos resumos. Selecionei 1 artigo para leitura na íntegra.

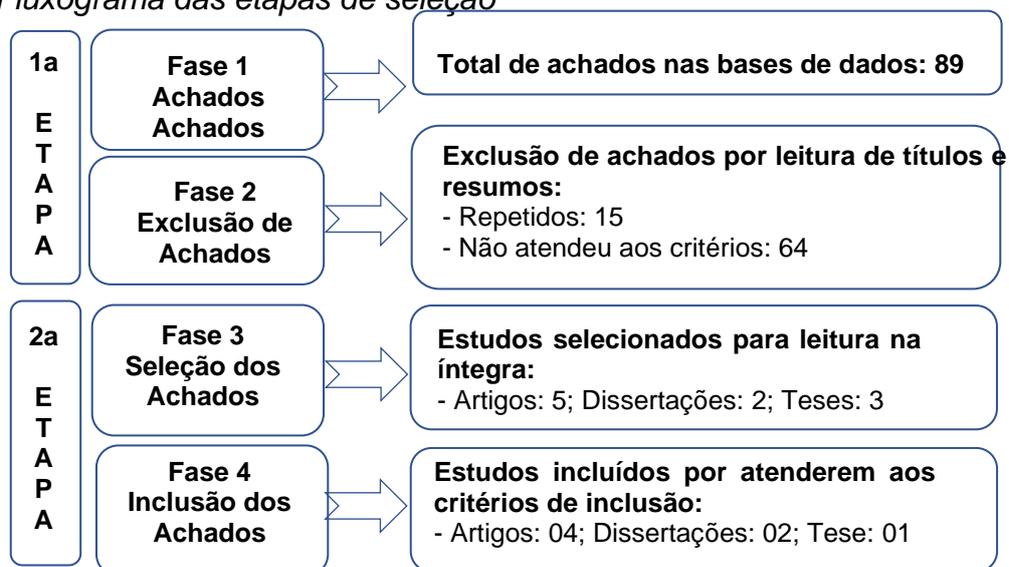
A Tabela 1 apresenta os resultados das buscas nas bases de dados citadas por descritores.

Tabela 1*Quantitativos dos achados por base de dados*

			Bancos de dados pesquisados/quantitativos					
Equações			BDTD	P Capes	BVS Brasil	Lilacs	SciELO	Totais
Luto AND suicídio AND filhos			19	08	04	04	00	35
Luto AND suicídio AND relações familiares			08	08	00	04	01	21
Luto AND suicídio AND sobreviventes			10	11	00	08	04	33
Totais			37	27	04	16	05	89

Fonte: O Autor (2024).

Na Figura 1, apresento o fluxo dos procedimentos das etapas de seleção por critérios de inclusão e exclusão.

Figura 1*Fluxograma das etapas de seleção**Fonte: O Autor (2024).*

A revisão realizada apresentou escassez de estudos desenvolvidos com a temática da experiência de filhos(as) enlutados(as) por suicídio. Os estudos encontrados, em grande parte, relacionavam-se ao luto decorrente de várias causas de morte; em outros casos, as temáticas abordadas eram bem distintas do objetivo desta revisão, tratavam de luto pela doação de órgãos, autolesão em jovens, significado da morte para profissionais de saúde, violência entre adolescentes, entre outras.

Os 10 documentos por mim selecionados para leitura na íntegra integram a área de conhecimento da Psicologia. Na Tabela 2, listo os tipos de materiais encontrados. Podemos observar que 3 das 10 produções científicas encontradas nos bancos de dados são teses de doutorado, 2 são dissertações de mestrado, e 5 são artigos.

Tabela 2

Tipos de achados nos bancos de dados pesquisados

Discriminação	Quantidades
Tese de doutorado	03
Dissertação de mestrado	02
Artigo	05
Total	10

Fonte: O Autor (2024).

No que se refere ao período de produção das publicações, de acordo com as informações que reuni na Tabela 3, verifiquei que nos anos 2010, 2012, 2015, 2017, 2019, 2021 e 2024 (até maio), nenhum trabalho foi encontrado nos bancos de dados

pesquisados. No entanto, 2022 foi o ano que apresentou o maior número de publicações (3), o que representa 30% do total das publicações encontradas (10) na revisão.

Tabela 3

Ano/Número de textos publicados

TIPO	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023	2024	Totais
Teses	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	3
Dissertações	-	1	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2
Artigos	-	-	-	-	-	-	1	-	1	-	-	-	2	1	-	5
Totais	-	1	-	2	1	-	1	-	1	-	1	-	2	1	-	10

Fonte: O Autor (2024).

Finda a composição do *corpus* da revisão, desenvolvida a partir da análise dos conteúdos dos materiais selecionados, pude atestar a escassez de trabalhos produzidos na área de conhecimento da Psicologia, principalmente quando busquei estudos conduzidos com um olhar da Fenomenologia Hermenêutica, sobre a experiência de filho(a) enlutado(a) de pai ou mãe que deu fim à própria vida, nossa temática de pesquisa.

Dos 10 trabalhos selecionados para a leitura na íntegra, excluí 2 teses e 2 artigos, por não atenderem aos critérios de inclusão.

Na Tabela 4 relaciono os 7 estudos componentes do banco de dados desta pesquisa, por título e autor, e ano de publicação, todos de conformidade com os critérios de elegibilidade.

Tabela 4

Relação de materiais a serem abordados na revisão sistemática

Título	Autor (a)	Tipo	Ano	Elegibilidade
O processo de luto do filho da pessoa que cometeu suicídio	Karina Okajima Fukumitsu	Tese	2013	Por inclusão
O enlutamento por suicídio: elementos de compreensão na clínica da perda	Artur Mamede Cândido	Dissertação	2011	Por inclusão
Autópsia psicológica: compreendendo casos de suicídio e o impacto da perda	Tatiane Gouveia de Miranda	Dissertação	2014	Por inclusão
Especificidades sobre processo de luto frente ao suicídio	Karina Okajima Fukumitsu e Maria Júlia Kovács	Artigo	2016	Por inclusão
Vivenciando o suicídio na família: do luto à busca pela superação	Kassiane Dutra et al.	Artigo	2018	Por inclusão
Suicídio: a dor dos sobreviventes enlutados	Adriane Cristine Oss-Emer Soares Alpe e Claudia Weyne Cruz	Artigo	2022	Por inclusão
Familiares de indivíduos vítimas de autoextermínio: realidade e proposta de intervenção em saúde pública	Pollyane Lizita da Silva et al.	Artigo	2023	Por inclusão

Fonte: O Autor (2024).

Considero importante realçar os principais achados de cada estudo e como podem favorecer a elaboração de uma compreensão da experiência do enlutamento de filho(a) de pais que deram fim à própria vida.

O estudo de Fukumitsu (2013) teve por objetivo compreender o processo de luto do filho(a) da pessoa que cometeu suicídio. A autora entrevistou 9 filhos(as) enlutados(as) por suicídio, sendo 3 integrantes do gênero masculino e 6 do gênero feminino. A pesquisa é de natureza qualitativa, com as unidades de significados extraídas de acordo com o método fenomenológico proposto por Edmund Husserl – adaptado por Moustakas (1994) – e compreendidas a partir da abordagem Gestalt-terapia.

Para a autora, o processo de enlutamento por suicídio envolve momentos de instabilidade. O(a) sobrevivente acredita que poderia ter salvado a pessoa, sente-se impotente por não ter percebido a intenção da pessoa de dar fim à vida e por não ter conseguido evitar a morte de seu ente querido. Compartilho da ideia de Botega (2015) de que a crise pode desencadear sofrimento existencial, com vivências de angústia e desamparo, incapacidade e esgotamento, de falta de perspectiva de solução para a questão que afeta aquele(a) que a vivencia.

A pesquisadora comenta que a partir das narrativas foi possível levantar as principais características do enlutamento de filhos(as) do pai ou da mãe: culpa, autoacusação, insegurança, raiva, vergonha, sensação de abandono e rejeição, sentimento de ter sido ludibriado(a), lesado(a) e traído(a), necessidade de abrigo e proteção, medo do desconhecido e dos sentimentos, além da lida com o estigma e o isolamento, entre outras.

Ao se sentirem ameaçados(as) pelo impacto do suicídio, os(as) colaboradores(as) relataram que, por não saberem que a morte se deu por suicídio, vivenciaram dois processos de luto: o primeiro, diante da morte; o segundo, pelo conhecimento posterior de que a morte foi por suicídio.

Relata a autora que a maioria (6) dos(as) entrevistados(as) ouviu que o suicídio não era assunto para ser falado; outros(as) sentiram que o próprio contexto familiar não permitia que o tema fosse compartilhado. Nesse sentido, a pesquisadora compreende o suicídio como a morte interdita.

Fukumitsu (2013) então levanta uma questão: qual seria a melhor idade para se elaborar o suicídio? Nesse sentido, ela pontua que independentemente da idade em que o(a) filho(a) se encontrava quando do suicídio do pai ou da mãe, tudo parece

ser muito difícil antes e depois do evento: compreender, suportar, perguntar, contar e cuidar.

A prematuridade da morte do pai ou da mãe parece ter provocado a sensação de os(as) filhos(as) se sentirem sem chão, e pode ser compreendida como um dos gatilhos para que o(a) filho(a) tenha se tornado responsável também prematuramente, por forçosamente precisar assumir a execução de tarefas como cozinhar, arrumar e limpar a casa, cuidar e acompanhar os estudos de seus(uas) irmãos(ãs).

Segundo ainda a autora, os(as) colaboradores(as) revelaram o mágico pensamento onipotente de salvar quem não podia ser salvo. A culpa e as autoacusações apareceram na maioria dos depoimentos, pois os(as) depoentes acreditam que o suicídio desafia a potência tanto da família quanto do(a) profissional que trabalha com pessoas que cometeram suicídio.

Os(as) entrevistados(as) apontaram jeitos diferentes de lidar com a culpa e com as autoacusações, tais como utilizar a culpa como forma de controle, como uma maneira de se sentirem paralisados(as) ou de depositar a responsabilidade da morte em quem ficou. Outras formas de manejo: receber apoio dos familiares e amigos(as); assegurar seu lugar de pertencimento na profissão – dos 9 entrevistados, 2 cursaram Psicologia e 3 eram estudantes de Psicologia; assegurar seu lugar de pertencimento na religião; além de fazer psicoterapia e buscar referências em outras pessoas do seu convívio.

Para alguns(umas) entrevistados(as), o segredo sobre o modo de morte do ente querido se tornou poderoso quando apenas alguns(umas) o conheciam e, assim, ficavam no poder, ou então com o peso desse conhecer. Para a autora, o não falar é uma das piores violências.

Por outro lado, relata a pesquisadora, cada colaborador(a) precisou ter coragem para buscar um novo sentido de vida. Não somente os(as) filhos(as) de pessoas que cometeram suicídio, mas também os(as) demais sobreviventes por suicídio que, em geral, parecem conviver com a constante busca para encontrar o próprio tom e ritmo de vida, por isso acredita-se que seja preciso coragem para que as transformações possam acontecer.

Concordamos com a conclusão de Fukumitsu (2013) de que não se deve generalizar os achados, uma vez que os fatores de vulnerabilidade e as potencialidades devem ser compreendidos como possíveis influências e características dos(as) colaboradores(as) de sua pesquisa e que não são as mesmas para todos(as) os(as) filhos(as) de pessoas que cometeram suicídio.

Já Miranda (2014), em seu estudo, realizou entrevistas semiestruturadas de autópsia psicológica com sobreviventes de suicídio, para avaliar os fatores clínicos, precipitadores, estressores e as motivações que contribuíram para o ato.

Sua pesquisa qualitativa com estudo de múltiplos casos contou com 4 participantes, sendo 2 filhas de um 1 pai que deu fim à vida aos 64 anos, e o pai e a mãe de 1 filho que se suicidou aos 26 anos de idade. A autora utilizou como recurso entrevistas semiestruturadas e analisou os dados com base no método clínico-qualitativo.

No primeiro caso, o do enlutamento das filhas pela morte do pai, os resultados do estudo, de acordo com a autora, apontaram alguns fatores estressores e precipitadores narrados pelas filhas como contribuintes para o ato: dificuldades financeiras, inclusive com ameaças de morte sofridas pelo pai se não pagasse a dívida, iminente perda do emprego que garantia o sustento da família, a falta de apoio dos(as) filhos(as), o arrependimento por trair a cônjuge.

Para Miranda (2014), as frustrações, as dificuldades do pai e o sentimento de humilhação pública ou de constrangimento foram evitados com o suicídio. O ato foi consumado por enforcamento, em uma árvore situada na calçada de sua casa. Comenta ainda a autora que deixar o corpo enforcado visível para todos(as) que passavam sugere desejo do pai de vingar-se da família com a exposição do suicídio. Quanto ao processo de luto das filhas, a pesquisadora registra que mesmo após 28 anos da morte do pai, ambas continuam buscando explicações, tentando compreender o que aconteceu, e ainda se culpando.

A dor que as filhas perceberam nos demais familiares demonstrava sentimentos de desespero, abatimento, agonia, aflição, angústia e remorso, além do sofrimento de modo particular da mãe, que se impôs o silêncio. Para Miranda (2014), o silêncio e o sigilo podem expressar a culpa que a família sente, mas aos quais recorre para sua proteção.

No segundo caso, o dos pais que perderam o filho por suicídio, as entrevistas ocorreram cinco meses após a morte. Para Miranda (2014), as narrativas apontaram forte dependência do filho, exigindo da mãe que o acordasse de noite para cobri-lo e dar-lhe água, comportamento depressivo e irritável. Cogitou-se a título de diagnóstico o Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade (TDAH), com predominância da desatenção.

Os pais, relata a autora, disseram que nenhum evento precipitador/estressor imediato foi percebido que tenha impulsionado o rapaz para o suicídio, embora ele externasse ser humilhante não passar em um concurso e se autorrecriminasse com raiva de si mesmo, além de demonstrar desesperança com o futuro, apesar de negar que tinha problemas.

Um dia antes do suicídio, o rapaz foi a uma festa e passou o dia bebendo com amigos(as). Para a pesquisadora, o álcool foi usado como forma de amenizar o sofrimento e, ao mesmo tempo, para aliviar a dor de ter planejado tirar a própria vida enforcando-se em seu quarto, quando todos(as) dormiam.

Miranda (2014) chegou à conclusão de que o processo de luto dos pais foi marcado por muita comoção, sentimento de culpa, abandono – distanciamento das pessoas, por não tolerarem a angústia da dor dos(as) sobreviventes –, falta de apoio, de espaço para escuta e de incompreensão acerca do “porquê” do suicídio, fatores que podem se configurar em silenciamento e produzir sintomas patológicos nos(as) enlutados(as).

Já Dutra et al. (2018) buscaram, em seus estudos, compreender a vivência da família ao perder um familiar por suicídio, a partir de uma abordagem qualitativa orientada pelo referencial da perspectiva construtivista da Teoria Fundamentada nos Dados (TFD).

Realizaram sua pesquisa por meio de entrevistas aplicadas com 20 participantes, 13 profissionais de saúde, entre 28 e 58 anos de idade, e 7 familiares enlutados(as) por suicídio, com idade entre 24 e 51 anos. O intervalo de tempo em que ocorreram os atos variou entre 4 meses e 11 anos.

Organizaram os(as) participantes em 3 grupos, sendo o primeiro composto por 9 profissionais do programa *Estratégia Saúde da Família* (ESF), o segundo por 4 profissionais do Centro de Atendimento Psicossocial (Caps), e o terceiro por 7 familiares (3 filhos, 1 esposa, 1 tia e 2 mães). A coleta de dados ocorreu por meio de entrevista intensiva.

Entre os principais resultados encontrados, os pesquisadores indicaram que num primeiro momento os familiares entram em estado de choque e ficam

desesperados com a notícia, mesmo ante as evidências de que a pessoa apresentava ideias suicidas, porque achavam que o ato não seria consumado. Relatam ainda que o desespero toma conta, e a busca por explicações levou um(a) dos(as) participantes do grupo a acreditar, de início, que a morte poderia ter ocorrido por assassinato, e não por suicídio.

Segundo os(as) autores(as), após saírem do estado de choque, os familiares se voltaram para a convivência com o sofrimento e as repercussões do suicídio, como angústia, tristeza e culpa por não terem evitado a morte, além de cobranças e julgamentos da sociedade.

Os(as) autores(as) da pesquisa informam que as principais estratégias adotadas pelos(as) entrevistados(as) para amenizar o sofrimento e retomar a dinâmica da vida foram: voltar-se para Deus, mudar de endereço para outra cidade, buscar o apoio de vizinhos(as), de amigos(as) e de profissionais, principalmente psicólogos(as).

Dutra et al. (2018) recomendam que o estudo, por ser oriundo de um único cenário, em um município do sul de Santa Catarina, com aproximadamente 30 mil habitantes, deve ser generalizado com cautela, em função das características metodológicas e das nuances da problemática pesquisada.

O artigo de Fukumitsu e Kovács (2016) apresenta um recorte de sua tese já comentada anteriormente, pois versa sobre os seus achados junto aos 9 colaboradores(as) de pesquisa enlutados(as) por pais que deram fim à própria vida.

Por sua vez, o artigo de Alpe e Cruz (2022) teve por objetivo compreender as repercussões do evento nos familiares enlutados por suicídio. A pesquisa é de natureza qualitativa, realizada por meio de entrevistas semiestruturadas analisadas pelo método de análise de conteúdo proposto por Bardin (2016), estruturado em duas

categorias: “O inominável” e “A Culpa”. As autoras entrevistaram 11 pessoas, com diversos graus de parentesco da pessoa que deu fim à vida (4 mães, 2 esposas, 2 irmãos, 1 nora, 1 pai e 1 filho).

Na categoria “O inominável”, as pesquisadoras concluíram que o impacto nos(as) sobreviventes enlutados(as) potencializa a interdição da palavra suicídio, como se a não verbalização da palavra pudesse afastar a carga emocional que desaloja o(a) enlutado(a). Alguns(umas) entrevistados(as) se referiram ao suicídio como “isso ou aquilo”; em outros casos, não encontravam uma palavra para substituir o termo suicídio. Outros(as), pelo tabu e o estigma que envolvem o fenômeno, acreditavam que falar do suicídio intensificava a dor.

Na categoria “A Culpa”, o estudo revelou que vários(as) entrevistados(as) se sentiram culpados(as) pela morte da pessoa amada, os pais pelo modo como trataram o(a) filho(a), os(as) irmãos(ãs) por rivalidades entre eles(as), os cônjuges, por se julgarem inadequados como confidentes ou prestadores de apoio. A pesquisa revelou também que os(as) sobreviventes foram responsabilizados(as) por familiares e pessoas próximas pelo ato da pessoa que deu fim à vida. Alguns(umas) sobreviventes projetaram a culpa do suicídio em terceiros, externos ao vínculo familiar, como uma forma de não depararem com ela.

Alpe e Cruz (2022) concluíram que os(as) sobreviventes que negavam o suicídio e projetavam a culpa em outras pessoas, apresentaram menos sofrimento diante da morte.

O estudo de Silva et al. (2023), de natureza qualitativa e observacional, buscou investigar os impactos psicossociais do suicídio em familiares de vítimas em uma cidade do sudeste goiano. Os(as) pesquisadores(as) entrevistaram 3 pessoas (2

mães e 1 filha), utilizando-se de um roteiro semiestruturado. A análise das entrevistas foi realizada a partir da metodologia de Análise de Conteúdo de Bardin (2016).

A pesquisa indica que os(as) entrevistados(as) mantinham níveis comuns de vínculos sociais e familiares em seus contextos. Das pessoas que deram fim à vida, uma já havia tentado suicídio por 2 vezes, na terceira fez uso de sedativo, álcool e, por fim, enforcamento. Antes dela, o seu marido deu fim à vida com uso excessivo de medicamentos. Outra estava com a condição de saúde precária para o trabalho devido à amputação da perna, então fez um corte profundo no local, que a levou a óbito por hemorragia. A terceira se enforcou na casa onde residia.

Em relação ao luto dos(as) sobreviventes, o estudo relata que uma das entrevistadas se sentia incompreendida pelas pessoas à sua volta e julgava não ter sido boa mãe. Outra apresentava sintoma de Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT) e se encontrava em tratamento com psiquiatra e em atendimento psicológico. A terceira era acompanhada pela assistência social do município onde reside.

Silva et al. (2023) concluíram que as entrevistas proporcionaram acolhimento do sofrimento dos(as) sobreviventes e propuseram que no serviço público fosse fortalecida a atenção básica e a formação de grupos terapêuticos, na tentativa de reduzir os danos causados àqueles(as) que perderam seus entes queridos por suicídio.

Da pesquisa realizada, pôde-se observar que a revisão da literatura indicou escassez de estudos sobre a experiência do luto de filhos(as) por suicídio do pai ou da mãe. Apenas 7 estudos nos últimos 15 anos trataram dessa temática nos bancos de dados pesquisados.

Importa destacar a tese e o artigo de Fukumitsu (2013, 2016), que versam sobre o fenômeno do luto de filhos (3) e de filhas (6) enlutados(as) por suicídio do pai

ou da mãe (4 pais e 5 mães). A pesquisa de certo modo contribuiu com o nosso trabalho no sentido de compreender as afetações que tomam conta dos(as) sobreviventes diante de uma morte inesperada pelo suicídio de uma pessoa amada.

Os demais trabalhos, de modo geral, oferecem uma compreensão sobre o fenômeno do luto por suicídio pelas intensas e específicas reações que provocaram nos(as) enlutados(as). Vale destacar que os resultados apresentados não são representativos de todos(as) os(as) filhos(as) enlutados(as) por suicídio. A pesquisa qualitativa não permite generalizações. O fenômeno do luto envolve multidimensionalidade, com manifestações de singularidade experienciadas por cada pessoa. Dito de outro modo, cada enlutado(a) processa o luto conforme suas características de personalidade (Oliveira & Machado, 2018).

Por sua vez, os desafios apresentados pelos(as) colaboradores(as) das pesquisas para superar o enfrentamento do luto, pelo estigma e o tabu que ainda envolvem o tema na contemporaneidade, estão alinhados com o que versa a teoria, qual seja, que o luto provoca silenciamento, isolamento, e o não reconhecimento e validação social do fenômeno (Scavacini et al., 2019).

Alguns estudos apresentam a ideia de que, ao conhecermos as causas que levaram a pessoa a dar fim à vida, podemos prevenir ou controlar o suicídio, e assim elevam a vida ao status de bem supremo, que deve ser preservado a qualquer preço. Manter a vida passou a ser um imperativo em nossa sociedade ocidental, não importam as consequências dessa manutenção para a pessoa.

Por outro lado, as pesquisas foram desenvolvidas com o intuito de identificar as explicações e as causas que impulsionaram a prática do ato, em determinismos que podem reforçar ideias moralizantes e se distanciam da mostraçãõ do fenômeno em sua singularidade.

Finalmente, a revisão da literatura apresentou limitações para a compreensão do processo de enlutamento de filho(a) de pais que deram fim à própria vida – nosso objeto de pesquisa –, fenômeno singular, que provoca dor e sofrimento existencial. Dessa constatação, consideramos que nossa pesquisa se justifica por demonstrar a necessidade de desenvolvimento de mais estudos na área da Psicologia que tratem dessa temática com um olhar fenomenológico, que acompanhe a crise existencial dos(as) colaboradores(as) de pesquisa, para aproximar-se da experiência de cada um(a) em suas narrativas, e assim criar condições de possibilidades para acolher o fenômeno em seu caráter mais originário.

Convido o(a) leitor(a), agora, para me acompanhar no traçado do caminho metódico, no qual apresento algumas lentes compreensivas da constituição do *Dasein*, local da pesquisa, dados sociodemográficos dos(as) colaboradores(as), recursos utilizados, aspectos éticos e as lentes para a compreensão das narrativas.

Caminho metódico

Sem mapas, roteiros ou destino certo

Me vejo no que vejo no caminho

Pirilampos se acendem e se apagam

Fenômeno do mostrar-se e retrair-se.

Apurei as lentes dos olhos, ver mais longe

Desnudei os ouvidos dos saberes a priori

Acalmei a mente e o coração peregrinos

Para compreender a experiência narrativa

Dos colaboradores/colaboradoras da pesquisa.

–O Autor, *Caminho metódico*

3 Caminho Metódico: Lentes de um Caminhar Fenomenológico

Vestir o tecido do abraço e pousar o olhar e a escuta,
Nos braços da sensibilidade, para ser-com-preender
O canto de todas as vozes, sem perder no caminho
A conexão da dança dos modos de poder – ser,
Em processos de vir a ser, para de si mesmo
E do outro, o que lhes afetam – acolher.

– O Autor, *Olhar e Escutar*

O caminho metódico me possibilitou ir ao campo de pesquisa com algumas lentes compreensivas da constituição do *Dasein*. O jogo começou desde antes, no momento em que decidi virar a chave dos modos de pensar que atravessavam o modo de ser engenheiro, regido pelo pensar calculante, para acolher outra possibilidade de compreender a existência humana. Em tal direção, assumi como ponto de partida não mais o pensamento tradicional, metafisicamente sedimentado das Ciências da Natureza, mas um modo novo de pensar que acolhe a compreensão existencial do existir humano. Desde lá explicitando, na situação hermenêutica, meu ponto de partida, venho me preparando para a partida principal, a ser jogada na relação dialógica com cada participante da pesquisa, buscando compreender, junto com eles(as), sua experiência como filho(a) enlutado(a) de pais que deram fim à própria vida.

Diferentemente da atmosfera que disciplina os jogos comuns, neste, entendo, aparentemente não haveria perdedores(as), tampouco empate, é possível que todos(as) ganhem nesse jogo existencial de perguntas e respostas diante das

possibilidades que podem se mostrar, no sentido de aproximar cada jogador(a) do seu poder-ser mais próprio.

A trajetória do caminho na pesquisa que subsidia a tese foi trilhada a partir das experiências narradas pelos(as) colaboradores(as) da pesquisa, em uma relação dialógico-polifônica motivada pela proposição: conte como “é para você a experiência de enlutado(a) de pai/mãe que deu fim à própria vida”.

Adotar um caminho metódico com os pressupostos da Fenomenologia Hermenêutica do pensamento de Martin Heidegger, possibilitou-me uma aproximação compreensiva da experiência dos(as) colaboradores(as) em seus modos de ser-no-mundo-com-os-outros.

Nesse passo, a pesquisa com inspiração fenomenológico-hermenêutica favorece uma aproximação compreensiva, em seu sentido mais originário, das narrativas a serem compartilhadas pelos(as) participantes da pesquisa, na companhia de Heidegger (2015a), que busca o sentido que se mostra na situação hermenêutica do pesquisado(a), em contraponto à Fenomenologia de Husserl, que busca a vida transcendental da consciência.

O(a) pesquisador(a), ao levar em consideração a compreensão como modo de aproximação (mostração) da experiência narrada, do ser do ente, distancia-se da busca de explicações, de causas, pela “impossibilidade de vislumbrar o ser pela ciência natural, a partir de premissas deduzidas por conclusões causais” (Barreto & Morato, 2009, p. 43).

Tal direção questiona a capacidade de a perspectiva tradicional de método, enquanto etapas definidas *a priori*, possibilitar a apreensão do fenômeno em sua totalidade, obtendo que “todos os métodos operam uma revelação, embora nenhum deles seja capaz de revelação absoluta” (Critelli, 2019, p. 25).

Assim, importa esclarecer que o caminho metódico adotado na pesquisa, coerente com o rigor científico exigido pela academia, comunga com o ensinamento dos gregos – *Metà-Hodós*, no qual *metà* significa “além”, “para lá”, e *hodós*, caminho. Nesse sentido, “o caminho se faz ao caminhar”, o que significa, como pontua Heidegger (2017), que não se pode indicar de antemão “o caminho que leva a algo, uma área, o caminho pelo qual estudamos um assunto”, ou de que forma o assunto “determina a espécie de caminho que a ele conduz, [e] de que maneira a espécie do caminho para o assunto permite alcançá-lo” (p. 119).

O caminho metódico, como apontado na originalidade da proposta grega, configura-se distinto do traçado linear de uma reta entre dois pontos, inspirando-se mais na trajetória da linha reta presente nos versos de Manoel de Barros (1996), definida como “uma curva que não sonha” (p. 55).

Nesse toar, esta pesquisa assume o *Metà-Hodós* como “caminho” e “estar a caminho” em companhia dos(as)-colaboradores(as)-da-pesquisa, acompanhar o fenômeno em seu mostrar-se e retrair-se, desenhando-se por rotas e trajetórias singularizadas pela experiência de cada colaborador(a), desviando-se do método adotado nas pesquisas das Ciências Naturais, o qual aponta um meio definido previamente para atingir um fim.

O método não está prefigurado, concebido, conhecido ou estabelecido por hipóteses, mas como meio para compreender o que vem ao encontro na relação dialógica com os(as) participantes da pesquisa, como “o caminho-por-meio-do-qual – o caminho, no qual nós perseguimos uma coisa-um-ente” (Heidegger, 2021, p. 513).

Nessa direção, compreendo que os fenômenos se desvelam e se retraem em seus modos de ser, como possibilidades de poder-ser, sendo o ser sempre o ser de um ente. A Fenomenologia como ciência do ser dos entes é Ontologia, e, como

método, “não caracteriza a quiddidade real dos objetos da investigação filosófica, o quê dos objetos, mas o seu modo, o como dos objetos” (Heidegger, 2015a, p. 66).

Desse modo, esse autor pontua que a partir dos objetos da Fenomenologia só se torna possível conquistar o modo de encontro com o ser e suas estruturas nos fenômenos. “Por isso também o ponto de partida das análises, o acesso aos fenômenos e a passagem pelos encobrimentos vigentes exigem uma segurança metódica particular” (Heidegger, 2015a, p. 76).

A Fenomenologia defendida por Heidegger parte da hermenêutica da facticidade, enquanto analítica da existência, e tem na experiência a via de acesso à mostraçãõ do fenômeno por si mesmo em sua singularidade. O autor nos ensina que “o próprio método de pesquisa ‘conforme *Dasein*’ não é fenomenológico, mas sim depende e é regido pela fenomenologia no sentido da hermenêutica do *Da-sein*” (Heidegger, 2017, p. 220).

Para a compreensão da experiência narrada pelos(as) participantes da pesquisa sobre o enlutamento de filho(a) de pais que deram fim à própria vida, acompanho Heidegger (1998) em sua concepção de experiência: “o experienciar é o conseguir chegar estendendo-se para e alcançando. . . . O experienciar é um modo do estar-presente, quer dizer, do ser” (p. 215). A experiência é o próprio *Dasein* em seu modo de estar-em-presença do que está presente – o ser do ser do homem. Em outras palavras, é o estar a ser de cada um(a) no exercício de algo que é ou na realização de seu existir (Borges-Duarte, 2020).

Nesse contexto, a experiência diz do “ser” *Dasein* em abertura ao que vem ao seu encontro em suas possibilidades de poder-ser, e nos aponta para o que foi experienciado pelo *Dasein*. Nas palavras de Dutra (2002), “através da narrativa podemos nos aproximar da experiência . . . e a experiência sempre nos remete àquilo

que foi aprendido, experimentado, ou seja, aquilo que em algum momento, foi vivido pelo indivíduo” (p. 372).

Desse modo, compreender a experiência dos(as) colaboradores(as) da pesquisa é apreender compreendendo o caminho que eles(as) trilharam em seus movimentos de poder-ser, na experiência de enlutados(as), projetando-se também em suas possibilidades de ainda não.

Aqui, considero relevante retomar algumas compreensões já delineadas no item anterior, a fim de explicitar o modo de caminhar, ao assumir a Analítica Existencial como fio condutor, para as interpretações que apresentarei posteriormente. *Dasein* é o ente que compreende o ser “em sua existência como possibilidade sua, de ser ou de não ser si mesmo, com o qual está concernido” (Nunes, 2010, p. 12).

Dasein é compreensão afetiva, comunicada pela linguagem, e, em sendo compreensão, já existimos numa disposição pré-compreensiva; em outras palavras, a afetividade abre a compreensão. Desse modo, a interpretação “funda-se existencialmente no compreender e não vice-versa. Interpretar não é tomar conhecimento do que se compreendeu, mas elaborar as possibilidades projetadas no compreender” (Heidegger, 2015a, p. 209).

A compreensão, como entendida pelo autor, é um existencial, é o modo como estamos lançados(as) diante de um mundo que se apresenta diante de nós e, “se junto com o ser do *Dasein* o ente intramundano também se descobre, isto é, chega a uma compreensão, dizemos que ele tem sentido” (Heidegger, 2015a, p. 212).

Esse filósofo entende que o fundamento ontológico-existencial da linguagem é a fala, e também é igualmente originária à disposição e ao compreender. Por isso a fala se acha na base de toda interpretação e enunciado. Nessa direção, o autor

pontua que “chamamos de sentido o que pode ser articulado na interpretação e, por conseguinte, mais originariamente, ainda, já na fala. [E] Chamamos de totalidade significativa aquilo que, como tal, se estrutura na articulação da fala. Esta pode desmembrar-se em significações” (Heidegger, 2015a, p. 223).

As palavras interpretação e compreensão não caminham separadas uma da outra; “siamesas”, são próprias do ser humano. Compreender (*Verstehen*) em alemão significa “entender algo”. Compreender é o próprio *Dasein*, sustenta-se na convivência de ser-com-os-outros, principalmente via linguagem e diálogo (Gadamer, 2012).

Dasein é compreensão “de início, alguma interpretação do mundo que a nós se apresenta e do qual fazemos parte. Tornar evidente a situação hermenêutica é se apropriar dessa interpretação previamente existente” (Chohfi, 2021, pp. 108-109).

Dasein, que é compreensão, já se encontra sempre projetando o poder-ser inerente em toda compreensão e, em sendo abertura, envolve toda a constituição fundamental do ser-no-mundo. A determinação do sentido “passa por um prévio estudo das estruturas constitutivas daquele único ente que de alguma maneira já compreende o sentido do ser” (Heidegger, 2002, p. 13), ou seja, do *Dasein*.

Importa reafirmar que a interpretação só se sustenta a partir do acesso à situação hermenêutica, composta por três coordenadas: um ponto de vista – “mais ou menos fixado e apropriado”; uma perspectiva – “direção de uma visada que determina o ‘como-algo’ segundo o qual se deve pré-compreender o objeto de interpretação e o ‘até-onde’ deve ser interpretado esse mesmo objeto”; e um horizonte – “delimitado pelo ponto de vista e pela perspectiva, em cujo interior se move a correspondente pretensão de objetividade de toda interpretação” (Heidegger, 2002, pp. 29-30).

O filósofo ressalta ainda que, para evidenciar a situação hermenêutica, o pesquisador deve apreender “criticamente o horizonte de sentido já sempre dado no qual se encontra o fenômeno da vida para desmascarar ou destruir os conceitos operantes na pré-compreensão desse fenômeno e devolvê-los à sua origem” (Heidegger, 2002, p. 88).

Apresento a seguir o desenho de outros passos que serão dados nesse caminhar para o encontro com os(as) colaboradores(as) da pesquisa e a análise de suas narrativas.

3.1 Local da Pesquisa

O local da pesquisa foi definido em conjunto com os(as) participantes da pesquisa. Três encontros se deram presencialmente e dois de modo remoto pela plataforma *Google Meet*. Todos os devidos cuidados para atender aos preceitos éticos e de sigilo foram adotados. Os(as) entrevistados(as) estão localizados nos estados da Bahia, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte e Pernambuco.

Os diálogos com Nádia, Anelí e Atári foram presenciais, e os mantidos com Dálva e Flóra ocorreram por meio da plataforma *Google Meet*. Esse é o horizonte contemporâneo, atravessado pelo destinação epocal da Era da Técnica, no qual a tecnologia se impõe em todos os âmbitos de nossas vidas. Não temos como deter os seus tentáculos, mas podemos perguntar: como utilizá-la sem que sejamos dominados pelo seu fascínio mágico?

Embora reconheça a entrevista *on-line* como um outro modo de fazer pesquisa, percebi limitações no que diz respeito ao encontro de corpos. Senti falta dos gestos e expressões corporais, que não puderam ser observados, como por exemplo, os

gestos das mãos, dos pés, o modo como se sentaram as colaboradoras que participaram da entrevista por meio da plataforma digital, linguagens corporais vistas apenas no presencial.

3.2 Os(as) Participantes da Pesquisa

Inicialmente, considerando a proposta metódica da Fenomenologia Hermenêutica, partimos do pressuposto de que 4 colaboradores(as) de pesquisa, narrando suas experiências de enlutados(as), contribuiriam significativamente para a compreensão dos modos de abertura afetiva possíveis enquanto disposições para “sentir” determinada experiência. O campo nos possibilitou acolher 5 colaboradores(as) da pesquisa.

Para o encontro com os(as) colaboradores(as), busquei indicações junto a amigos(as) e psicólogos(as) clínicos(as). Entrei em contato com 9 pessoas, sendo 5 do gênero feminino e 4 do gênero masculino. Dessas, 5 aceitaram colaborar com a pesquisa.

Das 5 mulheres, 1 estava em luto recente, e não se sentiu preparada para falar sobre o suicídio da mãe, as outras 4 aceitaram de pronto. Dos 4 homens contatados, inicialmente 3 aceitaram participar da entrevista, desistindo posteriormente por diversas razões: um por estar próximo do aniversário do pai e acreditar que as lembranças lhe trariam sofrimento, outro por estar sem tempo, e o terceiro por não dispor de detalhes do suicídio. Este último sugeriu que eu entrasse em contato com um irmão que morava com o pai, razão pela qual teria mais condições de falar sobre o assunto.

Em meu diário de afetações registrei algo que ocorreu no encontro com as duas primeiras colaboradoras da pesquisa. Saí das entrevistas com os nomes de Nádia e Anelí na mente. Pesquisei o que significavam: Nádia – espírito de luz, fidelidade pelo afeto, grande capacidade de trabalho; Anelí – ousadia, espírito combativo, força de vontade. Uau! Os nomes representavam as minhas entrevistadas. Fui para as demais entrevistas com a expectativa de também sair delas com os nomes fictícios definidos. Nenhum nome me veio. No meu diário de afetações, anotei:

Talvez eu tenha inibido os fenômenos que me fizeram chegar aos nomes fictícios das duas primeiras entrevistadas. Quando fui para as outras entrevistas com a expectativa de que os nomes surgissem, nada aconteceu. Parece que o fenômeno não gosta da racionalidade, da intenção que busca a colheita, mas anda de mãos dadas com o ócio que contempla, que não tem expectativa do que vai encontrar no caminho, no campo. Aguarda, e por aguardar, o fenômeno se revela, se mostra em si mesmo. Os demais nomes escolhi buscando semelhança com as características de cada participante.

Considero importante esclarecer ao(à) leitor(a) que todos os nomes dos(as) participantes da pesquisa são fictícios, e que optei por acentuá-los, contrariando o que recomenda a gramática da língua portuguesa, pelo desejo de reconhecer e acolher as singularidades de cada um(a) como coautor(a) desta tese. Em outras palavras, trata-se, para mim, de pessoas muito especiais, por isso merecem destaque: Nádia, Anelí, Dálva, Flóra e Atári.

Todas as conversas foram gravadas, transcritas e enviadas a cada colaborador(a) para que verificassem se estavam fiéis aos nossos diálogos e dissessem se gostariam de ajustar o conteúdo, caso achassem necessário. Em

resposta, os(as) colaboradores(as) afirmaram que as transcrições reproduziram o que ocorrera nas entrevistas.

A Tabela 5, a seguir, apresenta os dados sociodemográficos dos(as) colaboradores(as) da pesquisa.

Tabela 5

Dados sociodemográficos dos(as) colaboradores(as) da pesquisa

Names Fictícios	Profissão	Idade do(a) Sobrevivente	Gênero	Estado civil	Religião	Número de Filhos(as)	Número de irmãs(as)	Estado	Enlutado de pai ou mãe	Tempo de luto	Idade do pai/mãe no ato/ano	Idade do enlutado(a)	Datas das entrevistas 2023
Nádia	Engenheira	47	F	C	Católica	2	1	PE	Pai	31	44/1992	16	19.04
Anelí	Psicóloga	42	F	C	Católica	2	5	BA	Pai	13	56/2010	28	25.04
Dálva	Psicóloga	27	F	C	Católica	1	1	PI	Pai	03	60/2021	23	26.05
Flóra	Arquiteta	45	F	C	Não tem	1	1	CE	Mãe	38	35/1985	07	12.06
Atári	Comerciante	50	M	S	Católica	0	8	RN	Pai	06	73/2016	44	04.07

Fonte: O Autor (2024).

3.3 Recursos Utilizados para a Produção de Dados

Agindo de forma coerente com o rigor descritivo de uma pesquisa fenomenológico-hermenêutica “fecundada” nos pressupostos da Fenomenologia Hermenêutica de Martin Heidegger, utilizei, no caminho metódico e nos objetivos do estudo, recursos que dialogam entre si, quais sejam: o diário de afetações e a entrevista narrativa.

As entrevistas ocorreram como mencionado, nos modos presencial e remoto na plataforma de videoconferência *Google Meet*. A entrevista *on-line* sincrônica se deu em uma sala de bate-papo com o(a) colaborador(a) e o pesquisador, em uma relação dialógica num jogo de perguntas e respostas (Flick, 2013).

O diário de afetações foi um dos meus companheiros de jornada. Nele registrei, a partir da experiência vivida, os acontecimentos, des-acontecimentos, reações, afetações, inquietações, reflexões, dificuldades, obstáculos, além das minhas tonalidades afetivas durante o percurso da tese.

O diário de afetações consiste em qualquer meio no qual o(a) pesquisador(a) registre suas percepções e inquietações sobre as narrativas, bem como os sentidos que podem emergir na relação dialógica com o(a) entrevistado(a) durante a pesquisa.

Holly e Altrichter (2015) pontuam a importância do diário na pesquisa para a compreensão da experiência vivida. Para autor e autora, “os diários são necessários em qualquer tipo de pesquisa no qual uma pessoa ou grupo tenta compreender a experiência, o olhar do observador é uma variável na investigação” (p. 83).

Assim, no diário de afetações registrei as experiências férteis de saber-dizer: sílabas, palavras e páginas para compor em gestos de escrita a contação de história da experiência vivida pelos(as) pesquisador/colaboradores(as) da pesquisa em co-criação da presente tese.

Outro recurso de que me vali foi a entrevista narrativa, como possibilidade para acessar a experiência dos(as) colaboradores(as) da pesquisa. Na entrevista narrativa, os(as) colaboradores(as) são instados a narrar a sua experiência a partir de uma proposição, com o objetivo de demarcar o campo de interesse da pesquisa.

Assim, os(as) colaboradores(as) foram convidados(as) a contar suas experiências na forma de uma narrativa, e o pesquisador, por sua vez, absteve-se de fazer intervenções diretivas ou avaliativas no decorrer do diálogo (Flick, 2013). Na entrevista narrativa, o(a) entrevistado(a) é solicitado(a) a narrar a história de certa área de interesse experienciada, de improviso (Hermanns, 1985, como citado em Flick, 2013).

Para a compreensão do sentido de narrativa assumido nas entrevistas, acompanho o filósofo e ensaísta alemão Walter Benjamin (1994), para quem o narrar cria condições de possibilidades para que o(a) colaborador(a) entre em contato com a sua experiência, com a sua tradição, e mantenha uma relação dialógica com o pesquisador ou o(a) leitor(a), porque “quem escuta uma história está em companhia do narrador, mesmo quem lê partilha desta companhia” (p. 213).

Benjamin (1994) pontua ainda que “a narrativa é uma forma artesanal de comunicação. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele” (p. 203), assim, a marca do(a) narrador(a) fica impressa na narrativa, como a mão do(a) oleiro(a) na argila do vaso. A narrativa dispensa a mera emissão de informação, em outras palavras, distancia-se do modo de comunicação de uma notícia jornalística, porquanto “não está interessada em transmitir o puro em si como uma informação ou um relatório” (p. 205).

A narrativa tem a dimensão de um acontecimento sem fim, “pois um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois” (Benjamin, 1994, p. 37).

Assim, a narrativa se reconstrói à medida que é narrada. Acompanho tal pensamento quando esse autor diz que “quem escuta uma história está em companhia do narrador; mesmo quem a lê partilha dessa companhia” (p. 213).

Dutra (2002) aponta que Benjamin, em seu modo de ver a narrativa, reconhece-a e a legitima como expressão de uma dimensão fenomenológica e existencial, pois, de certo modo,

o ato de contar e ouvir uma experiência envolve um estar-com-no-mundo, uma relação de intersubjetividades, que se dá num universo de valores, afetos, num

passado que se articula com o presente e apoiado numa situação que reflete, revela, conserva e transcende o mundo em que esses personagens estão inseridos. (p. 374)

Na entrevista narrativa em uma perspectiva fenomenológica, cabe ao(a) pesquisador(a), enquanto ouvinte, recolher a narrativa da experiência do(a) participante da pesquisa, ao mesmo tempo que busca compreender o sentido do que se vela e desvela do fenômeno. Isso tudo inspirado(a) pela vontade de compreender, de se colocar menos como um(a) analisador(a) à cata de explicações e mais como um(a) recolhedor(a) da experiência narrada (Schmidt, 1990).

A narrativa conecta cada um à sua experiência, à do(a) outro(a) e à do antepassado, misturando o pessoal e o coletivo de forma democrática ou, mais precisamente, “da única maneira possível para que uma prática social seja democrática – fazendo circular a palavra, concedendo a cada um e a todos o direito de ouvir, de falar e de protagonizar o vivido e sua reflexão sobre ele” (Schmidt, 1990, p. 51).

A entrevista narrativa buscou proporcionar uma relação dialógica pesquisador/participante, a exemplo da arte do(a) tecelão(ã) que, em seu ofício, ao tecer os fios e as tramas transversais em teias longitudinais, produz belas roupagens coloridas. Em nosso caso, motivada por uma proposição desencadeadora do diálogo – conte a sua experiência de enlutado(a) de pai/mãe que deu fim à própria vida –, a compreensão dos sentidos revelados e desvelados, tecida durante a análise das narrativas, abriu possibilidades para a produção de novas roupagens do existir de cada participante/pesquisador.

Desse modo, como pesquisador pude escutar a música que afinou a narrativa da experiência de cada colaborador(a), alimentado pela disposição de compreender

os sentidos que dela se mostraram e se retraíram, deslocando-me de buscar explicações, como faz o(a) investigador(a) forense em seu ofício de escuta do(a) investigado(a), para me aproximar da experiência dos(as) colaboradores(as) da pesquisa.

Como bem indicam Chohfi e Provinciatto (2023, p. 60),

A motivação para investigar tal temática por essa ou aquela via reside na história daquele/a que pesquisa. Portanto, quando se pesquisa a partir dessa perspectiva, não se busca neutralizar a presença de quem investiga: esse é metodicamente exposto como parte de tecido distendido e descrito.

Na relação dialógica com os(as) participantes, o foco não estava voltado para a compreensão do “porquê” ou do “quê” do fenômeno – perguntas que demandam explicações. Buscava o “como”, que favorece o mostrar-se do fenômeno descrito por cada colaborador(a) com todas as suas nuances afetivas e poder, nesse caminho polifônico, ou seja, compreender a situação hermenêutica do pesquisador e dos(as) colaboradores(as) e, assim, realizar um mergulho exploratório, descritivo e interpretativo no fenômeno em estudo.

3.4 Aspectos Éticos

A tese foi desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco – Unicap e registrada no Certificado de Apresentação de Apreciação Ética – CAAE sob o nº 67840623.1.0000.5206, sob a orientação da professora doutora Carmem Lúcia Brito Tavares Barreto. Os critérios éticos da pesquisa de campo foram submetidos e aprovados pelo Comitê Científico de Pesquisa da Universidade Católica de Pernambuco – Unicap, em 31 de março de

2023, com o Parecer nº 5.978.144, assim expresso em suas conclusões: “A pesquisa é inovadora, trata de temática muito sensível e pouco explorada. Está bem formulada em todos os seus segmentos”.

Todos os devidos cuidados para atender aos preceitos éticos e de sigilo foram adotados. Elaboramos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido –TCLE (ver Apêndice A), o qual permitiu aos(às) participantes da pesquisa o direito de desistir do estudo a qualquer hora, bem como ofereceu garantia de sigilo dos dados e atenção especializada para os possíveis riscos que a pesquisa pudesse gerar, e a possibilidade de se beneficiarem dos resultados esperados do estudo.

Antes do início das entrevistas, o TCLE foi apresentado aos(às) participantes do estudo com a finalidade de esclarecer os objetivos, procedimentos, direitos e possíveis riscos da pesquisa. Após o esclarecimento das dúvidas, foi solicitada de cada colaborador(a) a assinatura do documento em duas vias: uma foi entregue ao(à) participante e a outra ficou sob a guarda do pesquisador.

3.5 Análise das Narrativas: Lentes para a Compreensão

As narrativas dos(as) participantes da pesquisa foram compreendidas a partir de uma orientação metódica proposta pela Fenomenologia Hermenêutica de Martin Heidegger, com realce para a situação hermenêutica.

Em tal direção, importa situar o método como caminho metódico, alcançando-o como possibilidade compreensiva do fenômeno em estudo em uma determinada circunstância, e não como mero instrumento visando à obtenção de explicações e à delimitação de situações e fatos.

A compreensão como existencial é constituinte dos modos de poder-ser *Dasein*, lançado no mundo com os outros entes. Como existencial fundamental, é concebida como modo fundamental do “ser” do *Dasein*. Nessa perspectiva, não deve ser interpretada como possível “esclarecimento” de um modo possível de conhecimento.

Após tais esclarecimentos, importa explicitar que buscamos assumir as coordenadas, já aqui indicadas, que a situação hermenêutica proposta por Heidegger no *Relatório Natorp* sugeria.

A situação hermenêutica, ao ser evidenciada, ajudar-nos-á a compreender os sentidos que se mostram nas narrativas dos(as) colaboradores(as) ao narrarem suas experiências de filhos(as) enlutados(as) por pais que deram fim à própria vida.

Ao acompanhar o campo com as coordenadas “se tornam mais evidentes as transformações que acontecem nas conversas que se têm ao longo do caminho a partir do olhar que reconhece no outro . . . seu próprio *ponto de vista*, sua própria *perspectiva* e seu próprio *horizonte*” (Chohfi & Provinciatto, 2023, p. 61).

Assim, para me aproximar da situação hermenêutica, foi importante inicialmente compreender o meu ponto de partida, já que tornar evidente a situação hermenêutica de quem pesquisa possibilita distinguir a situação hermenêutica do(a) colaborador(a) com quem se conversa no campo.

Por considerar a necessidade de clareza suficiente da explicitação própria da situação hermenêutica como modo de sustentar o conteúdo interpretado, importa que eu fique atento à situação hermenêutica de cada participante: o ponto de vista, a perspectiva e o horizonte de cada colaborador(a) da pesquisa, mostrando-me aberto para acompanhar os movimentos do jogo dialógico e as mudanças de perspectivas que aconteceram nos gestos do des-ocultar-se e ocultar-se do fenômeno.

Considero também importante ressaltar que ambas as situações hermenêuticas constituem o campo da pesquisa, não havendo superposição nem junção das partes. As coordenadas da situação hermenêutica permitem indicar a situação hermenêutica do pesquisador e daquele(a) que contribui para o campo da pesquisa.

Por fim, horizonte, em Heidegger (2002), é compreendido, como já vimos, por um ponto de vista e uma perspectiva, sendo o interior no qual se move a correspondente pretensão de objetividade de toda interpretação. Nessa direção, as minhas interpretações buscaram acolher a minha situação hermenêutica e a de cada colaborador(a), ciente de que cada interpretação se funda na explicitação do ponto de vista, da perspectiva e do horizonte. Ciente, também, de que em cada interpretação, o compreender apropria-se, compreendendo, do compreendido, movendo-se na direção de uma totalidade conjuntural já compreendida. Desse modo, a interpretação não é nunca conceber o dado sem pressupostos, mas encaminhar possibilidades de sentido com o que se mostra no que é articulado pela interpretação compreendente.

A seguir, apresento ao(à) leitor(a) uma tecitura em gestos de escrita sobre o entrelaçado das tramas de sentidos que emergiram das conversas com os(as) colaboradores(as) da pesquisa, entremeada por diálogos com os(as) teóricos(as) que me acompanharam durante o percurso e pelos registros em meu diário de afetações, num jogo polifônico-hermenêutico do vai e vem de perguntas e respostas, para compreender a experiência de filho(a) enlutado(a) de pais que deram fim à própria vida.

Pesquisa-dor

Ao pesquisa-dor no encontro, o que nos cabe suspender?

Esvaziar-se, cultivar não-saber no diálogo com o colaborador.

Fugir da evidência pura e simples dos ouvidos e dos olhos

Abrir os ouvidos dos ouvidos para um atencioso escutar

Abrir os olhos dos olhos para ver mais longe, compreender

O ponto de vista, a perspectiva e o horizonte, pela narrativa
do som das palavras e pela voz dos gestos em seu dizer.

Paciência em companhia-do-narrar-dor, esperar que se mostre

Da narrativa do sobrevivente pelo pôr fim à vida, como ele vivenciou.

–O Autor, *Pesquisa-dor*

4 O Tecer Polifônico: Diálogo com os(as) Colaboradores(as) da Pesquisa

Neste capítulo, apresento o diálogo com cada colaborador(a) da pesquisa e teço compreensões de suas narrativas, como dito antes, a partir das lentes dos pressupostos da Fenomenologia Hermenêutica de Martin Heidegger, com atenção à situação hermenêutica do pesquisador/pesquisado(a).

Fiquei me perguntando: como cheguei até aqui? Talvez o(a) leitor(a) também esteja às voltas com essa questão. No meu diário de afetações registrei:

Não tenho nenhuma ideia do que irei encontrar. Não tenho nenhuma ideia de como vou terminar a tese. E tem fim? Ou abre para novas possibilidades? Espero que sim! O meu maior medo é que fique sendo mais uma sem ter vida, entregue às traças. Ora, ora... depende de quem? Senão de mim mesmo para colocar em prática os aprendizados e continuar aprendendo? (Pesquisador, 2024)

As narrativas das colaboradoras e do colaborador, quando inseridas em um parágrafo, serão apresentadas entre aspas e em itálico. As cidades onde moram não foram identificadas por questões de sigilo.

Convido você, leitor(a), para me acompanhar no diálogo com as colaboradoras e o colaborador da pesquisa.

4.1 Dialogando com Nádia

A minha primeira entrevista foi com Nádia. Fui para o encontro apreensivo, um frio na barriga tomou conta de mim. Cheguei ao local combinado uma hora antes para me apropriar do espaço, apesar de já o conhecer – nele, participo de um grupo de

leitura sobre Heidegger. Agora a perspectiva era outra, estaria no ambiente como pesquisador.

Sentei-me em cada uma das cadeiras da sala de atendimento clínico, gentilmente cedida pela minha orientadora. Escolhi uma delas, aquela em que senti a melhor atmosfera de acolhimento. Os pensamentos borbulhavam. Como será a entrevista? Como acolher a emoção de estar nesse lugar? Como a entrevista me afetará por ser enlutado de pai que deu fim à vida? Fiz uma oração!

A colaboradora da pesquisa chegou no horário marcado. Inicialmente relembrei como seria o processo da entrevista e revisitamos o TCLE para sanar dúvidas. Solicitei a Nádia que contasse a sua experiência de filha enlutada de pai que deu fim à própria vida. Ela acomodou a postura na cadeira e, com as mãos livres, gesticulando, começou assim:

Se você me permite, eu vou abranger até um pouco mais do assunto e você vai entender. Você vai entender o motivo. . . . Só que a história começa um pouquinho antes e termina um pouco, bem, bem, um tempão depois.

Fiquei me perguntando, como assim? Como se deu o fim à vida do pai de Nádia que abrange um tempo antes e um tempão bem depois? O que ela estaria querendo dizer em relação ao tempo? Para qual horizonte aponta com essa introdução de sua narrativa? Vamos seguir!

Ela continuou apresentando dados da família. Os avós paternos entregaram para o mundo 10 filhos(as). Logo após o casamento do pai, a avó morreu. O pai era o mais velho dos(as) 10 irmãos(ãs) e sentia-se responsável pelos(as) irmãos(ãs) mais novos(as). Tinha uma personalidade muito fechada, não só o pai, também o avô, e *“muitos da família, inclusive eu, a personalidade de muito fechado, de não se abrir, muito calado, de não falar sobre sentimentos, sobre algumas coisas, então meu pai*

se viu como um responsável pela casa". Ela se identifica com o pai, por ser a filha mais velha e pelos modos de ser. Aponta para uma tradição familiar de que o(a) filho(a) mais velho(a) tem a missão de assumir as responsabilidades da casa e para com os(as) irmãos(ãs).

Nádia segue com a sua narrativa e conta que, em 1987 ou 1988, não lembra exatamente o ano, a sua tia com apenas um ano de diferença de idade do pai, adoeceu de câncer e ficou literalmente à beira da morte. Morava em Cuiabá, veio para Recife, foram meses de tratamento.

No Natal de 88, 89 minha tia tava praticamente morta... todo mundo se preparando para despedida... por um milagre, tá viva até hoje, isso fez parte de um processo de luta e de peso em cima de todo mundo.

Fiquei me perguntando, será que ela estaria estabelecendo uma relação de causa e efeito entre a morte do pai e a quase morte da tia? Para qual perspectiva ela aponta ao narrar o "estado" de quase morte da tia? A tia que estava para morrer continua viva. Aquela frase que Nádia falou no início de nosso diálogo parece querer trazer algo que ainda não se desvelou. Fiquei me perguntando, como vai terminar essa história? Será que tem um fim?

Nádia continua a descrever o histórico dos acontecimentos. Em janeiro de 1992, a sua tia e madrinha, solteira, sem filhos(as), saiu para trabalhar e não voltou.

No outro dia a empregada chegou, a casa vazia, a cama dela não tava, não tinha sinais de que ela teria estado em casa e saído cedo e aí começou aquele negócio, cadê [cita o nome da tia], alguém sabe?

Segundo Nádia, as perguntas borbulharam:

Ela ligou para alguém? Ela avisou que não ia dormir em casa? Começou, começou, começou, procura, procura, procura e nanranranananana, resultado,

minha tia entrou em um hotel [cita o nome] e se enforcou no banheiro em 30 janeiro de 92.

Ela não sabe o motivo, não encontra explicações para o ato da tia, “*e foi aquele baque na família, por quê? Qual é o motivoooo? Ela não disse nada, ela não deixou nada, ela não falou nada, ninguém notou nada*”. Tomada pela angústia, Nádia desvela como está em seu modo de ser. Ela é acompanhada pela dor da morte da tia e, por não ter explicações para o ato, a angústia que a acomete poderia lhe possibilitar a apropriação do modo como está sendo no mundo em que vive, na esteira da indicação de Heidegger (2015a) de que a angústia possibilita abrir *Dasein* no modo da propriedade e desvelar seu próprio ser-no-mundo.

Nádia continua a sua narrativa, traçada por uma linha do tempo de acontecimentos que foram ao seu encontro. Disse que o pai trabalhava em uma empresa de computadores e sempre viajava para fazer cursos fora do Recife. Bem no período de seu aniversário, uns 10 dias após a morte da tia, ele estava com uma viagem marcada para os Estados Unidos.

Para surpresa de Nádia, pouco antes da viagem, ele comunica que ela, sua irmã e a mãe também iriam. O pai seguiria na frente e as três se encontrariam com ele 15 dias depois para um passeio na Disney e em Miami, como presente de aniversário de seus 15 anos. Nas palavras de Nádia, “*a viagem foi maravilhosa, nada deu errado, tudo perfeito, sabe aquela coisa assim, que não deu nada errado do começo ao fim*”.

No retorno ao Brasil, a família retoma a dinâmica do dia a dia: acorda de manhã, o pai a leva para a escola e segue para o trabalho, no caminho combinavam como seria a volta para casa. Em um dia do mês de março de 1992, ele disse que não levaria as filhas para a escola. Foram de carona. Ela disse:

A gente antes de sair de casa sempre combinava de manhã para saber como seria a volta para casa. Ele falou, hoje eu não consigo levar vocês. Eu arrumei carona. A volta para casa nesse dia não me recordo como seria, eu sei que a gente foi para a escola, cada uma para escola e ele pro trabalho.

Nesse dia, o coordenador do colégio, no meio da manhã, foi à sala de aulas e chamou Nádia, pediu-lhe para pegar os livros e disse que um familiar viera buscá-la. De imediato ela pensou que tinha acontecido algo com o tio, que estava com aids. Vamos ouvir Nádia:

No meio da aula, no meio da manhã, 10 horas, não me lembro, o coordenador da escola chega e me chama na porta da sala. . . . disse que queria falar comigo, que eu pegasse meus livros, tinha um familiar meu que ele tinha, ehh, vindo me buscar. Na hora pensei, eu tava com um tio meu, irmão do meu pai, que tava com aids, e aids, aqueles altos e baixos, aquele dia que a pessoa tá bem, tem dia que a pessoa tá mal, e eu só pensei no meu tio que tinha piorado, só pensei nele. Peguei meus livros, fui com o coordenador até a sala lá de atendimento, né? Resultado, cheguei lá, tinha uns dois colegas de meu pai, do trabalho, uma moça e um rapaz, que eram sempre os mesmos, né?, desde que nasci. Aí eu vi que não era com o meu tio, porque se fosse com o meu tio provavelmente alguém da minha família iria, e não essas duas pessoas do trabalho, e aí me disseram [cita o nome dela], seu pai foi atender um cliente, sofreu um acidente de carro, e sua mãe pediu pra gente vir buscar você.

Nesse momento, ela parece ter um pressentimento do ocorrido, “*algo me dizia que não era só aquilo*”. O que teria levado Nádia a ter esse pressentimento? Tudo parecia estar bem! Mais um acontecimento se instala no existir de Nádia.

Ao chegar em casa, viu a mãe sentada na cadeira de balanço. Ela não esperou pela notícia do que acontecera com o pai e vaticinou para si mesma: *“quando vi minha mãe daquele jeito, entendi que meu pai tinha morrido”*.

Nádia não se recorda de como lhe fora dada a notícia. Teve um apagão de memória, um bloqueio – estado de choque. O impacto da notícia impediu Nádia de recordar como se sentiu no momento da notícia: *“você tem algo que, né?, a sua memória apaga”*. Quem apagou a memória de Nádia? Sobre os modos de esquecimento, Heidegger (2021) pontua que algo não foge dele, mas ele deixa que fuja, e *“esse deixar fugir acontece de tal modo, que eu cada vez mais me imiscuo em algo diverso, para que aquele elemento desagradável me escape”* (p. 651).

Depois de algum tempo, contaram para Nádia como se deu a morte do pai. Em algum momento do dia, ele falou para um(a) amigo(a) da sala de trabalho que ia tomar café e resolver alguma coisa. Saiu da sala. Escutaram o barulho da porta de emergência sendo acionada. Um alarme tocou. A central percebeu, foram ao local, nada viram. Um vigilante, depois de certo tempo, encontrou o corpo.

Nesse momento da entrevista Nádia se emociona, sua voz expressa tensão, ela não encontrou um motivo, uma causa para o ato, busca diversas explicações e se questiona se o pai deu fim à vida por sentimento de culpa de não ter ajudado a irmã. Nas palavras de Nádia:

Ele abriu a porta do terceiro andar e daí ele pulou. Motivo concreto também não se sabe, não sei. Ele não deixou nada escrito pra gente. . . . Aí aquilo foi começando na cabeça, ah, era uma crise conjugal, ah, era um problema financeiro, ahhh, e assim, crise conjugal não era, problema financeiro nunca foi, graças a Deus, e a gente tinha acabado de voltar de uma viagem maravilhosa, né? Aííí começa a se pensar, né?, ah, será que pelo fato dele

sempre se sentir o responsável pela família? A irmã dele tinha falecido e ele não, não pôde ajudar a irmã, não conseguiu ajudar a irmã, ele se sentia culpado por isso? A gente não sabe, né?, a gente não sabe.

Nádia acabara de chegar de uma “viagem maravilhosa” com os pais e a irmã, momentos de felicidade em família, e pouco tempo depois, de repente, depara com o ato do pôr fim à vida do pai. Ela sente a necessidade de encontrar o motivo e aventa um sentimento de culpa como possibilidade em sua busca de compreender a atitude do pai. Lembro dos versos de Vinicius de Moraes (1960), que podem espelhar esse momento delicado e doloroso de Nádia:

De repente do riso fez-se o pranto
Silencioso e branco como a bruma
E das bocas unidas fez-se espuma
E das mãos espalmadas fez-se espanto.

A tia e o pai estavam aparentemente bem, para todos(as) do círculo de relacionamento dos dois. Nádia mais uma vez se defronta com um acontecimento trágico na família. Busca explicações, especula se a morte da tia influenciou o ato do pai. Em nenhum momento durante a entrevista, até então, ela consegue elaborar os sentimentos que tomaram conta de si. Continua relatando vivências e buscando explicações para os acontecimentos.

Como obtermos respostas para algo que não se pauta por causa e efeito? Como compreender um fenômeno de causas multifatoriais? Seria possível obter explicações para um ato que diz da singularidade do existir de quem decide dar fim à vida?

Voltemos então a Nádia. Ela estava com 16 anos, preparando-se para prestar o vestibular no ano seguinte, sua irmã tinha apenas 12 anos, e a mãe se via abalada

pela morte do marido. Ela se sentiu responsável para cuidar delas, era filha mais velha,

Tinha eu 16 anos e minha irmã, que tinha 12 na época, então assim, meio que eu nunca precisei graças a Deus deixar a escola nem nada para precisar trabalhar, né? A aposentadoria que minha mãe recebia na época e ajuda da família foram suficientes para suprir nossas necessidades mínimas, né? Mas aquele negócio como mais velha fica, vem aquele peso de que assim minha mãe, coitada, tá totalmente abalada, sem chão, né?, o que fazer? E minha irmã, uma criança de 12 anos, daí minha mãe sempre diz que eu sempre tive a cabeça muito mais além da idade, minha mãe sempre dizia, eu tenho que puxar as rédeas para você, e para sua irmã eu tinha que mandar ela pisar no acelerador, porque senão ela não vai, né? Então querendo ou não veio aquele negócio e agora, né?, minha mãe desse jeito, minha irmã, uma criança ainda que brincava de boneca, né?, eu já preparando para passar no vestibular do ano seguinte.

Filha primogênita, em plena adolescência – transição entre a infância e a fase adulta –, caracterizada por mudanças físicas, psicoemocionais e sociais, em formação de seu modo singular de existir no mundo; além de ter que lidar com os conflitos próprios da fase adolescente, de repente se vê diante de um acontecimento inesperado que lhe provoca dor e a coloca à frente dos conflitos existenciais de modo concreto, fático.

Sob o peso do existir, Nádia se coloca uma sobrecarga quando decide assumir as responsabilidades familiares. Cobra de si estar bem para cuidar da mãe e da irmã. Seria para dar assento à tradição de que a filha mais velha deve assumir o lugar do pai na manutenção da família? Quem coloca Nádia nessa atitude?

Nádia descreve como foram difíceis os dois primeiros anos pós-morte do pai, Vamos acompanhá-la.

*Então foram, acho, que uns dois anos muito difíceis, muito difíceis porque eu me cobrava de certa forma de estar bem para que também elas estivessem bem. E eu me lembro que no terceiro ano, no meio do ano **eu tive uma crise assim, não sei se é existencial ou . . . não sei classificar, mas, assim, eu entrei em desespero**, eu acordava de manhã, ia para o cursinho, estudava até não sei que horas da noite, não sei o quê, porque, assim, eu tinha que passar no vestibular, eu tinha que fazer uma boa faculdade, eu tinha que conseguir um bom emprego, eu tinha que... para poder continuar com as boas consultas [médicas] que a gente sempre teve, né? (Grifo nosso)*

A angústia que toma conta de Nádia se mostra em sua narrativa. Ela tem uma crise existencial, cobra-se, entra em um processo de atividade intenso no sentido de ocupar um lugar na família para poder suprir as demandas com a saúde. Nádia continua falando sobre a sua dinâmica de vida, a da irmã e a da mãe pós-morte paterna.

Minha mãe [dizia] minha filha, nunca lhe cobre nada, nem eu, nem seu pai, então pare com isso, não quer fazer vestibular esse ano, não faça, não tem problema, quer fazer, e se não passar também não tem problema, você tenta de novo o ano que vem. E aí eu lembro que minha mãe ia viajar com minha irmã.... Aí ela fez, você vai para São Paulo comigo. Mãe, eu não posso, eu preciso estudar. Você vai para São Paulo comigo, vou preparar sua bolsa de roupas e vou comprar a tua passagem hoje, mesmo que você não consiga ir no mesmo voo. Você vai comigo, não quero desculpa, é sua mãe que tá falando com você. Fui para [cita a cidade]. O povo todo, tu vais? Você é louca.

Eu vou, tô precisando, daí depois eu resolvo, vestibular tem todo ano. Aquele negócio, fui para [cita a cidade], a gente reuniu os primos de lá de casa de [cita a cidade]. Foi aquela farrá de família, né?, e consegui passar no vestibular. Consegui fazer minha faculdade, né?, no meio do caminho de gravidez, tive uma filha, mas não foi impedimento nenhum pra mim pra eu terminar o curso.

Nádia, apesar de todo o sofrimento e a dor, assumiu seguir com a vida, fez movimentos no sentido de cumprir uma responsabilidade que se impôs perante a mãe e a irmã, passou no vestibular e concluiu o curso superior em meio a uma gravidez. Ela conseguiu dar “espaço” para a sua vida como pôde em seus modos de poder-ser diante dos vários acontecimentos que vieram ao seu encontro.

Nádia segue no seu roteiro histórico, na construção da linha do tempo dos acontecimentos que a afetaram e a família. Em determinado momento, refere-se ao que ouvia de algumas pessoas:

Muitas vezes a pessoa pensa, ahh, quem comete suicídio é um fraco... vocês vão me desculpar..., estão enganados..., ao contrário, quem comete suicídio é uma pessoa muito forte, tá sem chão para encontrar uma solução para o seu problema.

Nádia questiona as explicações do senso comum e parece encontrar uma possível compreensão para o comportamento do pai. Penso que a ação de atribuir valores como “forte ou fraco” para pessoas que dão fim à própria vida pode reforçar ainda mais o tabu e o estigma que envolvem o fenômeno, com teses moralizantes sedimentadas ao longo do tempo, defendidas especialmente pela Igreja Católica.

Em contraponto às ideias moralizantes, o filósofo alemão (Schopenhauer, 2022) provocou: “nem no Velho, nem no Novo Testamento é possível encontrar uma proibição, nem mesmo uma reprovação resoluta do suicídio” (p. 93). No entanto,

Santo Agostinho fundamentou, no mandamento “não matarás”, toda a sua tese para condenar peremptoriamente o pôr fim à vida. Como compreender as ideias moralizantes que ainda hoje abraçam o pôr fim à vida?

Nádia continua a sua narrativa. Ela se desloca da busca de explicações concretas para o ato, e se aproxima da dimensão existencial da experiência que ainda não consegue elaborar. Sai das explicações causais e começa a questionar as motivações: *“uma pessoa ter, eu não digo nem coragem, mas assim ter a atitude de tirar a sua própria vida, é algo muito forte, né?... é uma coisa de uma dimensão que você, eu não consigo explicar, né?”*.

Nádia não consegue compreender o motivo que leva alguém a pôr fim à vida. Fazer uma distinção entre causalidade e motivação pode nos ajudar a compreender a dificuldade de Nádia, “motivo (*Motiv*) é razão do movimento (*Beweggrund*), uma razão para o agir humano; causalidade: razão de movimento de sequências dentro do processo da natureza – mas o que é razão? Pode-se dizer aquilo sobre o que se está” (Heidegger, 2017, p. 49). A dor pela busca de explicação de algum modo se apresenta como ponto de partida de Nádia, abre possibilidades para a compreensão do seu “desespero” na busca das motivações que levaram ao ato.

Contudo, tem dificuldade de pôr em xeque seu ponto de partida – mira uma perspectiva na qual não encontra respostas e explicações, apesar de já se delinear outra perspectiva que a levaria a buscar compreender as motivações. Perspectiva difícil de atingir, pois as motivações se foram com a morte do pai, diziam de um agir que, no momento, apresentou-se como possibilidade e sentido de vida. No entanto, Nádia tem dificuldade em acolher essa perspectiva que se delineia e, desse modo, não consegue se abrir para uma nova perspectiva na qual existir significa mover-se-para-fora, palavra composta pelo prefixo *ek* (para fora) e pelo radical *stemi* (mover-

se), como cita Casanova (2017).

Nádia tenta compreender como a pessoa se encontra no ato do pôr fim à vida, aproximando-se da tentativa de acolher as possíveis motivações que levaram seu pai a dar fim a própria vida. Em suas palavras,

*o que se passa na cabeça da pessoa pra que ela pense em formas, que ela pode fazer aquilo e ela tá numa, numa eu acho, num nível de desespero tão, tão fora de si. Às vezes você quer, vai fazer alguma coisa ou pensa alguma coisa da sua vida, mas às vezes você para assim e fala: **mas aquilo ali será que não vai machucar o outro?** Mas a pessoa tá num nível que ela não consegue nem ter esse pensamento, em quem ela vai deixar, em quem ela vai fazer sofrer, né?, ela não, ela não consegue, ela não consegue raciocinar, e aí foram assim dois anos muito difíceis pra mim, né?, pra tudo. (Grifo nosso)*

Nádia começa então a elaborar possíveis motivações, na tentativa de se afastar das explicações e tentar compreender o sofrimento do pai e, desse modo, aproxima-se de seu próprio sofrimento, caminha em outra direção, vai se deslocando do modo de tentar compreender o sofrimento do(a) outro(a) e vai se aproximando do seu sofrimento. Ela sofre frente à possibilidade de não ter como saber o que acontece com a pessoa que nega a sua vida em função da própria vida, e se abre para tentar compreender o ato do pai e o modo como repercutiu em sua vida.

Pergunto para Nádia: – você falou que os dois primeiros anos foram muito difíceis, como foram para você? Como foram os seus sentimentos? – Ela disse:

Raiva, eu nunca senti, eu nunca senti ehhhh, era que eu pensava muito assim, o que é que a gente, no caso eu deixei passar, de não perceber que havia algo errado, né? Qual foi o sinal que ele fez ou o que que ele deixou de fazer. Ele sempre fazia que a gente não percebeu ou que a gente achou que

era uma besteira e na verdade não era, então, então assim, era muito aquele negócio o que é que eu não fiz, né?, ou o que eu não percebi pra que eu pudesse ter, não sei, não digo nem ajudar, mas alertado de ter sentido alguma coisa, de tentar buscar uma ajuda através de outra pessoa, não sei. Mas o que é que eu poderia ter feito, né? O que é que eu poderia ter feito pra tentar ajudar, então às vezes é muito aquela, aquela questão da sua incapacidade de perceber algum problema no outro, né?, que são, às vezes, são sinais, assim mínimos e muitas vezes imperceptíveis que a gente no dia a dia deixa passar, a gente se preocupa com outra coisa maior e deixa passar aquilo, né? (Grifo nosso)

Convido o leitor para refletirmos sobre a afirmação de Nádía “*raiva, eu nunca senti*”. Negar a experiência da raiva seria um modo de Nádía evitar lidar com pensamentos e sentimentos incômodos para se proteger? Ela também parece tomada por sentimento de culpa, sentiu-se incapaz por não ter percebido nenhum sinal que indicasse a decisão de que o pai daria fim à própria vida e por não ter feito nada, não ter ajudado. Caso Nádía tivesse percebido algum sinal, teria evitado o ato?

Raiva, culpa e angústia são fenômenos que acompanham *Dasein*. A denegação da raiva por Nádía parece expressar a negação da tomada de conhecimento de algo que foi reprimido para fugir do sofrimento, escapar da dor (Freud, 2014). A culpa, como modo de ser do *Dasein*, distante de qualquer concepção moral, compreendida como fenômeno original e como pressuposto da cura, “não apenas carrega faticamente uma dívida, como, no fundo de seu ser, é e está em dívida”. *Dasein*, já carrega sua condição ontológica – a culpa (Heidegger, 2015a).

Dito de outro modo, a angústia humana tem um “de que tem medo”, e um “pelo que teme”. A culpa tem um “o que que ela deve” e um “a quem ela deve” (Boss, 1981).

A angústia como disposição afetiva atravessada pela raiva e pela culpa, abre possibilidades para Nádia compreender como se sente.

O(a) leitor(a) deve estar se perguntando, assim como eu, qual o sentido da primeira frase de Nádia quando iniciou a sua narrativa. Lembra? “*A história começa um pouquinho antes e termina um pouco bem, bem um tempão depois*”. Acaso teria um fim essa história? Parece que Nádia com-vive com o fantasma da morte a cada passo.

Nádia conta que a “*família se aproximou muito*” com a morte do pai. Nesse momento, ela se deslocou da referência ao seu sentimento e começou a narrar como a família lidou com a situação. A vida seguiu com os almoços em família, os(as) amigos(as) deram apoio, “*a gente nunca deixou de fazer as coisas da gente porque meu pai não estava mais, né?*”. Ela seguiu com a vida mesmo em sofrimento pelas perdas dos entes queridos. Contou, ainda, que nesse mesmo ano (1992), o tio com aids faleceu, e reclamou pela inconveniência de algumas pessoas, que, ao invés de ajudar, atrapalhavam: “*se você não vai trazer uma palavra de conforto ou algo que possa melhorar aquela pessoa, não venha não, fique lá onde você tá, guarde pra você o seu pensamento*”.

Nádia relatou um outro acontecimento envolvendo a família. Em junho de 1994, uma prima do pai, médica, descobriu-se com um câncer em estado avançado e pulou do sétimo andar do prédio onde morava, deu fim à vida. Nas palavras de Nádia: “*Aí outro **baque** na família, né?, então em 3, 4 anos foram três suicídios, aí vem tudo de novo, né?, quando tudo se acalma, que você aceita ou tenta aceitar, aí vem tudo de novo*” (grifo nosso).

Nádia foi tomada por sofrimento e dor que se sobrepõem, sobrecarregam a sua existência, os acontecimentos foram-se acumulando ao longo do tempo. Como

viver o luto sobre o luto? O mundo de Nádia mais uma vez desabou. O acontecimento que vem ao nosso encontro “não é algo que irrompe e transita: **ele é a ruptura e transição mesmas** . . . O acontecimento destroça mundo e funda mundo” (Figueiredo, 1994, p. 152, grifo nosso).

Nádia tem um baque, mas não consegue evitar de buscar respostas e explicações para os acontecimentos, como se tal atitude fosse apresentar soluções. Na dimensão do humano, não é possível encontrar soluções que aplaquem o sofrimento, é preciso acolher “as motivações”, que podem indicar possibilidades compreensivas e, desse modo, encaminhar decisões diante dos acontecimentos que atravessam nossa vida. Nessa direção, ela se pergunta, por que de novo na família, o que está de errado, por que não termina? Teria uma maldição se abatido sobre sua família?

Ela racionaliza, tenta encontrar respostas, identificar alguma relação causal entre as mortes. “*Tudo bem que dois eram irmãos, né?, essa era uma prima, né?, mas prima legítima, aí vai, aí você começa, será que tem alguma relação, será que é alguma coisa?*” Nádia busca, procura, e não encontra chão. A pessoa não está mais ali para dar as respostas de que ela necessita e, como não as tem, apela para suposições. Tendo a família como foco, estaria ela anunciando a possibilidade de efeito contágio ou uma condição genética?

Nádia demonstrava tristeza por não conseguir encontrar respostas ou se aproximar dos motivos que levaram os familiares a dar fim à vida. Fica presa na busca de explicações que lhe possibilitem compreender a finitude humana, a condição do ser-para-a-morte:

de que adianta a gente ficar se perguntando e se martirizando... não vamos pensar mais nisso não, são os momentos que eu fico mais pensativa, mais introspectiva e fico triste porque eu não tenho a resposta pra aquilo ali, né?

Na busca de conhecer o que aconteceu em cada morte, a colaboradora parece ter a ilusão de obter respostas, talvez como possibilidades para controlar novos acontecimentos.

Nádia segue com a sua narrativa, e mais um acontecimento inesperado veio ao seu encontro. De 2010 para 2011, outro tio, irmão do pai, padrinho de sua filha, começou a se distanciar da família. Era chamado para os almoços, e a cada vez inventava uma desculpa para não ir.

Em um dia qualquer, de modo imprevisto, ela encontra o tio no supermercado e se espanta por não receber dele o afeto esperado: *“quando você encontra uma pessoa que você não vê há séculos, como é sua primeira reação? Abraçar, dar um abraço, dar um beijo, e quando eu fui fazer isso, não era um abraço, mas tentando se soltar”*.

Esse encontro abalou muito Nádia, o tio era muito próximo e sempre a apoiou, o distanciamento dele a incomodou. Tristeza e lágrimas espelharam o seu desconforto: *“chegando no carro eu chorei, chorei, chorei... ter esse tratamento de que a pessoa ... ela não quer falar com você, estar com você, é muito triste... essa perda do contato foi também muito difícil pra mim”*. O tio, que talvez para ela substituísse o pai em afeto, nega o aconchego de um abraço abraçado. Nádia mais uma vez se sentiu só, sem compreender a ação do tio. O tio parecia dar sinais de que não estava bem.

O tio seguiu sem fazer contato. Isolou-se no sítio. Uma noite, Nádia recebe uma ligação da tia informando que ele tinha se suicidado. *“Os irmãos foram*

correndo... mas quando chegaram lá, já não tinha mais nada pra fazer, ele tinha se enforcado numa árvore”.

E mais uma vez Nádia é tomada de culpa, questiona-se, angustia-se, não tem respostas, quem as daria já não está mais ali: *“a gente fica pensando, o que eu fiz pra ele se distanciar... o que eu deixei de fazer?... vou me martirizar não... não vai me trazer benefício nenhum... até onde eu sei, não tive participação naquilo ali”.* Ela ao se culpar nega a compreensão de que o pôr fim à vida é um ato privado de quem decide se matar (Fukumitsu, 2019). Nessa direção, o pôr fim à vida é uma possibilidade radical da pessoa que nega o seu existir e, em sua liberdade de poder-ser, decide deixar-de-ser. Seria possível atribuir-se culpa pela morte de alguém que decidiu deixar de existir?

Nádia continua em sua busca de respostas, de explicações. Para a colaboradora é difícil elaborar a experiência do sofrimento, não consegue apropriar-se do seu sentir, parece retomar a necessidade de encontrar explicações. As mudanças percebidas quando reconhece a dimensão existencial do pôr fim à vida e a tentativa de centrar-se no seu sofrimento e no movimento da família não são aprofundadas.

Parece ser difícil para Nádia pôr a experiência em andamento. Ela continua buscando explicações, não conseguindo dar-se conta de “como” os acontecimentos se deram, com raiva por não ter se alertado sobre a possibilidade do ato iminente do pai de dar fim à vida. Talvez os versos de Fernando Pessoa (2002a, p. 82) em “Fúria nas trevas o vento”, possam nos ajudar a compreender os desassossegos que a assombram:

Fúria nas trevas o vento

Num grande som de alongar

Não há no meu pensamento

Senão não poder parar

Parece que a alma tem

Treva onde sopra a crescer

Uma loucura que vem

De querer compreender

Raiva nas trevas o vento

Sem poder libertar.

Estou preso ao meu pensamento

Como o vento preso ao ar.

Nádia segue no traçado de seu caminho. Comenta a situação social dos familiares que deram fim à vida: *“você diz, ah, são pessoas que tinham tudo... uma vida boa, não passavam fome, frio. Não tinha um relacionamento abusivo, né?, ehhhh, o que levou essa pessoa, será que a vida dela era tão perfeita que também, né?”*. Nada há que explique o modo de ser do *Dasein*. Não temos domínio sobre os acontecimentos, mas podemos decidir o que fazer com o que nos acontece. Viver-sofrer-morrer são condições irmanadas da existência humana. Para Nádia, só era possível buscar explicações, seu modo de experienciar os diversos atos estavam normatizados pelo senso comum, modo como Nádia se abre para o mundo.

Ela se pergunta o que faz uma pessoa decidir antecipar a morte, pensar e planejar o ato. Lembra que cada morte teve um planejamento, o tio pegou uma corda, amarrou-a em um galho e no pescoço, a prima se jogou do alto de um prédio, a tia entrou num hotel e se enforcou com uma toalha, o pai abriu a porta de

emergência e pulou do alto, *“Então a pessoa tava lúcida naquele momento pra pensar naquilo que ia fazer, será que tava lúcida? Que eu digo, com a capacidade de raciocinar perfeita na hora que cometeu... que se passa na cabeça dessas pessoas, né?”*.

Nádia se questiona, numa tentativa de compreender as motivações dos suicídios, que parecem estar racionalmente presentes, uma vez que houve planejamento do ato e os laços sociais foram rompidos, causando dor para os(as) sobreviventes.

Elas não param pra pensar?... Porque assim, que eu vou fazer um mal, mas assim eu vou prejudicar pessoas, né?, emocionalmente, socialmente, em vários aspectos, né?... será que o que eu tô fazendo realmente vai resolver o meu problema? Porque eu vou deixar de sentir a dor, ou de sentir a preocupação, ou a frustração, mas vou causar tanta dor a tanta gente... ela vai estar transferindo o problema..., né?

Nádia parece sentir raiva da decisão do pai pelo sofrimento que lhe causou. Volto a questionar Nádia: – você falou dos dois anos iniciais da morte de seu pai, e depois desses dois anos, como foi essa experiência para você?

Olha, ehhhh, eu sempre digo assim, ehhh, eu sou uma pessoa católica, frequento a igreja, então assim... você precisa se apegar em alguma coisa que lhe dá, lhe traga um conforto, né? Quando meu pai faleceu, foi uma época que eu me voltei, né?, eu retornei, eu voltei a fazer as coisas [de antes], né?, pra missa, de participar de encontros, de participar de eventos, né?, de solidariedade, de coisa e tal, e foi o que me trouxe o conforto que eu precisava, né? Você diz assim, tirar um pouco meu foco em ficar tentando achar respostas para coisas que eu não tinha, e botou o meu foco em coisas onde eu era útil

pra alguma outra coisa, né? E eu tenho certeza de que foi isso que me fez caminhar, né?

Ela encontra um modo de apaziguar a sua dor na vivência do luto, volta-se para a religião como uma possibilidade para enfrentar as perdas. Assim, Nádia encontra em sua religiosidade algum conforto e forças para caminhar. Começa a realizar tarefas para tirar o foco de querer ter respostas para os atos. Sente-se útil com o que faz, embora acompanhada por uma voz que lhe recomenda: tenha esperança.

*Então assim, **aquela voz**, deixa quieta, não vai atrás não, você vai se machucar, não vai ter a resposta que você quer, que você precisa, na hora certa a resposta vem, tenho certeza, mas ainda não veio, mas vem, entendeu?*
(Grifo nosso)

Apesar das tentativas de Nádia para compreender o ato do pôr fim à vida dos familiares, os múltiplos acontecimentos mantêm Nádia em sua busca de obter respostas para os atos. Mesmo fixada em seu ponto de partida, ela realizou movimentos para aplacar o sofrimento, mas não acolheu outras possibilidades compreensivas e não explicativas; presa ao modo de interpretação que atravessa a sua existência, não conseguiu ainda se apropriar da experiência.

Ela parece assumir um cansaço em sua busca de explicações e abriu uma possibilidade que lhe dá certo conforto para seguir um caminho que lhe é suficiente até hoje, como cita:

*Já que eu não tenho a resposta... pra que eu estudar? Por que vou trabalhar, entendeu? Podia me levar para o caminho das drogas, não sei, eu achar esse conforto em outra coisa. Mas eu não quis nem testar, eu preferia seguir um outro caminho e que me foi e que me é suficiente até hoje, entendeu? **Só que***

tem momentos que eu tô mais afastada da igreja, mas aí eu, não, pera aí, calma, não posso me afastar porque eu sei que, eu sei que se me afastar não vai dar certo. (Grifo nosso)

Nádia sentiu necessidade de realizar trabalhos na igreja, sinalizou o risco de, ao se afastar da religião, seguir o caminho das drogas, que a levasse a se desconectar de seu poder-ser-mais-próprio. Até agora ela busca explicações e explora diversas possibilidades, mas, apesar das buscas, tem dificuldade de colocar em palavras ou gestos a experiência atravessada pela afetividade. Angústia e medo acompanham Nádia. Como disposição afetiva, a angústia desvela como ela se encontra no mundo. Angústia e medo parecem ser siameses(as), permanecem ligados(as) a ponto de se chamar angústia de medo e de medo o fenômeno que desvela angústia.

Ao completar 44 anos, a mesma idade em que o pai deu fim à vida, Nádia mergulha nas recordações que a assombram. Ela parece ter medo de encontrar-se consigo mesma. Ela cava explicações, respostas, e assim o **fosso** parece se tornar cada vez mais profundo, doloroso, deslocando-a de seu poder-ser-si-mesmo-mais-próprio. Em fuga do seu poder-ser-mais-próprio, *Dasein* não se coloca diante de si. Nádia parece se desviar de si, indo cada vez mais para mais longe para compreender a sua experiência.

Nádia tem medo, angústia, compara-se com o pai, verbaliza a questão de gênero como única diferença entre eles e quer resolver o que fugiu de seu controle. Ela reconhece que o pai tomou uma atitude, parece não aceitar a decisão dele, não consegue encontrar respostas. Acompanhemos o que ela disse:

Eu me dei conta que eu tava fazendo a idade que meu pai tinha falecido, aí veio de novo, né?... foi um ano complicado, porque aí eu comecei a comparar,

*né?... a única diferença é que eu sou mulher, mas eu tô na mesma situação, casada, com filho, trabalhando com saúde, com meu apartamento, com meu carro, e por quê? O que é que levou ele a fazer isso, né? Aí você vai respirar, dá uma volta, toma um café e faz não, não adianta saber, eu acho que pra mim, assim, é eu ficar me martirizando, uma coisa que eu não vou resolver. **Ele já resolveu, ele tomou uma atitude dele**, não tem resposta, então por que que eu vou ficar cavando isso aqui, entendeu? Vou ficar me afundando até quando e isso vai me trazer o que de benefício, não vai me trazer benefícios nenhum, e entendeu? Vai mexer mais minhoca na cabeça e eu não vou conseguir sair desse **fosso**, entendeu, né? Aí eu digo não, não vale a pena eu ficar... deixa eu seguir a minha vida. (Grifos nossos)*

Nádia relatou que, apesar de se ver numa condição de vida próxima à vivida pelo pai, não consegue encontrar explicações, e reconhece que precisa pôr a vida em andamento, mesmo sob a ameaça de cair no fosso, como fizera o seu pai em sua atitude de desistir de viver.

A angústia sinaliza para Nádia um fosso, um poço sem fundo, a dor da dor que remete aos infortúnios que está passando, e ela parece decidir não se permitir mergulhar no fosso, assumiu o dia a dia, focando na realização das tarefas que a vida solicita. Mergulhar no fosso poderia trazer à tona sentimentos que a encaminhariam ao confronto com experiências dolorosas, continuar no cotidiano a protegeu, mas o fosso parece ficar à vista, mesmo diante de suas tentativas de evitá-lo.

Nessa direção, a dor de Nádia faísca. No entanto, busca saídas para que esse fogo/fosso não se estenda e, para tanto, busca ficar bem, cobrando-se a cuidar da família: *“eu tenho meu marido, querendo ou não, né? Meus filhos, e tem a minha mãe, que depende de mim, então eu preciso estar bem pra que eles estejam bem, pra que*

eu possa fazer a vida seguir, né?". Ela se vê diante de um dilema: o pai, responsável pela família, desiste da vida, de suas responsabilidades; Nádia, como filha primogênita, por tradição se sente obrigada a assumir as responsabilidades deixadas pelo pai, a cuidar da família enlutada.

Até aqui, os movimentos realizados por Nádia, apesar de apontarem para possibilidades diversas, não lhe permitem sentir-se livre da busca de obter respostas, na ilusão de se apresentarem como solução para controlar, controlar, controlar e buscar conter o que não pode ser contido – a decisão da pessoa de dar fim à vida. São os modos de ser de Nádia no mundo que habita.

Mesmo imersa em sua dor, Nádia se controlou para não tomar caminhos outros, no dizer dela, como alguns(umas) fazem, *"tem gente que vai junto, se afunda numa depressão, em outras coisas, e não tem forças para voltar ou não quer voltar porque não aceita o fato disso ter acontecido, mas de novo pessoas são pessoas, cabeças são cabeças"*. E compreende que cada ser tem sua singularidade para interpretar e tomar as decisões sobre o que lhe acontece: *"Cada um vai interpretar, aceitar, trabalhar isso [o luto] de uma forma diferente... não cabe a você dizer a sua tá certo e a minha tá errado, é algo muito difícil de ir atrás de achar e fazer, entendeu?"*.

Nesse momento, senti um cansaço em Nádia e propus: – Quer tomar água? – Ela aceitou. Momento de silêncio. Uma atmosfera de tristeza tomou conta de nós. Senti que terminava a entrevista. Informei para Nádia e perguntei se ela teria algo mais a acrescentar. Nesse momento, a sua narrativa desvelou o sentido de sua frase inicial, aquela que abriu a nossa conversa, lembra?

Nádia aponta para uma perspectiva que busca explicações, como se houvesse algo na família (cita o sobrenome da família) que determinasse o pôr fim à vida

dos(as) tios(as) e da prima. Algo vindo do campo de uma fatalidade, uma predestinação que se abateu sobre a família – um determinismo que parece não oferecer quaisquer possibilidades para a compreensão de um fenômeno de causas multifatoriais. Algo que vem ao encontro da existência humana e toma de si a vida.

Nas palavras de Nádia:

É um pensamento que, querendo ou não, me vem algumas vezes à cabeça e que com certeza é algo que já foi pauta de algum assunto, de algum debate de família, não sei. Se você pensar uma família com 10 irmãos, onde três, que são 30%, né?, cometeram suicídio, aí eu fico pensando, será que a Medicina, a Psicologia, os estudos, não sei, se tem algo? Apenas devia deixar uma resposta aqui vez ou outra no meio da cabeça da gente, entendeu? De ter alguma relação, de ter alguma conexão, de ter alguma explicação, não sei. Não sei se existem estudos ou trabalhos ou debate nesse, nesse sentido, entendeu? Porque dificilmente, você assim, pelo menos até hoje eu nunca vi, né? Você vê uma família que tem uma incidência de ter câncer, mas sei lá, muita gente daquela família morre de câncer, tem câncer, tal família tem pré-disposição a diabetes, né?, mas assim, deste assunto [suicídio], por ser um tabu, a gente não ouve falar, se tem alguma explicação, não sei, se é fisiológica, sociológica, psicológica, não sei, entendeu?

Nádia continua presa ao acontecimento. Sempre na busca de explicações do pôr fim à vida do pai e dos demais membros da família, agora com a expectativa de que a Fisiologia, a Sociologia, a Psicologia possam oferecer respostas, apesar de não se encontrar tal possibilidade nas ciências que estudam o comportamento (modo de ser) dos homens. As narrativas da experiência da crise do pôr fim à vida na família de

Nádia estão inseridas no sistema da dinâmica familiar. Talvez uma questão pudesse ser levantada: os eventos poderiam ser efeitos da produção familiar de uma tradição?

Nádia centra na ciência a sua esperança para obter as respostas que tanto busca. Seria uma mutação genética? Uma doença herdada? Distúrbios psíquicos? E se ela descobrisse o mistério que envolve a família, poderia aceitar o pôr fim à vida do seu pai e dos(as) tios(as)? A experiência vivida ressoa na vida de Nádia, que, apesar de buscar explicações, não consegue ainda compreender os atos cometidos pelos familiares. Pelos seus relatos, o pôr fim à vida do pai a acompanha como um fantasma, sombreando suas possibilidades existenciais.

Perguntei: – como é isso para você? – Nádia tem uma hipótese para os múltiplos eventos do pôr-fim-à-vida dos familiares e roga para que a ciência possa confirmar ou não a sua perspectiva de causa e efeito:

Eu penso que tem um, que tem alguma correlação, porque, assim, depressão é uma doença, eu classifico dessa forma, é uma doença, eh, que, muitas vezes pela própria pessoa não se aceitar estar com depressão, trata-se ela de uma outra forma ou a depressão também traz sintomas de uma, pelo que a gente, pelo que eu leio, porque não é divulgado, a depressão traz sintomas de outras doenças, como dor de estômago, dor de cabeça, uma dor não sei aonde, às vezes você trata uma gastrite que não é uma gastrite, você trata uma encefalia que não é encefalia, ela tem uma outra causa que, muitas vezes, por uma pessoa não se aceitar ou não se permitir, não é descoberta, não é tratada. Então você trata uma consequência, e a causa tá lá por anos, anos e anos. Então o suicídio, eu vejo ele como uma consequência de algo que não tá bem na pessoa, entendeu? Então não sei se existe alguma causa que se justifique pra isso, entendeu?

Nádia continua buscando possíveis causas que possam justificar o “modo trágico” que atravessa sua família. Buscou a religião como modo de apaziguar a dor e agora busca na ciência possíveis causas que consigam, de certo modo, confortá-la. Além de não conseguir encontrar uma justificativa, uma explicação, uma compreensão do ato dos familiares, vai ficando claro que Nádia não consegue aceitar os acontecimentos, não consegue dar passagem às dores que sentiu, não consegue nomear o modo como foi afetada, sempre busca explicações como modo de encobrir a dor, que permanece mesclada com culpa.

Para Nádia, parece haver um fantasma que ronda a família. Uma morte já traz um impacto violento para os(as) enlutados(as). No caso de Nádia, em curtos intervalos de tempo o luto pelas perdas foi atualizado, experienciado pela sobreposição das mortes. Ela parece viver uma tensão, estar em constante estado de alerta, quem será o próximo?

Nádia narra outro evento ocorrido há 15 anos. Um primo, filho daquela tia que quase morreu de câncer, em certa ocasião, conversava com sua mãe e Nádia e de repente se levantou, foi para um quarto, e se deitou na cama em estado de choque. O que parecia ser uma crise de pânico foi diagnosticado como esquizofrenia.

O sofrimento contido paralisa o primo. O sofrimento existencial do primo foi reduzido à dimensão patológica, afastando dele a possibilidade de entrar em contato com a angústia que o atravessa, diante da morte da mãe.

Nádia parece puxar de sua lembrança um evento ocorrido há 15 anos com o seu primo para sustentar a sua hipótese de que pode existir uma relação causal, uma pré-disposição na família para eventos trágicos, *“aí tem alguma relação... Do mesmo jeito que tem a família que tem pré-disposição a câncer, diabetes, a não sei o que,*

tem alguma coisa. Não vai me responder às dúvidas, mas é um início de alguma coisa”.

Ela relata como se dá o comportamento de cada núcleo familiar, uns mais abertos, outros mais fechados, para falar de sentimentos – como na família de seu pai. Nádia parece crer que os modos de ser da família (cita o sobrenome da família) apontam para uma pré-disposição de antecipar a própria morte como modo de encontrar explicações para os atos. Os (cita o sobrenome da família) estariam marcados por algo que comanda as suas decisões no palco da vida? Disse ela:

*Porque aí a gente brinca assim, né?, a gente fala porque minha mãe e meu pai são primos legítimos, aí tem os [cita o sobrenome da família], que é da família do meu pai; os [cita o sobrenome da família], que é a família da minha mãe; e [cita o sobrenome da família], que é dessa minha outra, da prima do meu pai que faleceu, e tem os [cita o sobrenome da família]. Cada uma família dessa tem uma característica mais forte, os [cita o sobrenome da família], que é da minha mãe é toda esportiva, fala até o que não deve. Os [cita o sobrenome da família], que é do meu pai, é aquela que foi a que eu puxei, entendeu?... Então assim, sei lá, se tem alguma explicação, não digo na forma de **genética** no pé da letra, mas não sei, entendeu? Por que é muita coisa no mesmo ninhozinho, entendeu? Aí eu não sei se tem alguma coisa a ver com isso, né? (Grifo nosso)*

Como explicar várias mortes na mesma família, é a busca incessante de Nádia. Sem querer apontar qualquer relação com os acontecimentos na família de nossa colaboradora, lembrei do livro *Os sofrimentos do jovem Werther*, do polímata alemão Goethe (2021). O jovem rapaz se apaixona por uma moça prometida a outro homem, com quem se casou. Werther continua com esperança de ser correspondido. A cada

dia o amor cresce mais, e o pensamento de dar fim à vida toma conta de si e vem a se concretizar pela negação da moça aos seus desejos.

O livro provocou um grande impacto na sociedade alemã e se creditou à sua publicação o suicídio romântico de vários jovens por contaminação ou contágio – o efeito Werther, como ficou conhecido. As mortes na família de Nádia aconteceram pelo efeito contágio? Ou por alguma mutação genética? O que dizem os(as) estudiosos(as) do tema?

Recorro aos(às) estudiosos(as) do tema para contribuírem com as nossas reflexões. Fukumitsu (2019) afirma que “nenhum suicídio é hereditário . . . Os transtornos mentais, tais como depressão, esquizofrenia e transtorno bipolar, são genéticos, **mas não o comportamento suicida**” (p. 73, grifo nosso). Por sua vez, Botega (2015) relata que o comportamento suicida “é em parte, hereditário” (p. 65), e cita um estudo realizado por Statham et al. (1998), o qual estima em 55% a influência da hereditariedade na propensão para o suicídio, acrescentando que a taxa de suicídio entre gêmeos(as) monozigóticos(as) é 17 vezes maior que a taxa entre gêmeos(as) dizigóticos(as) (p. 65).

Por sua vez, Segal (2009) aponta, em sua tese de doutorado, intitulada *Aspectos genéticos do comportamento suicida*, que não foram encontradas evidências associando as variantes alélicas² do poliformismo³ – gene transportador da serotonina – ao comportamento suicida. A ciência, em sua procura de determinar o gene causador da atitude da pessoa de dar fim à própria vida, não conseguiu

² Variantes alélicas é um termo da Biologia ou da Genética que estuda as variações dos genes entre uma determinada população, o que envolve frequência alélica, ou seja, a variação genética entre os genes de um indivíduo em relação a outro ou de uma população em relação a outra (*Explorando o mundo fascinante das variações de alelos*, 2022).

³ O polimorfismo genético é um fenômeno biológico que se refere à existência de múltiplas formas ou variantes de um gene em uma população.

identificar nas investigações moleculares o componente genético que indicasse tal disposição – os resultados ainda não são conclusivos (De Paula & Vallada, 2021).

Não se pode considerar o pôr fim à vida como um determinismo hereditário. Assim, comungo com os(as) estudiosos(as) que discordam em atribuir uma causa genética ao pôr fim à vida. Talvez o mistério não se desvende pela ciência. Como atribuir uma causa a um fenômeno de tamanha complexidade do existir humano – dar fim à vida?

Ao se conferir aos eventos do pôr fim à vida causas genéticas, efeito contágio ou qualquer outra motivação, está-se alimentando o olhar da ciência com explicações, reforçando-se, assim, o tabu e o estigma que acompanham o fenômeno desde a Idade Antiga. Compreender *Dasein* como ser de possibilidades, por sua vez, é olhar com respeito para o ser humano que, em seu poder-ser, é livre inclusive para decidir não mais existir.

Nádia, ao relatar sua experiência, quando solicitada, deixa claro seu ponto de partida: o pôr fim à vida do pai que não consegue ter explicações. Todos os relatos, incluindo de outros membros da família, parecem tentativas de encontrar uma linha que lhe possibilite acompanhar e explicar as mortes dos familiares. Tenta diversas direções, todas fundadas em situações concretas. O que se delineava, como dito anteriormente, é nomeado por Nádia como uma possibilidade de encontrar a causa das mortes no componente genético. Ela chega a se aproximar da possibilidade de compreender o pôr fim à vida como sofrimento existencial, e assume que não pode julgar tal ato, mas não consegue nomear seu sofrimento, não consegue aceitar o acontecimento e “chorar” a perda que sofreu.

Parece ser compreensível a dificuldade de Nádia de se desvincular de seu ponto de partida para transcender a busca de explicações, pela sobreposição de

sofrimento e dor a cada vez que aconteciam eventos sobre eventos. A angústia é sua companheira inseparável – uma sombra que poderá vir a ser “parteira” de novas perspectivas, de novos caminhos a trilhar à medida que ela decida entrar em contato com os seus sentimentos e se permita abrir-se para novas perspectivas.

Despeço-me de Nádia e convido o(a) leitor(a) para conhecer a experiência de Anelí. Para que eu tivesse uma ideia do acontecimento que atravessou o seu existir, ela começou sua narrativa com essa pergunta: – “*você tá preparado?*”.

4.2 Dialogando com Anelí

Para a segunda entrevista, desloquei-me até a cidade onde Anelí trabalha, distante 439 km de Recife, onde faço morada. Recebeu-me em sua sala de trabalho, apropriada à preservação dos aspectos éticos e de sigilo da pesquisa. Inicialmente nos apresentamos. Falei sobre o procedimento da entrevista, consultei se havia dúvidas acerca do TCLE, obtive autorização para gravar em áudio a nossa conversa e solicitei que narrasse sua experiência de filha enlutada de pai que deu fim à própria vida.

Anelí começou assim: – “*Pra narrar, né? Você não vai fazer pergunta direcionada, néé?* [risos]. *Você ‘tá preparado?’*” – Respondi, vamos lá, estou preparado. – Ela criou uma expectativa, fez suspense sobre a morte do pai. Fiquei me perguntando, como teria acontecido?

Ela disse que há 14 anos, o pai deu fim à própria vida. Narra como foi difícil suportar todo o preconceito e o estigma das pessoas por ser psicóloga e o pai ter antecipado a morte:

Foi uma experiência muito difícil, Pedro, muito difícil, pelo fato de ser psicóloga e existir um estigma, existe uma expectativa social muito grande em relação aos papéis, à postura, à conduta, o imaginário das pessoas em relação ao ser psicólogo.

Anelí sofre as marcas do estigma que fere e causa dor em seu existir. Lembro-me de que os gregos criaram o termo para nomear sinais corporais marcados com cortes ou fogo na pele de algumas pessoas para excluí-las do convívio social. Hoje, o termo se aplica mais à própria desgraça do que à evidência corporal (Goffman, 1981).

O nome do pai de Anelí não era mais citado, e vinculavam o ato à sua profissão: “*o pai da psicóloga se matou*”. Ela conta sobre o estigma que ainda envolve a profissão do(a) psicólogo(a), associado(a) pelas pessoas como um profissional que cuida do suicídio e da loucura, “*isso pesou muito sobre mim... então o pai louco de uma mulher que estuda a loucura ... **Ela nem tratou do próprio pai, como é que ela vai cuidar dos pacientes dela?***” (grifo nosso). Além da perda do pai, a voz de julgamento das pessoas em relação à competência profissional de Anelí por ser psicóloga a faz sofrer, feriu, deixou marcas, pesou sobre o seu existir.

A competência profissional de Anelí foi julgada por uma decisão do pai. Ela teria como impedir que ele desse fim à própria vida? Anelí teria algum poder, com o seu trabalho psicoterapêutico, de impedir que o(a) paciente tomasse a decisão de dar fim à vida? Ela sofreu, foi afetada pelo preconceito, que diminui, menospreza e carrega um jogo de humilhação; entre a desvalorização do(a) outro(a) e o morrer há um trânsito de intensidades de violência, todas no sentido de apagar, silenciar, inviabilizar, negar ou mesmo eliminar o(a) outro(a) (Tiburi, 2021).

Até mesmo o irmão de Anelí acreditou que a carreira profissional dela estava ameaçada, a ponto de aconselhar que ela deixasse a cidade (cita o nome):

Ele fez uma ligação pra mim e disse assim, minha irmã, volte pra cidade [cita o nome], porque a sua carreira está acabada... só para você ter ideia do estigma, do peso do preconceito, do quanto eu sofri isso dentro da cidade.

A dor e o sofrimento da perda do pai fizeram-se mais agudos e dilacerantes pela navalha afiada do preconceito sobre o ser psicóloga. Ela foi julgada pelas pessoas à sua volta com opiniões leigas sobre seu ofício.

Anelí parece se perguntar, o que faço da vida? Lembro de Carlos Drummond de Andrade (1942), que em seu poema “E agora, José” retrata o que talvez ela tenha sentido naqueles momentos de abandono, solidão, perda, sem saber que caminhos seguir. E agora, Anelí-José?

E agora, José?

A festa acabou,

A luz apagou,

O povo sumiu,

A noite esfriou,

E agora, José? (Andrade, 1942)

Anelí descreveu como era a cidade à época da morte do pai. Uma cidade pequena, como se fosse dividida por um muro entre a empresa (cita o nome) e a Vila (cita o nome). Na Vila ficavam os(as) comerciantes e as pessoas que não faziam parte da estrutura da empresa (cita o nome). Dentro do extrato da empresa (cita o nome), todos(as) se conheciam. O pai era ex-funcionário aposentado dessa empresa. Anelí se sentiu sitiada dentro de sua própria cidade natal por uma decisão do pai, que matou a esposa do segundo casamento e os 2 filhos, um com 4 e o outro com 2 anos de

idade, e em seguida se matou. “*É algo muito pesado porque ele cometeu... filicídio, quando [o pai] mata os próprios filhos, em seguida matou a própria esposa... ele teve um surto psicótico*”. E agora, Anelí-José?

Ela continua a sua fala pausadamente e, em tom sereno, coloquial, detalha como se deu a tragédia, a violência do ato do pai, que usou de uma machadinha para assassinar a esposa e os filhos, e as repercussões na sociedade, amplificadas pelo principal jornal televisivo do país. Nas palavras de Anelí:

Foi algo tão grandioso, Pedro, que saiu no Jornal Nacional, sabe? Foi algo de uma grandiosidade muito severa e, né?, foi algo muito trágico... gerou muita comoção no público na cidade, porque ele assassinou duas crianças, ele assassinou a esposa e em seguida ele se matou. Então foi algo de uma grandiosidade muito severa, ee, né?, foi algo muito trágico. Algo de, da ordem de muita violência. Ele usou uma machadinha para tirar a vida das crianças e a vida dela e, em seguida, ele foi até a ponte metálica que faz a divisória de [cita o nome das cidades], né?, ele atirou na própria cabeça e eu acredito que, para assegurar-se de sua própria morte, ele se jogou, né?, da ponte, que só a queda da ponte já é o suficiente para você tirar a própria vida.

A dor sentida por Anelí se intensificou, pela violência, a truculência do ato praticado pelo pai, que a chocou. Carlos Drummond de Andrade (1942) vem mais uma vez ao meu encontro, os seus versos parecem comportar a dor e o sofrimento que Anelí-José suporta, embora mesmo diante do desespero marche a galope – não com o intuito de fugir, mas de encontrar o “para onde”, um caminho que lhe “refrigere” o sofrimento que a assolou, que lhe doeu n`alma.

Sozinho no escuro

qual bicho-do-mato,

sem teogonia,
sem parede nua
para se encostar,
sem cavalo preto
que fuja a galope,
você marcha, José!
José, para onde? (Andrade, 1942)

Anelí estava na cidade B fazendo pós-graduação, levando “*uma vida de estudante*”, quando aconteceu a tragédia, como ela mesmo pontua. A notícia lhe fora dada em doses homeopáticas e acredita ter sido muito bem-preparada pela rede de apoio. O marido e a mãe entraram em contato com uma amiga que fazia pós-graduação com ela e “*se articularam, eu tava assistindo aula de boa [risos], minha amiga [cita o nome], a gente vai ter que sair... o pai dela tava doente, a gente vai ter que passar no hospital, eu acreditei na história, né?*”.

Ela acreditou na história, mas algo lhe chamava a atenção, “*eu só não entendia a agonia, né?, eu senti nervosismo, né?, e a rota não era a rota do hospital, era rota da minha casa. Eu, o que que aconteceu com seu pai?*”. Quando estavam chegando próximo do apartamento onde ela morava, a amiga disse que tinha algo para contar. Não houve tempo, Anelí recebe a ligação de uma médica amiga desesperada, “*você tá aonde? Você precisa vir pra cá com urgência, aconteceu uma coisa horrorosa... aí eu, o que foi que aconteceu? Venha pra, foi algo horrível com seu pai, você tem que ver, você tem que vir*”. Ela responde que está na cidade B e não tem como se deslocar para a cidade A, a amiga insistiu, – *você precisa vir urgente*.

Ao terminar a ligação, Anelí estava “*apavorada, a menina dirigindo o carro também, minha amiga nervosa, eu disse, o que tá acontecendo? Aí foi o tempo de*

chegarmos no apartamento, ela parou o carro, eu desci, ela disse... o seu pai faleceu". Anelí narra como se sentiu ao saber do acontecido, "apavorada", embora esperasse a morte do pai, pelo modo de vida que levava.

No momento eu já aguardava essa morte, só que eu não aguardava esse tipo de morte, porque o meu pai já vinha deprimido, o meu pai já vinha mal com a vida que ele vinha levando, ele já vinha em depressão profunda, ele tinha perdido mais de 10 kg, ele já vinha um modus operandi de morte mesmo, então quando ela me falou, eu tá, ele faleceu, tipo assim, tá, ele faleceu. Ela, tenha muita força e você precisa ir pra cidade A agora.

Anelí faz uma pausa e conta como aconteceu o último encontro com o pai, ao visitá-la em seu consultório, "aí eu tomei aquele susto, porque era um homem cadavérico que tava indo me visitar. Na verdade, ele tava se despedindo de mim e eu não sabia". Ela abraçou o pai, disse que ele precisava se cuidar, que estava indo para a cidade B no dia seguinte para o curso de pós-graduação, e cobrou dele uma promessa feita:

Anelí – O senhor me prometeu que ia fazer terapia.

Pai – Vou sim, fazer terapia.

Anelí – Olhe, quando eu chegar da cidade B com uma amiga, ela vai lhe atender.

Pai – Tá certo, vou sim.

Anelí lembra que esse diálogo se deu numa quarta-feira, e no sábado ocorreu a tragédia. Ela precisava voltar para a cidade A, saber como ocorrera o acontecimento. Anelí disse que recebeu a notícia da amiga por volta de 11h30 e que o ônibus sairia às 12 horas, "eu só tinha tempo de subir as escadas e partir para a rodoviária pra chegar às 8h30 a 9h00 da noite na cidade B, e assim eu fiz". Ao subir

as escadas do prédio, ela depara com o irmão chorando muito, *“por que o nosso pai fez isso? Eu digo, que foi? Eu não sabia do tipo da morte... foi quando ele falou, ele se jogou da ponte. O nosso pai se jogou da ponte, ele se matou”*. Com a notícia do modo como se deu a morte, Anelí sofre um impacto, não era desse modo que esperava a morte do pai, *“eu aguardava a morte porque ele não tava bem, mas eu não aguardava esse tipo de morte, entendeu, Pedro?”*.

Anelí acelera sua ida para a cidade A, joga as roupas dentro da mala e se dirige para a rodoviária. A orientação recebida da mãe era não atender ao telefone, não falar com ninguém, *“como a gente tava muito abalados, os nossos celulares foram desligados. A única pessoa que estabelecia contato no ônibus era minha cunhada... que seguia viagem com a gente”*.

Anelí relatou que a viagem foi angustiante, muito longa, até a cidade A, marcada por estrada esburacada, choro, angústia, *“foi uma viagem muito estranha, porque a minha cunhada toda hora ia ao banheiro do ônibus falar ao telefone. Eu chorava e meu irmão chorava, e aquele pesar, aquela coisa angustiante e aquele tempo que não passava”*. Esse mal-estar expressado por Anelí era causado pelo tempo que se alonga, pela desconfiança de que há algo escondido que ainda não lhe fora dito, pelo choro e a solidão, revelados pela angústia que tomava conta de si.

Quando chegaram na cidade, por volta das 21 horas, o desembarque não se deu na rodoviária, como de costume. O motorista parou em um bairro antes de chegar no centro da cidade, *“e minha cunhada dizendo, nós vamos descer aqui, eu não entendi por que, porque que a gente não tava descendo na rodoviária. Aí você vai entender por quê. Aí foi quando eu vi que tinha uma coisa muito estranha”*. Ela estranha não descer na rodoviária como costumeiramente fazia. O medo parece

tomar conta de Anelí, instala-se por causa de algo existente no mundo que a atemoriza, ameaça.

Anelí conta que começou a desconfiar da versão da história que lhe haviam passado, parece sentir que algo ainda estava para ser desvelado. Sentia-se como foragida. Desceram do ônibus e tomaram assento em um carro onde a aguardavam o marido e a irmã da cunhada, “*era como se fôssemos foragidos [risos]. Aí eu comecei a desconfiar um pouco, né?, tipo, tá, ele morreu por suicídio, eu não sabia a outra parte da história... fomos em direção à casa da minha cunhada*”.

Quando chegaram, Anelí encontrou a mãe, que a chamou, os irmãos e a cunhada na cozinha para uma conversa sobre o acontecido: “*seu pai teve um surto psicótico e ele assassinou [cita o nome da esposa], no caso, minha madrasta, e as duas crianças*”. Com a notícia por inteiro, Anelí desaba, o seu mundo cai, pela potência do “tsunami” que chega ao seu encontro. “*Aí naquele momento eu posso lhe dizer que foi o pior dia da minha vida, porque eu não conseguia entender como ele podia ter assassinado os meus dois irmãos, você entende?*”. O contexto do ato do pai atravessa a experiência de Anelí. Até que ponto o fato de deparar com tal violência pode ter encoberto o pôr fim à vida do pai?

Ela sabia que o pai estava mal, doente, mas não esperava um desfecho que causasse tanto transtorno, tristeza, angústia, sofrimento e dor. Anelí apela para ajuda divina, “*mas eu não entendia por que ele fez aquilo. Então entrei em desespero, caí ajoelhada e começava a clamar por Nossa Senhora, meu Deus, Nossa Senhora me ajude, por que que ele fez isso?*”. Anelí, jogada diante do acontecimento, desespera-se, não encontra forças em si mesma, não vê saída para o seu desassossego e clama por ajuda divina para aplacar seu sofrimento, sua dor, o desespero desmedido parece ser algo muito pesado para se carregar (Camus, 2021).

Anelí reconheceu que foi muito bem acolhida e cuidada pela rede de apoio no tocante à forma como lhe fora dada a notícia, e explica que não pararam na rodoviária porque lá estavam jornalistas, amigos(as), muitas pessoas esperando, *“como não sabíamos da notícia, alguém tinha que ser a ponte da notícia... tinha que ser a minha mãe. Nessa tragédia toda que ocorreu... fui muito cuidada, a forma que foi conduzido, né?”*.

Os dias pós-tragédia foram dolorosos e angustiantes para Anelí, ela se volta para compreender como o julgamento, o preconceito das pessoas a afetara, *“porque você dentro de uma cultura interiorana, de um, de um arcabouço de muito preconceito das pessoas. As pessoas julgam você pelo seu modo de vestir, seu modo de agir, pelo carro que tem, pela função social, né?, status, profissão”*. Anelí sofreu pelo peso do julgamento, que se somava à dor pelas perdas de seus entes queridos, e desabafou que era mais do que uma psicóloga, *“então o pai da psicóloga se matou, não era o pai de [cita o seu nome], que é um ser humano, que é uma mulher, que é uma mãe, que é uma esposa, que é filha, que é irmã”*. Ela sofreu pelo apagamento das pessoas do seu lado mãe, esposa, filha e irmã. Como compreender o sofrimento, a dor de Anelí, para além do olhar que julga?

Anelí sente-se fora de órbita, desprestigiada, desabilitada, sem perspectivas de futuro, sente inclusive que sofreu um apagão na memória, *“aí, a minha mente deu uma, um pane, assim tipo uma pane mental”*, emociona-se e expressa raiva contra as pessoas que a rotularam impiedosamente. O acontecimento a destroçou muito. Vamos ouvi-la:

Eu não era um ser humano, eu era uma psicóloga sem futuro, desculpa, da porra. Que psicóloga sem futuro da porra que nem cuidou do pai e vai cuidar das pessoas! Então o mais difícil pra mim foi enfrentar essa onda de

preconceitos e de pessoas me olhando com o pesar, com pena, com dó, sabe? Assim foi muito difícil pra mim, ehheh, eu tive transtorno de estresse pós-traumático, eu desenvolvi, eu perdi um pouco, eu perdi um pouco a memória, não tinha a memória das coisas.

Para Anelí, um dos momentos mais difíceis após receber a notícia, foi o de enfrentar essa onda de preconceitos. A sua memória foi prejudicada pela potência devastadora do acontecimento, somada ao julgamento implacável da sociedade. Nesse sentido, a experiência do luto em consequência do ato do pai provocou em Anelí sentimentos angustiantes, relacionados à forma da morte, que a levaram a um prejuízo cognitivo.

Ela refere ter obtido aprovação em segundo lugar em um concurso, sendo convocada um mês depois da tragédia para se apresentar. Soube da notícia por um amigo, que a ouviu no rádio local e a avisou de que precisaria se apresentar.

Eu não sabia, Pedro, onde estavam meus documentos, eu não sabia onde estava minha identidade, eu tenho um apagão mental, sabe? Então eu nem fui me apresentar lá no concurso, eu nem tava nessa vibe, sabe?, eu só queria sobreviver.

Anelí queria sobreviver à tragédia. Depois de saber de todo o acontecimento que envolveu a morte do pai, depara com a aflição, a angústia, de não encontrarem o corpo. O corpo estava desaparecido no rio. As pessoas diziam que ele não tinha se matado, simplesmente fugira, a raiva parece explodir, a tragédia do julgamento das pessoas, como ela cita, pesou muito no modo como ela experienciou a situação.

Pessoas de má-fé, de má índole, maldosas começaram a dizer que ele não se matou, ele fugiu, ele fez isso, ele tá fugindo, sabe?, ehheh, as pessoas começaram a julgar. Foram os piores dias, porque a gente ouvia que ele era

uma pessoa perversa, ruim, então eu só pedia pra Deus e Nossa Senhora trazer esse corpo, porque aquilo ali já tava insuportável pra gente, a tragédia e ainda a da fala e do julgamento das pessoas, você entende? Que é uma tragédia atrás da outra, a tragédia por si só dos assassinatos e do suicídio e a tragédia do julgamento, né?, então eu só queria que o corpo aparecesse.

O preconceito e o julgamento atravessaram a dor de Anelí, diante do pôr fim à vida do pai. Como suportar a dor de um acontecimento somada aos ditos que Anelí ouvia das pessoas sobre o ato do pai?

Pergunto a Anelí como foram os seus sentimentos:

O meu sentimento desses três dias era de muito desespero, de muita angústia, de muita tristeza, de muita inconformidade, porque eu amava meus irmãos, então eu, eu ficava na minha mente, por que ele não deixou meus irmãos pra mim?

Anelí parece sentir raiva do pai, ela tinha uma relação de afeto com os irmãos a ponto de as pessoas acharem que eram seus filhos, “*Eu criava, eu tinha relação afetiva com eles. Eu, pelo fato dele ter tido filhos de forma esgarçada no tempo, então eu andava com meus irmãos e as pessoas achavam que eram os meus próprios filhos*”.

Para Anelí, a morte dos irmãos pesou muito diante da tragédia – violência, assassinato, suicídio – provocada pelo ato do pai. Ela não aceitava que os irmãos tivessem sido mortos, o seu ponto de partida foi buscar compreender por que o pai matou os filhos, “*Então não aceitava. O meu sentimento era de muita tristeza, de muita tristeza, muito pesar, muita angústia, tristeza por tudo*”. Além da dor pelas mortes, Anelí é tomada por uma espera angustiante pelo corpo do pai. O rio que acolheu o seu tombo teimava em não devolver o corpo à superfície.

Angústia principalmente porque o corpo não aparecia... e aquela angústia e o terceiro dia, quando o corpo apareceu, que era um corpo suspeito, porque no que passou três dias na água inchou, deformou, e o tiro da cabeça abriu a cratera no crânio, então ficou totalmente deformado.

Nessa direção, diante de como ela se encontrava, a angústia parece abrir um espaço singular, põe em questão a existência, implica a tomada de uma decisão: ser como todo mundo ou acolher o chamado que vem da angústia – assumir a finitude como condição constitutiva da existência (*Dasein*). No entanto, importa destacar que, em situações de crise, de limite, a angústia, enquanto disposição afetiva própria do *Dasein* pode emergir, mas não pode ser eliminada, nem é resolvível.

Finalmente, quando o corpo é retirado das águas, todo desfigurado, outro momento doloroso se apresentou para Anelí – reconhecer de quem era. Ela, os irmãos e a mãe não tiveram forças para acompanhar o trâmite no Instituto Médico Legal (IML), um amigo se prontificou, *“ele foi reconhecido pelas tatuagens, porque ele tinha muitas tatuagens, então tinha caracteres físicos muito pessoais dele, né?”*.

Anelí contou que enterrar o corpo foi outro transtorno, a fome da mídia e das pessoas em busca de notícias dificultou o enterro, sentiu-se como uma foragida. *“O corpo pra enterrar foi igual a gente foragida. Eu lembro quando a gente chegou no IML... tinha jornalistas querendo informações, a gente driblou pra enterrar ele. Então não teve atos fúnebres, exéquias tradicionais, foi tudo muito rápido”*. Anelí parece ter sido tomada por um sentimento de exclusão, como se diz hoje nas redes sociais, foi *“cancelada”*.

Qual crime Anelí cometeu, ser psicóloga de um pai que assassinou os filhos, a mulher, e deu fim à vida? O que nos leva a não respeitar a dor, o sofrimento do(a) outro(a)? A mídia muitas vezes busca informações, não para narrar o fato em si, como

observamos em várias tragédias do cotidiano, mas pela necessidade de espetacularizar os acontecimentos para dar vazão ao consumo capitalista, que impõe sua lógica do lucro a qualquer custo, inclusive sobre a dor do(a) outro(a). É a preponderância do pensamento técnico, vinculado à quantidade de informações já definidas como valores prévios culturalmente, que encobre a possibilidade de acolher a experiência, dimensão pouco valorizada no viver cotidiano.

Anelí não pôde oferecer ao pai morto o que é próprio da tradição milenar – os rituais fúnebres. Foi ignorada em seu sofrimento de filha, sua dor como enlutada foi colocada à margem das exéquias, precisou enterrar o pai às pressas, à sombra da noite, escondida dos(as) jornalistas e das pessoas que o julgavam como assassino. A dor da filha foi atravessada pela hostilidade dos(as) acusadores(as) e pela mídia nacional.

Anelí, em luto, sofreu a dor da dor das perdas – a dor do preconceito por ser psicóloga e a dor diante da tragédia – o pai matou os irmãos e a mulher de modo trágico. Ainda não podia entrar em contato com a experiência de ser enlutada de pai que deu fim à vida. O modo como o pôr fim à vida do pai ocorreu parece ter encoberto, nos primeiros dias, a dor do luto. Em sua caminhada diante de cada situação, os acontecimentos foram acompanhando Anelí. O descaso com a dor de Anelí em seu processo de luto parece espelhar a trivial normalidade da indiferença com os(as) mortos(as) e desrespeitar o direito à tristeza dos(as) sobreviventes e a memória de quem partiu (Rodrigues, 2021).

Outra dificuldade que Anelí reporta foi a de encontrar um padre que conduzisse os rituais próprios para o momento do enterro. As ideias moralizantes que ainda imperam na cultura religiosa desde os tempos de Santo Agostinho, com a interdição do pôr fim à vida, foram expressas por dois nãos, “*o terceiro padre aceitou fazer, tudo*

muito rápido. Eram 6 horas da noite, já escurecendo e com pouca gente, eu, meus irmãos, minha mãe, dois ou três amigos, as pessoas mais íntimas”.

O medo de que no enterro houvesse manifestação popular por ter sido um assassinato que envolveu crianças tomou conta da família e a impediu de vivenciar o sentimento de despedida. *“Aí a gente tava lá no cemitério, aquela coisa bem tenebrosa, bem triste, sabe, Pedro, o padre fazendo aquelas palavras rápidas e a gente se despedindo, ele dentro do caixão”.*

Pergunto a Anelí como foi para ela a experiência dessas exéquias. Ela conta que o contexto em que se deu o enterro a impediu de expressar seu sentimento, tamponou os soluços do seu choro. *“Muito difícil, porque sabe aquela coisa assim de você não ter o direito de vivenciar o sentimento? Você não ter o direito de chorar? Você não ter o direito de falar?”.* Ela parece assumir o julgamento das pessoas. Em tal contexto ficou difícil se permitir viver a morte do pai.

Anelí disse que no velório dos irmãos e da madrasta estava muito envergonhada, não sabia como se comportar, *“eu tava muito envergonhada, tinha vergonha, um mundaréu de pessoas, muita gente, a cidade toda... e me apontavam, olha a filha dele ali”.* O julgamento das pessoas se expressava nos olhares para Anelí. Ela se sentia incomodada, envergonhada. Somos seres com-o-outro, como possibilidade de ser e, embora sob o olhar do(a) outro(a), Anelí julga a si mesma e reconhece que é como as pessoas a veem (Sartre, 2015).

Anelí se recorda do quanto foi doloroso perceber os olhares de julgamentos, ouvir as falas injuriosas, ofensivas, proferidas enquanto o corpo não aparecia. As pessoas achavam que ele tinha assassinado a mulher e os dois filhos e fugido em seguida. Ela sentiu raiva das pessoas ao dizerem, *“aquele desgraçado, filho da puta, quando ele aparecer vou matar ele... queimar ele. Eu digo, meu Deus, ele já tá morto*

e ainda querem matar ele de novo. Isso não se faz, sabe, era toda sorte de palavras malditas”.

A incompreensão, a falta de solidariedade com o sentimento do(a) outro(a) experimentada feriu, machucou, incomodou Anelí. Como com-viver em uma sociedade que rotula e se pauta pelo descaso com a dor do(a) outro(a)? Que nega apoio a quem sofre?

Finalmente quando o corpo apareceu foi um alívio e, ao mesmo tempo, muita tristeza para Anelí. Ao buscar compreender a falta de solidariedade das pessoas, sentiu-se abandonada: *“onde você mais precisa das pessoas, onde você mais precisa do abraço, as pessoas não sabem consolar, elas não sabem ehh cuidar de um luto, e ainda um luto por suicídio, né?”*. Ela se sente desrespeitada em seu processo de luto, ficou magoada com seus(uas) concidadãos(ãs) pelo preconceito, pelas ideias moralizantes, inclusive da própria igreja: *“eu ouvi coisas absurdas, sabe?, o que ele fez, ele tá no inferno, você sabe que a colheita dele não vai ser boa, né?”*.

Anelí se vê diante de um julgamento sobre o pôr fim à vida que ainda hoje tem essa conotação de pecado propagada pela Igreja Católica, ao defender que a vida é um bem supremo e deve ser preservada para se alcançar o reino de Deus, e que aquele(a) que antecipa a sua morte teria como destino o inferno.

Perguntei a Anelí: – como você vivenciou os sentimentos em relação ao seu pai?

O meu sentimento mudou, Pedro, porque assim quando ocorreu a tragédia eu sentia revolta, eu me sentia revoltada por tudo, mas eu amava e amo o meu pai, coloca esse verbo no presente. Então, mesmo, meu pai tinha transtorno bipolar, ele era uma pessoa desequilibrada, devia ter o transtorno de personalidade de borderline também, não diagnosticado, eu aqui tô

diagnosticando mesmo, pelas experiências que eu tive com ele. Eu tive uma infância com ele muito bacana, isso é, um bom pai pra mim, ele foi um bom pai, com todos os transtornos que ele tinha, ele cuidou de mim, ele me amou da forma que ele pôde, entende?

Anelí estava em movimento, pondo em xeque as avaliações sociais, culturais e religiosas que, de certa forma, atravessaram inicialmente seu modo de acolher o acontecimento. No entanto, abre espaço para compreender as possíveis motivações, não dentro de uma relação causal, mas que fizeram o solo do comportamento e da atitude do pai.

Ela reconhece os modos de ser do pai, lembra dos bons momentos que vivenciou na infância: *“eu tive uma infância com ele muito bacana, isso é, um bom pai pra mim, ele foi um bom pai, com todos os transtornos que ele tinha, ele cuidou de mim, ele me amou da forma que ele pôde, entende?”*. Ao se encontrar com as boas lembranças do pai, as memórias afetivas de sua infância, ela compreende o modo de ser do pai e reconhece o cuidado e o amor que recebeu dele. Anelí continua:

Então o meu sentimento era, no momento da tragédia, de muita revolta e tristeza, mas, passado o tempo, passando tempo da tragédia, eu, resignificando essa história, eu, eu, reverberando isso em mim, através de trabalho psicoterapeuta, terapia. Fiz um curso em [cita a cidade] de uma capacitação de suicidologia, lá eu participei de uma oficina e nessa oficina eu resignifiquei total. E aí por isso que eu tô lhe falando de amor, né?, porque ali, naquela oficina, eu falei do que me ocorreu, porque eu tinha vergonha de falar, né?, que meu pai foi suicida e assassinou, assassinou e suicidou, né?... a tragédia aconteceu em [diz a data], então 7 anos depois a oficina com um especialista, eu resignifiquei de um modo diferente, porque ele fez uma

dinâmica que eu, que eu precisava me despedir, né?, dessa pessoa amada, que não tivemos tempo de nos despedir e eu me despedi do meu pai. Engraçado que essa imaginação ativa que gerou lá é o que tem em mim até hoje, eu me despedi dele mentalmente, ficou em mim, sabe? Então o sentimento hoje e eu posso lhe dizer é de muito amor.

Ela narra seu sentimento ante a tragédia – revolta e tristeza. O apoio recebido no trabalho psicoterapêutico e uma dinâmica realizada no curso de suicidologia foram movimentos que deram passagem para que o ato do pai fosse acolhido e a libertasse da vergonha que calava sua voz e a impedia de falar sobre o assunto.

Ao ter abertura para narrar, e assim elaborar a experiência vivida, Anelí se colocou em posição de escuta, olhou para várias direções de si mesma, criou caminhos, ergueu-se. Contemplou, compreendeu a experiência vivida, lembrou momentos de muita felicidade com o pai na infância, vislumbrou novos horizontes. Nesse sentido, ao olhar para vários horizontes, ao se reportar ao que vivenciou com o pai na infância, Anelí criou condições de possibilidades para que novos movimentos, novos caminhos fossem desvelados e percorridos.

Anelí continua com a sua narrativa, reconheceu o peso da tragédia, da história que faz parte da sua experiência, do caminho da dor sofrida pelo acontecimento e que a levou a resgatar o amor que sente pelo pai: *“meu pai assassinou e suicidou, né?, então a história pesada, não é todo mundo que aguenta ouvir, né?... tudo caminhou através de muita dor, né?, uma dor que gerou amor... eu sinto muito amor por ele”*. Anelí fez movimentos que a encaminharam para a possibilidade de apropriar-se de seu-poder-ser-mais-próprio. Revisitou a sua história, compreendeu a sua dificuldade em aceitar inicialmente o ato paterno e pôde acolher suas experiências de infância, do pai presente e amado. Conseguiu pôr em movimento as possibilidades

compreensivas que atravessaram o estigma e o preconceito que constituíram a situação e, ao compreender o caminho percorrido, novas possibilidades podem se apresentar, indicando a tecitura de novas tramas de sentido. Ela disse não condenar o pai, distanciou-se das ideias moralizantes que envolvem o fenômeno do luto e do suicídio, embora tenha deixado para Deus a condenação, decisão que ameniza as possibilidades de julgamento, ao mesmo tempo em que abre caminho para o acolhimento de outros sentimentos, apaziguando, de certa forma, a alma e o coração.

Quem sou eu pra condenar uma pessoa, quem sou eu pra dizer que ele tá nos umbrais ou no inferno, eu não sei o que passou na cabeça dele no ato, se ele se arrependeu ainda antes de se atirar, sabe? Eu não sei o que processou cognitivamente. Então eu sou uma reles mortal, né?, eu sou cristã, então é Deus que deve fazer isso, né?, essa condenação.

Ao final, compreendi a pergunta que Anelí me fez no início da entrevista, lembra? – “*Você tá preparado?*”. A narrativa da tragédia que ela experienciou soou desconfortável para os ouvidos, em vários momentos fui tomado por tristeza, indignação, compaixão. Acalentei minhas ressonâncias, tomado pela estética de sua narrativa – segura, serena, calma.

Anelí sofreu com os abalos “sísmicos” existenciais. Sentiu no corpo o peso do existir e na pele o preconceito, o estigma, mas,

Não se deixou abater

Se pôs de pé,

Decidiu caminhar, caminhou.

A vida seguiu.

Apartou-se do José.

Encontrou o seu “para onde” – o amor. (O Autor, 2024)

Anelí continua em sua terra natal exercendo a profissão de psicóloga. É escritora e poeta. A dor e o sofrimento se transformaram em saudade e amor.

Deixo Anelí em seu habitat. Sigo para o meu encontro com a terceira entrevistada. Convido você, leitor(a), a nos encontrarmos com a narrativa de Dálva. Ela soube que estava grávida uma semana antes da entrevista.

4.3 Dialogando com Dálva

Dálva foi indicada por uma psicóloga. Fui informado de que ela estava grávida e havia perdido o pai há 3 anos. Tomado por uma preocupação, registrei no meu diário de afetações o seguinte:

Como seria para Dálva falar de assunto tão delicado, como a antecipação da morte do pai, recém-grávida? Ela estaria preparada para falar sobre este assunto? Como os sentimentos ressoariam nela e em mim com a sua narrativa?

Fiz contato com Dálva por telefone, apresentamo-nos e a informei sobre como aconteceria o processo da entrevista. Ela me relatou que estava em acompanhamento terapêutico e que estava preparada para participar da pesquisa. Conversamos ainda sobre o TCLE e, esclarecidas todas as dúvidas, marcamos a data da entrevista, ocorrida de modo *on-line* pela plataforma *Google Meet*.

No dia marcado, Dálva narrou a sua experiência de filha enlutada de pai que deu fim à própria vida. O ato ocorreu durante a pandemia da covid-19, em abril, há 3 anos. Ela disse ter sido uma experiência muito traumática.

Foi uma experiência muito traumática, eu acho que é impossível não ser traumática, porque é, nós éramos muito, muito próximos, eu e ele. A gente

conversava muito e normalmente ele me ligava, passava 40 minutos de ligação. Foi uma dor tão forte, né? Nossa, é uma dor que eu não sei, tipo perder um pai já é difícil, perder uma mãe já é difícil, mas perder ele por tirar a própria vida, eu acho que se torna mais difícil ainda, porque ninguém tá esperando, né?

Ela sofre diante de um acontecimento que veio ao seu encontro e rompeu com a convivência afetiva entre pai e filha. O acontecimento, o inesperado, destroça e funda mundos. Vamos acompanhar a narrativa e os movimentos de Dálva, narrativa que passa a desenvolver desde o momento em que percebeu a mudança de comportamento do pai.

Ao completar 18 anos, Dálva foi morar em uma capital do Nordeste para fazer faculdade. O pai e a mãe continuaram morando em uma cidade do interior, distante 250 km da capital. Durante a pandemia, ela e o irmão mais velho foram para a cidade onde os pais moravam. Lá encontraram o pai fazendo uso, há 15 dias, de um ansiolítico para dormir melhor. Mesmo medicado, Dálva não via melhora no comportamento do pai, que demonstrava ansiedade e preocupação com as questões financeiras.

Eu via que [o remédio] não acalmava ele. Ele sempre foi muito ansioso, ele sempre falou muito rápido, sempre foi muito preocupado, e as falas que ele já vinha me relatando antes, né?, era de muita preocupação com o financeiro.

Dálva disse que antes da pandemia o pai havia até parado de falar das preocupações financeiras, embora não tivesse vontade de fazer mais nada, e relatou como foi difícil a experiência de acompanhar o processo de ansiedade vivenciado pelo pai e a própria morte.

Ele simplesmente só ficava em casa, não conseguia mais falar, era uma coisa que ele fazia muito, né? A experiência foi muito traumática, eu não falo só a experiência da morte, eu falo a experiência da, da vivência da doença.

Dálva percebe que o pai não estava bem, preocupa-se e sofre com o silêncio dele. Como compreender o sofrimento de Dálva diante de um silêncio que parece querer dizer algo ainda não tematizado?

Ela narrou que os 15 dias em que ficaram juntos foram muito dolorosos. Por ser psicóloga, cobrou-se muito e tentava de tudo para ajudá-lo, tentou inclusive que ele fizesse terapia *on-line*.

Os 15 dias que a gente ficou juntos, eram muito dolorosos, porque eu tentava de tudo, né? Por ser psicóloga, me cobrei muito, tentei terapia on-line, mas ele não conseguia, tipo até manter o olhar na na minha pessoa ele não conseguia, assistir filme, ler, que eram coisas que ele gostava, né?, conversar a respeito de coisas, ele não, não fazia.

Dálva fica incomodada com o silenciar do pai. Por ser psicóloga se cobra, não conseguia acessar o que a mudez dele tinha para dizer. O gesto do pai era de indiferença diante das possibilidades de ajuda oferecidas pela filha, e isso a incomodava – habitavam o seu corpo dores, sofrimento. A angústia rompeu a familiaridade cotidiana da relação filha/pai conversador, do diálogo, do olho no olho. E abriu para Dálva originariamente o mundo como mundo, e a fez perder o que se encontrava à mão (Heidegger, 2015a).

O pai de Dálva tinha uma propriedade, trabalhava com extração de areia e seixo. A estrada que dava acesso à propriedade para escoar a produção estava interdita há um ano, este fato impediu o pai de trabalhar, vender o seu produto e ainda o fez arcar com os custos de um funcionário. Vamos ouvi-la.

Isso mexeu muito com ele, além de outros acontecimentos, como a morte de um dos melhores amigos dele que era o caseiro, a morte da minha vó, isso tudo estava preocupando ele, né? Então foi muito difícil essa parte de de, de estar tentando, né? Chamava ele pra sair, mas ele não conseguia mais... Eu dizia pra ele, – pai, são 15 dias muito difíceis, a medicação realmente no início é muito difícil, vai dar certo, essa agonia vai passar –, que era o que ele mais relatava da da medicação, a agonia na cabeça, né?

Dálva, por mais que tentasse – chamando-o para sair, conversar, ler, assistir a filmes, entre outros convites –, não conseguia acessar um fio de sentido para a vida que tirasse o pai do estado de desânimo que estava presente no seu dia a dia. Como compreender o drama de Dálva ao se sentir impotente frente ao silêncio e às negativas do pai?

O ato do pôr fim à vida do pai aconteceu numa manhã do dia 3 de abril, ele saiu de casa depois de 15 dias “enfurnado”, *“minha mãe me acordou feliz porque ele tinha dito que ia pro [cita o nome da propriedade]”*. Em determinado momento tentam falar com o pai, ele não atendia ao celular, havia deixado o aparelho em casa. Dálva e a mãe procuram descobrir onde ele se encontrava. Elas tomam conhecimento de que o pai não fora para a propriedade. Contataram muita gente, ninguém sabia de nada. *“Minha mãe entrou em contato com todo mundo e surgiu uma preocupação, tipo assim, foi muito, foi muito difícil a experiência. Eu acho que todo mundo tem uma dor singular, né?, mas passou tipo 24 horas sem notícia”*.

Dálva, tomada pela angústia, sofre no corpo uma dor que não consegue tematizar. O desaparecimento do pai rompeu a dinâmica cotidiana da relação filha/pai, em suas conversas por telefone, e isso a deixa preocupada, angustiada, sem rumo, sem notícias. Sente-se estranha, desabitada, sem casa. Nesse sentido, a

angústia pode abrir para Dálva a possibilidade de assumir-se como pro-jeto de vir a ser (Heidegger, 2015a), acolhendo outras narrativas que apontavam para o inesperado, o efêmero...

Depois de várias buscas, uma prima de Dálva encontrou o carro do pai:

Ele levou o carro pra um açude, né? E aqui dentro, dentro da nossa cidade, deixou o carro e as roupas. Saiu com roupas velhas inclusive, né? Mas a mãe achou que ele ia pro [cita o nome da propriedade].

As buscas se concentraram no açude. O Corpo de Bombeiros foi acionado e no dia seguinte, logo cedo, o corpo foi encontrado. Com a presença do corpo, Dálva sai da apreensão diante do desaparecimento do pai e mergulha na dor que tomou conta de si, diante do ato do pai. Acompanhemos Dálva:

Então, assim, demorou muito, tipo, eu, eu percebi que eu tava muito anestesiada, eu não conseguia, eh, eu, eu dormia, mas eu tava tendo pesadelo e eu não conseguia falar sobre isso. Minhas amigas todas foram pra minha cidade, né?, no dia seguinte, né? E tentavam conversar comigo isso, depois que a que tinha acontecido, já depois que a gente tinha encontrado o corpo, mas eu vi que foi muito difícil, né? Eu primeiro neguei, né?, muito. Perguntou da experiência, né? Neguei, então de início eu lembro que eu ficava com todo mundo conversando e eu entrava em outros assuntos.

Dálva sentiu-se entorpecida, a ansiedade lhe tirava o sono, não aceitava a morte do pai, parece que o modo de esconder a dor se espelhou na negação, inclusive ao evitar conversar com as amigas sobre o assunto. Foi difícil para ela se colocar diante do ato do pai, nega a morte, não quer tomar conhecimento.

Mesmo anestesiada pela dor, ela sorria em suas idas e vindas, a sua mãe criticava tal comportamento, não ficava bem para a filha em situação de luto do pai.

“Minha mãe, eu lembro que nos 7 dias, ela brigou muito comigo, tu não podes sorrir [cita o seu nome]... tu tem que ficar triste, todo mundo está vendo, eu não me importava com o que ela tava falando”.

Dálva não se importava com as críticas da mãe. Para Dálva, o sentido da perda do ente querido habitava o seu corpo com dor e sofrimento. Ela assumiu um comportamento distante daquele luto ritualizado pela tradição que impunha reclusão à família, muito mais para que o(a) enlutado(a) preservasse o mundo de sua dor (Ariès, 2012). Dálva vivenciou a dor da perda do modo que lhe foi mais próprio em seu poder-ser.

Dálva chorou muito e negou o ato do pai até agosto de 2020, questionou Deus, cobrou-se por ser psicóloga e por não poder ter ajudado o pai. Em suas próprias palavras:

Eu realmente neguei muito. Na hora eu chorei, quando eu, eu vi, eu tive que ir até perto dele, né? Chorei muito, muito mesmo. Só que depois eu, eu via que o meu mecanismo foi negar, né? Então, até agosto de 2020 eu continuei negando. Até que eu tive uma, eu sou espiritualista, né?, eu vejo que o que mais me ajudou e até tô falando sobre isto hoje, né?, foi entender mais, conseguir ter uma compreensão minha sobre a morte, né? Por que que Deus tinha desistido da gente, por que Deus tinha permitido isso? Fazendo muitos questionamentos, né?, inclusive que eu não era uma boa profissional, então eu trouxe muitas cobranças pra mim. Entendendo que eu fiz sim a minha parte, fiz o que foi possível, mas a dor dele era muito forte, né?, naquele momento. Então talvez nada que eu fizesse fosse impedir, né?, fosse ajudá-lo naquele momento, né?, eee, foi tudo muito rápido na pandemia, a gente ficou muito de

mãos atadas, né? Então assim, e hoje, 3 anos depois, eu ainda sinto dor, ainda sinto saudade.

Dálva parece compreender a realidade do ato e inicia outro movimento, deslocou-se da negação da morte e dos questionamentos que se fazia, reconheceu ter feito o que pôde pelo pai e se abriu para uma compreensão da morte apoiada em sua crença espiritual – ela disse ser espírita –, o que lhe possibilitou inclusive falar sobre o assunto e conseguir identificar sentimentos de dor e saudade.

Perguntei a Dálva: – você poderia falar sobre essa dor? – *“Posso, posso”*. Ela contou que era muito próxima do pai, mais do que da mãe, e sempre ligava para falar com ele das coisas do seu dia a dia, associou a dor que sente à saudade do pai, por não o ter ao lado, e reconheceu que isso a angustia, que a filha por nascer não terá em vida a companhia do avô.

A dor que eu vejo hoje, néé?, é uma dor de saudade, de não ter a presença física dele, a dor de não poder ligar, de não poder contar minhas coisas. Então assim, eu vejo que isso ainda me angustia um pouco. Eu tô grávida, [embarga a voz, chora, soluça]. Então assim, de saber que ele não vai conhecer, néé?, minha filha. Então tudo isso faz que é uma dor associada à saudade, néé?

Dálva sentiu falta da presença física do pai, do contato, dos momentos de convívio – ausência que traz saudade, tomou/toma conta do corpo e dói. Doem as lembranças, dói saber que nada mais será como antes, dói saber que o avô não vai conhecer a neta. As lágrimas rolaram pela sua face, o choro de Dálva marca meu corpo e me faz lembrar o trecho da música *Balada de uma saudade*, que talvez expresse o que ela sente, o que sentimos na singularidade da dor de enlutados(as), que ressoou em cada um(a):

Perdoa se eu chorar

É que a saudade dói demais
E a tua ausência só me traz
Lembranças e eu sei
Que faria tudo enfim
Pra ter você aqui, perto de mim. (Catedral, 2001)

A saudade diante de uma situação limite pode possibilitar uma mudança de perspectiva, abrindo para Dálva a liberdade para escolher acolher a si mesma. Nesse sentido, parece que Dálva encontrou um modo de aplacar a dor da saudade tanto na crença, por ser espírita, quanto na simbologia da tatuagem que fez em seu braço esquerdo:

Então assim, um, um dos mecanismos que me ajudou, além da minha crença, né?, eu percebi que comecei a ver as coisas de uma forma diferente, fiz uma tatuagem com o nome “painho” em dezembro de 2020, no meu aniversário [mostra a tatuagem no braço]. E eu fiz essa tatuagem como uma forma, porque eu estava usando a aliança dele, eu percebi que usar aquela aliança, que foi a aliança que ele tava no dedo, só me trazia dor e sofrimento, né? Então assim, eu preferi tatuar a forma como eu chamava ele, né?, eu sempre chamei de painho, e senti que eu trouxe uma lembrança mais bonita, mais perto de mim, né?

Dálva antes havia usado a aliança do pai como um símbolo de afeição, de amor, mas não se sentiu bem. Qual o sentido que atribuía à aliança que causava tanto sofrimento e dor? Como compreender a dor e o sofrimento de Dálva por ter assumido a aliança, representante de um compromisso de união do pai com a sua mãe?

A dor sentida por Dálva pela perda foi tão intensa, que ela pensou em antecipar a sua morte. Acompanhemos Dálva.

Aquela dor, no início, em 2020, ainda em agosto, à época que eu fiquei mais mal, era uma dor que me fazia pensar de pôr fim à minha vida. Tipo assim, a minha vida perdeu todo sentido depois da morte dele, né? Mas, acho que eu me questioneei tanto sobre, sobre a vida, sobre como as coisas funcionavam, né?, que eu cheguei então a me afastar das pessoas, a sentir muita tristeza, a sentir realmente apatia com as coisas, não tava fazendo nada. Então assim, só que foi por um período curto, né?

Dálva entra em contato com a sua dor, tematiza a dor da dor – falta de motivação, tristeza, apatia, sentimentos que habitavam o seu corpo e a levavam a querer antecipar a morte. Sem o pai, nada fazia mais sentido em sua vida, isolou-se das pessoas, e parece que em determinado momento desejava isolar-se de si mesma, como fizera o pai em vida.

Dálva deu atenção ao sentido do gesto de usar a aliança do pai que, enquanto experiência, escancarava a dor e o sofrimento, além de, por tradição, ser a viúva que assume a aliança do marido morto.

Ela deixou de usar aquele símbolo que a unia em aliança à vida do pai e substituiu a presença do pai na sua vida por uma tatuagem. Gravou na pele o seu modo de chamar o pai – “painho” –, e, nesse sentido, tatuar no corpo o afeto que nutria pelo pai parece que desligou Dálva de sua aliança com a morte e a despertou para uma reaproximação com o fio de sua vida – ela se presenteou com o amor do pai em seu aniversário. Assim, sentiu-se mais confortada pela perda, o que possibilitou que ela moldasse, como o(a) oleiro(a), o contorno do jarro-existir que carregava um vazio, o vazio pela perda, e o vazio aberto pela falta do pai era de certo modo preenchido pelo amor-saudade.

Dálva, mesmo sabendo que o pai não gostava de tatuagem, assumiu fazer uma: *“ele não gostava de tatuagem, mas eu falei, ele vai aceitar, e assim eu vejo que a dor hoje se transformou, transformou mais em saudade, né?”*. Ela se deu a liberdade para ser o seu poder-ser mais próprio, enquanto ser-no-mundo, independentemente da vontade do pai. A dor da dor que feria e machucava e que a levou à ideação de pôr fim à vida se transforma em dor da saudade, que dói, mas também traz lembranças dos afetos vivenciados com o pai.

Ela continua.

Eu sempre estive em terapia, só que eu não quis tomar mais medicação pra ansiedade, né?, com auxílio da psiquiatra, mas eu suspendi, sei que precisava, mas eu realmente acabei suspendendo. Então hoje eu acho que essa dor foi, se transformou em saudade, né? Eu passei pelo sofrimento muito grande, hoje eu já vejo que consigo entender mais como uma saudade, né? Me motiva muito a contribuir pra sua pesquisa, já participei também de outra, porque eu acho que quanto mais crescer esses auxílios, mais fácil será auxiliar as pessoas em sofrimento, tanto os familiares, quanto as que pensam em pôr fim à vida.

Dálva se distancia do silêncio, do isolamento que se impôs, da apatia, da aliança com a morte que a acompanhou até agosto de 2020, da medicação para ansiedade e se abre para novos horizontes, a dor se transformou na *tattoo-saudade*. E assim se voltou para contribuir com as pesquisas sobre a temática do pôr fim à vida, para ajudar os(as) sobreviventes e aquelas pessoas com ideações. Dálva, em seus movimentos de processo do luto, encontrou-se com o fio que lhe dá novo sentido à vida.

Perguntei a Dálva: – com quantos anos você estava e qual a idade de seu pai quando ocorreu o ato? – Ela responde, *“com 23 e ele com 57. Faria 60 este ano*

[2023], *foi poucos dias depois do aniversário dele... eu fiz um bolo lá em casa, lembro que até nos parabéns ele era muito animado e ele tava muito triste*". Nesse momento, um silêncio toma conta de Dálva, uma atmosfera de tristeza se espelha, parece que a lembrança daquele dia veio à tona. Sou marcado pela tristeza de Dálva, e uma preocupação ressoou em mim diante de sua gravidez e do desconforto que poderia causar em si mesma a narrativa. Pergunto: – você quer parar um pouco? – Ela disse: “*Não, estou bem*”.

Seguimos. Propus: – Dálva, você falou da dor da saudade, você se perguntou se poderia ter feito algo para ajudar seu pai, como você exprime os sentimentos que atravessaram o seu existir quando se questionava?

Como que eu expresso?” [risos]. Não sei, porque assim, como eu não vivo mais esses meus sentimentos hoje, né? Sim, mas relembrar, eu vejo que na época era muito, eu..., eu soube de uma história que saiu na minha cidade, né?, que eu acho que me marcou muito, questionaram tipo assim, tavam se questionando na mesa de um bar, nossa, mas a filha dele era psicóloga, né? Eu comecei a me questionar, tipo, a me cobrar, nossa, eu sou psicóloga, deveria ter incentivado ele a fazer terapia, antes eu deveria ter incentivado ele a se cuidar... Então, eu passei muito tempo me questionando como ser uma profissional mesmo, né?, tipo, como que eu vou conseguir ajudar alguém se não ajudei meu pai? Foi muita terapia mesmo pra eu entender que a psicóloga, eu não posso ser psicóloga do meu pai, né?... Eu posso, sim, ehh, indicar falar e tudo mais pra que eles possam ir, mas não tem como pegar na mão e levar lá, né? Mas eu me questionei muito, inclusive eu deveria ter procurado uma clínica, ter internado, só que são coisas que vieram depois, né?, eu percebi

assim, tudo só chegou depois, naquele momento eu não consegui pensar isso, eu tava sofrendo muito.

Dálva tem dificuldades para nomear os seus sentimentos. Deu ouvidos às notícias que lhe chegavam sobre o preconceito das pessoas em relação a ser psicóloga e ao pai ter dado fim à própria vida, ficou incomodada a ponto de desconfiar de sua capacidade profissional. Embora tenha expressado antes todo o esforço que fez para cuidar do pai, ela se questionava, como se persistisse uma culpa por não ter impedido o ato do pai.

Nesse caminhar, encontrou brechas para compreender que a decisão de querer ser cuidado ou não era do pai, não estava na mão da filha, da psicóloga. Como cuidar de alguém que não quer ser cuidado? Como cuidar de alguém que não encontra mais sentido na vida?

O sofrimento de Dálva por ser psicóloga me fez lembrar de Anelí, minha segunda entrevistada. Ela também sofreu com o julgamento das pessoas, parece que o estigma que a profissão carrega no imaginário das pessoas espelha um ser-Deus, que pode prever, controlar, salvar vidas, e isso pressionou ainda mais os seres humanos – Dálva e Anelí –, que, por vezes, além da dor singular de cada uma pela perda do ente querido, foram atravessadas pela dor da culpa por não terem impedido o ato.

Dálva lembrou que um dia antes de o pai antecipar a morte, o irmão, que é advogado e estava concluindo o curso de Administração, procura-a, chorando muito. Ela reproduziu a conversa:

Ele chegou em mim falando, eu não quero cuidar do [cita o nome da propriedade], o pai pediu pra que eu cuidasse, né? Ele não consegue cuidar, mas tá doendo muito, mas eu não quero. Falei, calma, mano, vai dar certo, se

o pai não consegue, você não quer, a gente vende, a gente dá um jeito. Vamos esperar as coisas acalmarem, né?

Dálva tenta acalmar o irmão, e oferece a possibilidade de venda da propriedade para acalmar a ansiedade dele e também a sua, pelo desconforto que causou o diálogo. Ela lembra que o pai, nesse dia da conversa com o irmão, chegou à porta do quarto, parou e

Mandou um beijo pra gente [ela fez o gesto do beijo], mas não entrou. E eu tenho arrependimento nesse momento, né?, de não ter chamado o pai pra entrar, ele era o maior provedor, minha mãe trabalha também, né?, sempre trabalhou, mas o maior provedor era o meu pai, sempre foi muito preocupado com todos, ele não vivia por ele, vivia pra gente, né? Então assim, eu vi que naquele dia, eu acho que ele se sentiu, não sei, tipo muito perdido no sentido de eu não tô conseguindo mais ser o suporte pros filhos, né?

Dálva se culpa por não ter dado atenção ao pai, não o ter convidado para participar da conversa. Reconhece o pai como maior provedor da família e sua preocupação com todos(as), inclusive, como ela cita, chega a esquecer de cuidar de si mesmo. Como compreender o sofrimento de Dálva, que parece se culpar pelo ato do pai? Receber o pai no quarto naquele momento teria evitado o ato que mais tarde praticou?

Dálva continua sua narrativa sobre as cobranças que se fez, estava com um ano de formada, iniciou uma clínica, trabalhou no Centro de Referência de Assistência Social – Cras em duas cidades, mas não suportou, adoeceu, acabou saindo e ficando só na clínica, mas com a pandemia parou tudo.

Me veio muitas cobranças nesse sentido, que eu deveria ter feito mais na época. Eu tinha, tava com pouco tempo trabalhando, né?, e tinha parado de

trabalhar, né?, por causa da pandemia. Então ser autônoma, né?, eu não estava recebendo nenhum centavo. Ele precisou voltar a me bancar. Então assim, eu acho que me cobro muito nesse sentido, né?, de ter passado muito tempo sendo dependente dele, né? Eu me formei em 2019, eu tava mais ou menos com um ano de formada, só que início de clínica sempre foi difícil, aí eu até fui para um Cras, mas lá eu adoeci trabalhando nas duas cidades, eu não consegui. Eu adoeci fisicamente, né?, tipo, senti muitas dores, eu acabei largando o Cras e fiquei na clínica, né?, mas na hora que parou, o dinheiro acabou, né? Então ele precisou de certa forma continuar ali. Ele sempre tentava estar nesse lugar, né?, de apoiar, de ajudar, ele queria dar esse suporte, mas teve um momento que ele não conseguiu, acho que minha cobrança maior foi essa, né?, de, nossa, deveria ter ajudado mais, eu deveria ter feito mais... [silêncio, os olhos se enchem d'água].

Percebi que a emoção tomou conta de Dálva pela sua expressão, gestos, os olhos inundados pelas lágrimas. Uma atmosfera de tristeza e silêncio se instalou, sou afetado pelos gestos de Dálva, voltei a me preocupar com as ressonâncias da narrativa em sua gravidez. Nesse momento, perguntei se ela está com sede e a convidei: – vamos tomar água? – Ela respondeu “sim”. Passados alguns instantes, perguntei: – você gostaria de acrescentar algo mais sobre a sua experiência?

Dálva seguiu com a sua narrativa, desloca-se das cobranças para olhar a sua experiência como fonte de ajuda às pessoas.

Eu sempre gosto de falar pra as pessoas que estão passando por sofrimento, né?, com alguém em casa, né?, que a gente tem que se fortalecer, porque por mais que eu estivesse em terapia, vi que eu tava muito nessa cobrança de cuidar de mim, mas cuidar dele, eu não tava bem também, né?

Em seguida, Dálva ampliou a sua compreensão e contou como o sofrimento do pai ressoou a toda a família. “*Eu acho que a parte mais dolorosa, né?, eu acho que adocece o campo, né?, não adoceceu só meu pai, eu adoeci, minha mãe adoceceu, meu irmão adoceceu*”. O apoio e o suporte que poderiam ser dados pela família e amigos(as) não vieram, pois estavam sob restrição social imposta pela pandemia da covid-19.

Então assim, o quanto que naquela época [na pandemia] não foi possível mais suportes de fora, né?, porque não tinha como. Minha família até ia até lá, mas ficava na janela, ficava na porta, de máscara, né?, a gente não podia confiar, né?, não tinha como ter segurança, enfim.

Dálva lembra do caos que tomou conta do mundo diante da pandemia da covid-19, pelas restrições sociais impostas. A família não pôde contar com a rede de apoio de familiares e amigos(as) – o contato olho no olho, o abraço, o aperto de mão, o diálogo –, pelo medo que reinava em todos(as) de contrair o vírus devorador de vidas.

Permita-me, leitor(a), sem querer fazer qualquer nexos de ligação com o enlutamento de Dálva, mas como brasileiro, não posso deixar passar a oportunidade de lembrar do caos que se instalou no país, elevado a limites inadmissíveis pelo nosso presidente à época, que incendiou o Brasil com o seu analfabetismo emocional e provocou, ao final de 2020, pelo menos 20 mil mortes, de acordo com estudo da Universidade de Cambridge, na Inglaterra (Blay, 2021).

Voltemos a Dálva. Ela se vê através do espelho e contou como foi dolorosa, sofrida, a cobrança que se fez.

Eu acho que a cobrança foi muito dolorosa pra mim, né?, me fez, acho que...
[silêncio] *eu me maltratei muito, tipo me cobrando mais, talvez tenha precisado*

passar por isso, né?, pra tá aqui hoje, pra tá me sentindo melhor, né?, com essas vivências. Tudo tá mais tranquilo em relação a isso. Entender que eu tenho feito por ele também, né?, que eu posso fazer, tipo, minhas preces, minhas rogativas, e acredito que auxiliar as outras pessoas, né?, que tentassem ter um olhar mais atento [silêncio].

Dálva se castigou com cobranças que a maltrataram muito. Seria um modo de atenuar uma culpa que parece acompanhar os seus movimentos de enlutada? Ao mesmo tempo reconheceu que passar pela experiência apontou novos caminhos – continua ajudando o pai com suas preces e outras pessoas com trabalho voluntário.

Perguntei a Dálva: – o que seria esse olhar mais atento?

Na hora que eu falei, eu pensei, nossa [risos], novamente me cobrando, né? Eu não sei, tipo, eu acho que não é nenhum olhar mais atento, mas [silêncio, o olhar se volta para cima, ganha um gesto de interrogação. Ela retoma a narrativa]. Eu realmente tava assim, eu não tinha noção do que tava acontecendo, só que não consegui lidar de outra forma, né? [silêncio], acho que não seria um olhar mais atento, mas realmente um cuidado que precisa ser no todo, né?

Dálva reconheceu que continua se cobrando, como se pudesse ter evitado o ato do pai. Ela parece dar voltas em seu movimento de compreensão do modo como vivencia o luto do pai. Nesse sentido, o luto parece ter uma trajetória errática de idas e vindas – dias melhores e piores –, em que Dálva vai descobrindo o que fazer com a perda, a falta, o vazio (Rodrigues, 2021).

Ela se voltou para os familiares, percebeu que precisam de cuidado.

Hoje eu, tipo assim, minha mãe não tá em terapia, mas sempre insisto pra ela estar. Meu irmão faz terapia e toma medicação, tá mais tranquilo, começou a frequentar o mesmo centro [espírita] que eu, sei que também tá ajudando ele.

Dálva se sentiu incomodada com a mãe por não aderir a um processo psicoterapêutico, acolheu como saudável o caminho que o irmão adotou para vivenciar o luto. Parece que Dálva centrou o cuidado com os familiares no apoio psicoterapêutico e na frequência ao centro espírita. No momento da entrevista, foram essas as possibilidades que se apresentaram para Dálva, preocupada com o modo como os familiares estão experienciando a situação.

Ela falou que depois da morte do pai a família se aproximou mais, o irmão, que era muito revoltado, ela o sente mais aberto, a mãe, numa relação melhor com a família que lhe dá suporte, continua no interior cuidando das coisas do pai. Ela defendia vender a propriedade, mas a mãe não concordou:

Ela ainda pode decidir [risos], tem autonomia... eu não posso, né? Como falei, olhar mais atento eu até tenho, mas não tem como eu escolher o que é certo pro outro, né?, porque todos nós temos o livre arbítrio [silêncio].

Perguntei: – Dálva, você falou que a espiritualidade lhe deu forças para vivenciar o luto, como foi/é essa experiência para você? – Ela disse que hoje acredita na reencarnação, que a morte não existe, e narra as experiências espirituais.

Eu acredito hoje na reencarnação, né?, que a morte não existe, então naquela época eu era católica e só pensava assim, né?, morreu, foi para o inferno, acabou, e hoje eu entendo que não é. Tanto que eu tive muitas experiências, eu tive experiências com ele, né?, tipo, de vê-lo não, não de ver ele, onde ele tá, né?, mas ter lembranças com ele, e me vinha muito o sentido de que ele tava sofrendo, né? Assim me vinham respostas, né?, tipo, de que eu precisava

continuar fazendo minhas preces, minhas rogativas, eu tava sofrendo ainda, ele não tinha aceitado, né?

Dálva se declarou espírita e, apoiada em sua crença, que tem a reencarnação como parte de um ciclo: nascimento – morte – renascimento/reencarnação, compreende que ao dar fim à própria vida a pessoa não acaba com o seu sofrimento, mas entra em um processo doloroso de sofrimento. Vamos acompanhá-la.

Eu acho que a pessoa quando põe fim à vida, né?, ela acha que seu sofrimento vai acabar, né? Eu vi que não, e vi que de certa forma tava sendo doloroso pra ele, né? E acho que me ajudou nesse sentido, né?, de entender que ele ia ser resgatado, como hoje eu já sei que foi, né? Tipo, eh, já foi me passado essa, essa notícia que ele foi, que ele ainda sofre, mas que ele tá sendo cuidado, né? Ele não foi, não tá desamparado, né?, tem a espiritualidade que tá cuidando muito lá [cita o nome de uma entidade]. Eu acredito que de certa forma esteve sempre presente, né?, ajudando ele, e acho que isso me dá mais conforto, né? Sentir que um dia, em uma nova, uma nova existência, a gente vai se reencontrar, se for da vontade de Deus, né?, que esse reencontro aconteça se a gente ainda precisar crescer em alguma forma, de aprender de alguma forma juntos, né?, que é o sentido da família como eu acredito.

Dálva assumiu um modo de pensar próprio do espiritismo, e, aceitar que existe vida além da morte, como professa a doutrina espírita – a imortalidade da alma e a pluralidade das existências são princípios que fortalecem a fé de Dálva, aliviam a sua culpa –, que o pai está sendo cuidado pelas entidades, conforta a sua dor e lhe dá esperança de reencontro com o pai em uma vida futura.

Perguntei: – você falou dessa experiência com a espiritualidade em relação ao cuidado que ele está tendo. E em relação a você, como essa experiência a ajudou,

como foi em relação a você? – Dálva contou que o sentimento maior estava sendo em relação ao pai, questionou o seu sentido de vida, e parece ter encontrado no trabalho voluntário como psicóloga junto a pessoas desassistidas uma nova perspectiva de seguir com a vida.

Quando eu cheguei lá [no centro espírita], cheguei não pra ser uma médium, né?, não para atuar na parte espiritual. Lá é um centro que a gente trabalha com a caridade em primeiro lugar, né? Eu cheguei para fazer atendimentos psicológicos, né?, então assim, eu só ia pra atender. Um dia, que eu não tava indo pra atender, porque eu tive que antecipar o dia da semana porque era feriado, eu não deixava de ir, eu pensava que tava me fazendo muito bem, né?, e, ajudar aquelas pessoas que não tinham condições de ter um acesso ao acompanhamento terapêutico. né? Aí teve a palestra, então assim, foi uma palestra que me falou, conversou muito comigo, né?, tipo, totalmente, a palestra falando sobre, sobre suicídio e tudo mais. Eu fui entender algumas coisas que pra mim nunca tinha pensado [embarga a voz].

Dálva frequentou o centro espírita com o objetivo de exercer de modo voluntário a sua profissão de psicóloga, ajudar pessoas em seu processo terapêutico. Nesse caminhar, assistiu a uma palestra sobre o pôr fim à vida, que parece despertou nela uma vontade para atuar também na esfera espiritual. Nesse mesmo dia, Dálva conta da experiência de ter sido assaltada – levaram-lhe a bolsa e os documentos –, e de como foi apoiada pelas pessoas da casa.

Eu fui assaltada, eu fui a premiada e, nesse dia, o mentor da casa veio e falou comigo, né? Então assim, eu vejo que o meu maior auxílio começou a partir dali, de entender o que ele disse, pra mim não me preocupar, né?, que eu me preocupava muito com tudo que eu tava vivendo, né?, e que tudo que eu tava

fazendo por ter um coração bom, tava sendo, tava chegando no meu pai, né?, que ele tava recebendo. Então eu percebi que isso até me deu mais força de continuar fazendo, né?

A experiência de ter sido assaltada e do apoio recebido do mentor espiritual, possibilitou o despertar, em Dálva, de forças para continuar realizando o trabalho voluntário no centro espírita, e um novo horizonte se abriu.

Eu comecei a participar da parte espiritual, então, no momento que eu tô lá, eu acho que eu tô sendo cuidada, né? Eu tenho os meus guias que me protegem, eu recebo direcionamentos, né? Eu vejo inclusive que às vezes eu acabo cuidando mais do outro do que de mim. Talvez eu ache que meu sofrimento maior foi esse, em relação a ele [o pai], né?, que talvez até existia uma concorrência entre mim e meu pai. Eu acho que o sofrimento maior foi esse, né?, de entender essa separação, de aceitar uma separação que tinha acontecido e hoje eu já consigo saber um pouco mais, como eu posso cuidar de mim, como eu posso me priorizar, tipo, ali dentro, como que eu posso realmente fazer esse cuidado, né?

Dálva entrou em contato, no templo espírita que frequenta e em que trabalha, com o mistério entre a vida e a morte e, em meio a tudo isso, compreendeu que não está desamparada, tampouco sozinha, ao contrário, seus guias a protegem e orientam. No trabalho voluntário encontrou conforto para a evolução espiritual, ante um mundo de provas e expiações, como aponta o espiritismo. A prática da caridade com o trabalho voluntário e o seu envolvimento com os trabalhos espirituais no centro espírita ofereceram condições para que ela compreendesse o ato do pai e aceitasse a separação, embora os laços afetivos continuem a fazer parte de sua existência, pelas lembranças que lhe trazem recordações dos momentos juntos ao pai.

Dálva continuou a sua narrativa de como compreendeu a separação do pai e fala do encontro com sua condição de profissional-psicóloga.

Entender que todos nós temos o livre arbítrio e todos nós podemos receber direcionamentos de outras pessoas, mas que a gente precisa fazer o nosso caminho, né? Então acho que me ajudou, né? Então me sinto muito bem lá dentro [do centro], acho que eu tenho inclusive recebido, né?, tipo, nos atendimentos, que antes eu me questionava muito, né?, eu tenho recebido há um tempo já. Hoje já é mais tranquilo, no começo eu me questionava muito, eu comecei a atender uma paciente lá que ela tava passando por um problema de ansiedade, nenhum tratamento dava certo, a gente passou oito meses no processo e ela parou de fazer os tratamentos. O cabelo voltou a crescer e ela começou, conseguiu sair, ela começou a engordar, porque tinha emagrecido. Então, tipo assim, eu vi que aquilo, né?, você pode sim, ajudar pessoas, você pode sim, ser uma profissional boa, né? Eu começava a questionar, por mais que eu já tenha feito muitas coisas, eu sempre me questionava muito, né?, se eu tinha uma escuta atenta, se eu tinha esse olhar atento, e hoje eu sei que sim. Eu acho que me ensinou a confiar mais em mim, né?, e a confiar mais na vida, que eu acredito em Deus, que eu deixei de acreditar muito tempo, né?
[silêncio].

O trabalho voluntário no centro aponta para um amadurecimento de Dálva, que passou a confiar na sua capacidade profissional como psicóloga e a compreender o ato de findar a existência como uma possibilidade de liberdade (livre arbítrio) da pessoa de decidir o que pretende fazer de sua vida – no caso, o pai decidiu antecipar a morte.

Anuncio para Dálva que estamos chegando ao fim da nossa entrevista, e pergunto se ela gostaria de acrescentar mais alguma coisa. Ela responde, “*acho que não, só se você tiver alguma pergunta*”. Pergunto: – gostaria de saber se você está bem.

Tô bem, tô tranquila. Vejo que mais mexe comigo, né?, ééé pensar nas fases futuras, né?, que eu acho que eu percebi que eu me mobilizei [embargou a voz, chorou] no momento que eu falei da minha filha, né? E eu sou mãe, eu não sou casada ainda, quando eu penso, né?, em casamento, então assim eu escolhi não casar, ainda porque eu quero estar, viver esse momento, né? Então assim, depois da gravidez, enfim, então acho que dói mais nesses momentos, que eu paro e penso que ele não vai estar presente nesses momentos, mas, tipo assim, de cuidado, de de estar presente, né? Mas que eu já tentei também ver de outras formas, eu tenho o meu irmão, eu tenho minha mãe, então eu ainda tenho família, né?, então [silêncio].

Dálva se abre para novos horizontes de sentido, trabalho voluntário e espiritual no centro espírita, a gravidez de uma filha, o casamento, sofre pela ausência física do pai, desloca-se da identificação com o pai e reconhece a sua família ampliada – irmão, mãe, filha.

Convido você, leitor(a), depois de termos acompanhado a experiência de Dálva, a caminhar comigo pela narrativa de Flóra, que aos 7 anos de idade enlutou da mãe e somente 2 anos depois, de modo inesperado, tomou conhecimento realmente do ocorrido.

4.4 Dialogando com Flóra

Fui informado de que Flóra, que me foi indicada por uma amiga, quando estava com 7 anos de idade perdeu a mãe, que deu fim à própria vida. Essa notícia me deixou com algumas interrogações, que anotei no meu diário.

Flóra teria lembranças de como se deu o ato do pôr fim à vida da mãe? Como lhe foi dada a notícia? Sobre o ato, tendo ocorrido na infância, ela teria algo para contar? Quais foram as ressonâncias do luto em sua vida?

Reconheço que inicialmente fiz um julgamento sobre a capacidade de Flóra, depois de tantos anos, de ter lembranças de como ressoou/ressoa ao seu existir o suicídio da genitora que pudessem contribuir com a nossa pesquisa. Felizmente suspendi meu julgamento e realizei a entrevista no dia marcado pela plataforma *online* do *Google Meet*.

Flóra iniciou assim a narrativa acerca de sua experiência de enlutada:

Eu conto do começo que eu sei. Minha mãe se matou eu tinha 7 anos. Ela tava num processo de divórcio com meu pai. Eu lembro que o ambiente em casa sempre foi de muito medo, assim, eu como criança. Ele [o pai] era uma pessoa muito fechada, mas na minha percepção de criança era um lar muito tenso, muitas brigas com muitos gritos, a gente tinha muito medo, eu e o meu irmão, e aí eles se separaram, né?

Flóra desde cedo era afinada por um medo devido ao ambiente barulhento e tenso instalado em sua casa. O diálogo entre pais e filhos(as) não acontecia. Assim, ela com-viveu em meio a brigas e gritos entre os pais até a separação do casal. O medo era o companheiro mais presente de Flóra. Como compreender o seu medo, a sua dor?

Com a separação dos pais, a avó materna foi morar com Flóra, a mãe e o irmão. A avó cuidava das crianças e a mãe trabalhava. Flóra lembra de uma noite em

que todos juntos assistiram à televisão, logo depois foram dormir, e na manhã seguinte, já na casa de uma tia, a avó paterna conta o que ocorreu com sua mãe. Vamos ouvir o relato de Flóra.

O que eu me lembro uma noite, a gente assistia à televisão, à novela, e depois era uma época que tinha um programa na Manchete, que era Xingu. Eu lembro que acho que a gente assistiu. Minha avó dormia com ela [a mãe] no quarto e a gente tinha o nosso quarto, né?, eu e meu irmão. E aí pronto, e aí é a lembrança que eu tenho, né?, que foi a noite que ela, que ela faleceu, né? O que eu me lembro no dia seguinte é a gente na casa de uma tia e a minha avó paterna vindo conversar comigo, com meu irmão, pra dizer que ela tinha morrido, isso foi o que euuuu, assim, né?, a minha memória, e aí a gente obviamente não entendeu muito por que, né? Ela tava, ela tava em casa num dia e no outro seguinte não tava, né?

Flóra estranhou a notícia da morte da mãe dada pela avó, um dia a mãe estava em casa e no outro não estava mais. A sua primeira reação foi não participar dos ritos funerários, “*a gente não quis, eu não quis participar do velório, do enterro. Acho que meu irmão, não sei se meu irmão foi, eu acho que não, a gente não participou*”. Com a morte da mãe, ela e o irmão foram morar com os avós paternos. Como os pais estavam em meio a um processo de divórcio, a família de sua mãe – tias e avós – foi excluída do convívio familiar. Depois de mais ou menos uns 5 anos, o pai se casou novamente e o casal passou a morar junto com Flóra, o irmão, as tias solteiras e os avós paternos. Depois de algum tempo, o pai e a madrasta foram morar em outro local.

Certo dia, Flóra, então com 9 anos de idade, depara com uns documentos que o pai deixara na antiga morada, e conta como se deu a descoberta do que ocorrera com a mãe.

E aí, algum dia, eu não sei por que, nesse apartamento que ele, que ele morou um tempo com a gente, tinha alguns documentos dele, e eu não sei por que eu fui mexer. Enfim nunca falaram, né? [que a mãe dera fim à vida], no decorrer desses anos, né?, ao longo desses dois anos, né?, que é quando eu descobri que minha mãe tinha se matado, né? Ninguém nunca falou nada, né? Era meio que a memória dela, morreu a existência dela. Assim, realmente foi excluída, né?, ninguém falava, ninguém perguntava como a gente se sentia, como é que a gente tava, né? Ninguém dava muita explicação, e aí a gente foi se fechando.

Flóra de repente se vê diante da realidade que lhe fora negada – o modo de morte de sua mãe. Um segredo se revelou in-esperada-mente, descobriu a verdade por meio de um documento – a mãe desistira de viver. O modo de morte de sua mãe ocultado pela família se revela.

Ela disse que a descoberta do documento se deu aos 9 anos de idade e que se viu assustada.

*Quando eu tinha nove anos, eu fui mexer nos papéis e vi **certidão de óbito dela**. E aí eu descobri que ela tinha se matado. Só que, por conta da, por conta de toda essa rigidez que houve enfim, né?, não poder falar e tal, ehhhh que eu não contei pra ninguém, porque eu fiquei super, né?, assim assustada, néé ééé?, acho que no fundo sabia que tinha alguma coisa assim estranha, né?, na morte dela, mas aí não se aprofundava muito, né?, sabendo que tinha essa, essa coisa, diferente, eeee aí eu guardei essa informação, porque enfim eu não tinha com quem compartilhar, né? (Grifo nosso)*

O que contaram a Flóra sobre a morte da mãe parece que não cabia em seu pensamento, sentia algo estranho, como se toda aquela postura de silêncio tivesse algo para dizer. Nesse caminhar, ela, com a sua curiosidade natural de criança, sem saber o que buscava, encontrou o que todos(as) escondiam.

Nada mais havia para negar, o atestado de óbito revelou o indizível entre os familiares. O silêncio imposto se fez som angustiado e a fez assustada, estranha e sem ter com quem compartilhar o que havia descoberto. As marcas de seu sofrimento também tocaram o meu corpo, marcaram a minha pele. Em Flóra, um silêncio grita n'alma, pede passagem – ninguém lhe deu atenção, ninguém podia/queria ouvir o que tinha a dizer. Envolvida pela atmosfera do silêncio familiar, ela guarda para si mesma a descoberta, impôs-se silenciar. Como foi para Flóra guardar essa informação? Como compreender o sofrimento de Flóra em seu silenciamento autoimposto? Que ressonâncias habitaram e como se constituíram os modos de Flóra ser-no-mundo-consigo-e-com-os-outros?

Passados alguns anos, Flóra foi morar com o pai e a madrasta. O silêncio que se impôs assumiu voz. Ela conta para a madrasta o que sabia sobre a morte de sua mãe.

Aí eu já tinha uns 12, 13 anos, foi que eu contei pra ela [a madrasta] como ela [a mãe] tinha morrido, mas mesmo assim não houve nenhuma ehhe receptividade, assim, pra conversar. Ehh aí, obviamente ela contou pra ele [o pai], mas como a gente tem esse relacionamento muito fechado, ele também não falou nada, né?, e ehhehh, deixe eu ver [coça a cabeça, olha para cima e para os lados], eee aí, enfim, a conversa, acho que ela só falou assim, ele contou que ela tava muito deprimida com a separação, né?, e aí não deu conta. Acho que foi isso assim que ela falou na época e o assunto morreu de novo.

Flóra rompeu com o seu silêncio. A madrasta ouviu o que ela falou sobre o ocorrido com a mãe. Flóra não foi acolhida em sua dor, e a negação e o não compartilhamento a mantiveram sem poder compreender o que aconteceu. Disse-me ela:

Obviamente ela contou pra ele [o marido], mas como a gente tem um relacionamento muito fechado, ele não falou nada... Ela só falou assim, ele contou que ela [a mãe] estava muito deprimida com a separação e não deu conta.

O silêncio voltou a imperar com a morte da voz de Flóra. Como foi para Flóra o pai não ter acolhido sua tentativa de compreender o que tinha acontecido com sua mãe? Teve que cuidar de continuar vivendo com esse “hiato” que atravessou sua vida.

Flóra cresceu, fez faculdade, foi morar próximo de uma tia paterna. Com essa tia, ela caminhava pelo menos de duas a três vezes por semana. Durante essas caminhadas, a tia lhe contava o histórico da família, que a mãe de Flóra era muito ciumenta, muito insegura na relação que mantinha com o seu pai. Ao narrar o que a tia lhe contou, Flóra parou e disse: *“Eu tenho que fazer um parêntese, por que eu me lembrei agora que a minha família materna tem histórico de transtornos de doenças mentais”*.

Ela elencou os transtornos mentais: uma tia foi diagnosticada com esquizofrenia, outra teve uma depressão profunda, ficou muito tempo internada, uma prima sofreu um acidente doméstico que desencadeou uns episódios que não soube identificar. *“Eu não sei se é bipolaridade, eu não sei se é esquizofrenia, mas uma coisa assim, meio que a pessoa transita assim entre a realidade e a fantasia, né?, assim não sei o diagnóstico preciso”*.

Ao lembrar/relatar os problemas mentais da família, parece que Flóra busca encontrar justificativas para o ato da mãe. Sigamos a sua narrativa, a partir do que a tia lhe contou.

Não foi, né?, no casamento e queeee ela [a mãe] começou assim. Eu nasci, e quando, quandooo eu tinha um ano, ela engravidou novamente, e aí minha tia acha que ela desenvolveu uma depressão pós-parto, porque ela disse, ela disse que depois que meu irmão nasceu, ela nunca mais ficou bem, sabe? E aíííí ela acha que isso foi se agravando, e uns meses antes dela morrer ela começou a ter surtos psicóticos, néé? Eeee, ehhhh, e aí, enfim, aí a minha avó, mãe do meu pai e meu pai começaram a intervir, a chegar mais juntos. E aí levaram ela para uma consulta psiquiátrica. Eee aí, enfim, quando saiu dessa consulta, a minha tia, a minha avó tava... Minha avó foi passar numa farmácia pra comprar um remédio, o remédio, o remédio que o psiquiatra prescreveu, e quando chegou lá [à farmácia], acho que pediram um documento de identidade dela, e aí ela desorganizou lá na farmácia. Disse que era a polícia que tava pedindo um documento, que a polícia estava perseguindo ela, que ela queria ir embora, que ela não ia ficar ali, que ela não ia dar o documento. Enfim, enfim teve lá um episódio e elas foram embora, e aí minha tia conta que foi nessa noite que ela se matou.

A tia de Flóra narra um possível surto de sua mãe, diante de uma exigência do farmacêutico para apresentar um documento de identificação. Ela segue contando a delicadeza de buscar informações junto a essa tia sobre um assunto interdito na família.

Então assim, a história, a história [risos], a narração, né?, o evento que eu sei, né?, que realmente é um, um assunto muitooo delicado, né?, de se abordar,

então assim teve muita, muita ehhh ansiedade, muito cuidado para eu, né?, falar com a minha tia para tentar tirar, né?, informações, né?, com ela.

Flóra vai conseguindo se aproximar do acontecimento por meio da narrativa da tia. Tais informações vão permitindo que ela vá des-encobrendo o silêncio e se aproximando da situação, mesmo com tantos anos decorridos.

Perguntei a Flóra: – Sua tia contou como se deu o ato, o pôr fim à vida de sua mãe? – Ela respondeu: – *Não. Pelooo atestado de óbito eu deduzi que ela tinha pulado do apartamento, ela pulou de uma janela, e a gente morava no sétimo andar, eee ela pulou do apartamento.*

Afirmar que havia entendido, e fiz nova indagação: – Ninguém lhe falou como ocorreu a morte? – E ela: – *Não. Acho que ela falou, assim também superficialmente, né?, que ela se jogou de uma, de uma janela da área de serviço, alguma coisa assim, mas só assim.*

A tia de Flóra economiza nas palavras, o assunto interdito precisava vir à tona devagar, sem maior aprofundamento, talvez para não gerar mais sofrimento para Flóra.

Perguntei: – Flóra, aquela criança, com 7 anos de idade, que em uma noite qualquer assistiu à televisão com a família e a quem no dia seguinte dizem que a mãe morreu, como foi para essa criança? Você lembra como se sentiu ao receber a notícia? – *“Foi bem assustador, foi bem assustador pra mim, assim [silêncio], como eu te falei, Pedro, a gente vinha dum, duma convivência familiar bem difícil... então foi muito assustador [toma a respiração]”.*

Flóra lembra que foi assustador, mas também retoma a convivência em um ambiente familiar difícil... De alguma maneira retoma as lembranças que guarda da infância e o modo de estar-em-família tenso e conflitivo, marcado pelo silêncio. Ao

continuar sua narrativa, lembra que houve alguns momentos de paz no seio da família:

Como eu te falei, Pedro, a gente vinha dum, numa convivência familiar... bem difícil, alguma leveza que houve antes dela morrer [a mãe] foi quando minha avó foi morar junto com a gente, né?, a gente, ela não tava dentro daquele bolo [discussão, brigas do pai/mãe].

Mesmo após tantos anos, Flóra ainda retomou sua experiência e deixou transparecer o quanto foi assustador o acontecimento, que o tempo cronológico não pode ser o vetor a ser considerado, vez que, o tempo da existência dá um colorido afetivo às experiências que não podem ser medidas por anos decorridos. Só pela via das narrativas, agora elaboradas após anos do acontecimento, Flóra pode ir se apropriando dos seus sentimentos e do desamparo.

Depois do que ocorrera com a mãe, Flóra deixa a convivência com a avó materna e vai morar com a avó paterna.

A gente não convivia tanto, então já teve, né?, esse estranhamento da gente sair de casa, né?, para morar com a minha avó [paterna], e isso da gente não conversar a respeito, né?, de não ter uma ehh conversa sobre, né?, sobre o que a gente tava sentindo, então assim, num primeiro momento, eu fiquei muito assustada, e depois eu fui compreendendo queeee eu tinha quee seguir, né?, que era esperado de mim é que não que eu seguisse, né?, e aí eu fui fechando, assim fui me, isso que é uma coisa que eu não, ah, não devo conversar, não devo chorar, né?, sobre eee eu não me senti acolhida, ehh assim, né?, nesse luto, né?, foi uma coisa assim meio tipo abafa, sabe?

Com a mudança para a casa da avó paterna, o silêncio continua... Flóra vai compreendendo que, apesar de estar assustada, sua experiência de desamparo não

é acolhida, precisa continuar a vida, e passa também a assumir o silêncio como modo possível de tamponar sua experiência, de poder estar-no-mundo. Álvaro de Campos, heterônimo de Fernando Pessoa (2002b), pode nos ajudar a compreender o desassossego de Flóra, angustiada pela falta do aconchego familiar, de pertencimento. Assim disse o poeta em “Puseram-me uma tampa”:

Puseram-me uma tampa

- Todo céu

Puseram-me uma tampa.

Que grandes aspirações!

Que magnas plenitudes!

E algumas delas verdadeiras...

Mas sobre todas elas

Puseram-me uma tampa

Como a um daqueles penicos antigos –

Lá nos longes tradicionais da província –

Uma tampa. (Pessoa, 2002b)

Flóra, em seu sofrimento durante a infância/adolescência, lembra de um momento de acolhimento de sua dor. *“Eu lembro que tive uma professora... no primeiro e segundo ano, acho, que ela foi muito atenciosa comigo diante do contexto, né?, o que eu fiz foi me fechar e seguir do jeito que eu, eu podia, né?”*. Flóra, apesar de ter experienciado certo acolhimento por parte da professora, continua “fechada”. Sua experiência não encontra acolhimento, e o silêncio parece se manter como possibilidade de colocar a vida em andamento.

Perguntei a Flóra: – depois de algum tempo da morte de sua mãe, você depara com um documento que traduz como se deu a morte. Como foi para você saber de

modo inesperado como ela morreu?

*Foi raiva, foi raiva [a voz toma um tom mais alto] porque, ehhh, eu era menor, eu tinha entre 9 e 10 anos, porque você se dá conta de que assim, né?, a criança, né?, falar, ela escolheu isso, né?, **ela desistiu da gente, ela não quis ficar com a gente**, né? Então foi um momento assim que que foi muitoooo ehhh dolorido, sabe?, de de encarar nesse sentido, né?, de falar, poxa, ela, **ela preferiu não ficar com a gente**, né? Foi muito dolorido mesmo, da gente assim, é uma, umaa, umaa, um tipo de morte, né?, que a gente, eeehh, tem muita dúvida, tinha muito questionamento, e aí eu não tinha, né?, como perguntar, com quem falar, né? Com quem dizer, olha, mas o que foi que aconteceu, que levou ela fazer isso, né? (Grifo nosso)*

Flóra pode, nesse momento, falar da sua raiva e, ao mesmo tempo, expressar um sentimento de desamparo, de abandono!!! Como é difícil compreender, principalmente para uma criança, que o pôr fim à vida pode apresentar-se como a única decisão possível em determinado momento da vida!!! Como é difícil, após tantos anos, retomar as dúvidas, as questões que ficaram em aberto! A experiência de abandono, de decepção parece traduzir a raiva sentida pelo ato – como se a mãe tivesse desistido de Flóra e não a considerasse como fazendo parte de sua vida. Afinada-com-a-raiva-e-a-dor, questionava-se, tinha dúvidas. A quem recorrer para tirá-la daquele suplício imposto pelo silêncio familiar?

O segredo guardado por um silêncio ensurdecedor da família também gerou raiva em Flóra.

Ehh então foi assim, aquele segredo que é muito doído de guardar, né?, que é muito pesado, eee eu senti raiva também, mas assim, essa raiva eu consegui elaborar, depois de anos de terapia, né? [risos]... A gente não eh, aliás, isso

me dava a sensação de que eu tava julgando ela, sabe? Depois que eu fui entender que eu, que eu podia sentir essa raiva, sabe? Mas eu acho que foram esses sentimentos assim, um sentimento que mais mexeu comigo, assim nesse momento que eu descobri que ela tinha se matado.

A raiva experienciada quando criança pôde ser elaborada na terapia. Consegui compreender que não cabia julgamento quanto à decisão da mãe, apesar do segredo, do não dito, da interdição diante do modo de morte da mãe. Em seu caminhar terapêutico, consegui se abrir para uma nova perspectiva, ela compreendeu que era um sentimento que podia ser acolhido sem pesar como culpa em sua existência, que era legítimo sentir raiva diante de todo o desconforto, mal-estar que experienciou por muitos anos.

Perguntei a Flóra: – você falou que sentiu raiva de sua mãe quando soube como se deu a morte dela. As pessoas que estavam ao seu redor não conversavam com você, não diziam como ocorrera o ato, não procuravam saber como você estava. Para você, como foi essa experiência? – Ela me respondeu assim:

Minha família é uma família que não tem essa abertura, sabe?, é todo mundo muito fechado, nessa expressão de emoção. Eu acho que foi por isso que eles cortaram o contato com a gente, com a minha família materna, sabe?

Flóra não conseguia interagir com a rede de apoio pelo silêncio que reinava no ambiente familiar. O silêncio foi o modo como a família lidou, e, tudo indica, o modo como se organizou para lidar com o pôr fim à vida e com o ambiente tenso e conflituoso de viver em família.

Existiam paredes intransponíveis que cerceavam as experiências, não permitindo a experiência de reconhecimento e pertencimento a um modo de habitar o mundo e a família. No entanto, importa destacar que silêncio não significa mutismo

ou ausência de som, mas aponta para a inesgotabilidade do sentido como suspensão de sentidos já estabelecidos e que possibilitem o abrir-se a novos sentidos. A experiência narrada por Flóra aponta para a suspensão de sentidos como modo de existir no mundo que cerceia possibilidades de existir. Na terapia, pôde apropriar-se dos sentidos do silêncio familiar e, desse modo, aproximar-se do dizer que está implicado no silêncio.

Flóra conta que a família materna tinha mais abertura para viver as emoções, enquanto a paterna era fechada e repressora.

Minha família paterna, né?, muito reprimida, muito repressora, né?, ninguém falava, é um tabu, ehh, eu acho que na cabeça deles estava tudo bem, né? Se a gente não tava dando muito trabalho, né?, a gente estudava, né?, fazia aquela rotinazinha, não dava grandes trabalhos. Então é porque aquilo tava, não existia curiosidade a respeito, né? Ela ficou doente, morreu, e acho que, né? Eeee eu fico, eu não tinha esse amadurecimento de achar que eles tinham, assim poderiam falar alguma coisa, né? Não passava pela minha cabeça que ehh eu poderia falar, que, que eu tinha esse espaço pra falar com alguém, a gente não tinha essa abertura pra falar, olha, aconteceu isso, muito pelo contrário, sabe?, era mais para guardar isso... eu ficava pensando, se meu pai souber que eu mexi nas coisas dele e descobrir isso, ele vai me dar uma surra, ele vai me bater, ele vai ficar bravo comigo, entendeu? Então eu não podia, não podia falar com ninguém, né?, tinha muito medo, né?

O silêncio era o companheiro mais presente na vida de Flóra, não havia espaço para falar da morte da mãe. Ela seguia com a sua vida, ninguém buscava saber como ela se sentia. Para os familiares, parecia que tudo estava bem! O medo de uma surra caso o pai descobrisse que ela havia encontrado o atestado de óbito da mãe poderia

causar mais dor física em seu corpo, afinado por um ambiente repressor. Como foi para Flóra viver esse turbilhão de emoções tamponadas pelo ambiente familiar? Durante toda a entrevista, Flóra espelha uma tristeza em seu rosto, uma tonalidade de pele sem brilho.

Perguntei: – Flóra, como foi para você, depois que compreendeu toda essa história, todo esse contexto que narrou, já adulta, como foi ter vivido essa experiência?

Eu lembro que antes da minha mãe morrer, eu vejo isso por fotos, era uma criança muito alegre, sempre sorrindo, muito entusiasmada. Com a morte dela, fui me fechando, recolhendo, sabe? Foi uma adolescência meio difícil, muito tímida, muito solitária.

Após a partida da mãe, Flóra aponta para um outro modo de ser-no-mundo, reconhece-se diferente, recolhe aquele sorriso de alegria, empolgação, e se fecha em timidez e solidão.

É possível compreender as modulações do silêncio, aquele que é imposto por uma condição/contrato familiar e aquele que pode ser compreendido como um gesto de silenciar-se que gesta o aparecer do mundo como modo possível de encaminhar a vida. Flóra encontra-se entre essas modulações do silêncio e, desse modo, vai tentando encontrar caminhos possíveis.

Aqui também o tabu que tonaliza as experiências vinculadas ao pôr fim à vida traz uma força que convoca para a não existência da mãe de Flóra: “*Esse assunto era um tabu na família, né? Como ninguém falava, minha mãe, que deixou de existir, né?*” Quando Flóra morava com a avó materna, o assunto não era falado, “*eles não falavam assim explicitamente o que tinha acontecido, mas tratava a gente com muita pena*”. Esse modo de acolhimento da família fez Flóra se fechar mais ainda.

Eu criei uma armadura... não queria entrar em contato com essa história, porque as pessoas iam ter pena de mim. Eu não queria que tivessem pena, não queria que olhassem pra mim, meu irmão como os órfãos, os coitadinhos, entendeu? Então eu criei essa, essa casca, não quero que me vejam como coitadinha. Então eu vou ser o melhor que eu posso, né?, do jeito que eu conseguir e tal, por que eu não quero que ninguém tenha pena de mim”.

O silêncio imposto vinha acompanhado de um sentimento de pena, de orfandade, o que levou Flóra a tentar encaminhar sua vida assumindo proteções e tentando esquivar-se e não ficar no lugar da coitadinha... Assim, buscou superar-se, conseguir habitar o mundo de modo exitoso, mesmo que tal modo encobrisse uma reação à situação de “coitadinha” e uma dor intensa.

Em seguida, Flóra conta da dificuldade de falar sobre a morte da mãe.

Às vezes, alguém, quando tava na escola, que alguém perguntava [sobre a mãe]. Minha mãe morreu. Aí "morreu de quê?". Morreu. Não falava, sabe?, mudava de assunto, ou inventava qualquer coisa, ela tinha adoecido, tinha um câncer, sei lá, nunca dizia, né?

Parece que Flóra, marcada por um viés moralizante – vergonha, medo de julgamento, entre outros sentimentos –, silenciava seus sentimentos de enlutada. O estigma e o tabu que envolvem o fenômeno do pôr fim à vida em nossa sociedade.

Nesse caminhar, Flóra conheceu um rapaz, iniciou um namoro e, depois de algum tempo,

*aconteceu da minha menstruação atrasar e eu ficar super preocupada. Eeee até fiz um teste de gravidez e tal, e não era nada... mas que eu me desorganizei. Já me desorganizou muito, assim, porque **eu não me sentia capaz de ser mãe**. Eu nem era tão nova assim, sei lá, 24, 25 anos, sei lá, já*

tinha terminado a faculdade, 26, 27, sei lá, nem era tão nova assim, mas eu achava assim, que eu não daria conta, né? [de ser mãe], e aí, meio que me deixou um pouco engatilhada, sabe?, já moveu umas estruturas.

A experiência de ter sido “abandonada” marcou Flóra e apresentou-se como uma incapacidade de ser mãe! A atitude da mãe de Flóra ressoou como incapacidade de assumir a maternagem... Flóra, por não conseguir compreender as motivações da genitora, colocava-se no lugar de possível responsável pelo pôr fim à vida da mãe. O silêncio imposto pelo ambiente familiar, somado aos preconceitos e modos de compreender o ato suicida pela cultura, deixaram Flóra prisioneira de uma relação mãe-filha, mãe-família. Pelo que já foi narrado, foi na terapia que pôde apropriar-se de suas experiências e, assim, encaminhar a vida sem a força das amarras forjadas pelo silêncio e pelos estigmas sociais. Importa ressaltar que a possibilidade de acessar os sentidos do silêncio não faz com que a experiência vivida desapareça como mágica, antes deixa marcas que transpassam os caminhos escolhidos, como Flóra passa a narrar:

Com alguns meses de namoro ele me traiu, e aí sim, eu fiquei completamente desorganizada. Eu fiquei muito deprimida, e aí foi quando eu comecei a fazer terapia, porque eu não tava dando conta da tristeza, desse término. E aí comecei a fazer terapia, e aí, na terapia, as coisas vão, né?, você chega pra falar do namorado [risos], eeee aí, e aí aparece tudo, menos o namorado. Eeee aí, aí eu fiz por um tempo, e aí consegui me organizar de novo. Eu voltei, reatei o namoro, e aí acabou que parei de fazer terapia e tal, e aí a gente terminou mesmo.

A traição, a dificuldade de estabelecer laços de confiança ressoa na vida de Flóra, podendo ser compreendida como uma crise que, ao romper com o

estabelecido, permite o emergir dos sentidos que atravessam a experiência de laços confiáveis, experienciados na vida familiar e na relação com a genitora.

Uma possibilidade se apresenta no horizonte de Flóra. Mesmo terminando o namoro e parando a terapia, ousou trilhar novos caminhos. Não é possível compreender tal atitude somente como uma fuga, porque também pode expressar um modo de cuidar de si diante de tantos desencontros. Nesse ínterim, uma amiga que trabalhava junto com Flóra na mesma instituição no Sul do país, voltou para o Nordeste e incentivou Flóra a fazer o mesmo, “*eu tava muito chateada... a relação tinha acabado, não conseguia sair. E aí parei de fazer terapia. E aí a gente terminou. E ela, vem pra cá, pede transferência... se não gostar, volta. Aí eu conheci, gostei, vim*”.

Já morando em uma capital do Nordeste, ela inicia um namoro e engravida, estava com 36 anos de idade. Nasceu em Flóra o desejo de ser mãe.

Eu engravidei e eu queria ser mãe. Aí, né?, depois desse episódio, eu achei que não dava conta. Eu comecei a perceber que eu queria ser mãe, mas eu queria ser mãe, tava pensando, eu queria ser mãe, ser pra não, ehhh como é que eu vou dizer, pera aí, eu tinha vontade de ser mãe, mas eu tinha como meu compromisso ser uma mãe melhor do que a minha mãe foi [risos], tinha assim como meta, né? Eeee a maternidade não tinha nada a ver com essas coisas, mas eu tinha esse sentimento, quando eu vim morar aqui.

Com a mudança de cidade e um novo solo para habitar, ela se abre para uma nova perspectiva. Queria ser uma mãe, engravidou. O desejo de ser mãe pode ser compreendido como possibilidade para experienciar a condição de ser mãe, o que pode indicar que, de algum modo, na terapia, conseguiu descolar a maternagem do pôr fim à vida da mãe. – Flóra, o que seria ser mãe?

Flóra, ao chegar no Nordeste, passou por momentos de adaptação, de dúvidas.

A minha adaptação não foi boa, sabe?, porque também eu fiquei meio deprimida. Fiquei meio assim, tipo, vim, e aí cheguei aqui não sabia por que que eu tinha vindo pra cá. O que que eu tava fazendo aqui. E a relação com a minha amiga meio que desandou, a gente é amiga até hoje, mas naquela época ela também tava com outras questões, aí sabe o negócio. E eu tava, enfim, tinha expectativa, né?, que ela me acolhesse, porque eu tava vindo de fora, e e aí eu comecei a fazer terapia de novo.

Flóra se vê sozinha em um local estranho ao seu cotidiano, e sente voltar o desejo de ser acolhida. O desamparo de não se sentir pertencente no novo ambiente, as dificuldades sentidas na relação com a amiga mobilizaram Flóra a buscar novamente a terapia, com o objetivo de se conhecer melhor para então decidir outros encaminhamentos na vida.

Eu meio que não parei, assim, eu parei por alguns momentos, mas eu fiquei assim, tipo, fiz por uns bons períodos, né?, porque aí eu entrei num processo de realmente de autoconhecimento, sabe?, eu comecei porque tava, né?, desorganizada por conta da mudança. Mas aí a questão foi se aprofundando e eu falei, não, eu tenho realmente, eu tenho muitas questões que eu nunca olhei, né? E que agora tem que olhar, né? E aí aí, assim, aí eu fui aprofundando e ehh entendendo muita coisa, né?, entendendo várias coisas que aconteceram, né?... mas assim, muito na razão, sabe?, muito racionalmente, como eu tô falando com você, assim bem racional [risos, muitos risos].

Flóra, na terapia, tentou se reorganizar em relação à mudança, compreender o que viera fazer no Nordeste, e foi se aprofundando em outras questões, ainda

assim, de modo racional, como se a casca da armadura não lhe permitisse vivenciar ainda os afetos.

Perguntei a Flóra: – como foi a experiência da gravidez? – *“Engravidar planejado, tudo bonitinho, eu queria engravidar, ser mãe, né?... a gente namorou um tempão, aí teve filho, e a gente se casou. Eu sou casada com o pai do meu filho, né?, há 4 anos, ele tem oito”*.

Após o parto, Flóra narra um evento em sua vida que a deixou sem chão: *“Aí veio uma depressão pra arrasar o quarteirão [risos]”*. Ela, com apoio psiquiátrico, recorreu à medicação para suportar o sofrimento: *“Aí eu tive que tomar medicação, tive que fiquei tomando por cinco anos, e aí foi um mergulho bem mais profundo”*.

Flóra parece ter sentido no corpo a dor do desamparo, da experiência de estranheza diante da vida, o que a levou a silenciar e também a assumir o silêncio imposto pela atmosfera do ambiente familiar.

A maternidade possibilitou a Flóra, além de ser mãe, vivenciar o luto de sua mãe. Vamos acompanhá-la.

A maternidade eh hh tira a gente totalmente da zona de conforto, né? Então eh h aí que eu tive mais assim, que eu pudeee, eh hh, sentir mais a dor de viver esse luto da minha mãe, da morte dela, da ausência dela, né? De como eu queria que ela tivesse me acompanhado ao longo dos anos, de reconhecer a existência dela, sabe, por queee eu tava tão assim, eu ficava tãooo engessada, né? Com essa coisa de, tipo, eu não quero que tenham pena de mim. Por exemplo, né?, nas datas, dias das mães e tal, eu não tinha nada, assim não, não me dava assim espaço para sentir, né? Com o nascimento do meu filho, eu meio que veio assim esse luto, assim choro, a dor de eh h de ausência, da saudade de tudo, né?

O acontecimento da maternidade-pós-parto despertou em Flóra um novo movimento – perceber-se mãe. Catapultada de sua zona de conforto, ela é tomada pelas lembranças de sua mãe e se permitiu sentir a dor do luto, da ausência, da saudade, e reconhecer a existência da mãe. Então ela se abriu para um novo modo de ser-consigo-mesma, com-a-mãe e com-os-outros, em seu poder-ser-mais-próprio.

Flóra disse da importância de ter resgatado em sua vida a existência da mãe, em reconexão, vida-existência-morte. Vejamos.

E acho que o mais importante pra mim, acho que o movimento mais importante, nessa minha história, foi de trazer ela a existência, entendeu?, de não apagar a existência dela, de realmente colocar ela ehhh num lugar que ela teve. Ela foi minha mãe, né?, ela foi só minha mãe por sete anos, né? Eu acho que para mim foi um movimento mais mais importante, sabe? Eu poder ehh, sentir, eu nunca ehh, como eu te disse, né?, a minha memória é totalmente bloqueada do evento, né? Do episódio da morte dela. Eu realmente lembro essas coisas, né?, que eu te falei, e mais, eu nem sonhava com ela. Assim, não, não tinha nem espaço, nem consciente, entendeu?, pra ela, pra vir. E eu comecei a sonhar com ela faz poucos anos, assim, sabe?, eu diria que faz uns dois anos. Assim que eu realmente, que de vez em quando, sabe?, é ela, ela vem uma coisa bem esporádica, mas assim que eu já ehh, que ela aparece assim, ela mesmo, sabe?, em sonho.

Nesse novo horizonte de sentidos, Flóra reconheceu o lugar da mãe em sua existência, a vida gerada na maternidade despertou nela esse resgate, desbloqueia-se e reintegra a mãe ao seu existir.

Perguntei: – como foi para você trazer sua mãe à existência? Reconhecê-la como sendo sua mãe, depois de tanto tempo, como foi para você?

Ehhh teve dor, saudade, né?, teve eh, poder reconhecer a raiva, né? Falei um sentimento muito difícil que a gente fica se sentindo culpado. Mas tem uma sensação de pertencimento, assim porque a gente cresceu meio como um filho de chocadeira, assim, sabe, né?, tem um pai ali, pai ausente, assim, né?, emocionalmente e tal, e eu acho que foi isso que foi reconectar um fio deee geração, sabe?

Flóra se permitiu vivenciar suas emoções – reconheceu a raiva, a saudade, o sentimento de culpa. O filho que a maternidade lhe deu para se tornar mãe, conectou Flóra com a vida e a morte. Sua existência encontrou um lugar de pertencimento e a reconectou com a mãe. O vazio que preenchia seu coração pela ausência se encheu da existência de si mesma e de sua mãe. A culpa sentida por ter raiva da mãe teve o seu lugar em Flóra.

Culpada no sentido de estou sendo egoísta por ter raiva, né? Então assim, eu também entender que raiva tem lugar, né? Foi bom poder reconhecê-la, trazer ela pra minha existência, né? Teve um resultado mais positivo do que negativo, sabe?

Flóra compreendeu que sentir raiva da mãe por ter desistido da vida era algo da condição humana, era um modo possível de exercer o seu-poder-ser. Poder experienciar a raiva, não se sentir culpada e, de certo modo, aceitar o ato da mãe, possibilitou-lhe assumir o lugar da mãe na sua vida, “reconectando um fio de geração”.

Informei para Flóra que estávamos chegando ao fim da entrevista e perguntei se ela gostaria de acrescentar algo mais.

Eu não me sinto tão, ehhh, eu consigo, né?, eu estou conseguindo não me sentir ahh órfã, sabe?, porque eu vivi assim, né?, em infância e vida adulta,

assim, começo da vida adulta. Eu tava dentro daquela armadura que eu não podia sentir nada, então este era meu propósito, não podia sentir nada porque aquilo que eu não achava que dava conta... Eu não me sinto mais a vítima desse trauma, né?, eh... Ele não é mais o motor dela, né?, eu sei, o que eu acho, isso é bom e é ruim, enfim [risos], isso te dá muitas possibilidades de caminhos, né?, mas, mas eu queria dizer eu acho importante dizer eh... que eu consegui, que eu sinto que eu superei esse, esse episódio.

Novos horizontes de sentido se abriram para Flóra. Ela reconheceu que se soltou da armadura imposta, conectou-se com o seu-ser-mais-próprio. E assim, assumiu a decisão de seguir com o seu existir, não mais direcionada pelo trauma que vivenciou. Chamo Carlos Drummond de Andrade (1988) para nos oferecer uma compreensão do que Flóra tematiza, no poema “Ausência”,

Por muito tempo achei que a ausência é falta.

E lastimava ignorante a falta.

Hoje não a lastimo.

Não há falta na ausência.

A ausência é estar em mim.

Sinto-a, branca, tão pegada, aconchegada nos meus braços,

que rio e danço e invento exclamações alegres,

porque a ausência, essa ausência assimilada,

ninguém a rouba mais de mim. (Andrade, 1988)

Convido o(a) leitor(a) a seguirmos juntos para o encontro com Atári e a sua dificuldade para falar sobre a sua experiência de sobrevivente do pai que deu fim à própria vida.

4.5 Dialogando com Atári

No primeiro contato, o quinto e último colaborador, indicado por uma psicóloga, concordou em participar da pesquisa. Depois de algum tempo, sem confirmar a data que propus para a entrevista, ele informou não ter muitos detalhes de como se deu o pôr fim à vida do pai e sugeriu que eu entrasse em contato com um irmão que morava com o pai à época do acontecido, por dispor de mais condições de falar sobre o assunto.

Chamou minha atenção de imediato a afirmação do convidado de não ter “detalhes” sobre o evento, mas acolhi sua sugestão e entrei em contato com o irmão dele, que aceitou colaborar com a pesquisa. Informei-o sobre todo o procedimento da entrevista e que seria importante que ocorresse em um local privado, por questões de sigilo. Ele confirmou ter um local adequado.

Apesar de aceitar colaborar com a pesquisa, ele fez vários movimentos de desistência. No dia marcado cheguei à sua cidade, distante 286 km de Recife. Encontrei Atári às 10 horas, em seu local de trabalho, como combinado. Ele me recebeu, apresentou-me um irmão, que gostaria também de participar da entrevista, e solicitou remarcarmos nossa conversa para as 16 horas, devido a alguns compromissos. Qual o sentido de chamar um irmão para participar da entrevista? Outra inquietação se fez presente...

Retornei ao local do encontro no horário sugerido. Atári me cumprimentou e disse, *“mandei um zap avisando que não podia hoje porque tenho uns assuntos para resolver com um advogado.* Realmente Atári me enviou um áudio com uns documentos anexados, dizendo: *“amigo, aconteceu um imprevisto, pode ser*

amanhã? 16 horas, dou a minha palavra. Eu vou ao escritório do advogado, desculpas”.

Achei estranho o comportamento de Atári, informei que não havia acessado antes a mensagem dele, por isso estava ali. Atári disse, *“já que você veio vamos fazer, meu irmão chega mais tarde”.*

Perguntei-lhe sobre um local reservado para a entrevista, e ele indicou que seria ali mesmo, no salão do restaurante de atendimento ao público. Ponderei se não haveria um local privado, mas Atári disse que os outros cômodos são os quartos onde ele e a irmã dormem. Considero importante lembrar que, no contato anterior, ele indicou que teria um local reservado para a entrevista, conforme as indicações que apresentei.

Meu corpo foi marcado por um ambiente com pouca luminosidade, triste, fúnebre e barulhento – pelo tráfego de carros que passavam na rua defronte ao local de seu comércio e por conversas de algumas pessoas. No salão não havia clientes em atendimento. Encontravam-se dispostas 30 mesas e 120 cadeiras. Uma escada dentro do salão dava acesso para os quartos onde moravam Atári, o pai e uma irmã. Em um dos quartos o pai deu fim à vida. Na calçada do restaurante, estavam distribuídas 7 mesas e 13 cadeiras, nas quais alguns clientes estavam sentados, conversando.

Fiquei incomodado por ter que realizar a entrevista no local indicado. Entretanto, diante de como o campo se apresentou, pensei, vamos caminhar, faz parte do processo de pesquisa. Atári escolheu um lugar um pouco mais reservado no salão. Repassei como seria o procedimento da entrevista e pedi para que ele contasse sobre a sua experiência de filho enlutado de pai que deu fim à própria vida. Ele disse:

*Meu pai é cidadão de bem, cujo nome [cita o nome do pai] ehh, saiu do interior em busca da do objetivo, né?, que na verdade ele conseguiu, né?, conseguiu por mérito. É 30 anos de [cita o nome do comércio]... Ele, cidadão de bem, muito coerente, tem seus defeitos, é assim, um pouco assim, explosivo, néé?, devido ao estresse, devido às coisas, né? Mas é um cidadão de bem, foi uma referência, hoje considerada a [cita o nome do comércio] de referência, né?, uma pioneira no setor culinário sertanejo, né? E aí procede o trabalho dele deixou, deixou esse legado, né?, pra família. Devido a esse, essa negligência dele, diante da mulher, né? [não era a mãe de Atári], **chegou essa depressão, causadora do do suicídio, né?** Ele morou com essa mulher 10 anos. Ela tirou quase um milhão dele, com depressão nele, traiu ele, né? Aí ele não aguentou a pressão, então pegou sua própria arma assim, aí tirou sua própria vida. Tava angustiado, infeliz, tudo se resume, né? O dia a dia, né?, viver é uma arte, a gente tem que, tem que observar o ser humano em tudo, né? (Grifo nosso)*

Solicitado a falar de sua experiência, ele passou a elogiar o pai, ressaltando as realizações e o legado que deixou e também considerou que tem “seus defeitos”: pai explosivo... Mas justifica tal comportamento por conta de estresse, de uma depressão motivada por traição da companheira com quem se envolveu (relação extraconjugal) por 10 anos.

Ao culpar a mulher pela morte do pai, Atári parece aliviar o seu sofrimento. Convido o(a) leitor(a) a uma reflexão, seria uma atitude machista de Atári colocar a culpa da morte do pai na companheira?

A nossa conversa é abafada por muito barulho, vozes, buzinas de carros, entre outros sons. Perguntei: – o seu pai estava com que idade? – “73 anos”. – E você? – “Tava com 44”. – Como se deu a morte dele?

Ele respondeu à pergunta, descrevendo a situação que antecedeu o ato e o modo como o pai deu fim à própria vida. Mais uma vez ressalta a trajetória do pai e o mérito alcançado, além de falar de saudade... De algum modo relaciona o pôr fim à vida do pai com a traição da companheira, atitude considerada como reação a uma situação constrangedora. Vamos acompanhar o que ele disse.

*Foi aqui [cita o nome do comércio e a data do acontecimento], há 6 anos, dia de São José. Foi um **constrangimento total**, minha mãe tava aqui embaixo, né? Vou fazer o resumo da dada morte, né? Ele no sábado à noite ele saiu para [cita a cidade] à procura dessa mulher, né?, aconteceu alguma coisa assim, enfim, não conseguiu ver ela. Aí, chegando lá, as filhas dele, ehh, “minha filha, cadê sua mãe?”, ela acabou de sair com o namorado. Ele pegou o táxi de lá pra cá todo constrangido, consumiu um litro de whisky Black White. De madrugada tirou sua própria vida. Tiro na cabeça, né? Essa é a trajetória do saudoso [cita o nome do pai], meu eterno pai, que Deus tem um bom lugar, né? É a vida, né?, doutor. E a gente se, o final, final da trajetória, assim, muito lutou, né?, venceu, conseguiu por mérito, né? **Aí surgiu essa pessoa, aí só para acabar com a vida dele, essa mulher, né?** (Grifo nosso)*

Atári falou das sensações que sentiu com a morte do pai, um desconforto, uma aflição diante da situação, e mais uma vez justificou o ato do pai tão admirado, com uma trajetória de sucesso meritória, atribuindo-o ao seu envolvimento com a mulher. Fixado em seu ponto de partida, parece que ele encontrou uma justificativa para o ato do pai, dessa maneira, talvez tenha ficado mais fácil compreender um fim trágico para uma trajetória de vida construída com muita luta e vitórias!

Perguntei: – Atári, como foi essa experiência para você, saber da morte do pai desse modo? Ao ser questionado sobre sua experiência, referiu que foi um episódio

forte, que causou impacto na sua mente, deixando-o abalado diante da atitude inesperada do pai. Ele disse:

Foi uma reação muito forte, causou muito impacto na minha mente, mental, né?, esse episódio foi muito forte, né?... mexe com tudo, né?... foi um abalo grande, viu, a gente não tá preparado pra esse tipo de coisa, néé?, ele tirar sua própria vida. Não conseguimos abrir [a porta do quarto] por duas vezes. Conseguimos abrir 10h30 para 11 horas. A gente abriu a porta, aquela sensação, ele tava na cadeira, já tava morto, néé?... tiro na cabeça, néé?, fatal. Aí foi uma sensação horrível, sabia? Causa um impacto mental, néé?

Atári sentiu no corpo todo o desespero que tomou conta de si, mas não conseguiu ainda tematizar os sentimentos. Ante o pai morto com um tiro na cabeça, sentiu uma sensação desagradável, e expressou a sua dor como um impacto mental. Perguntei: – como foi esse impacto mental? O que você sentiu na hora? – Ele assim se expressou:

*Eu senti uma coisa muito forte. Assim, eu não tava, eu tava **vulnerável**, eu fiquei vulnerável. Saiu toda a minha concentração, a minha tudo, tudo, saiu uma coisa que eu numm, fiquei fora de si... fiquei vulnerável a tudo. **Foi um momento, né?, angustian, angustiado, né?** Mas enfim isso é a vida, né?, conduzir de forma cautelosa, né? Viver uma arte, né?, a gente tem que saber viver. Fatalidade esse fato, né?, enfim é a vida, né? Muito forte, né?, e deixou esse legado aí, né?, a [cita o nome do comércio], aí era muito fechado. Assim muito coerente, mas era, gostava das coisas muito sincera, saudoso [cita o nome do pai], né? [Silêncio]. (Grifos nossos)*

Ao ser questionado acerca do impacto mental mencionado, conseguiu falar que ficou vulnerável, angustiado. Considerou o acontecimento [o pôr fim à vida do

pai] como uma fatalidade e voltou a ressaltar o perfil coerente do pai e o legado que ele deixou! Nesse momento, ouvem-se vozes ao fundo, barulho, muito barulho, e risadas!

Perguntei em seguida: – como é/foi hoje para você a morte de seu pai? Como sentiu/sente a morte dele?

Assim, eehhh, eu tô com uma ansiedade... às vezes eu sinto falta dele, era um grande amigo, um grande pai. Foi uma perda muito forte, né? Era meu pai, meu irmão, me ajudava muito, entendeu? Não media esforço pro filho, proporcionar tudo pra mim, quer dizer, resumindo, pros filhos, né? Mas entrega na mão de Deus, né?, tudo, né?, que tamo na mão dele, né? Ele conduzir, né?, enfim essa é a vida, né?

Instigado a discorrer sobre a morte do pai, Atári voltou a falar que sentiu ansiedade, falou da falta que o pai faz (um irmão) e da ajuda e do esforço que dedicava aos filhos. Referiu Deus como conduzindo a vida das pessoas. Fixado em seu ponto de partida, centrado em culpar a mulher pela morte do pai, ele parece ter dificuldade de elaborar sua dor.

Perguntei: – quais sentimentos lhe vieram/vêm em relação ao ato de seu pai?
– Atári tem dificuldades de falar de seus sentimentos e relata o estado de desconforto em que o pai se encontrava.

Na verdade, assim, ele, ele não tinha mais gosto de viver, eu falava, pai, tenha paciência que a gente, passa, passa tudo, “passa não, meu filho, eu perdi o gosto de viver”, vixeee, aí eu falava assim, não, pai, tenha paciência, que tudo tem uma saída, néé?

Perguntei: – ele falava sobre por que perdeu o gosto de viver? – Em resposta, ele disse:

Devido às consequências da mulher que tirou tudo dele [silêncio]. Aí eu falava, pai, tenha paciência, que tudo tem uma saída... Ele ficou vulnerável a tudo, né? Não tinha mais gosto [pela vida], andava sujo, ele era muito extremamente vaidoso, um homem elegante, vivia na sociedade de referência. Depois que teve uma decadência, desprezaram ele, quer dizer, amigos, né?, poucos, colegas, muito, né?, deixou esse legado aí de [cita o nome do pai], né?, saiu de [cita a cidade] em 83, conseguiu por mérito, sem saber do A, veio pra capital e conseguiu.

Atári voltou a culpar da companheira do pai, a reafirmar o mérito do pai e o legado que deixou. Ressaltou como o seu pai ficou vulnerável e a decadência que sucedeu diante da traição da companheira, causadora do ato do pai. Referiu que tentou ajudá-lo, mas não teve muita resposta! Ele parece sentir-se decepcionado com a atitude dos amigos por abandonarem o pai.

Perguntei: – Atári, como a morte de seu pai o afetou? Como você sentiu/sente a morte dele? – Ao ser questionado sobre sua afetação, falou da angústia e da depressão que experienciou diante do pôr fim à vida do pai, ato considerado muito forte. Sigamos ouvindo Atári.

*Assim na verdade é angústia, aquele negócioooo, depressão, eu quero ficar assim, mas às vezes eu vou pra igreja, entendeu? Foi muito forte o impacto, 2017, 6 anos, né?, 6 anos. Fica uma coisa muito forte na minha mente, mas temos que superar, né?, doutor Pedro, não é, não é fácil, né? O suicídio é uma coisa muito forte. Você sabe, né?, ele, o final dele foi triste, néé?, porque conseguiu tudo do nada, **surgiu uma mulher dessa só para atrapalhar a vida dele**. Primeira vez que ele se apaixonou por essa mulher, já teve várias mulheres, foi mulherengo, mas essa foi a gota d'água. Falava que gostava*

muito dela, abandonou até a família por causa dela, criou um mundo pra ela. Aí eu dava conselho a ele, né?, mas ele tava apaixonado, né? Não ouvia ninguém, geralmente as pessoas idosas são muito, néé? Pai, essa mulher aí, olha, “não interfira na minha vida”, assim mesmo, néé? (Grifo nosso)

A compreensão que Atári consegue ter da ação do pai se desloca para uma causa externa – a mulher que atrapalhou a vida dele. Tenta desculpá-lo, já que se apaixonou pela mulher pela qual abandonou a família e já era idoso, condição que o deixava mais vulnerável! Citou que em alguns momentos procura a igreja para aplacar seu desconforto, angústia, depressão.

Voltei à questão: – Atári, qual o sentimento que você tinha/tem em relação ao seu pai ter dado fim à vida? – Ele pergunta: – *de gostar, néé?* – Respondi: – o seu sentimento em relação ao seu pai ter dado fim à vida. – Quanto ao sentimento diante do pôr fim à vida, referiu que gostava do pai e, novamente, teceu-lhe elogios: pai maravilhoso. Relatou que o tentou “aconselhar”, sem resultado, e reconheceu como tragédia o ato dele! Vamos acompanhá-lo.

*Um bom pai, néé?, bom pai, um pai acolhedor, um pai extremamente coração bom, não media as palavras para me dar alguma coisa. Pai, quero isso, não pensava duas ou três vezes. [Silêncio]. Eu dava conselho a ele, néé?, queria o bem, néé?, pra ele, néé?, sinto muito pela perda dele. Não pude, fiz de tudo, néé?, pra eleee não cometer esse ato, néé? Dava conselho a ele, incentivava ele pro bem, pai, faça isso não, fique com depressão não, tudo passa, tudo passa. Sendo conselheiro, enfim, essa **tragédia**, né?, isso é muito forte, néé? **Era um pai maravilhoso**, um pai maravilhoso. [Silêncio]. É a vida, né?, ele era assim uma pessoa fechada, mas muito com o coração maior que o estado. [Silêncio]. (Grifos nossos)*

Atári sentiu a perda do pai, parece se culpar por não ter conseguido evitar que ele desse fim à vida, por mais que tivesse tentado. Preso aos fatos, nomeou como tragédia o ato do pai. Voltou a se referir ao pai como um ídolo em sua vida. As falas de Atári, em alguns momentos da entrevista, foram entremeadas por momentos de silêncio, gestos dispersos, ausência, olhar no celular, parece que teria algo mais para dizer, mas as palavras não davam conta de expressar.

Perguntei: – você disse que foi uma “*tragédia*”, como isso afetou a sua vida? – Ele conta de sua proximidade com o pai, como a morte dele afetou o negócio da família e o abandono dos clientes. Vamos ouvi-lo.

Eu morava num quarto e ele morava em outro, a comunicação da gente era perfeita e a gente interagia constante, era, era muito apegado a ele [silêncio]. Afetou tudo, assim, porque assim, passou a uma decadência financeiramente, não pelo fato do do sentimento, mas depois que ele faleceu aí entramos em decadência, porque ele era uma referência [cita o nome do pai], as pessoas gostavam muito dele pelo fato dele ser fechado, mas, entendeu, muita gente sumiu daqui, era umas 100 pessoas ou mais, a casa era lotada, como chegava assim [cita o nome do pai], todo mundo gostava dele. [Silêncio]. Ele não dava um sorriso pra ninguém, mas um marrão era, ele era muito fechado, tinha uma semelhança a um gaúcho, os olhos azuis, bem azulzinho, parecia um gaúcho. Pessoa maravilhosa, néé? Saudade eterna, né? É do grande [cita o nome do pai]. Criou tudo, né?, criou tudo, assim, os filhos, néé?, conseguiu as coisas, conseguiu tudo, eeee do nada, néé?, surge uma mulher na vida dele pra estragar. Como eu falei, viver é uma arte, tem que saber como conduzir as coisas. [Silêncio].

Ao ser questionado acerca de como a “*tragédia*” da morte do pai o afetou, Atári expressou um sentimento de saudade, e reportou-se ao impacto que afetou financeiramente a família em razão do afastamento dos clientes, que deixaram de frequentar o estabelecimento comercial. Referiu-se ao temperamento do pai, homem fechado, mas ressaltou suas conquistas que, de algum modo, foram afetadas pelo relacionamento com a mulher que surgiu na vida dele para “*estragar*” tudo o que conseguiu realizar.

A morte do pai afetou a vida de Atári também financeiramente. O negócio entrou em decadência, isso se percebe no ambiente do comércio, que exprime uma atmosfera de abandono – placa do estabelecimento caída, pintura das paredes desgastadas, espaço muito barulhento.

Após 15 minutos de nossa conversa, Atári me fez uma pergunta, e tecemos o diálogo a seguir,

– *Você quer que chame meu irmão?*

– Ele chegou?

– *Chegou.*

– Tudo bem, por favor, chame.

Nesse momento de nossa conversa, ele silenciou. Fez no corpo um gesto, o gesto ao mesmo tempo se fez ato, e ele saiu em busca do irmão. Pareceu-me como possível reação à memória de um acontecimento trágico sugerir que eu entrevistasse o seu irmão, como um modo de se afastar também fisicamente do relato da entrevista. Ele conseguiu falar da angústia, da saudade e de seu abalo mental. Mas não se deteve em tais sentimentos, talvez para não entrar em contato com a dor provocada pelo ato do pai. Seu modo de falar e seu comportamento, ao afastar-se da entrevista, parecem apontar para a dificuldade de falar mais sobre seus sentimentos, sua dor.

Diante de mim, o inesperado se fez presente. O irmão que participaria da entrevista não chegou, Atári voltou e trouxe a irmã. Pensei, o que fazer? Decidi sustentar o processo – foi desse modo que o campo se apresentou, vamos seguir pelo caminho, o caminho vai se fazendo nos gestos dos pés ao caminhar.

Marcado pelo gesto de Atári, coloquei-me em abertura para conhecer a experiência de sua irmã, procurei acolher o que ela tinha a dizer sobre o ato do pai. Agradei a sua disponibilidade. Perguntei como ela estava, falei do propósito da entrevista e se ela gostaria de contar a sua experiência de enlutada do pai. Ela iniciou assim o nosso diálogo:

– *É difícil explicar, né?*

– O que a senhora sentiu?

– *É uma perda grande, néé?*

– Sim.

– *Agora eu estou sem...*

– A senhora chegou a vê-lo?

– *Sim, eu entrei junto com o chaveiro... Fez 6 anos em março, aí quando fui vê-lo neste estado, chorei muito. Eu era muito apegada a ele, ver a pessoa assim, sem esperar. O senhor me pegou logo assim nessa hora. O senhor é psicólogo, ehh?*

– Não. Sou engenheiro, estou fazendo doutorado em Psicologia.

– *Mas falta quanto tempo?*

– Para terminar 2 anos.

– *Todo mundo fala assim, que nós era pra ter acompanhamento de psicólogo, né? [Silêncio].*

– Não teve?

– *Não. Porqueeee era para ter, nera?*

– Sente necessidade?

– *Nãoo. Eu não sei os outros meninos.* [Silêncio].

A irmã foi pega de surpresa, mas respondeu às perguntas. Falou da perda sofrida, era muito apegada ao pai, e indicou como o acompanhamento de um psicólogo poderia ter sido importante. Ela parece desconfortável diante da situação em que o irmão a colocou. Apresentou um semblante tenso, fechado, triste, sem brilho no olhar. Teve dificuldade para narrar o que sentiu com a morte do pai.

Segui com cuidado, tateando: – quantos filhos são?

Da minha mãe, a legítima, são 6, 3 homens e 3 mulheres. Aí quando ele tava com minha mãe, teve um caso com essa mulher, que são 2, os da [cita o endereço do comércio dos dois]. Quando minha mãe se separou estava com 33 anos.

Perguntei: – como você sente a falta de seu pai? – Ela respondeu da seguinte maneira:

Sei lá assim, eu sinto muita falta dele, sabe?, às vezes a gente fica sem acreditar, a gente fica sem acreditar que ele fez isso. Pra mim ele não fez, no sábado, principalmente no dia da feira, né? Aí a gente sente muita falta dele, era um bom pai, néé?.

Ela voltou a ressaltar a falta que o pai faz e localizou situações em que a falta fica mais evidente. Nega a morte do pai. Talvez Álvaro de Campos, heterônimo de Fernando Pessoa (2002b), em versos, possa nos inspirar a compreender o “*sei lá*” dito pela colaboradora.

Os outros nunca sentem.

Quem sente somos nós,

Sim, todos nós,

Até eu, que neste momento

já não estou sentido nada

Nada? Não sei...

Um nada que dói... (Pessoa, 2002b, p. 452)

Ela seguiu dizendo como foi recebida na delegacia de polícia para prestar depoimento sobre o ato do pai:

A moça [disse], eu quero escutar quem sente falta dele, quem faz as coisas primeiro pra ele de manhã cedo... Aí era eu, nunca tinha entrado numa delegacia. Ave Maria, toda me tremendo... sabia nem o que era lá dentro.

Em sofrimento pela perda do pai ao depor na delegacia, o medo tomou conta de seu corpo e se expressou em gestos de tremedeira.

Em seguida ela retomou o tema da falta do pai, relacionando-a com o dia da feira, disse como foi a sua busca pelo pai e como entrou em contato com o cenário da morte.

Aí eu que senti a falta dele de manhãzinha. Eu senti falta dele e não achei ele de manhã, aí eu pensei que tivesse na feira no domingo de manhã, que sempre ia pra feira, né? Aííí euuu subi e chamei, chamei no quarto, nada, nada, chamei, chamei muito, aí eu disse acho que ele não tá aqui não. Aí o amigo dele veio, ele disse “não, ele não tá não, sei não se ele foi pra feira”, o amigo dele disse “vamos chamar um chaveiro”. Aí chamou o chaveiro, quando chamou, aí ele tava lá no quarto numa cadeira, sentado, com uma arma assim [faz o gesto], a cabeça, o sangue e o revólver na mão. Entrou eu e o chaveiro e outra pessoa, acho que foi [cita o nome]. O tiro foi aqui oh [ela mostra onde foi o tiro], o povo diz que foi no ouvido, mas foi aqui [aponta].

Perguntei: – quando você viu o seu pai morto, como foi para você, o que você sentiu? – Ela disse:

Aí eu entrei desespero, entrei em desespero, visse, chorei muito, muito, muito, só quem estava aqui era eu, esse aí tava na em [cita o local]. Ela [aponta para uma irmã sentada mais à frente] morava em [cita a cidade], minha outra irmã também tava em [cita a cidade], [cita o nome do irmão] tava aqui, mas não subiu, só quem viu foi eu e [cita o nome de Atári]. Aí pronto, não subiu mais ninguém, elas, as outras irmãs, chegaram já de tarde, o enterro foi na segunda. Tanta coisa, né?, uma coisa assim, uma mágoa, né?, sei lá, uma coisa triste, uma coisa triste dentro da pessoa.

Ao se ver diante do pai morto ela entrou em desespero, tristeza profunda, aflição, sentiu-se impotente, e expressou no choro o seu sentimento de dor pela perda do pai amado. Voltei a perguntar: – que sentimento você tem em relação ao seu pai?

Em resposta, ela elogiou novamente o pai e falou do retraimento dele, ligado nas tarefas e sem comunicar o que estava sentindo. Diante de tal retraimento, ela não conseguiu perceber que ele estava sofrendo!

Era bom, um excelente pai. Agora assim, ele, ele não dizia o que tava sentindo, ninguém percebia, tá entendendo? Ele não dizia, não dava pra perceber, não sentia e ele não dizia, tá entendendo? Porque geralmente quem tem depressão fala, néé?, normal. No sábado ele fez a feira, aí no sábado de noite tem uma seresta lá no parque, né? Ele vem aqui e pediu esse isopor, aí eu dei, saiu daqui normal, foi até não sei que horas a seresta de noite. Ai quando foi no domingo, acho que chegou no sábado pra amanhecer no domingo às 4 horas – 4h30 da manhã, ele fez isso, ele sentia, né? Não dizia, ficava calado, era na dele, e não comentava [sobre nada] com ninguém, é por isso que não percebi,

porque ele não falava, ele não dizia não, ele não dizia não o que ele tava passando.

Como Atári, ela tem admiração pelo pai. Ficava incomodada com a mudez dele, que não falava sobre seus sentimentos. Perguntei: – você acha que poderia ter feito alguma coisa para evitar a morte dele? – *“Humm, não, se ele tivesse falado, tivesse comentado, tivesse pedido ajuda, néé?, a gente tinha feito, né?, pra tudo tem uma solução, né? Chegar junto, perguntar o que foi que tá acontecendo e com psicólogo, mas ele não disse”.*

O pai se mantinha distante dos filhos, fechado em si mesmo, não permitia que interferissem em sua vida. Como Atári e a irmã podiam cuidar de um pai que se impunha silêncio?

Nova indagação: – quando você está contando essa história, o que você sente? – Ela disse: – *“assim, a pessoa fica triste, sei lá, um aperto, néé? [Silêncio]. Você vai esperar [cita o nome do irmão que disse gostaria ser entrevistado] ou vai ver amanhã de manhã, ele só chega tarde, ele só chega tarde? [Silêncio].*

Ela se referiu à tristeza, um aperto que não consegue tematizar tomou conta de si, tentou dizer algo, mas não verbalizou, percebi um cansaço, espelhou um incômodo em falar do ato do pai, desviou-se do assunto e perguntou se eu iria entrevistar o outro irmão. Nesse momento, chegaram ao restaurante duas clientes. Ela desviou o olhar de nossa conversa para dar atenção às clientes. Perguntei: – você quer acrescentar mais alguma coisa? – Ela disse *“não, vou atender esse povo aí, viu?”.*

As duas clientes se sentaram logo atrás da mesa em que estávamos conversando. Olharam o cardápio e pediram a comida. Fiquei no aguardo de Atári. O gravador marcava 32 minutos e 40 segundos de conversa com o irmão e a irmã. Toda

a nossa conversa foi acompanhada ao fundo por muito barulho de vozes, carros apitando, tráfego barulhento da rua. O gravador ligado captou todo o barulho.

Meu corpo foi marcado por um silêncio oceânico, um vazio tomou conta de mim. Vi Atári ao longe em gestos de escuta com o fone no ouvido, pareceu-me que estava resolvendo algo, depois desapareceu do meu ângulo de visão. Fiz uma reflexão, parece que Atári, fixado em seu ponto de partida – a companheira do pai como motivadora de sua morte, ainda não conseguiu/consegue elaborar a dor da perda do pai amado.

De todas as mesas do salão, estavam ocupadas apenas três, a mesa em que eu estava sentado e as duas das clientes. Marcado pela fuga de Atári, pelo seu silêncio, em silêncio, eu esperava. Ele não voltou ainda, já se passaram 8 minutos de espera. Lembrei do meu silêncio ensurdecido por 30 anos, sem falar sobre o pôr fim à vida de meu pai. Uma solidão toma conta de mim. Vi-me frente ao gravador contando o tempo, sendo tempo.

Os pensamentos borbulhavam: espero por Atári? Desligo o gravador? O que faço? Aquieto-me, em meio ao barulho ambiente. Esperei a volta de Atári, sustentei o silêncio, e falei para mim: pesquisar no sentido fenomenológico é acolher o que se mostra, o que se desvela no caminho, e compreender a situação hermenêutica do encontro pesquisador/entrevistado(a) nesse caminhar com-junto pelo campo, sigamos...

Atári atribuiu à mulher o lugar de gatilho que acionou a arma para dar fim à vida do pai. Diferentemente de Atári, em nenhum momento a irmã culpou a mulher pela morte do genitor. Estaria Atári expressando um machismo ao culpar a mulher e livrar o pai de sua responsabilidade pelo ato? Para você que me lê, como lhe ressoam as palavras de Atári quando culpa a companheira do pai?

O gravador continuou ligado, registrando o som ambiente – barulho, só barulho e o silêncio-fuga de Atári. Passados 13 minutos de inquietação, ansiedade, vejo Atári vindo ao meu encontro, *“doutor Pedro, estava fazendo uma ligação, desculpe aí, viu? Eu estava resolvendo umas coisas aí”*. Respondo: – sem problemas, você quer acrescentar algo mais? – *“não, não, tá bom, néé?, que que o senhor acha?”* Acolho o silêncio-fuga de Atári, agradeço a sua disponibilidade e de sua irmã, desligo o gravador.

O modo como a entrevista foi se delineando e o barulho ambiente zuniam em minha mente. Cansado, a pele, tatuada por uma atmosfera triste e fúnebre, ressoou ao meu corpo, que pedia calma, serenidade, paciência, descanso e paz!

Ao leitor que me acompanha, convido seguirmos para as considerações possíveis sobre os relatos dos colaboradores(as) da pesquisa e as sugestões de propostas que possam oferecer novas possibilidades para a compreensão do pôr fim à vida e do luto.

Gratidão

Um convite no mundo ecoou, eram quatro no projeto,
Cinco atenderam, disseram sim, aceitaram o chamado
Nádia, Anelí, Dálva, Flóra e Atári, um time bem seleta
Para desenvolver em coautoria a tese de doutorado.

Filho/filhas sobreviventes de pai/mãe, desvelaram
Corações pulsantes, luzes singulares da pesquisa
Em cada palavra dita, dor, saudade, amor, narraram,
Gratidão pela colaboração, a tese assim se consolida.

–O Autor, *Gratidão*

5 Desvelamentos Possíveis de um Caminhar Fenomenológico

Cheguei. Na verdade, a minha caminhada não acaba aqui. Não acaba... Saí a caminhar, pés e caminho em gestos que se fizeram e se descobriram um ao outro. O caminho foi se fazendo no caminhar do pesquisador. Caminho e pesquisador são inseparáveis.

Caminhei como um peregrino, longe da avidez do(a) aventureiro(a) que sabe de antemão o que vai colher no campo. Tornei-me caminho, distante dos traços de uma reta que liga dois pontos em movimentos monótonos que podem acomodar, adormecer, a exemplo do caminhar em uma estrada asfaltada. Caminhei pé ante pé por curvas, morros, planícies, vales, rios, pontes, sol, chuva, ventanias, flores, espinhos, encontros, desencontros, emoções e sonhos.

Chegar até aqui me levou ao início da jornada para honrar o caminho percorrido. Ao lembrar os passos dados que se fizeram caminho ao longo dos quatro anos do trabalho de tese, dei-me conta do que vi e do que não vi. Novos caminhos se abriram, traçados pelos pés em busca de horizontes onde o céu beija a terra ou, quem sabe? Para onde se deu o meu encontro da Engenharia com a Psicologia.

Na caminhada, transitei pela Engenharia, ciência do concreto. Desenvolvi soluções técnicas aos problemas com a instrumentalidade da técnica, e naveguei

pelas águas fluidas da Psicologia, nas quais o certo e o errado, o concreto, o sim e o não dispensam espaços nos fenômenos existenciais.

Em alguns momentos, a mente fumegou. Romper com o raciocínio lógico das ciências exatas para matutar e mergulhar no rio da existência foi um exercício diário voltado à compreensão de que os problemas existenciais não se pautam por soluções, mas requerem perguntas e respostas que podem abrir possibilidades para se poder-ser-mais-próprio. Tomo como exemplo a seguinte indagação: o que fiz/faço com o acontecimento que veio/vem ao meu encontro? Essa pergunta requisitou/requisita de mim decisões, e não soluções. Uma delas, paciência para esperar, deixar que o fenômeno se mostrasse nas narrativas dos(as) colaboradores(as) da pesquisa.

O suor escorreu-me pelo corpo para que eu chegasse até aqui. Em alguns momentos, as lágrimas tomaram conta de meu rosto, provocadas pelas intensas dores na coluna que me levaram a ficar três meses convalescente, eram de 6 a 8 horas diárias sentado, lendo e escrevendo o trabalho de tese.

Alegria, tristeza, angústia, medo, foram algumas das tonalidades afetivas que me acompanharam na caminhada. O vírus da covid-19 me pegou no estágio doutoral na Universidade de Évora, em Portugal. Bendito estágio! Foi lá que decidi, como já dito, pela temática de minha tese. Para mim, tudo valeu a pena! Não sou mais o mesmo. Já não caminho sozinho, celebro as lembranças, as vivências e os aprendizados que me tornaram um-outro-ser-com-os-outros.

Foi assim que caminhei, pés e caminho irmanados em gestos, fazendo-se em movimentos do caminhar-com-os-(as)-colaboradores-(as)-da-pesquisa em produção-conjunta, tendo como ponto de partida, neste trabalho, compreender a experiência de filho(a) enlutado(a) de pais que deram fim à própria vida.

Nessa direção, o caminho foi se traçando com a problematização do fenômeno do pôr fim à vida e do luto no Ocidente, no sentido de compreender como esses fenômenos foram sendo atravessados por fatores culturais, sociais e históricos ao longo de cada época; dessa caminhada, desse mergulho no campo, chego até aqui com o corpo “tatuado” de como se deram as compreensões dos fenômenos do suicídio e do luto ao longo do tempo. Tomei conhecimento dos alarmantes indicadores estatísticos do pôr fim à vida na contemporaneidade, os quais confirmam o ato como um problema de saúde pública.

Pesquisei sobre o que foi publicado no Brasil nos últimos 15 anos em relação à temática de filhos(as) enlutados(as) de pais que deram fim à própria vida. A escassez de estudos justificou a nossa pesquisa. Dialoguei com Heidegger, a partir das luzes do “marco teórico”, para dar polimento nas “lentes” que iluminaram o meu olhar/escuta para a compreensão das narrativas dos(as) colaboradores(as) da pesquisa.

Do caminho metódico acolhi os pressupostos teóricos lançados por Heidegger no diálogo com os(as) colaboradores(as) da pesquisa, durante a análise das entrevistas, com o intuito de recolher possibilidades para a compreensão da situação hermenêutica de cada colaborador(a) e da minha como pesquisador.

No encontro dialógico polifônico com os(as) colaboradores(as) da pesquisa, procurei compreender o modo “como” cada um(a) experienciou o enlutamento de pais que deram fim à própria vida. E com as narrativas, foram tecidas as possibilidades compreensivas do modo como a “situação hermenêutica” foi se apresentando na narrativa dos(as) colaboradores(as), com atenção à circularidade hermenêutica, que apontou, em sua singularidade, para a dimensão do sentido.

Nessa direção, reconheço o ponto de partida, fixo e próprio, como posição inicial de visada. As perspectivas, o modo como o problema da facticidade é/foi apreendido e em que direção se abriam no horizonte delimitado pelas duas coordenadas para, em circularidade, alcançarem outro nível de análise das narrativas, sendo que o primeiro nível pôde ser visto de um ângulo diferente, com outras perspectivas, ampliando o horizonte de compreensão.

Importa realçar que o pôr fim à vida aparece como uma possibilidade do *Dasein* desde a Idade Antiga até a contemporaneidade. Diante de tal acontecimento, o luto, como resposta do existir humano diante da perda de um ente querido também se fez/faz presente, enquanto fenômeno, no mesmo lapso de tempo ao qual se aludiu.

O pôr fim à vida e o luto são fenômenos atravessados por tabu e estigma, implicados por diversas motivações, sedimentadas à medida que os interesses sociais, econômicos e políticos de cada época foram distanciando o homem de sua liberdade, de seu direito de poder dispor de sua vida, e o(a) sobrevivente de seu direito de expressar o luto-dor-sofrimento em espaço público.

Em nosso caminhar, percebemos que o processo do luto oportuniza a elaboração de uma narrativa de despedida de quem partiu, não médica. Embora a ideologia da medicalização ofereça um remédio para atenuar a dor, não cura o sofrimento dos(as) enlutados(as). Interditado(a) pela sociedade orientada pelo imperativo do sucesso a qualquer custo, o(a) enlutado(a) não encontra espaço para as expressões de tristeza, dor, e, menos ainda, para ser acolhido(a) em seu sofrimento pelo(a) outro(a).

Para os(as) colaboradores(as), em nosso estudo, a travessia do luto porta uma circularidade que parece espelhar o fluxo e o refluxo das marés em seu processo de fluir e refluir, avançar e recuar, em com-passo do tempo de espera de que a dor, o

sofrimento, talvez se transforme em saudade-amor de quem se foi de repente, e a vida do(a) enlutado(a) possa retomar o seu curso. Cada um(a) com as singularidades expressadas nas suas narrativas.

Nádia, em seu esforço de obter explicações para os acontecimentos do pôr fim à vida do pai e dos dois tios, buscou/busca, em seu modo de experienciar os atos, encontrar na ciência justificativas que possam aplacar a sua dor pelas perdas e talvez controlar possibilidades de novos acontecimentos. Tentou/tenta encontrar respostas para os gestos dos familiares, apoiadas em hipóteses fundadas em situações concretas – alguma disfunção genética, distúrbios psíquicos, entre outras. Ela não encontrou respostas, angústia, culpa, medo são suas companheiras afetivas.

Nádia encontrou na religião um modo de apaziguar a sua dor. Ela chega a se aproximar da possibilidade de compreender o pôr fim à vida dos familiares como sofrimento existencial e assume que não pode julgá-los pela decisão tomada, mas não consegue aceitar os acontecimentos, nomear o seu sofrimento e extravasar o choro contido pelas perdas.

Convido o(a) leitor(a) a fazermos uma reflexão: teria a ciência possibilidade de desvendar o mistério que acompanha *Dasein* entre o viver-e-o-morrer, pelas singularidades que embalam o existir, um fenômeno de multidimensionalidade, singularizado por uma decisão exclusivamente pessoal? Teria como a ciência oferecer respostas para Nádia?

Para mim, o acontecimento do pôr fim à vida parece transcender os limites da ciência, que metodologicamente busca objetividade em suas pesquisas. É evidente que a ciência merece ser celebrada, por exemplo, deu um *show* de rapidez e eficiência com a vacina para o vírus da covid-19. No entanto, a ciência parece não ter como desvendar o “mistério” que acompanha *Dasein* entre o viver-e-o-morre. Os

dramas humanos ocorrem “no enigmático, no obscuro, no indizível, no mistério” (Safra, 2004, p. 34).

A perda inesperada pelo pôr fim à vida surpreende as pessoas, traz desamparo, sofrimento e dor. Quando um elemento trágico singulariza o modo como se deu a morte, o ato tem potencial para tomar uma dimensão tal que pode provocar um apagão de memória como o que vivenciou Anelí, diante da notícia de que o pai, antes de dar fim à própria vida, tirou a vida da companheira e dos dois filhos menores com o uso de uma machadinha.

Anelí, por ser psicóloga, além da dor, sofrimento e angústia pelas perdas múltiplas, foi atravessada por preconceitos e julgamentos de uma sociedade onde impera o individualismo. Uma sociedade positivista em que sentimentos de fraqueza e dor são negados, desprezados, incomodam o(a) outro(a) individualizado(a) na sociedade do desempenho, da alta performance, que, em crescente posituação, enfraquece os sentimentos como angústia, dor e luto (Han, 2017). As pessoas centradas em si mesmas não se comoveram com a dor de Anelí.

Como ser psicóloga e não conter a decisão do pai de dar fim à própria vida? Era o que Anelí ouvia de seus conterrâneos, cobravam dela uma positividade para salvar a vida do pai, como se ela tivesse o poder de controlar a decisão dele. Julgada, maltratada pela falta de solidariedade das pessoas, Anelí nos primeiros dias não pôde entrar em contato com a sua experiência, diante do modo trágico como se deu o acontecimento.

E pela dimensão nacional que tomou o caso – divulgado no principal jornal televisivo do país –, o desconforto de Anelí foi ampliado, ela se viu acompanhada pelo medo de que houvesse uma revolta popular por terem sido assassinadas, além de sua madrasta, as duas crianças. O pai foi enterrado às escondidas de jornalistas e

das pessoas que o julgavam pelas mortes, depois da negação de dois padres para conduzir os rituais fúnebres. O tabu e o estigma que envolvem o pôr fim à vida acrescidos dos assassinatos exacerbaram as ideias moralizantes de seus(uas) concidadãos(ãs).

Foram momentos difíceis, que requereram de Anelí a mobilização de forças para se pôr em movimento e buscar compreender a atitude do pai. O trabalho terapêutico e uma dinâmica realizada no curso de suicidologia descortinaram outros possíveis horizontes, teceram novas tramas de sentido, colocaram em xeque o senso comum – avaliações sociais, culturais e religiosas que atravessavam o seu modo de ser – e abriram espaço para se aproximar de suas experiências da infância – pai presente, amado. Anelí acolheu a decisão do pai, apaziguou os seus sentimentos. A dor e o sofrimento se transformaram em saudade-amor.

Como Anelí, Dálva sofreu também forte preconceito por ser psicóloga e não conseguir evitar o pôr fim à vida do pai. Tão impactantes foram a morte e a cobrança da sociedade sobre ela que antecipar sua própria morte foi uma das perspectivas, pensada inicialmente, diante da dor, negação, silenciamento e cobranças.

Por outro lado, o modo como ela vivenciava o luto, distante da ritualística tradicional que impunha o isolamento, incomodou a mãe. Dálva sorria, só ela mesma sabia da tristeza, dor e sofrimento que embalavam suas idas e vindas entre o sorriso e o choro.

A falta de motivação, tristeza, apatia, negação da morte, culpa, questionamento por não ser boa psicóloga, por Deus ter permitido o acontecimento a acompanharam por quatro meses como um peso em seu existir. Era como se faltassem a Dálva forças para sustentar o “absurdo da vida”, como fez Sísifo, em seu incessante esforço de ir e vir com a pedra-morro-acima-pedra-morro-abaxo.

O apoio recebido das pessoas e do mentor espiritual deram forças para ela seguir em seus movimentos de elaboração do luto. Estar de luto requer paciência com a dor, aceitar que faz parte da vida e apenas suportar essa temporalidade singularizada pela perda que não reivindica nada a fazer ou a ser feito. Só há mesmo o estado de luto (Rodrigues, 2021).

Apoiada em sua crença espiritual – vida além da morte e do sentimento-saudade do pai –, Dálva abriu possibilidades para acolher a decisão dele. O trabalho social no centro espírita, a gravidez, o casamento, o distanciamento da aliança-identificação-com-o-pai-e-a-morte, revelaram para Dálva possibilidades de nova tecitura de sentido para a sua vida, simbolizada na pele pela *tatoo-saudade* “painho” – o modo como chamava o pai. Esses movimentos reaproximaram Dálva de sua existência e do reconhecimento da família ampliada – irmão, mãe, filha e companheiro.

Diferentemente do modo como Dálva se impôs o silenciamento e a negação da morte do pai, à Flóra foi imposto um silenciamento e negação de como se deu a morte de sua mãe. Em determinada noite, juntas, assistiam a um programa na TV e na manhã seguinte a tia informou para Flóra que a mãe morrerá.

Flóra estava com 7 anos de idade, estranhou o ocorrido, e somente 2 anos depois conseguiu desvendar o mistério silenciado pela família ao descobrir o atestado de óbito – a mãe dera fim à vida. Nesse momento, ela também se impôs um silêncio com medo da reação do pai.

Flóra não conseguia interagir com os familiares pelo silenciamento imposto, era como se existissem paredes intransponíveis que impediam o conhecimento do ocorrido e o pertencimento ao modo de habitar o mundo e a família. Ela seguiu

caminhando pela vida com o peso do desamparo e do abandono, tentando encontrar caminhos que pudessem tecer novos sentidos para o seu existir.

A sensação de ter sido abandonada pela mãe acompanhou Flóra e gerou nela um desconforto, sentiu-se incapaz de ser mãe. Procurou na terapia o apoio que lhe faltou em sua rede familiar, pôde se apropriar de sua experiência e encaminhar novas possibilidades/modos de poder-ser-o-que-quisesse-ser, inclusive ser-mãe.

A maternidade possibilitou a Flóra reaproximar-se de sua mãe, reconhecer a existência dela em sua vida, tomar contato com as suas emoções – angústia, raiva, sentimento de culpa, saudade – e, desse modo, soltar-se da armadura que revestia o seu corpo e abrir-se para novos horizontes de sentidos. Ao se conectar com a vida maternal, acolheu o pôr fim à vida da mãe, conseguiu apaziguar suas dores, sofrimentos e retomar o curso de sua vida.

Atári, por sua vez, desde o momento antecedente à entrevista mostrou gestos de desistência, mas, mesmo assim, decidiu participar. Em sua narrativa deixou claro todo o seu respeito e amor pelo pai maravilhoso – herói, ídolo. Ele relatou o envolvimento extraconjugal do pai por 10 anos como sendo o gatilho que o levou a decidir dar fim à própria vida, quando descobriu a traição da companheira.

Atári teve/tem dificuldades para falar sobre os seus sentimentos pela perda do pai. Referiu impacto mental, abalo grande, ansiedade, saudade. Solicitado a falar como foi esse impacto mental, disse que foi uma dor muito forte e que estava vulnerável, angustiado, para em seguida voltar a tecer elogios ao pai. Relatou aconselhar o pai, sem resultado, e reconheceu o ato do pai como uma tragédia. Ressaltou o impacto da morte nos negócios, o abandono dos amigos e clientes, a decadência financeira.

Em determinado momento da entrevista ele saiu para buscar o irmão que participaria da entrevista. O irmão não havia chegado. Trouxe a irmã. Acolhi o inesperado e solicitei que ela falasse de sua experiência com a morte do pai. Tomada de surpresa, ela falou que foi uma perda muito grande, sentia falta do pai, às vezes não acreditava na morte dele. Relatou que entrou em desespero, que chorou muito quando se viu diante da cena do pai morto, e como se sentiu prestando depoimento na delegacia sobre o ato.

Era visível o desconforto dela – fisionomia tensa, fechada, triste. Em dado momento, chegaram duas clientes, ela disse que precisava atender às clientes, despediu-se, e foi ao encontro delas. Fiquei no aguardo de Atári, que voltou depois de 13 minutos. Disse que estava fazendo uma ligação e, ao ser perguntado se gostaria de dizer algo mais, falou que não. Encerramos a entrevista.

Atári e a irmã, apesar dos movimentos de fuga da entrevista e da dificuldade de falarem sobre os seus sentimentos, suas dores, apontaram em suas singularidades o modo como vivenciaram/vivenciam o luto do pai, e como encaminharam as suas vidas em seu poder-ser. Referiram-se às repercussões da perda como impacto mental, abalo grande, desespero, angústia, saudade, choro.

A dificuldade de Atári e da irmã de narrarem a sua experiência descortina um outro horizonte de sentido, qual seja, a não elaboração da experiência pode indicar conscientemente ou não uma saída encontrada pelos(as) sobreviventes para superar o “desespero”, “o impacto mental” que tiveram/têm pela perda do pai. Em processo de luto, os movimentos de mudanças realizados não apontaram outras perspectivas para a compreensão da morte do pai.

Para mim, os diálogos com Atári e a irmã foram momentos bastante desafiadores, o silêncio-fuga de Atári, a inesperada irmã que chegou para a

entrevista, o ambiente muito barulhento, a atmosfera fúnebre e triste espelhada pelo ambiente marcaram o meu corpo, que, tomado por um cansaço, ressecado, pedia calma, paciência, paz!

Das experiências narradas pelos(as) colaboradores(as) da pesquisa, importa realçar em suas singularidades um esforço inicial como ponto de partida – a busca de explicações para os atos praticados. Focaram no acontecimento e parece, de princípio, que “esqueceram” de olhar para a experiência e de como as perdas os afetaram. Algum tempo depois, passados os instantes de desassossego e do impacto das mortes, buscaram seguir a vida, mesmo embalados(as) pela dor, sofrimento, tristeza, desespero, raiva, culpa, angústia, saudade, cobranças, em suas singularidades afetivas.

É possível compreender das entrevistas que cada um(a) cavou no íntimo forças para encaminhar suas vidas. No caso de Flóra e Anelí, quase não contaram com rede de apoio. Esse descaso com o sofrimento do(a) outro(a) nos faz pensar que a falta de apoio social aponta para uma sociedade individualizada – do eu, sem o tu, sem possibilidades para o encontro do nós que pode comungar solidariedade. Cada um(a) deve aprender a encontrar em si mesmo(a) caminhos que orientem o seu existir.

Percebe-se, das narrativas das colaboradoras Dálva e Anelí, que o estigma e o tabu que envolvem o pôr fim à vida reforçam, na sociedade, conceitos prévios que vinculam o ato à profissão de psicólogo(a), como se esse(a) profissional tivesse o poder de controlar, de impedir a morte da pessoa que decidiu desistir da vida. Referido estereótipo é bem mais exacerbado quando a perda é de um familiar, como ocorreu com as duas psicólogas. Nessa direção, o efeito do modo de morte, pelos preconceitos e cobranças que acompanharam Dálva e Anelí, colocou em xeque a

competência profissional de ambas como psicólogas, intensificando ainda mais a dor e o sofrimento da perda.

Um achado que merece atenção, pela repercussão que pode causar junto à sociedade, é o modo como a mídia, em sua voracidade por notícias, pode amplificar o acontecimento em grau tão elevado que leve medo aos(às) enlutados(as) quanto à possibilidade de ocorrer uma comoção popular e dificultar a realização dos atos fúnebres, como narrou uma das colaboradoras da pesquisa.

O(a) leitor(a) que me acompanhou nas análises das narrativas pôde perceber, como eu, que a perda de um ente querido pelo pôr fim à vida traz desamparo, sofrimento e dor. E quando a morte toma dimensões de uma tragédia pela violência do modo como se deu o ato, tem potencial para provocar um apagão de memória, como o que vivenciou uma das colaboradoras da pesquisa.

As narrativas dos(as) colaboradores(as) da pesquisa chamam atenção pela luta que enfrentaram para reencaminhar as suas vidas, profundamente desorganizadas pelas perdas. Em suas singularidades, vivenciaram medo, desespero, tristeza, ansiedade, desorientação, desamparo, raiva, culpa, perda da memória, abandono, julgamentos, preconceitos.

Merecem realce a crença espiritual e a rede de apoio quando se fazem presentes junto aos(às) enlutados(as), por oferecerem possibilidades para a elaboração da experiência do luto com menos pesar pela perda. Mostraram-se de fundamental importância para o acolhimento do sofrimento e permitiram-lhes retomar o ritmo de seus afazeres, mesmo banhados(as) pelas dores da perda e da saudade.

Quando olhamos para a rede de apoio, estendida fora do seio familiar, parece que, na atual sociedade do desempenho e da positividade, o esfacelamento do vínculo social submete a pessoa a encontrar em si mesma condições de

possibilidades para enfrentar de modo solitário seus infortúnios e dores. O(a) outro(a) já não me olha, não me escuta e me nega ser-com-ele(a) o espelho que reflete a mim mesmo(a) em possibilidades de vir-a-ser. Sem essa alteridade, do olhar do(a) outro(a), como posso assentar a minha singularidade, eu-em-mim-eu-no(a)-outro(a)? Uma das sobreviventes sentiu essa indiferença implacável da comunidade sobre o seu sofrimento e dor.

Importa compreender que *Dasein* lançado no mundo entre o mistério vida-e-morte, o pôr fim à vida pode se apresentar como uma possibilidade diante das questões existenciais em seu poder-ser. Convocado a decidir a todo momento sobre como encaminhar o seu existir frente às situações adversas que fogem ao seu controle, o pôr fim à vida se mostrou/mostra como possibilidade de decisão da pessoa de não querer mais continuar decidindo... decidindo... decidindo, a cada acontecimento que venha ao seu encontro, em seus processos de ser *Dasein*.

Enfim, sem que seja um final, importa olhar para além do campo que o nosso caminhar investigou, descreveu e que possibilitou o desenvolvimento desta tese. E olhar para o campo ampliado – sobreviventes, sociedade, academia, governantes, empresas públicas e privadas – para, a partir dos estudos e da pesquisa realizada, sem querer generalizar os achados, oferecer contribuições aos(às) estudiosos(as) dos fenômenos do pôr fim à própria vida e do luto, bem como à sociedade em geral e aos(às) gestores(as) públicos.

Nessa direção, os nossos estudos e aprendizados apontaram para a necessidade de se falar sem medo sobre o pôr fim à vida, distanciando-se das ideias moralizantes que só reforçam o tabu e o estigma que cercam o fenômeno. Não menos importante, e talvez o mais importante de tudo seja “o modo como falar sobre suicídio”. Os manuais, as cartilhas, as buscas de controle e de prevenção não têm

dado conta de reduzir o número de mortes em atenção à convocação da OMS (WHO, 2019) para que todos os governantes mundiais desenvolvessem esforços no sentido de reduzir em um terço, até o ano 2030, a taxa anual de suicídio no mundo, de 700 mil mortes para algo próximo de 230 mil.

A concretização dessa tarefa, a nosso ver, requer uma construção coletiva. É fundamental que o pôr fim à vida não seja compreendido apenas como uma questão puramente individual, da singularidade humana ou dos(as) sobreviventes, que não percebem sinais que possam evitar a morte de seus entes queridos. Nesse sentido, é importante reconhecer que o pôr fim à vida pode também ser gerado por um mundo que segrega, isola e é indiferente ao sofrimento do(a) outro(a).

Ao(à) leitor(a) que me acompanha, peço licença mais uma vez e rogo que reflita comigo sobre como ter paz, saúde mental, vida digna, em um mundo, um contexto social onde imperam desumanidades como racismo estrutural, feminicídio, desemprego, subemprego, machismo, desigualdade social, cultura do ódio, xenofobia, homofobia, extermínio de povos originários, indigência (a fome chora).

Tudo isso, atravessado ainda pelo capitalismo liberal provocador de um ambiente competitivo insano, da alta performance, da positividade, gera-dor de sofrimento, dor, ansiedade, depressão, *burnout*, e que instrumentaliza o “sofrimento psíquico para os ganhos de produtividade dos trabalhadores e para a atenuação de possíveis revoltas políticas” (Maia, 2022, p. 105).

Ao habitar nesse campo minado, desvalidos(as) de apoio social das instituições, governantes, sociedade, como sustentar o existir? Como suportar esses marcadores sociais sem que provoquem em algumas pessoas gatilhos que levem à intenção de desistir da vida? Nesse habitar, atravessado pelo contexto inumano da contemporaneidade, não se pode desconsiderar o pôr fim à vida como sendo passível

também da produção social de uma sociedade sintonizada com o destinamento epocal da técnica moderna que, ao requisitar *Dasein*, a um modo de ser calculante – dominador, atravessa-o com o perigo da perda de ser-si-mesmo em seu poder-ser.

São questões que necessitam de várias teses, de respostas, mas, não só isto, necessitam principalmente de possibilidades compreensivas que apontem ações efetivas, que se desloquem dos diagnósticos do pôr fim à vida como sendo um problema de ordem psicológica ou individual, e de vozes que não se calem, denunciem, resistam à violência do des-abrigo político e ético de uma sociedade contemporânea positivista, tomada pela magia da Era Técnica que desencobre para explorar (Heidegger, 2012).

Voltemos ao nosso tema de estudo. Cabe-nos também, depois de nossa caminhada pelos fenômenos do pôr fim à vida e do luto, oferecer algumas propostas que possam acolher e encaminhar possibilidades de as pessoas se apropriarem do lugar em que estão e perceberem outros modos de colocar a vida em movimento diante dos problemas que assolam os(as) colaboradores(as) e as pessoas com ideias e/ou tentativas de pôr fim à própria vida:

- a. desenvolver ações de prevenção do pôr fim à vida por todo o ano, pelos governantes, instituições da sociedade civil, empresas privadas e profissionais qualificados para falar sobre a temática, que vão além das campanhas de conscientização e possam desmistificar o tabu e o estigma que acompanham o fenômeno;
- b. acolher os(as) sobreviventes do pôr fim à vida nas campanhas do Setembro Amarelo e cuidar para que as campanhas não se tornem simplesmente *marketing* de algumas empresas para a venda de seus produtos;

- c. promover cursos para profissionais que estabelecem relações com os(as) sobreviventes do pôr fim à vida, para além daqueles(as) que atuam na área da saúde, como professores(as) do ensino público e privado, policiais, jornalistas, bombeiros(as), religiosos(as), entre outros(as), para que possam compreender e oferecer apoio adequado não só às pessoas com ideações e/ou tentativas de dar fim à vida, mas também aos(às) enlutados(as);
- d. sugerir formular políticas públicas pelos legisladores que atendam efetivamente às necessidades de apoio demandadas pelas pessoas com ideações e/ou tentativas do pôr fim à vida, bem como pelos(as) sobreviventes;
- e. promover cursos e estudos futuros na área de Psicologia nas academias, para ampliar a compreensão com um olhar fenomenológico sobre o pôr fim à vida e o luto;
- f. fomentar debate sobre a temática junto às múltiplas gerações, no sentido de possibilitar melhor compreensão dos fenômenos do pôr fim à vida e do luto, distantes das ideias moralizantes que os atravessam; e
- g. sugerir promover, pelos governantes, instituições da sociedade civil, empresas privadas e a sociedade em geral, cada qual cumprindo o seu papel, apoio à diversidade, políticas públicas e ações que minimizem as condições adversas de um contexto social inóspito.

E para não colocar apenas sobre os ombros dos(as) outros(as) a responsabilidade pelas ações, informo o(a) leitor(a) que, de minha parte, inicialmente, faremos reuniões com os(as) colaboradores(as) da pesquisa, detentores(as) do saber e coprodutores(as) do trabalho que deu corpo a esta tese para uma devolutiva, em

retribuição e reconhecimento à importância da contribuição de cada um(a) para a pesquisa.

Já dei os passos iniciais, junto com uma amiga psicóloga também estudiosa da temática, para a formação de um grupo de apoio a enlutados(as) pelo pôr fim à vida com o nome *Flor de Açafrão*. Um convite para participar do grupo encontra-se em divulgação nas redes sociais, e 5 sobreviventes já confirmaram a sua participação.

Além dessas iniciativas, proponho-me ainda a formar grupo com profissionais da área de saúde e de ação para debater sobre a temática e encaminharmos novos modos de acolher os(as) sobreviventes do pôr fim à vida, bem como aqueles(as) com ideias ou tentativas de pôr fim à vida.

Sigamos, com fé na vida, fé no homem, fé na mulher e fé no que virá...

Referências

- Alpe, Adriane Cristine Oss-Emer Soares, & Cruz, Claudia Weyne. (2022, setembro-dezembro). Suicídio: A dor dos sobreviventes enlutados. *Revista Contextos Clínicos*, 15(3), 877-900. <https://doi.org/10.4013/ctc.2022.153.09>
- Alvarez, Alfred. (1999). *O Deus selvagem: Um estudo do suicídio*. Editora Companhia das Letras.
- American Psychiatric Association. (2022). *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM-5* (Maria Inês Corrêa Nascimento et al., Trad.; 5a ed.). Artmed Editora.
- Andrade, Carlos Drummond de. (1942). *E agora, José? Poesias*. Livraria José Olympio Editora.
- Andrade, Carlos Drummond de. (1988). *Poesia e prosa* (6a ed.). Editora Aguilar.
- Ariès, Philippe. (2012). *História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias* (Priscila Viana Siqueira, Trad.). Editora Nova Fronteira.
- Barbagli, Marzio. (2019). *O suicídio no Ocidente e no Oriente* (Federico Carotti, Trad.). Editora Vozes.

- Bardin, Laurence. (2016). *Análise de conteúdo*. Edições 70.
- Barreto, Carmem Lúcia Brito Tavares. (2019). O tempo da existência humana e a esperança: Ressonâncias sobre a clínica contemporânea. In Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo & Maria Bernadete Medeiros Fernandes Lessa (Orgs.), *Daseinsanálise hoje* (pp. 113-130). Edições Ifen.
- Barreto, Carmem Lúcia Brito Tavares, & Morato, Henriette Tognetti Penha. (2009). A ação clínica e a perspectiva fenomenológica existencial. In Henriette Tognetti Penha Morato, Carmem Lúcia Brito Tavares Barreto, & André Prado Nunes (Coords.), *Aconselhamento psicológico numa perspectiva fenomenológica existencial: Uma introdução* (pp. 41-51). Editora Guanabara Koogan.
- Barros, Manoel de. (1996). *Livro sobre nada*. Editora Record.
- Benjamin, Walter. (1994). *Magia e técnica, arte e política: Ensaio sobre literatura e história da cultura* (Sérgio Paulo Rouanet, Trad.; Obras Escolhidas, Vol. 1). Editora Brasiliense.
- Berenchtein, Nilson, Netto. (2007). *Suicídio: Uma análise psicossocial a partir do materialismo histórico dialético [sic]* [Dissertação de mestrado, Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo]. Repositório PUC/SP. <https://sapiencia.pucsp.br/handle/handle/17213>
- Blay, Milton. (2021). *O vírus e a farsa populista*. Editora Contexto.
- Borges, Jorge Luis. (1975). *La rosa profunda*. Emece Editores.
- Borges-Duarte, Irene. (2020). Dúvida e provação como experiência de crise (Hegel para psicólogos). In Elza Dutra (Org.), *Sofrimento, existência e liberdade em tempo de crise: Palestras apresentadas no II Congresso Internacional de*

Fenomenologia Existencial e II Encontro do GT de Psicologia e Fenomenologia – Anpepp (pp. 79-102). Edições Ifen.

Borges-Duarte, Irene. (2021). *Cuidado e afetividade: Em Heidegger e na análise existencial fenomenológica* (Coleção Fenomenologia e Cultura; Vol. 2). Nau Editora.

Boss, Medard. (1981). *Angústia, culpa e libertação: Ensaio de psicanálise existencial* (Barbara Spanoudis, Trad.; 2a ed.). Editora Livraria Duas Cidades.

Botega, Neury José. (2015). *Crise suicida: Avaliação e manejo*. Artmed Editora.

Camus, Albert. (2021). *O mito de Sísifo* (Ari Roitman & Paulina Watch, Trans.). Editora Record.

Cândido, Artur Mamede. (2011). *O enlutamento por suicídio: Elementos de compreensão na clínica da perda* [Dissertação de mestrado, Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura, Universidade de Brasília]. Repositório Institucional da UnB. <http://icts.unb.br/jspui/handle/10482/10000>

Casanova, Marco Antonio. (2017). *Mundo e historicidade: Leituras fenomenológicas de Ser e Tempo* (Coleção Biblioteca do Ocidente; Vol. 1: Existência e mundaneidade). Editora Via Verita.

Casanova, Marco Antonio. (2021). *Tédio e tempo: Sobre uma tonalidade afetiva fundamental fática de nosso filosofar atual*. Editora Via Verita.

Catedral. (2001). Balada de uma saudade (música). In *Mais do que imaginei* (álbum). Warner Music Brasil.

Cerbone, David R. (2014). *Fenomenologia* (Caesar Souza, Trad.; Série Pensamento Moderno; 3a ed.). Editora Vozes.

- Chohfi, Laiz Maria Silva. (2021). *A permanência estudantil na Universidade de São Paulo: Um estudo da situação hermenêutica* [Tese de doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo]. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP. <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-13072021-173435/pt-br.php>
- Chohfi, Laiz Maria Silva, & Provinciatto, Luís Gabriel. (2023, janeiro-dezembro). Situação hermenêutica e pesquisa em psicologia: Desdobramentos metodológicos. *Natureza Humana*, 25(1), 51-64.
- Critelli, Dulce Mara. (2019). Método: Revelação e ocultamento. In Bárbara Eleonora Bezerra Cabral, Luciana Szymanski, Maria Inês Badaró-Moreira, & Maria Luísa Sandoval Schmidt (Orgs.), *Práticas em pesquisa e pesquisa como prática: Experimentações em psicologia* (pp. 23-29). Editora CRV.
- Cunha, Antônio Geraldo da. (2007). *Dicionário etimológico da língua portuguesa* (3a ed.). Lexikon Editora Digital.
- Decreto nº 10.225. (2020, 5 de fevereiro). Institui o Comitê Gestor da Política Nacional de Prevenção da Automutilação e do Suicídio, regulamenta a Política Nacional de Prevenção da Automutilação e do Suicídio e estabelece normas relativas à notificação compulsória de violência autoprovocada. Presidência da República. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/decreto/D10225.htm
- De Paula, Vanessa de Jesus Rodrigues, & Vallada, Homero Pinto, Filho. (2021). Genética da suicidalidade. In Rodolfo Furlan Damiano, Alan Campos Luciano, & Isabella D'Andrea Garcia da Cruz Hermano Tavares (Eds.), *Compreendendo o suicídio* (pp. 206-214). Editora Manole.

Durkheim, Émile. (2011). *O suicídio: Estudo de sociologia* (Monica Stahel, Trad.; 2a ed.). Editora WMF Martins Fontes.

Dutra, Elza. (2002). A narrativa como uma técnica de pesquisa fenomenológica. *Estudos de Psicologia*, 7(2), 371-378. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2002000200018>

Dutra, Elza. (2012). Suicídio de universitários: O vazio existencial de jovens na contemporaneidade. *Estudos e Pesquisa em Psicologia*, 12(3), 924-937.

Dutra, Kassiane, Preis, Lucas Corrêa, Caetano, Jaqueline, Santos, José Luís Guedes dos, & Lessa, Greice. (2018). Vivenciando o suicídio na família: Do luto à busca pela superação. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 71(suppl 5), 2274-2281. <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2017-0679>

Explorando o mundo fascinante das variações de alelos. (2022, 8 de janeiro). The Machine Science Core SME. <https://themachine.science/allele-variations/>

Feijoo, Ana Maria Lopez Calvo de. (2011). *A existência para além do sujeito: A crise da subjetividade moderna e suas repercussões para a possibilidade de uma clínica psicológica com fundamentos fenomenológicos-existenciais*. Edições Ifen; Editora Via Verita.

Feijoo, Ana Maria Lopez Calvo de. (2020). O desafio de pensar o suicídio para além das normas moralizantes: Por uma clínica de acolhimento da liberdade humana. In Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo (Org.), *Suicídio: Estudos & ensaios* (pp. 101-130). Edições Ifen.

Feijoo, Ana Maria Lopez Calvo de. (2021). *Suicídio & Luto: Da investigação fenomenológico-hermenêutica às práticas clínicas fenomenológico-existenciais*. Edições Ifen.

- Figueiredo, Luís Claudio Mendonça. (1994). *Escutar, recordar, dizer: Encontros heideggerianos com a clínica psicanalítica*. Editora Educ; Editora Escuta.
- Flick, Uwe. (2013). *Introdução à metodologia de pesquisa: Um guia para iniciantes*. Penso Editora.
- Flusser, Vilém. (2014). *Gestos*. Annablume Editora.
- Foucault, Michel. (1978). *História da loucura na idade clássica*. Editora Perspectiva.
- Frazão, Dilva. (2023). *Sêneca: Filósofo e escritor romano*. E-Biografia. <https://www.ebiografia.com/seneca/>
- Freire, Paulo. (1996). *Educação como prática da liberdade*. Editora Paz e Terra.
- Freud, Sigmund. (1996). Luto e melancolia. In Sigmund Freud, *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. XIV, pp. 42-54). Imago Editora.
- Freud, Sigmund. (2014). *A negação* (Marilene Carone, Trad.). Editora Cosac Naify.
- Fukumitsu, Karina Okajima. (2013). *O processo de luto do filho da pessoa que cometeu suicídio* [Tese de doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo]. Biblioteca Digital da USP. <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-04072013-143625/pt-br.php>
- Fukumitsu, Karina Okajima, & Kovács, Maria Júlia. (2016). Especificidades sobre processo de luto frente ao suicídio. *Psico*, 47(1), 3-12. <http://dx.doi.org/10.15448/1980-8623.2016.1.19651>
- Fukumitsu, Karina Okajima. (2019). *Sobreviventes enlutados por suicídio: Cuidados e intervenções*. Summus Editorial.
- Garder, Jostein. (1997). *Ei! Tem alguém aí?* Editora Companhia das Letrinhas.
- Gabriel, Martha. (2018). *Você, eu e os robôs: Pequeno manual do mundo digital*. Editora Atlas.

- Gadamer, Hans-Georg. (2009). *O problema da consciência histórica* (3a ed.). Editora FGV.
- Gadamer, Hans-Georg. (2011). *O caráter oculto da saúde* (Antônio Luz Costa, Trad.). Editora Vozes.
- Gadamer, Hans-Georg. (2012). Título do capítulo. In Jean Grondin (Org.), *O pensamento de Gadamer* (Enio Paulo Giachini, Trad.; Coleção Philosophica, Rachel Gazolla, Coord., pp. 261-310). Paulus Editora.
- Giacoaia, Oswaldo, Jr. (2013). *Heidegger urgente: Introdução a um novo pensar*. Editora Três Estrelas.
- Goethe, Johann Wolfgang von. (2021). *Os sofrimentos do Jovem Werther* (Maurício Mendonça Cardoso, Trad.). Editora Penguin-Companhia das Letras.
- Goffman, Erving. (1981). *Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada* (Mathias Lambert, Trad.; 4a ed.). Editora LTC.
- Han, Byung-Chul. (2017). *Sociedade do cansaço* (Enio Paulo Giachini, Trad.; 2a ed.). Editora Vozes.
- Han, Byung-Chul. (2021). *Sociedade paliativa: A dor hoje* (Paulo Lucas Machado, Trad.). Editora Vozes.
- Heidegger, Martin. (1998). *Caminhos de floresta* (Irene Borges-Duarte, Coord. e Trad., Filipa Pedroso Alexandre Franco de Sá, Hélder Lourenço Bernhard Sylla, Vítor Moura, & João Constâncio, Trads., Helga Hooek Quadrado & Irene Borges-Duarte, Revs. da tradução). Fundação Calouste Gulbenkian.
- Heidegger, Martin. (2002). *Interpretaciones fenomenológicas sobre Aristóteles: Indicación de la situación hermenéutica* (Jesús Adrián Escudero, Trad.). Editorial Trotta.

- Heidegger, Martin. (2008). *O conceito de tempo: Edição bilingue* (Irene Borges-Duarte, Trad.; 2a ed.). Editora Fim de Século.
- Heidegger, Martin. (2011). *Os conceitos fundamentais da metafísica: Mundo – Finitude – Solidão*. Editora Forense Universitária.
- Heidegger, Martin. (2012a). A questão da técnica. In Martin Heidegger, *Ensaio e Conferências* (Emanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, & Márcia Sá Cavalcanti Schuback, Trads.; 8a ed.). Editora Vozes.
- Heidegger, Martin. (2012b). *Ser e Tempo* (Fausto Castilho, Org. e Trad.). Editora da Unicamp.
- Heidegger, Martin. (2015a). *Ser e tempo* (Márcia Sá Cavalcanti Schuback, Trad.; 10a ed.). Editora Vozes.
- Heidegger, Martin. (2015b). *A caminho da linguagem* (Márcia Sá Cavalcanti Schuback, Trad.; 7a ed.). Editora Vozes; Editora Universitária São Francisco.
- Heidegger, Martin. (2017). *Seminários de Zollikon: Protocolos, diálogos, cartas* (Gabriella Arnhold & Maria de Fátima Almeida Prado, Trads.; 3a ed.). Editora Escuta.
- Heidegger, Martin. (2018). A questão da técnica. In Martin Heidegger, *Ensaio e Conferências* (Emanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, & Márcia Sá Cavalcanti Schuback, Trad.; 8a ed., pp. 11-38). Editora Vozes.
- Heidegger, Martin. (2021). *Seminários de Zollikon* (Marco Casanova, Trad., Deborah Guimarães, Rev. técnica). Editora Via Verita.
- Holanda, Francisco Buarque de. (1978). Pedaco de mim (música). In *Álbum Chico Buarque*. Polygram/ Philips. [https://pt.wikipedia.org/wiki/Chico_Buarque_\(%C3%A1lbum_de_1978\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Chico_Buarque_(%C3%A1lbum_de_1978))

- Holly, Mary Louise, & Altrichter, Herbert. (2015). Diários de pesquisa. In Bridget Somekh & Cathy Lewin (Orgs.), *Teoria e métodos de pesquisa social* (Ricardo A. Rosenbusch, Trad.; pp. 79-89). Editora Vozes.
- Kovács, Maria Júlia (Coord.). (1992). *Morte e desenvolvimento humano*. Editora Casa do Psicólogo.
- Kovács, Maria Júlia. (2013). *Morte e desenvolvimento humano* (5a ed.). Editora Casa do Psicólogo.
- Kurcgant, Daniela, & Wang, Yuan Pang. (2004). Aspectos históricos do suicídio no Ocidente. In Alexandrina Meleiro, Chei Tung Teng, & Yuan Pang Wang (Coords.), *Suicídio: Estudos fundamentais* (pp. 37-52). Editora Segmento Farma.
- Lei nº 13.819*. (2019, 26 de abril). Institui a Política Nacional de Prevenção da Automutilação e do Suicídio. Presidência da República. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/lei/l13819.htm
- Lessa, Maria Bernadete Medeiros Fernandes. (2018). *Um estudo sobre a moralização do suicídio*. In Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo (Org.), *Suicídio: Entre o morrer e o viver* (pp. 105-144). Edições Ifen.
- Maia, Heribaldo. (2022). *Neoliberalismo e sofrimento psíquico: O mal-estar nas universidades*. Editora Ruptura.
- Melo, Ana Rita de Paulo Proença. (2004). *Processo de luto: O inevitável percurso face a inevitabilidade da morte*. <http://www.integra.pt/textos/luto.pdf>.
- Minayo, Maria Cecília de Souza. (2005). Suicídio: Violência auto-infligida. In Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, *Impacto da violência na saúde dos brasileiros* (Série B. Textos Básicos de Saúde; pp. 205-240).

Ministério da Saúde. https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/impacto_violenzia.pdf

Minois, George. (2018). *História do suicídio: A sociedade ocidental diante da morte voluntária* (Fernando Santos, Trad.). Editora Unesp.

Miranda, Tatiane Gouveia de. (2014). *Autópsia psicológica: Compreendendo casos de suicídio e o impacto da perda* [Dissertação de mestrado, Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura, Universidade de Brasília]. Repositório Institucional da UnB. <http://icts.unb.br/jspui/handle/10482/16392>

Moraes, Vinicius de. (1960). *Antologia Poética*. Editora do autor.

Moustakas, Clark. (1994). *Phenomenological research methods*. Sage Publications.

Nunes, Benedito. (2010). *Heidegger & Ser e Tempo*. Zahar Editora.

Oliveira, Aline Aparecida, & Machado, Franciele Cabral Leão. (2018). Adolescência, suicídio e o luto dos pais. *Revista Uningá*, 55(2), 141-153. <https://doi.org/10.46311/2318-0579.55.eUJ129>

Organização Mundial da Saúde. (2022). *Classificação Internacional de Doenças [11a revisão] – CID-11*. <https://www.paho.org/pt/noticias/11-2-2022-versao-final-da-nova-classificacao-internacional-doencas-da-oms-cid-11-e>

Pasqua, Hervé. (1993). *Introdução à leitura do ser e tempo de Martin Heidegger* (Joana Chaves, Trad.). Edições Piaget.

Pessoa, Fernando. (2002a). Fúria nas trevas o vento. In Ciberfil literatura digital, *Cancioneiro* (Versão para Adobe Acrobat Reader por Rodolfo S. Cassaca, p. 82). http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=2199

Pessoa, Fernando. (2002b). *Poesia: Álvaro de Campos*. Editora Companhia das

Letras.

- Platão. (2015). *Diálogos III - Socráticos: Fedro (ou Do Belo); Eutífron (ou Da Religiosidade); Apologia de Sócrates; Críton (ou Do Dever); Fédon (ou Da Alma)* (Edson Bini, Trad.; 2a ed.). Editora Edipro.
- Pompeia, João Augusto, & Sapienza, Bilê Tatit. (2011). *Os dois nascimentos do homem: Escritos sobre terapia e educação na era da técnica*. Editora Via Verita.
- Rebello, Lúcia Sá. (2017). Sêneca e a reflexão sobre as contradições da condição humana. In Lúcio Anneo Sêneca, *Aprendendo a viver: Cartas a Lucílio* (Lúcia Sá Rebello & Ellen Itanajara Neves Vranas, Trads.; pp. 63-70). L&PM Editores.
- Rocha, Zeferino. (2001). *A morte de Sócrates: Monólogo filosófico*. Editora Escuta.
- Rodrigues, Carla. (2021). *O luto entre clínica e política: Judith Butler para além do gênero*. Autêntica Editora.
- Safra, Gilberto. (2004). *A po-ética na clínica contemporânea* (Coleção psicanálise, século I). Editora Ideias & Letras.
- Sampaio, Rosana Ferreira, & Mancini, Marisa Cotta. (2007). Estudos de revisão sistemática: Um guia para síntese criteriosa da evidência científica. *Brazilian Journal of Physical Therapy*, 11(1), 83-89. <https://doi.org/10.1590/S1413-35552007000100013>
- Sant'anna, Guilherme da Silva. (2018). *Dor, sofrimento e pôr fim à vida: Uma análise crítica*. In Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo (Org.), *Suicídio: Entre o morrer e o viver* (pp. 171-194). Edições Ifen.
- Sartre, Jean-Paul. (2015). *O ser e o nada: Ensaio de ontologia fenomenológica* (Paulo Perdigão, Trad.; 24a ed.). Editora Vozes.

- Scavacini, Karen, Cornejo, Elis Regina, & Cescon, Luciana França. (2019, janeiro-junho). Grupo de apoio aos enlutados por suicídio: Uma experiência de pós-venção e suporte social. *Revista M. estudos sobre a morte, os mortos e o morrer*, 4(7), 201-214. <https://doi.org/10.9789/2525-3050.2019.v4i7.201-214>
- Schmidt, Maria Luisa Sandoval. (1990). *A experiência de psicólogas na comunicação de massa* [Tese de doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo]. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP. <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-24112022-114210/pt-br.php>
- Schopenhauer, Arthur. (2022). *Sobre o sofrimento do mundo & outros ensaios* (Gabriel Valladão Silva, Trad.). L&PM Editores.
- Segal, Jair. (2009). *Aspectos genéticos do comportamento suicida* [Tese de doutorado, Faculdade de Medicina, Programa de Pós-Graduação em Ciências Médicas: Psiquiatria, Universidade Federal do Rio Grande do Sul]. Repositório Digital Lume. <http://hdl.handle.net/10183/17380>
- Sêneca. (2017). *Aprendendo a viver: Cartas a Lucílio* (Lúcia Sá Rebello & Ellen Itanajara Neves Vranas, Trads.). L&PM Editores.
- Shakespeare, William. (2019). *Hamlet* (Millôr Fernandes, Trad.). L&PM Editores.
- Silva, Daniel Augusto da, & Marcolan, João Fernando. (2022). Tendência da taxa de mortalidade por suicídio no Brasil. *Rev baiana enferm.*, 36, e45174. <https://doi.org/10.18471/rbe.v36.45174>
- Silva, Maria do Carmo Mendonça. (2009). *Renúncia à vida pela morte voluntária: O suicídio aos olhos da imprensa no Recife dos anos 1950* [Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de

Pernambuco]. Repositório Digital da UFPE. <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/7124>

Silva, Pollyane Lizita da, Lemos, Moisés Fernandes, Almeida, Emerson Gervásio de, & Costa, Sebastião Benício da, Neto. (2023). Familiares de indivíduos vítimas de autoextermínio: Realidade e proposta de intervenção em saúde pública.

Revista Peer Review, 5(18), 510-536. <http://dx.doi.org/10.53660/945.prw2531>

Statham, D. J., Heath, A. C., Madden, P. A., Bucholz, K. K., Bierut, L., Dinwiddie, S. H., Slutske, W. S., Dunne, M. P., & Martin, N. G. (1998, julho). Suicidal behaviour: An epidemiological and genetic study. *Psychol Med.*, 28(4), 839-855. <https://doi.org/10.1017/s0033291798006916>

Tiburi, Marcia. (2021). *Complexo de vira-lata: Análise da humilhação brasileira*. Editora Civilização Brasileira.

Vattimo, Gianni. (1996). *Introdução a Heidegger*. Edições Piaget.

World Health Organization. (2014). *Preventing suicide: A global imperative*. https://iris.who.int/bitstream/handle/10665/131056/9789241564779_eng.pdf?sequence=1

World Health Organization. (2021). *Suicide Worldwide in 2019: Global health estimates*. <https://iris.who.int/bitstream/handle/10665/341728/9789240026643-eng.pdf?sequence=1>

Apêndice A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

	<p>UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO DOUTORADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO</p>
-----------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Título: A experiência de filho (a) enlutado (a) de pais que deram fim à própria vida

Pesquisador: Pedro Pereira Cavalcante Filho

Orientadora: Profa. Dra. Carmem Lúcia Brito Tavares Barreto

O Sr. (a) está sendo convidado (a) a participar como voluntário (a) da pesquisa: “**A experiência de filho (a) enlutado (a) de pais que deram fim à própria vida**”. Neste estudo pretendemos compreender o fenômeno do luto na experiência de filho(a) de pais que deram fim à própria vida.

A sua participação não é obrigatória, poderá desistir de participar e retirar o seu consentimento em qualquer tempo da pesquisa, sem prejuízo da relação com o pesquisador.

A sua participação será através de uma entrevista narrativa acerca da temática na modalidade remota em plataforma digital, podendo em alguns casos ser presencial, desde que atendidos os protocolos éticos.

A entrevista será gravada com a sua autorização. As gravações serão realizadas na plataforma *Google Meet* e seguirão os critérios de sigilo da pesquisa, ou seja, seu

nome ou qualquer outra identificação não serão explicitados em nenhuma das etapas da pesquisa, bem como na publicação dos resultados.

A pesquisa oferece certos riscos aos (as) participantes, uma vez que serão mobilizados conteúdos durante as entrevistas possíveis de causarem desconforto. O pesquisador estará atento ao modo como você está sendo afetado (a), oferecendo um espaço de acolhimento ao que for trazido e realizando encaminhamentos que forem necessários.

No momento da entrevista, caso o Sr. (a) apresente algum desconforto, sinta-se incomodado (a), com receio ou medo de responder às questões propostas, existe a possibilidade de interromper a entrevista e haverá suporte necessário de acolhimento por parte do pesquisador, que tomará as medidas cabíveis a fim de reduzir quaisquer danos que possam trazer impactos negativos aos (às) participantes da pesquisa. Se o desconforto ou incômodo acontecer após a entrevista, o Sr. (a) deverá procurar a mim, pesquisador, para que possa ser orientado (a) e/ou encaminhado (a) ao serviço adequado.

Os benefícios deste estudo com a sua participação na entrevista se relacionam à produção de conhecimento científico sobre a experiência de enlutado (a), através de publicações em revistas nacionais e internacionais, congressos e demais eventos científicos; subsidiar políticas públicas de saúde mental; contribuir com projetos de extensão para instituições de ensino superior; contribuir com campanhas do setembro amarelo. No Brasil existe escassez de estudos sobre a temática.

Em qualquer momento, o Sr. (a) poderá pedir esclarecimentos ao pesquisador responsável e/ou ao Comitê de Ética da UNICAP (Universidade Católica de Pernambuco), sobre todas as etapas da pesquisa e dúvidas que surgirem.

Para cada participante da pesquisa será encaminhada a transcrição na íntegra dos áudios das narrativas, para que o Sr. (a) possa autorizar a divulgação de trechos de sua fala, de modo a garantir o anonimato.

Os (as) participantes de pesquisa deste estudo terão acesso aos resultados da pesquisa em um encontro com o pesquisador, no qual serão abordadas as compreensões tecidas sobre o fenômeno a partir da investigação realizada. O encontro se dará de modo individual com cada participante, com o objetivo de se manter o anonimato.

As informações coletadas durante a pesquisa serão tratadas com rigoroso sigilo, sendo os resultados encontrados divulgados publicamente, sem exposição da identidade, garantindo o anonimato do (da) participante. O pesquisador ainda se responsabiliza pela guarda do material da pesquisa, desde o processo e até a publicação da pesquisa.

Sendo assim, para participar deste estudo você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo uma cópia arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra via deste termo fornecida ao senhor (a), onde consta o telefone e o endereço do pesquisador, e poderá tirar dúvidas sobre o estudo e sobre sua participação, agora ou a qualquer momento, pelo telefone (081) 99199 0272 ou através do e-mail ppcaval@ gmail.com.

Eu _____, portador do documento de identidade _____ fui informado (a) dos objetivos do estudo “ **A experiência de filho (a) enlutado (a) de pais que deram fim à própria vida**”, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Ciente que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e desistir de participar do estudo. Recebi uma cópia destes termos de consentimento livre e esclarecido, sendo possível ler e esclarecer possíveis dúvidas.

As informações obtidas através desta pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo da sua participação.

DADOS DA PESQUISADORA PRINCIPAL (ORIENTADORA)

Nome: Carmem Lúcia Brito Tavares Barreto – Doutora em Psicologia e Professora da Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco– UNICAP.

Endereço: Rua Almeida Cunha, 245, Bloco G4; 8ºandar. Boa Vista, Recife/PE CEP 50050-900. Telefone (081) 2119 4020.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios da minha participação na pesquisa e concordo em participar. O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UNICAP, localizado na RUA DO PRÍNCIPE, 526, BOA VISTA, RECIFE/PE CEP 50050-900 BLOCO C 3º ANDAR, SALA 306 – CEP 50050 – 900 – RECIFE/PE – BRASIL. TELEFONE (081) 2119 4041 OU 2119 4376 – ENDEREÇO ELETRÔNICO: cep_unicap@unicap.br

Recife, ____ de _____ de 2023

Participante de pesquisa

COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA – CONEP
SRTV 702, Via W 5 Norte – Edifício PO 700, 3º andar – Asa Norte
CEP: 70719-000 – Brasília-DF